UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Olívia Nogueira de Almeida

ELUCIDÁRIO DE AFRICANISMOS:
RESULTADOS DE UM GARIMPO NO ARQUIVO PESSOAL DE
NELSON COELHO DE SENNA

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Olívia Nogueira de Almeida

ELUCIDÁRIO DE AFRICANISMOS:
RESULTADOS DE UM GARIMPO NO ARQUIVO PESSOAL DE
NELSON COELHO DE SENNA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, como parte dos requisitos exigidos do Programa de Mestrado.

Orientador: Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto.

São Paulo
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A447e Almeida, Olívia Elucidário de africanismos:
resultados de um garimpo no arquivo pessoal de
Nelson Coelho de Senna / Olívia Almeida; orientador
Sílvio Toledo Neto - São Paulo, 2021.
290 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculos.
Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Língua portuguesa. 2. Africanismos. 3.
Glossário. I. Toledo Neto, Sílvio, orient. II.
Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Olívia Nogueira de Almeida

Data da defesa: 22/02/2021

Nome do Prof. (a) orientador (a): Sílvio de Almeida Toledo Neto

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 26/04/2021.

Sílvio de Almeida Toledo Neto

*Editar é o que existe de mais sério para um país.
Editar significa multiplicar as idéias ao infinito, e
transformá-las em sementes sôltas ao vento, para
que germinem onde quer que caiam.*

Monteiro Lobato

RESUMO

O intelectual mineiro Nelson Coelho de Senna (1876-1952) é conhecido por sua atuação política como parlamentar e por sua pesquisa etnográfica sobre a contribuição dos índios e dos negros africanos na formação do povo e cultura brasileira. A mais extensa pesquisa – tanto no que se refere ao tamanho quanto ao tempo dedicado aos estudos – de Nelson de Senna sobre os afronegrismos é o *Elucidário de africanismos: vocabulário de africanismos e afronegrismos usados no Brasil e na África colonial lusitana*. Trata-se de documento, salvaguardado no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), em parte manuscrito e em parte datiloscrito, datado de 1938, composto por verbetes que contemplam as letras de A a Z e apresentado em folhas avulsas. Entretanto, acredita-se que o autor dedicou muitos anos à escrita deste elucidário, pois em um de seus documentos Nelson de Senna deixou uma anotação manuscrita, dirigida a seus filhos, pedindo que seu trabalho, de mais de 50 anos de pesquisas e estudos sobre a língua portuguesa falada no Brasil, fosse editado e publicado. Há ainda no seu arquivo pessoal outros três documentos relativos ao *Elucidário* que testemunham o processo de elaboração do trabalho lexicográfico do autor: são notas, bibliografia das obras consultadas para a escrita do *Elucidário* e lista dos verbetes em ordem alfabética – um acervo que chega a mais de 2.500 páginas. Todas as páginas do *Elucidário*, sem exceção, contêm “incidentes redacionais”, usuais de reescrita, como acréscimos de informação, arrependimentos sumários, correções de palavras e organização alfabética dos verbetes. Estudar a obra de Nelson de Senna na perspectiva crítico-genética, visando à organização material e formal do texto para publicação, nos leva a conhecer o processo de construção do texto na sua intimidade, com suas hesitações e afirmações. Além disso, o estudo da documentação constituída em torno da obra do autor permite, na perspectiva filológica e histórica, ampliar a dimensão do patrimônio linguístico preservado ao longo do processo editorial. A pesquisa de Nelson de Senna na área linguística é pouco conhecida em Minas Gerais, bem como no Brasil, e ainda são raros os estudos dedicados ao registro dos aportes culturais africanos ao acervo de Minas. Seus documentos guardados no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte continuam inéditos, em especial seus manuscritos sobre as heranças linguísticas afro-indígenas de Minas. Assim, o estudo do *Elucidário de africanismos* representa uma preciosa fonte de pesquisa para linguistas e certamente contribuirão para o reconhecimento da presença africana no léxico e na cultura brasileira, principalmente mineira.

Palavras-chave: Nelson de Senna. *Elucidário de africanismos*. Afronegrismos. Edição crítico-genética.

ABSTRACT

Nelson Coelho de Senna (1876-1952), a scholar from Minas Gerais, is well-known for his political engagement as a congressman and for his ethnographic research on the contribution of indigenous peoples and black Africans in the formation of the Brazilian people and culture. The most extensive research – both in terms of size and time devoted to the studies – by Nelson de Senna on afronegrisms is the *Elucidário de Africanismos: vocabulário de africanismos e afronegrismos usados no Brasil e na África colonial lusitana*. It is a document, kept in the Public Archive of the City of Belo Horizonte, partly handwritten and partly typed, dated 1938, composed of entries that contemplate the letters A to Z and is presented in separate sheets. However, it is believed that the author devoted many years to the writing of this *Elucidário*, since in one of his documents Nelson de Senna left a handwritten note, addressed to his children, asking for his work, of more than 50 years of research and studies on the Portuguese language spoken in Brazil, to be edited and published. There are also three other documents related to the *Elucidário* in his personal archive that testify to the process of elaborating the author's lexicographic work: notes, bibliography of the works consulted to write the *Elucidário* and list of entries in alphabetical order – a collection that reaches more than 2,500 pages. All pages of the *Elucidário*, without exception, contain “editorial incidents”, which are common for rewriting, such as additions of information, quick regrets, corrections of words and alphabetical organization of entries. Studying Nelson de Senna's work in a critical-genetic perspective, aiming at the material and formal organization of the text for publication, leads us through the process of building the text in its intimacy, with its hesitations and statements. In addition, the study of the documentation constituted around the author's work, in a philological and historical perspective, allows for expanding the dimension of the preserved linguistic heritage throughout the editorial process. Nelson de Senna's research in the linguistic area is little known in Minas Gerais, as well as in Brazil, and studies dedicated to the registration of African cultural contributions to the Minas collection are still rare. His documents kept in the Public Archive of the City of Belo Horizonte remain unpublished, especially his manuscripts on the Afro-indigenous linguistic inheritances of Minas Gerais. Thus, the study of the *Elucidário de Africanismos* represents a precious source of research for linguists and will certainly contribute to the recognition of the African presence in the lexicon and in Brazilian culture, mainly from Minas Gerais.

Keywords: Nelson de Senna. *Elucidário de Africanismos*. Afronegrisms. Critical-genetic editing.

RESUMEN

El intelectual brasileño Nelson Coelho de Senna (1876-1952), originario de la provincia de Minas Gerais, es conocido por su actuación política como parlamentario y por su investigación etnográfica acerca de la contribución de los indígenas y negros africanos en la formación del pueblo y de la cultura brasileña. Su más extensa investigación sobre los ‘afronegrismos’ – tanto en lo que toca a la dimensión cuanto al tiempo dedicado a los estudios – es el *Elucidário de africanismos: vocabulário de africanismos e afronegrismos usados no Brasil e na África colonial lusitana*. Se trata de un documento – debidamente salvaguardado en el Archivo Público de la Ciudad de Belo Horizonte (APCBH), parcialmente manuscrito y mecanuscrito, con fecha de 1938 – formado por entradas que contemplan las letras de A a Z y presentado en hojas sueltas. Sin embargo, se cree que el autor debió haber dedicado muchos años de su vida a la escritura de este elucidario, ya que en uno de sus documentos Nelson de Senna dejó una anotación manuscrita, destinada a sus hijos, pidiéndoles que su trabajo, fruto de más de cincuenta años de investigaciones y estudios sobre la lengua portuguesa hablada en Brasil, fuera editado y publicado. En su archivo personal también hay otros tres documentos concernientes al *Elucidário* que atestiguan el proceso de elaboración de la obra lexicográfica del autor: notas, bibliografía de las obras consultadas para la producción del *Elucidário* y un listado de las entradas en orden alfabético – un acervo que alcanza más de 2.500 páginas. Todas ellas, sin excepción, contienen “incidentes redaccionales”, comunes en procesos de reescritura, a ejemplo de los complementos de información, los “arrepentimientos sumarios”, las correcciones de palabras y la organización alfabética de los artículos. Estudiar la obra de Nelson de Senna bajo la perspectiva de la Crítica Genética, aspirando a la organización material y formal del texto para publicación, nos lleva a conocer el proceso de construcción del texto en su intimidad, con sus hesitaciones y afirmaciones. Además, el estudio de la documentación constituida alrededor de la obra nos permite, bajo una perspectiva filológica e histórica, ampliar la dimensión del patrimonio lingüístico preservado a lo largo del proceso editorial. El repertorio investigativo de Nelson de Senna en el campo lingüístico es todavía poco conocido en la provincia de Minas Gerais, al igual que en Brasil, y aún son infrecuentes los estudios dedicados al registro de las aportaciones culturales africanas al acervo de la provincia. Sus documentos, guardados en el archivo público de la capital, siguen inéditos, sobre todo los manuscritos sobre las herencias lingüísticas afro-indígenas en Minas Gerais. Por ello, el estudio del *Elucidário de africanismos* representa una preciosa fuente de investigación para lingüistas y contribuirá, por supuesto, para el reconocimiento de la presencia africana en el léxico y en la cultura brasileña – especialmente minera.

Palavras claves: Nelson de Senna. *Elucidário de africanismos*. Afronegrismos. Edición crítico-genética.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pedido de Nelson de Senna aos filhos	14
Figura 2 – Verbete de <i>afronegro</i>	20
Figura 3 – Usos da palavra <i>afronegra</i>	21
Figura 4 – Esboço do mapa etnológico africano no Brasil.....	28
Figura 5 – Nelson Coelho de Senna	33
Figura 6 – Casa de Nelson de Senna na cidade do Serro	36
Figura 7 – Detalhe da placa da casa de Nelson de Senna.....	36
Figura 8 – Assinatura e datação do <i>Elucidário</i>	40
Figura 9 – Reprodução do verbete <i>bugiganga</i>	42
Figura 10 – Abertura do volume 1 e 2 do glossário da letra <i>M</i>	43
Figura 11 – Envelope da letra <i>U</i>	44
Figura 12 – Envelope com a letra <i>C</i> (Caãma-Cazuza)	44
Figura 13 – Envelope com a letra <i>C</i> (ca a cafagéste)	45
Figura 14 – Envelope com a letra <i>C</i> (cafanga até calvil urimo)	46
Figura 15 – Envelope com a letra <i>C</i> (centucé a cymba).....	46
Figura 16 – Definição analítica: <i>caçula</i>	48
Figura 17 – Definição descritiva: <i>aberêm</i>	49
Figura 18 – Definição enciclopédica: <i>Festa dos cucumbis</i>	49
Figura 19 – Definição sinonímica: <i>kamuéca</i>	50
Figura 20 – Exemplo de remissão a verbete.....	50
Figura 21 – Capa do primeiro volume do caderno de verbetes	53
Figura 22 – Primeira página do caderno de verbetes.....	54
Figura 23 – Segunda página de abertura do caderno de verbetes.....	55
Figura 24 – Letra <i>A</i> do caderno de verbetes	56
Figura 25 – Capa do segundo volume do caderno de verbetes	57
Figura 26 – Página do segundo caderno de verbetes.....	58
Figura 27 – Notas para o <i>Elucidário de africanismos</i>	61
Figura 28 – Lacunas nas <i>Notas para o Elucidário de africanismos</i>	62
Figura 29 – Presença de recortes de jornal nas <i>Notas para o Elucidário</i>	63
Figura 30 – Envelope onde eram guardadas as notas.....	64
Figura 31 – Primeira página das <i>Notas para um estudo sobre os cultos fetichistas afronêgros no Brasil</i>	65
Figura 32 – Detalhes da página com um carimbo do Rio de Janeiro	65
Figura 33 – Pequenas notas para o <i>Elucidário</i>	66
Figura 34 – Envelope onde eram guardadas as notas.....	67
Figura 35 – Reprodução do “rascunho” da <i>Bibliografia</i>	70
Figura 36 – Reprodução da <i>Bibliografia para o Elucidário de afronegrismos</i>	71
Figura 37 – Edições de <i>O negro e o garimpo em Minas Gerais</i>	75
Figura 38 – Recortes de jornal sobre a obra de Aires da Mata Machado Filho	76
Figura 39 – “Os africanismos no dialeto gaúcho”, de Dante de Laytano	77
Figura 40 – Publicações de Jacques Raimundo	78
Figura 41– <i>Os africanos no Brasil</i> , de Nina Rodrigues	79
Figura 42 – <i>A influência africana no português do Brasil</i> , de Renato Mendonça	80
Figura 43 – Diferenças no texto datiloscrito	92
Figura 44 – Abertura do glossário das letras de <i>S a Z</i>	93
Figura 45 – Reprodução da letra <i>B</i>	94

Figura 46 – Reprodução da letra <i>B</i>	95
Figura 47 – Análise do verbete <i>tanga</i>	98
Figura 48 – Análise do verbete <i>tánda</i>	98
Figura 49 – Análise dos verbetes <i>sénga/sengár</i>	99
Figura 50 – Análise do verbete <i>terrêiro</i>	99
Figura 51 – Rasura de supressão	100
Figura 52 – Rasura de supressão com papel colado	101
Figura 53 – Rasura de substituição.....	102
Figura 54 – Rasura de deslocamento	103

SUMÁRIO

Introdução – Escrevendo a minha história com Nelson de Senna.....	11
Capítulo 1 – Por que editar Nelson de Senna e o <i>Elucidário de africanismos</i>?	18
1.1 A língua <i>afronegra</i> falada no Brasil	18
1.2 A presença <i>afronegra</i> no Brasil e em Minas	25
1.3 A presença de africanismos no português brasileiro	28
Capítulo 2 – Um olhar sobre a vida e a produção de Nelson de Senna	33
2.1 Vida.....	33
2.2 Acervo.....	37
Capítulo 3 – O <i>Elucidário de africanismos</i>	39
3.1 Explorando o <i>Elucidário</i>	39
3.2 Entendendo a estrutura dos verbetes.....	48
3.3 Obras relativas ao <i>Elucidário</i>	51
3.3.1 <i>Elucidário de africanismos</i> : verbetes em ordem alfabética de termos africanos...52	
3.3.2 <i>Notas para o Elucidário de Africanismos: crendices e cultos dos afronegros no Brasil, denominações de locais brasileiros de origem afronegro e verbetes diversos</i> ...60	
3.3.3 Biblioteca do autor	68
3.3.3.1 Dicionários, gramáticas e vocabulários.....	72
3.3.3.2 Literatura.....	74
3.3.3.3 Obras sobre a língua afronegra	75
3.3.4 Outros documentos	80
Capítulo 4 – Interpretar a gênese da obra: a edição do <i>Elucidário</i>	82
4.1 A edição de textos no campo da Filologia.....	82
4.2 O estudo crítico-genético da obra de Nelson de Senna	86
4.2.1 Uma reconstrução do percurso de gênese da obra	87
Capítulo 5 – Transcrição e análise crítico-genética do <i>Elucidário</i>	90
5.1 Critérios de transcrição	90
5.2 Discussões e questionamentos sobre o estabelecimento do texto	91
5.2.1 Sobre os instrumentos de escrita.....	91
5.2.2 Como distinguir as diferentes camadas de texto?	93
5.2.3 Análise de verbetes	97
5.3 O amplo e variado universo da rasura no <i>Elucidário</i>	100
Capítulo 6 – Transcrição	105
Considerações finais – A obra de Nelson de Senna é uma mina de informações a ser explorada	283
Referências	285

INTRODUÇÃO

ESCREVENDO A MINHA HISTÓRIA COM NELSON DE SENNA

Passamos o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem para nós mesmos e às vezes para os outros.

Philippe Artières.

Cheguei ao acervo pessoal do Nelson Coelho de Senna em 2017 através da professora Sônia Queiroz, docente da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – FALE/UFMG, que, em 2006, iniciou uma pesquisa, junto com alunos do curso de Letras, para identificar nos registros do autor a presença da palavra *afronegra* falada no Brasil. A pesquisa tinha como objetivo ampliar o conhecimento sobre a contribuição das línguas africanas na formação do português brasileiro, em especial do dialeto mineiro. À época, foram feitos vários registros de documentos de acordo com o interesse dos pesquisadores. Entretanto, nenhum dos pesquisadores manifestou interesse em continuar a pesquisa no acervo de Nelson de Senna.

Mais de 10 anos depois, a professora Sônia Queiroz, com quem eu já trabalhava na pesquisa sobre a temática, me apresentou todo o material recolhido à época e sugeriu que a pesquisa fosse retomada por mim, como um projeto de mestrado. Animada com a possibilidade de desenvolver este projeto, iniciei, ainda na graduação em Letras, cursando o bacharelado em Edição (concluído, no primeiro semestre de 2019, sob orientação da professora Ana Utsch),¹ os estudos preparatórios para a futura edição dos originais de Nelson de Senna. A continuidade deste trabalho, que está longe de ter um fim, será apresentada aqui em forma de dissertação.

O objetivo inicial do mestrado era preparar a edição crítico-genética do *Elucidário de Africanismos: vocabulário de africanismos e afronegrismos usados no Brasil e na África colonial lusitana*, bem como a sua futura publicação, como desejado pelo autor. Entretanto, ao iniciar o garimpo no riquíssimo acervo do autor, pude perceber que o meu projeto era impossível. Eu estava diante de uma grande mina, seria necessário muito mais tempo, energia e mão de obra para explorar tanta riqueza.

¹ A professora Ana Utsch é docente do curso de Conservação-Restauração da Escola de Belas Artes da UFMG e colaboradora da área de Edição da Faculdade de Letras da UFMG.

Diante do trabalho hercúleo de entender a estrutura do material, pensar em normas de transcrição, transcrever, revisar e visitar o texto, foi preciso fazer um recorte do material e escolher com o que trabalhar. E esse não foi o primeiro desafio enfrentado durante a pesquisa.

Quando iniciei a pesquisa no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – APCBH, em 2017, vivi a experiência de estar dentro do universo do autor e pude manusear e conhecer os documentos de perto. Como as normas de conservação seguidas pelo APCBH só autorizam a fotografia como meio de reprodução, realizei várias visitas ao Arquivo Público, passei horas fotografando folha por folha, com as mãos protegidas por luvas de látex, desdobrando-me para posicionar o documento sem danificá-lo enquanto, simultaneamente, o fotografava. Diante de todas as limitações impostas para manuseio do documento, percebi que as fotos não estavam com boa qualidade, devido à iluminação, à falta de técnica e equipamento. Dei-me conta de que seria impossível continuar o trabalho desta forma, além do mais, ficaria anos fazendo os registros fotográficos.

Assim, busquei respaldo na lei para pedir ao APCBH a digitalização das listas de vocábulos e dos verbetes elaborados por Nelson de Senna e classificados por ele, em documentos inéditos e em textos publicados, como africanismos, termos africanos, termos afronegros e termos de origem africana. Como consta na Legislação Municipal de Belo Horizonte, Lei Municipal nº 5.900, de 20 de maio de 1991, que dispõe sobre a criação do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, a finalidade deste projeto é “promover a preservação e divulgação do patrimônio documental de órgãos e unidades funcionais públicas, bem como de documentos privados de interesse público”.² De acordo com o artigo 76 do Decreto nº 14.371, de 13 de abril de 2011, compete à Diretoria do APCBH garantir “a proteção e o acesso à documentação”, além de “assegurar a utilização do Arquivo Público da Cidade como espaço de pesquisa e preservação documental”. Ainda nos artigos 81 e 82, cabe à instituição “autorizar e fornecer a reprodução de documentos”, bem como “promover e acompanhar a execução das atividades de digitalização e preservação do acervo digital”.³

Com apoio do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais – IHGMG e da Faculdade de Letras da UFMG – FALE/UFMG,⁴ elaboramos um projeto solicitando ao

² BELO HORIZONTE. Lei nº 5.900 de 20 de maio de 1991.

³ BELO HORIZONTE. Decreto nº 14.371, de 13 de abril de 2011.

⁴ Propusemos ao Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte uma parceria entre o Centro de Memória da Faculdade de Letras da UFMG, coordenado pela professora Sônia Queiroz, e o Instituto Histórico e Geográfico de

APCBH, representado pelo então diretor Yuri Mello Mesquita, em abril de 2018, a digitalização do *Elucidário de africanismos* e dos documentos relacionados a ele, a fim de democratizar o acesso aos estudos de Nelson de Senna.⁵

A digitalização dos documentos foi concluída em março de 2019 e configurou uma importante etapa para esta pesquisa. Hoje, todo o trabalho de transcrição é realizado com os documentos digitalizados e disponibilizados pelo APCBH. Outra importante etapa que buscamos realizar foi a busca de uma interlocução com os espaços aos quais Nelson de Senna pertenceu, como o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e o Museu Mineiro, e também com a tradicional família Nelson de Senna.

De posse de todo o material digitalizado – o *Elucidário de africanismos*, objeto desta pesquisa, bem como outros documentos que registram o processo de produção do trabalho lexicográfico de seu autor – foi possível iniciar, de fato, o trabalho de transcrição e edição do vocabulário do pesquisador e político Nelson Coelho de Senna.

Nosso objetivo principal é, claro, editar os manuscritos de Nelson de Senna, a fim de contribuir para o reconhecimento da presença afronegra na formação do português falado no Brasil. Entretanto, é inegável que também temos como objetivo – podemos dizer que um “objetivo afetivo” – realizar o desejo do intelectual de ter os seus estudos publicados e divulgados.

Nelson de Senna deixou uma anotação manuscrita, direcionada aos filhos, manifestando o desejo de publicação dos seus “índices vocabulares”. O bilhete (Figura 1), que faz parte do arquivo pessoal do autor, diz:

Atenção!

Meos Filhos

Estes meos pacientes “Índices Vocabulares” para a lingua Portuguesa fallada no Brasil são os mais ricos em vozes e expressões colhidas, em milhares de fontes, durante 50 annos de pesquisas e estudos constantes. Passem a limpo tudo e publiquem, ou entreguem aos Institutos e Academias a que pertenci, caso o governo não os resolva editar.

Nelson de Senna⁶

Minas Gerais, representado pela também professora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, que ocupa hoje a cadeira 91 da Instituição e é coordenadora da biblioteca.

⁵ Agradeço aqui a Eliana Wiermam pelo apoio e por ter, através da Câmara Municipal de Belo Horizonte, encaminhado o projeto ao APCBH.

⁶ O bilhete direcionado aos filhos encontrasse no Arquivo Publico da Cidade de Belo Horizonte, na série “Estudos temáticos”, subsérie “Brasilidades idiomáticas (1930-1945)”, item documental “Instruções deixadas aos seus filhos para publicação de duas obras”. Cf. APCBH. NCS 3.4(16).

Figura 1 – Pedido de Nelson de Senna aos filhos

Atenção!

Meos Filhos

Estes meus pacientes
"Indices Vocabulaires"
para a lingua Portu-
guesa fallada no Brasil
são os mais ricos em
vôzes e expressões colhi-
das, em milhares de fontes,
durante 50 annos de
pesquisas e estudos constantes.
Passem a limpo tudo e
publiquem, ou entreguem
aos Institutos e Academias
a que pertencem, caso o governo
não os resolva editar.

Nelson de Senna

Fonte: APCBH. Inventário do arquivo pessoal.

Somente em 1999, 47 anos após a morte do autor, a família Nelson de Senna doou todo o arquivo pessoal do intelectual ao Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Sabemos que por questões familiares o precioso acervo do autor demorou muito tempo para chegar ao APCBH, como era o desejo do autor. A família conta que o acervo estava sob os cuidados de Lúcio Otávio, filho de Nelson de Senna. Porém, em 1964, uma tragédia abalou toda a família, com um acidente de carro em que vieram a falecer Lúcio Otávio, sua esposa e filho, e outros dois membros da família. Com isso, muita coisa ficou à deriva.⁷

Depois desse acidente, o acervo ficou sob os cuidados de Yolanda Consuelo, filha de Nelson de Senna, e depois passou para Eliana Nelson Silviano Brandão Ahouagi, filha de Yolanda Consuelo. Felizmente, antes que tudo se perdesse e apoiada pela família, Eliana decidiu entregar o acervo aos cuidados do Arquivo.

⁷ APCBH, 2000, p. 15-16.

Trabalhar com parte do arquivo pessoal de Nelson de Senna tem sido um grande desafio. A ideia inicial de “passar a limpo” toda a pesquisa lexicográfica do autor foi abandonada nos primeiros meses de pesquisa. Mesmo com todo o cuidado para não desviar de objetivo principal, “caí nas malhas do feitiço” e me rendi aos “encantos dos arquivos”.⁸ No trabalho com os arquivos, criei intimidade e cumplicidade com Nelson de Senna, estabeleci uma relação de proximidade, na medida em que buscava seguir, passo a passo, a sua trajetória, de vida e de escrita.

o encanto dos documentos pessoais tem a sua especificidade, e ela poderia ser batizada de “a ilusão da verdade”. Essa ilusão é tanto mais perigosa, a meu ver, quanto mais está relacionada ao que talvez de mais rico os documentos pessoais podem nos trazer. [...] os documentos pessoais permitem uma espécie de contato muito próximo com os sujeitos da história que pesquisamos. Neles “nossos” atores aparecem de forma fantasticamente “real” e “sem disfarces”. Nós [...] podemos passar a conhecê-los na “intimidade” de seus sentimentos e nos surpreendemos a dialogar com eles e até a imaginar pensamentos.⁹

Prazenteiramente, caí nas malhas do feitiço do acervo de Nelson de Senna. Entretanto, é com muita seriedade que enfrento o desafio de dar vida à obra *Elucidário de africanismos* e de escrever um pouco a história de Nelson de Senna, certa de que este trabalho é um importante instrumento de pesquisa de “fontes para a escrita da história belo-horizontina, mineira e brasileira”.¹⁰

Nelson de Senna nasceu na cidade mineira do Serro, em 1876, e faleceu em Belo Horizonte, aos 76 anos, em 1952. O autor ficou conhecido por sua atuação política como parlamentar e por sua pesquisa etnográfica sobre a contribuição dos índios e dos negros africanos na formação do povo brasileiro.

A mais extensa pesquisa – tanto no que se refere ao tamanho quanto ao tempo dedicado aos estudos – de Nelson de Senna sobre os afronegrismos é o *Elucidário de africanismos*. Esse documento, salvaguardado no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, em parte manuscrito e em parte datiloscrito, datado de 1938, é composto por verbetes que contemplam as letras de A a Z. Há ainda outros três documentos relativos ao *Elucidário* que testemunham o processo de elaboração do trabalho lexicográfico: são

⁸ Cf. GOMES, 1998.

⁹ GOMES, 1998, p. 126.

¹⁰ APCBH, 2000, p. 13

notas, bibliografia das obras consultadas para a elaboração do *Elucidário* e lista dos verbetes em ordem alfabética.¹¹

Ainda são raros os estudos dedicados ao registro dos aportes culturais africanos ao acervo de Minas. A pesquisa de Nelson de Senna na área linguística também é pouco conhecida em Minas Gerais e no Brasil e continuam inéditos os seus documentos guardados no APCBH, em especial seus manuscritos sobre as heranças linguísticas afro-indígenas de Minas. O foco nos traços linguísticos resultantes da contribuição africana para a formação do português brasileiro vai ao encontro da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003,¹² que torna obrigatória no ensino fundamental e médio a inclusão da temática História e Cultura Afro-Brasileira.¹³

O estudo dos manuscritos e do seu processo de elaboração, visando à organização material e formal do texto para publicação, representa uma preciosa fonte de pesquisa para linguistas. Nesse contexto, apresentamos aqui alguns estudos teóricos que serviram – e servirão – de base para a futura edição dos originais de Nelson de Senna.

No primeiro capítulo desta dissertação, a partir da pergunta: “Por que editar Nelson de Senna e a língua afronegra falada no Brasil?”, discutimos os conceitos de *afronegro* e *afronegrismo*, termos presentes no subtítulo do nosso documento e também nos verbetes escritos por Nelson de Senna, a fim de entender o contexto histórico no qual o *Elucidário* foi escrito e a língua do autor. Ainda neste capítulo, buscamos apresentar alguns estudos da língua afronegra no Brasil, que também serão fundamentais para entender o processo de escrita do autor e justificar a importância de estudar e editar o trabalho de Nelson de Senna.

Em um segundo momento, discorremos sobre a vida e a produção de Nelson de Senna. Mesmo sendo uma figura importante para a história de Minas Gerais, pouco se sabe sobre a vida do nosso autor. A partir de dados coletados no Arquivo Público Mineiro, no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte e no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais – instituições onde estão salvaguardados documentos relativos à vida e à

¹¹ Os documentos relativos ao *Elucidário* não têm datação.

¹² Anteriormente, em 1988, a nossa Constituição, no artigo 215, parágrafo primeiro, já defendia as manifestações das culturas populares, indígenas e afrobrasileiras.

¹³ Em 2016, a Presidência da República, na figura do então presidente não eleito Michel Temer, instituiu a política de fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, através da Medida Provisória 746/2016. O texto da MP alterou trechos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, Lei nº 9.394/1996, o que refletiu no Plano Nacional de Educação – PNE, que tinha entre suas metas a obrigatoriedade do ensino de cultura afrobrasileira, estabelecido na Lei nº 10.639/2003. Esta medida distanciou professores e alunos de referências teóricas relativas à cultura negra e à diversidade cultural que caracterizam o nosso país. Com a publicação MP 746/2016, os conteúdos de educação das relações étnico-raciais e de conhecimento de matriz africana nas instituições de ensino deixaram de ser obrigatórios.

obra de Nelson de Senna e que também fazem parte da sua história como político –, conseguimos traçar a trajetória de sua vida e obra.

O terceiro capítulo é dedicado ao nosso *corpus*, o *Elucidário de africanismos: vocabulário de africanismos e afronegrismos usados no Brasil e na África colonial lusitana*. Para elaborar uma edição crítico-genética, a fim de entender como a obra foi pensada e construída, é preciso conhecer cada detalhe do documento, bem como das obras que foram produzidas a partir dele. Assim, apresentamos, com todos os detalhes, o nosso objeto de pesquisa, buscando mostrar sua complexidade e riqueza, e também exploramos outros três documentos, que dialogam diretamente com o *Elucidário*.

Em seguida, no quarto capítulo, tratamos de alguns aspectos da edição de textos que norteiam o nosso trabalho, concentrando-nos, principalmente, na edição crítico-genética, que visa explicitar o processo de escrita do autor. Na tentativa de reconstruir o percurso da gênese da obra, procuramos percorrer diversas etapas, utilizando a metodologia genética para chegar ao produto final crítico, que apresentamos no Capítulo 6 desta dissertação.

No último capítulo, intitulado “Transcrição e análises crítico-genéticas do *Elucidário*”, apresentamos os critérios de transcrição utilizados,¹⁴ visando apresentar ao leitor atual um texto limpo, com base no pressuposto que esta etapa de gênese do texto corresponderia à última vontade do autor. Também abordamos alguns dos desafios e dificuldades enfrentados, até o momento, no processo de transcrição e de estabelecimento do texto do autor. A fim de ilustrar o nosso processo, fazemos algumas análises sobre o documento, que, certamente, servirão de base para as futuras tomadas de decisão para o estabelecimento do texto.

Apresentamos ainda, como produto deste trabalho, uma pequena parte já transcrita do *Elucidário de africanismos*: o estudo expositivo, em que o autor demonstra com maior clareza as fortes “collaborações da linguagem do gentio da terra e da do negro importado d’África” antes de trazer a extensa lista de “termos e nomes tão sómente conhecidos e usados cá na America, e jamais empregados, correntemente, da banda de lá do Atlantico, em terras de Portugal”,¹⁵ e a letra A do *Elucidário*.

¹⁴ Estas normas aplicam-se também aos trechos transcritos ao longo da dissertação.

¹⁵ SENNA, 1938, p. 6.

CAPÍTULO 1

POR QUE EDITAR NELSON DE SENNA E O *ELUCIDÁRIO DE AFRICANISMOS*?

Elucidário, do latim *elucidarium*, significa publicação – livro, glossário, vocabulário, separata, etc. – “que esclarece assuntos de difícil entendimento”,¹⁶ ou seja, que esclarece termos, palavras, expressões obscuros ou ininteligíveis. Apesar do uso de palavras sinônimas no título do nosso objeto de pesquisa, *Elucidário de africanismos: vocabulário de africanismos e afronegrismos usados no Brasil e na África colonial lusitana*, acreditamos que a redundância confere ainda mais rigor ao que está sendo expresso pelo autor.

A fim de entender o contexto histórico no qual o *Elucidário* foi escrito e a língua do autor,¹⁷ buscaremos, neste primeiro capítulo apresentar minimamente os estudos da língua *afronegra* no Brasil, que também serão fundamentais para entender o processo de escrita do autor e justificar a importância de estudar e editar o trabalho de Nelson de Senna.

1.1 A língua *afronegra* falada no Brasil

Durante a leitura do *Elucidário*, nos deparamos com duas palavras não muito comuns no léxico brasileiro: *afronegro* e *afronegrismo*. Por isso, principiaremos esta seção buscando entender os termos utilizados constantemente nos originais de Nelson de Senna. Os termos são desconhecidos por linguistas, historiadores de África e militantes de movimentos negros. Assim, é preciso compreender mais a fundo o campo conceitual de Nelson de Senna para buscar identificar a origem dos termos adotados por ele.

A fim de compreender esse universo, recorreremos, inicialmente, à literatura hispano-americana. Um dos primeiros usos do termo *afronegrismo* foi identificado no *Glossário de afronegrismos*, de Fernando Ortiz, publicado em 1924. Mais de uma década depois, em 1938, a palavra foi dicionarizada pelo *Diccionario de la Real Academia*. De acordo com o dicionário da Real Academia Espanhola, o termo significa “procedente ou

¹⁶ HOUAISS, 2009, s.v. *elucidário*.

¹⁷ No campo da filologia, o conjunto dos hábitos gramaticais e estilísticos de um escritor – que deve ser considerado nas tomadas de decisão do editor, ou para fazer conjecturas em situação de erro ou de lacuna, ou para escolher entre variantes – é chamado de *usus scribendi*.

característico da África negra e com sobrevivência em algumas coletividades ibero-americanas”.¹⁸

Fernando Ortiz, autor muito citado por Nelson de Senna, esclarece em seu *Glossário de afronegrismos*¹⁹ que

essas vozes constituem nossos *africanismos*; no entanto, não queremos nomeá-los assim, porque essa dicção, preferencialmente de significado geográfico, não dá a ideia exata. Esses vocábulos vêm da África, mas não dos povos árabes, turcos do Egito ou dos bôeres de Trasvaal, etc., mas concretamente dos “negros da África”. E é por isso que preferimos cunhar os vocábulos *negroafricanismo* ou *afronegrismo*, que estimamos de boa liga.²⁰

Para sustentar nossa hipótese de que *afronegro* se refere à África negra, recorremos ao próprio *Elucidário* em busca de uma definição para *afronegro* e *afronegrismo*. Não encontramos a palavra *afronegrismo*, somente *afronegro*. Além dessas palavras, encontramos *afro-angoles*, *afro-bantu*, *afrobenguela*, *afrocabinda*, *afroguineano*, *afroconguez*, *afrolandim*, *afro-sudaneses*, *afro-yorubano*. Todas essas palavras aparecem no verbete elaborado por Nelson de Senna e fazem menção ao “povo africano negro”. Veja-se o verbete *afronegro* no *Elucidário*:

“Afro-nêgro” – Uma completa relação dos povos afronegros introduzidos pelo *tráfico negreiro*, em toda a extensa costa oriental do Brasil, durante mais de trezentos anos desse commercio de escravos oriundos da Africa para o nosso paiz, exigiria quase que uma verdadeira synthese ethnographica de todos os povos nêgros africanos, pois em verdade pouquíssimas regiões de prêtos nativos daquele vasto continente teriam deixado de conter representantes, nas *levas* de captivos remetidos para a América. Tivemos no Brasil *nêgros africanos* sempre e usualmente qualificados pela sua terra de origem, pela sua raça ou “nação”, pela sua alcunha ou defeito physico visivel, pela sua lingua ou religião, pelo matiz de sua côr, pelas caractesticas geraes, emfim, que maior impressão causavam aos seus escravizadores, mercadores, comboieiros, capatazes, *tanganhões*, âmos e senhores. Era um processo ingênuo de fácil identificação da “mercadoria humana”. Em trezentos e poucos anos de tráfico negreiro, deve ter entrado no Brasil a massa formidavel de 12 a 15 milhões de escravos africanos.

¹⁸ “Procedente o característico del África negra y con pervivencia en algunas colectividades iberoamericanas” (DICCIONARIO de la lengua española, tradução nossa. Disponível em: <<http://dle.rae.es/srv/search?m=30&w=afronegro>>. Acesso em: 7 jan. 2018).

¹⁹ O *Glosario* de Ortiz, assim como o *Elucidário* de Nelson de Senna, é uma compilação de vozes que são, ou que dizem ser, originárias de África.

²⁰ “Esas voces constituyen nuestros *africanismos*; sin embargo, no hemos querido denominarlos así, porque esa dicción, de preferente significado geográfico, no da la idea exacta. Esos vocablos proceden de Africa, pero no de los pueblos árabes, i de los turcos del Egipto, ni de los Boers de Trasvaal, etc., sino concretamente de los “negros de Africa”. Y por eso hemos preferido acuñar los vocablos *negroafricanismo* o *afronegrismo*, que estimamos de buena aleación” (ORTIZ, 1924, p. XIV, tradução nossa).

O progresso dos conhecimentos geográficos e raciaes permitio melhores estudos e respeito do negro africano; mas, aqui, nos limitaremos a enumerar os nomes dos varios povos para o Brasil conduzidos pelo tráfico, sem nenhum propósito de filiál-os a seos verdadeiros typos ou agrupamentos étnicos, por não ser este o objetivo do presente trabalho.²¹

Figura 2 – Verbete de *afronegro*

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra A], p. 85.

²¹ SENNA, 1938 [Letra A], p. 85. Seguem-se aqui os critérios de transcrição apresentados no Capítulo 5.

Assim como Fernando Ortiz, Nelson de Senna faz menção aos “negros da África” trazidos para o Brasil através do tráfico ao longo de 300 anos. Como podemos ver na Figura 2, após a definição, o autor apresenta uma lista dos povos africanos de “raça negra que tiveram representantes na escravidão de toda a América e notadamente do Brasil”.²²

O autor também lembra do cubano Fernando Ortiz e de suas obras, ricas para o estudo de afronegrismos e negros afrocubanos, como *Los negros brujos* (1906), *Los negros esclavos* (1916) e *Glossário de afronegrismos* (1924). Além disso, Nelson de Senna cita diversos autores brasileiros, de contos e romances, que, de alguma forma, trabalharam com a cultura e o léxico afronegro, como seus contemporâneos Affonso Arinos, Coelho Netto, Euclides da Cunha, Valdomiro Silveira, dentre outros.²³

Uma das ocorrências de maior relevância na literatura brasileira está no título da obra *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, publicada em 1933, por Jacques Raimundo, contemporâneo de Nelson de Senna e também de Fernando Ortiz. Acredita-se, assim, que o termo era “comum” à época. Essa ideia é ainda reforçada com a análise do texto de apresentação do documento *Elucidário*. O autor hesita e altera, rasurando, todas as ocorrências de *africanismos* para *afronegrismos* e de *africana* para *afronegra*, como pode ser observado na Figura 3. Na parte datiloscrita do texto, Nelson de Senna escreve à tinta por cima da palavra, na parte manuscrita, ele rasura e dá a forma *negra* para a palavra.

Figura 3 – Usos da palavra *afronegra*

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Introdução], p. 7.

²² Não achamos que seria interessante reproduzir aqui a extensa lista, que ocupa 11 páginas, uma vez que está lista pode ser conferida na transcrição (Cf. SENNA, 19938 [Letra A], p. 85-95).

²³ Cf. a *Bibliografia para o Elucidário de afronegrismos*: relação por ordem alfabética das obras consultadas para a elaboração do *Elucidário de afronegrismos do Brasil*.

Como já observado, não há muitos registros dos termos *afronegro* e *afronegrismo* na literatura brasileira. A maior parte das ocorrências dos termos é encontrada em publicações das últimas décadas do século XX e das primeiras décadas do século XXI, por grandes pesquisadores da área. Alguns poucos trabalhos acadêmicos registram ocorrências desses termos hoje e, quando registram, são citações desses famosos pesquisadores da área. Percebe-se, assim, o apagamento desses termos ao longo do século XXI.

Na bibliografia para a elaboração do *Elucidário*, também disponível no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, Nelson de Senna cita alguns clássicos do historiador e sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987) como a grande e notável publicação ilustrada *Casa grande e senzala, Sobrados e mucambos*, que retrata a decadência patriarcal rural no Brasil, e *Mucambos do Nordeste*. Nessas obras, Freyre utiliza constantemente o termo *afronegro*. Esse termo também foi encontrado em outras obras, como *Modos de homem e modas de mulher, O escravo nos anúncios de jornais e Insurgências e ressurgências atuais*. A palavra aparece em trechos como “escravo afronegro”; “sangue afronegro”; “origem afronegra”, “presença do afronegro”, dentre outras.

O autor já citado Jacques Raimundo, na obra *O elemento afro-negro na língua portuguesa* (1933), menciona as línguas afronegras e busca analisar todos os níveis linguísticos, pois reconhece a presença africana em todos eles:

O conhecimento, em resumo, do mecanismo gramatical das línguas afronegras que mais cooperam para o aumento do léxico português, faz-se necessário como prova que se sobreveste de importância. A sua fonética é de grande interesse como a do latim, fonte de sobrepujante cópia vocabular do idioma nacional. A morfologia ministra fundamentos valiosos para o esclarecimento da origem de muitos vocábulos em que aglutinaram dois ou mais elementos africanos [...] mas não se sobreexcele tanto o trato com a sintaxe, cuja influência rara ou escassamente se faz sentir em boleios e giros da linguagem de entre o povo, avassalando em vez o meio familiar [...] O conhecimento do vocabulário é de suma relevância, estudado por classes e apontadas as novas criações conforme a índole e o modelo do vernáculo.²⁴

Identificou-se ainda o artigo “Contribuições Afro-Negras ao Léxico Popular Brasileiro”, do professor, advogado, escritor e folclorista Adelino Brandão, publicado na *Revista Brasileira de Folclore*, em 1968. Entretanto, não foi possível ter acesso à publicação para tecer maiores comentários.

²⁴ RAIMUNDO, 1933, p. 43.

Já no início século XXI, em 2004, a linguista Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick publica o artigo “Porque (não) afrodescendente”, que aborda a problemática do negro centrando-se nas questões linguísticas e etnolinguísticas. Além dos aspectos linguísticos, o artigo traz considerações e reflexões histórico-sociais, antropológicas e políticas. Ao discutir o uso do termo *afrodescendente*, Dick afirma que “do ponto de vista do conteúdo, o núcleo adjetival (descendente) não tem força restritiva ou específica, a não ser pela contemporalização, para substituir o possível equivalente *negro brasileiro*”. Assim, o termo *afrodescendente* poderia ser utilizado para todos os membros de populações geneticamente identificados como de origem africana, independentemente do seu local de nascimento, dentro ou fora do continente. A autora propõe, para solucionar o impasse, substituir “o determinante descendente pelo etnônimo *brasileiro*, gerando o composto *afro-brasileiro*, este, com mais acerto, associando-se de perto às coisas da terra e à população aculturada”.²⁵ Assim como defendido por Ortiz, em 1924, no seu *Glossário de afronegrismos*. Para finalizar a discussão, Dick retorna à literatura hispânica e observa que

o mesmo fenômeno de precisão local de que estamos tratando é sentido em outras sociedades hispano-americanas, cujos exemplos foram retirados da obra de TRIANA Y ANTORVEZA:²⁶ afroamericano (p. 18); negroafricano (p. 18); comunidades afronegras (p. 29); aspectos culturales negroafricanos (p. 34); el afronegro en los centros urbanos (p. 35); negrohispanizado (p. 48); afronegro en América (p. 64); realidades sociales afroportuguesas (p. 68); poblaciones negroafricanas (p. 80); lengua y habla de los aframejicanos (p. 127); lenguas negroafricanas de los esclavos (p. 92), entre diversas outras citações do mesmo tipo.

Sônia Queiroz, em 2002, busca fazer um panorama histórico das publicações sobre as línguas e a cultura do negro no Brasil. A autora, no artigo “Remanescentes culturais africanos no Brasil”, avalia que os estudos no campo linguístico são bastante precários.

O que se pode perceber é que o investimento na pesquisa sobre os remanescentes culturais africanos no Brasil acaba por delinear com maior clareza nosso ainda grande desconhecimento sobre a contribuição afro-negra à formação da cultura brasileira e, ao mesmo tempo, a enorme força e alcance dessa contribuição. Eu diria, portanto, que, neste campo de estudos, estamos ainda começando. Mais do que nunca, vivemos um momento de chamada à pesquisa sobre o tema fascinante da pluralidade cultural no Brasil.²⁷

²⁵ DICK, 2004, p. 4.

²⁶ TRIANA Y ANTORVEZA, Humberto. *Léxico documentado para la historia del negro en América (Siglos XV-XIX)*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo; Bibl. Ezequiel Uricoechea, 1997 *apud* DICK, 2004, p. 5.

²⁷ QUEIROZ, 2002, p. 56.

A pesquisadora Maria do Socorro Silva de Aragão, no artigo “Africanismos no português do Brasil”, publicado em 2010, reforça que “apenas no século XX as pesquisas sobre a importância dos africanismos para a língua portuguesa passaram a ter um caráter mais científico, com estudos desenvolvidos como teses de doutorado e dissertações de mestrado”.²⁸ Felizmente, nos últimos anos, esta situação tem mudado e trabalhos de maior significação, que estudam os aspectos sócio-linguístico-culturais das influências dos africanismos no português do Brasil, estão surgindo. Entretanto, ainda é importante que novos estudos sejam apresentados, novas ideias discutidas e novos trabalhos publicados, para um melhor conhecimento e consequente valorização da influência das línguas africanas no português falado no Brasil.

Por mais que os estudos sobre africanismos estejam em crescimento, não foi possível encontrar ocorrências e discussões acerca dos termos *afronegro* e *afronegrismo*. Em 2014, a tese de doutoramento em Educação de Daniele Pechuti Kowalewski, intitulada *Experiência-Brasil: diversidade, diferenças, educação* menciona quatro vezes a palavra *afronegra*. Três delas estão presentes em uma citação de Gilberto Freyre²⁹ que analisa a realidade brasileira, estabelecendo quatro vértices que constituem o Brasil: sua notável ecologia, suas matrizes raciais africanas, o povo originado da mistura dessas matrizes e sua autêntica cultura. Entretanto, a autora não faz nenhuma reflexão sobre o termo utilizado.

A dissertação de Patrícia de Souza Borges, intitulada *Línguas africanas e português brasileiro: análise historiográfica de fontes e métodos de estudos no Brasil (séc. XIX-XXI)*, defendida em 2015, menciona o termo *afronegro* sete vezes, porém todas as menções são citações de terceiros. Em 2018, Hélio Santos Menezes Neto, em pesquisa de mestrado intitulada *Entre o visível e o oculto: a construção do conceito de arte afro-brasileira*, também menciona o termo *afronegro* como citação de terceiros. Nenhum dos autores utiliza em sua escrita essa terminologia ou discute o seu uso.

A busca pelos termos na literatura brasileira especializada nos levou para um terceiro termo, também pouco utilizado: *negro-africano*.³⁰ A etnolinguista baiana Yeda Pessoa de Castro, em seu artigo “A influência das línguas africanas no português brasileiro”, analisa a confluência de línguas negro-africanas com o português europeu e

²⁸ ARAGÃO, 2011, p. 8.

²⁹ FREYRE, Gilberto. *Realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Bloch; Fename, 1980. (Biblioteca Educação é Cultural, v. 1), p. 20 *apud* KOWALEWSKI, 2014, p. 220.

³⁰ Vale lembrar aqui que Fernando Ortiz, em seu *Glosario* já mostrava sua preferência em “cunhar os vocábulos *negroafricano* ou *afronegrismo*” (ORTIZ, 1924, p. XIV).

as consequências desse contato cultural e linguístico. A autora avalia a participação do negro-africano como personagem falante no desenrolar dos acontecimentos no Brasil, para procurar entender os fatos relevantes, de ordem socioeconômica e de natureza linguística, que favoreceram a interferência de línguas africanas na língua portuguesa falada no Brasil.³¹

A etnolinguista retoma o termo no livro *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*, afirmando que o “influxo de línguas negro-africanas no português do Brasil não se limitou aos aportes de vocabulário”. Além do léxico, é possível sentir a influência de línguas africanas em outros setores, como semântico, prosódico, sintático e, de maneira rápida e profunda, na língua falada. Castro ainda afirma que a resistência oferecida à mudança e à integração pelos povos africanos durante a escravidão no Brasil é decorrente de fatores históricos, sociais e econômicos, e não, como muitos acreditam, devido à superioridade de uma determinada cultura sobre outras.³²

Acreditando que a escolha do nosso autor foi consciente e bem fundamentada, optamos por usar os termos *afronegro* e *africanismo* neste trabalho.³³ Na próxima seção, apresentarei alguns estudos da língua afronegra no Brasil, apontando o contexto histórico no qual Nelson de Senna estava inserido, assim como alguns de seus contemporâneos do início do século XX.

1.2 A presença afronegra no Brasil e em Minas

O Brasil é o país com a maior população negra fora da África e, na África, é superado apenas pela Nigéria,³⁴ país da África Ocidental. Para nós, não há dúvida sobre a forte presença dos africanos e seus descendentes na constituição da língua e da cultura brasileira. A consequência mais direta desse contato linguístico e cultural foi a modificação da língua portuguesa na colônia sul-americana e a participação de falantes africanos na construção de uma língua e de uma cultura propriamente brasileiras.³⁵ Nelson de Senna deixa claro em seus estudos que a língua portuguesa que falamos no Brasil é culturalmente negra. O autor expressa essa ideia no capítulo “A innegavel influencia do

³¹ CASTRO, 2005, p. 4.

³² CASTRO, 2001, p. 129.

³³ Acreditando que a cultura brasileira não existe sem seu elemento africano, optou-se aqui por utilizar a forma *afronegra* e *afrobrasileira* sem hífen, seguindo a orientação da etnolinguista baiana Yeda Pessoa de Castro. Além disso, nos documentos analisados de Nelson de Senna, as palavras não ocorrem de forma padronizada: ora são escritas com hífen, ora, sem.

³⁴ QUEIROZ, 2019, p. 7. O livro também está disponível gratuitamente em formato digital: <<https://www.editoraufmg.com.br/#/pages/ebook/789>>.

³⁵ CASTRO, 2005.

nêgro africano, em nossa terra”, do livro *Africanos no Brasil*, e provoca seu leitor ao questionar “porque se haveria de contestar essa evidente e innegavel influencia do ‘nêgro africano’, nem só nos costumes e a vida familiar da gente brasileira, como ainda na formação do nosso povo, no caldeamento do nosso sangue luso-americano?”³⁶

Mesmo com essa constatação, os estudos sobre o negro, principalmente sobre a linguística africana, têm sido pouco cultivados no Brasil, ou, como afirma Gladstone Chaves de Melo, é realmente “assaz pobre” a bibliografia referente ao tema.³⁷ Somente em fins do século XIX é que surgiram pesquisas sobre os aportes culturais africanos trazidos para o Brasil. Até então, com exceção de obras que tratam do problema da escravidão, e também da sua abolição, nada de concreto acerca do negro brasileiro fora escrito.³⁸

Minas detinha, no oitocentos, o maior contingente de escravizados do Brasil, e essa população escrava numerosa era, ao menos em parte, resultado do tráfico de escravos africanos.³⁹ Os africanos que foram trazidos para cá não trouxeram somente sua força de trabalho, trouxeram, conseqüentemente, suas culturas, dentre as quais destacam-se as línguas. Nesse contexto, a presença africana foi marcante na formação da nação brasileira; os africanos correspondiam à maior parte da população e foram distribuídos pelo território nacional, principalmente no interior de Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso, Goiás e Rio de Janeiro. Edison Carneiro reforça que

em Minas se reuniu, em período relativamente curto, a maior concentração de escravos verificada no país. Cerca de meio milhão de negros foi empregado na mineração do ouro e dos diamantes nos setenta anos em que essa exploração foi considerada economicamente rendosa.⁴⁰

A população afronegra no Brasil colônia, de acordo com os dados apresentados por Nelson de Senna, foi maioria em Minas até o final do século XIX: em 1716, os negros, matriculados como escravos, somavam 27.909 indivíduos; dois anos depois, em 1718, esse número aumentou para 35.991. Em 1776, quando as autoridades coloniais realizaram o primeiro censo regular da população, os negros e mestiços de negros somavam 249.110 indivíduos (157.969 homens e 91.141 mulheres), correspondendo a 77,9% da população total; nos anos de 1786 a 1805, os escravos constituíam, respectivamente, 47,94% e

³⁶ SENNA, 1938a, p. 47.

³⁷ MELO, 1975, p. 73.

³⁸ OLIVEIRA, 1976.

³⁹ MARTINS, 1982, p. 12.

⁴⁰ CARNEIRO, [s.d.], p. 3.

46,38% da população (cerca de 190 mil indivíduos);⁴¹ em 1821, havia 383.061 negros e mestiços de negros, num total de 514.108 habitantes, o que equivale a 74,51% da população.⁴² Após a extinção do tráfico negreiro e a abolição do regime de escravidão no Brasil, no primeiro recenseamento demográfico da República, realizado em 1890, eles são ainda 53,32% dos habitantes de Minas Gerais.⁴³

Ainda se conhece pouco sobre o tráfico de escravos para as Minas Gerais. Fontes mais recentes apontam que, entre os séculos XVI e XIX, quase cinco milhões de africanos desembarcaram como escravos em terras brasileiras, totalizando cerca de 45% dos mais de 11 milhões de escravizados que desembarcaram no continente americano.⁴⁴ Ao longo do século XIX, a capitania, depois província, concentrou o maior contingente de escravizados do Brasil: 168.543 em 1819, totalizando 15% da população escrava brasileira e 381.893, em 1872, quase um quarto do total nacional.⁴⁵

Na década de 1820, quatro em cada 10 escravos aportados no Rio de Janeiro eram posteriormente vendidos nas Minas Gerais. O Estado absorveu, entre 1824 e 1830, 53,5% de todos os escravos novos saídos do Rio de Janeiro com destino a outras regiões.⁴⁶ Até o fim do tráfico internacional, Minas Gerais absorveu uma quantidade assombrosa de escravizados, arrebanhando cerca de 40% do número total de aportado no país.⁴⁷

A partir dos últimos anos da década de 1980, surgiram novos estudos que lidaram, a partir de diferentes perspectivas, com a questão da intensidade do tráfico e da ocorrência de reprodução natural entre os escravos mineiros. Em 1999, Laird W. Bergad, em *Slavery and the Demographic and Economic History of Minas Gerais, Brazil, 1720-1888*, busca mapear a história demográfica de Minas durante todo o seu período escravista, cobrindo as localidades de Vila Rica, Mariana, São José del Rei e Diamantina.

A importação de escravos para Minas Gerais tinha sido reduzida a números muito pequenos na segunda metade do XVIII e continuara pouco expressiva nas primeiras décadas do XIX. Entretanto, Bergad aponta a reprodução natural como responsável por grande parte do crescimento da população escrava, que se tornava mais marcadamente “nativa/crioula” ao longo do tempo.⁴⁸

⁴¹ Cf. SENNA, 1938a, p. 58-59.

⁴² Cf. ESCHWEGE, *Revista do Arquivo Público Mineiro* apud BARBOSA, 1972, p. 126.

⁴³ Cf. SENNA, 1938a, p. 60.

⁴⁴ Os números sobre o tráfico provêm de Slave Voyages. Disponível em: <<http://www.slavevoyages.org/tast/assessment/estimates.faces>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

⁴⁵ MARTINS, 1982, p. 12.

⁴⁶ FRAGOSO; FLORENTINO, 2001, p. 162.

⁴⁷ FRAGOSO; FERREIRA, 2001, p. 247.

⁴⁸ BERGAD, 1996, p. 130.

Como já observado, ainda são raros os estudos dedicados ao negro e pouco se conhece sobre a distribuição étnica pelo Estado de Minas Gerais e pelo Brasil. Historicamente a proposta era misturar as etnias. No mapa a seguir (Figura 4), sobre a distribuição étnica no Brasil, percebemos o predomínio do grupo banto. No século XVIII, 70% dos africanos importados para o Brasil provinham de Angola, local onde era predominante as línguas bantas.⁴⁹ Assim, podemos afirmar que a maior parte das línguas transplantadas no Brasil pertencem ao grupo banto.

Figura 4 – Esboço do mapa etnológico africano no Brasil

Fonte: CASTRO. A presença cultural negro-africana no Brasil: mito e realidade, p. 9 reproduzido por QUEIROZ. *Pé preto no barro branco*, p. 29.

1.3 A presença de africanismos no português brasileiro

O grande número de palavras de origem africana incorporadas ao nosso vocabulário revela a significativa contribuição do negro na formação do português brasileiro, sendo “difícil precisar a extensão da influência das línguas africanas na formação do português brasileiro”.⁵⁰ O reconhecimento da presença africana no léxico do português falado no Brasil só foi colocado como questão linguística na década de 1930.

⁴⁹ RODRIGUES, 2005, p. 29.

⁵⁰ BIDERMAN, 2002, p. 66-67.

Quando se buscou uma identidade própria para a língua nacional, na década de 30, difundiu-se o conceito de que o léxico do português do Brasil se caracterizava pelo enriquecimento do acervo herdado de Portugal, proporcionado pelas línguas indígenas e africanas. A partir de então e até meados dos anos 40, intensificou-se a pesquisa na área dos africanismos, considerados como uma forma de brasileirismo e de regionalismo. Finda a efervescência nacionalista, a investigação de cunho lexicográfico foi praticamente abandonada e só reapareceu por meio de trabalhos esporádicos, nos anos 70.⁵¹

Apesar do reconhecimento da presença de línguas africanas na língua portuguesa falada no Brasil ser algo recente, o contato entre as línguas se deu muito antes da chegada dos portugueses ao Brasil. O linguista Emilio Bonvini⁵² observa que documentos portugueses dos séculos XVII e XVIII já revelavam o uso de termos emprestados, “referentes à escravidão, ao tráfico, à vida militar e ao cotidiano, o que permite admitir que o português trazido pelo colonizador já havia integrado alguns africanismos”.

Acredita-se que, no Brasil, um dos registros mais antigos do uso de palavras de línguas africanas seja o do holandês Guilherme Piso, em 1658, que aponta o emprego de nomes de animais e vegetais trazidos pelos africanos. Além de nomear animais e vegetais, os africanismos trazidos pelos portugueses nomeavam também os elementos culturais africanos transplantados para o novo continente, como a culinária, a dança, a música e a religião.

Ao discutir sobre as “Línguas africanas e português falado no Brasil”, o linguista Emilio Bonvini aponta que a problemática da relação entre as línguas africanas e o português do Brasil, no século XX, buscou “evidenciar a participação daquelas na constituição da variante brasileira do português”. Para o autor, esse debate aconteceu em duas esferas: o linguístico e o ideológico. Na esfera linguística, distinguem-se dois momentos: “O primeiro é caracterizado pela afirmação da influência africana no PB, e o segundo, pela hipótese da crioulação do português no Brasil em contato com as línguas africanas”.⁵³ Entretanto, sabe-se que os elementos portugueses de nossa cultura foram elaborados tanto com os elementos negro-africanos quanto com os elementos indígenas.⁵⁴

⁵¹ PETTER, 2000.

⁵² BONVINI, Emilio. Emprunts du portugais aux langues africaines: sur les traces d’une rencontre culturelle. Comunicação apresentada no IV Congresso luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais. Territórios de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, UFRJ, set. 1996 *apud* PETTER, 2002.

⁵³ BONVINI, 2008, p. 16.

⁵⁴ MELO, 1975, p. 29. Gladstone Chaves de Melo afirma ainda que “o elemento português prevaleceu, dando uma nota mais sensível de europeidade a nossa cultura”.

A linguista Margarida Petter observa que

os primeiros trabalhos sobre a diferença entre o português de Portugal e o português brasileiro observaram que a variedade nacional se distinguia da língua da antiga metrópole pela incorporação de termos de origem indígena e africana, decorrente do contato dos falantes de línguas diversas e da necessidade de denominar realidades novas encontradas na América.⁵⁵

A relação entre o português do Brasil e as línguas africanas começou a despertar interesse de pesquisadores a partir do século XIX, mas é somente na segunda metade do século que a influência das línguas africanas no português do Brasil é, de fato, estudada e publicada. Nelson de Senna, mesmo não sendo reconhecido como tal, foi um dos primeiros pesquisadores a contribuir com a temática. Em sua obra *Africanos no Brasil*, publicada em 1938,⁵⁶ o autor realiza estudos sobre os negros africanos e as influências afronegras sobre a linguagem e os costumes do povo brasileiro.

Um dos pioneiros nos estudos sobre o negro no Brasil foi Nina Rodrigues, com sua obra *Os africanos no Brasil*, escrita entre 1890 e 1905, mas publicada somente em 1932. Outro autor que trouxe contribuições significativas para o estudo das línguas africanas na formação do português do Brasil foi Renato Mendonça, com a publicação do livro *A influência africana no português do Brasil*, em 1933. O autor discorre sobre a fonética e a morfologia do quimbundo, a influência africana no português, o folclore e o vocabulário. Ao lado de Mendonça, a obra *O elemento afro-negro na língua portuguesa* (1933), de Jacques Raimundo, também é considerada uma das pioneiras nos estudos sobre o tema. O lexicógrafo Macedo Soares também trouxe suas contribuições com a obra *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro* (1942 [1874-1891]).

Em 1946, Gladstone Chaves de Melo dedica um capítulo de seu livro *A língua no Brasil* à influência africana. Escrita para não especialistas, a obra apresenta alguns comentários sobre os estudos da influência africana. O autor cita a obra de Jacques Raimundo como “a melhor” e o autor Renato de Mendonça como o pioneiro. Serafim da Silva Neto, publica, em 1950, *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, livro que discute a questão da inserção dos negros no cenário linguístico brasileiro e ressalta a complexidade de se estudar a língua falada à época, devido às particularidades da sua formação, caracterizada pelo cruzamento de brancos, índios e negros.

⁵⁵ PETTER, 2002.

⁵⁶ Em nota, ao final do livro, é informado que a obra começou a ser impressa em outubro de 1938 e só ficou com sua impressão terminada em janeiro de 1940, nas Oficinas Gráficas Queiroz Breyner Limitada, em Belo Horizonte.

Em 1976, o linguista Mattoso Câmara Jr., na obra *História e estrutura da língua portuguesa*, comenta brevemente a contribuição dos negros africanos na formação do português brasileiro. Na obra, o autor dedica apenas três parágrafos ao tema, com um maior foco para a questão do tráfico dos negros, e afirma que a integração dos negros na sociedade branca propiciou o desenvolvimento da língua.⁵⁷ Em seu *Dicionário de linguística e gramática referente à Língua Portuguesa* (1977), Câmara Jr. afirma que “os africanismos são essencialmente empréstimos lexicais com adaptação à fonologia e à morfologia portuguesa; [...] existem tanto na língua popular como na língua culta, constituindo uma secção apreciável dos brasileirismos”.⁵⁸ Ainda conforme o autor, brasileirismo é “qualquer fato lingüístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato lingüístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal”.⁵⁹ Assim, podemos depreender que essa “seção apreciável” que nos distingue de nossos colonizadores portugueses, no campo lingüístico, cabe ao legado negro africano.

Ainda no final dos anos de 1970 e nos anos de 1980, o linguista Carlos Vogt e o antropólogo Peter Fry dedicaram-se a estudar a comunidade do Cafundó, na cidade de Salto de Pirapora, em São Paulo, e sua língua. Os resultados da pesquisa foram publicados, em 1996, no livro *Cafundó: a África no Brasil*.

Em Minas, temos o registro da língua mina-jeje, em Vila Rica, realizado por Antônio da Costa Peixoto. O registro, datado de 1741 e salvaguardado na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, intitulado *Obra nova da língua geral de mina* relata a vida e a cultura da sociedade brasileira do ciclo do ouro, além de registrar a diversidade da nossa formação lingüística. Em 2002, a etnolinguista baiana Yeda Pessoa de Castro apresenta, sob o título *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*, uma cuidadosa edição desse manuscrito.

A pesquisadora Sônia Queiroz também traz vários registros de falares banto, além das muitas referências dispersas aos nagôs. Em seu livro *Pé preto no barro branco*,⁶⁰ publicado pela Editora UFMG, em 1998, a autora recupera a chegada do negro ao Brasil e em Minas Gerais e exalta a influência negra na constituição da cultura brasileira. Alguns anos depois, em 2002, a autora publica o artigo “Remanescentes culturais africanos no Brasil”, na revista *Aletria*, em que desenha um panorama dos estudos sobre o negro no

⁵⁷ CÂMARA Jr., 1976, p. 28-29.

⁵⁸ CÂMARA Jr., 1978, p. 44.

⁵⁹ CÂMARA Jr., 1978, p. 66.

⁶⁰ Em 2018, o livro ganhou uma nova edição revisada em formato *e-book*. Disponível para download no site da Editora: <<https://www.editoraufmg.com.br/#/pages/ebook/684>>.

Brasil, destacando publicações iniciadas no final do século XIX. Em 2019, Sônia Queiroz, em *Palavra banto em Minas*, apresenta um glossário que busca “realizar uma arqueologia do contato entre línguas africanas do grupo banto e a língua portuguesa”.⁶¹

Não vamos nos delongar aqui nem buscar desenhar um panorama sobre os estudos do negro no Brasil por dois motivos: primeiramente, o nosso foco aqui é a questão linguística e, em segundo lugar, esse trabalho já foi feito por outros pesquisadores, que buscaram mapear e analisar a produção que investigou as relações entre o português brasileiro e as línguas africanas no Brasil.

As exposições aqui presentes têm o objetivo de reforçar a importância do estudo e da edição dos registros de Nelson de Senna, que, certamente, contribuirá para o reconhecimento da presença africana no léxico e na cultura brasileira e, conseqüentemente, para a ampliação e divulgação do valioso trabalho do intelectual.

⁶¹ QUEIROZ, 2019, p. 17.

CAPÍTULO 2

UM OLHAR SOBRE A VIDA E A PRODUÇÃO DE NELSON DE SENNA

2.1 Vida

Pouco se sabe sobre a vida de Nelson de Senna. Mesmo sendo uma figura importante para a história de Minas Gerais, seus dados bibliográficos são de difícil acesso, sendo encontrados apenas em fontes do Estado, como o Arquivo Público Mineiro,⁶² o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte⁶³ e o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.⁶⁴

Figura 5 – Nelson Coelho de Senna

Fonte: IHGMG. Nelson Coelho de Senna.

Nelson Coelho de Senna nasceu na cidade mineira do Serro em 11 de outubro de 1876. Filho de Candido José de Senna (1843-1919) e de Maria Brasilina Coelho de Senna (1847-1908), teve cinco irmãos e dois meios-irmãos, fruto do primeiro casamento de seu pai. Faleceu em Belo Horizonte no dia 2 de junho de 1952.

Senna passou a infância e a adolescência na cidade de São João Evangelista, onde fez o curso primário e iniciou o secundário. Aos 15 anos de idade, seguiu para Diamantina,

⁶² APM. Coleção: Nelson Coelho de Senna.

⁶³ APCBH, 2000, p. 23-24. Para mais informações sobre a vida de Nelson de Senna, cf. DUARTE, *Dicionário bibliográfico de escritores mineiros*.

⁶⁴ IHGMG. Nelson Coelho de Senna. Patrono da Cadeira Número 04.

cidade onde concluiu, em 1893, os seus estudos na Escola Normal. Neste mesmo ano, ainda em Diamantina, dirigiu a sua primeira publicação, o quinzenário *O Aprendiz*. Estudou também em Ouro Preto, onde se formou no Curso de Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito de Minas Gerais, em 1897. Também em Ouro Preto, dirigiu *A Academia* e publicou *Memória histórica e descritiva da cidade e do município do Serro e Serranos ilustres*.

Após a inauguração da nova capital e já casado com D. Emilia Gentil Horta Gomes Cândido, Nelson de Senna transferiu-se para Belo Horizonte, para lecionar no Ginásio Mineiro, onde já trabalhava. Continuou ligado à imprensa. Foi redator-chefe de *O Belo Horizonte*, do quinzenário *A Província* e do jornal *Diário de Minas*.

Em 1906, fundou o *Anuário de Minas Gerais* com estudos sobre história, geografia, literatura, estatística. No primeiro volume, defende a criação do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, o que vem a acontecer em 1907, ano do seu ingresso na política, quando é eleito deputado estadual. Seu mandato foi renovado para as legislaturas seguintes, até o ano de 1921, quando então, foi eleito deputado ao Congresso Nacional, onde permaneceu até 1929. No ano de 1930, Nelson de Senna, então candidato aliancista, foi afastado da sua atividade parlamentar.

Foi autor do projeto de lei, nascido da proposta de criação de um museu histórico, artístico, arqueológico e etnográfico do estado de Minas Gerais, que criou o Museu Mineiro em 20 de setembro de 1910. Em 1914, propôs que fossem doadas ao homem do campo as terras devolutas do estado, e em 1923, no senado, aborda o importante tema da siderurgia no Brasil, sobre a exploração de ferro em Minas Gerais. Foi um dos signatários do documento “Manifesto dos Mineiros”, em 1943.

A partir de seu afastamento da vida política, o pesquisador Nelson de Senna retomou suas atividades intelectuais. Voltou a assumir em Belo Horizonte o seu cargo de professor, retornou ao exercício da advocacia, às suas pesquisas e trabalhos literários. Fazendo e refazendo listas de palavras, topônimos, classificando, escrevendo e reescrevendo, construiu e reconstruiu sua obra ao longo do tempo. Sócio-fundador, benemérito, correspondente, honorário ou membro efetivo de diversas instituições culturais no Brasil e no exterior, o professor Nelson de Senna realizou viagens a congressos científicos, por todo o país e ao exterior, muitas vezes representando o Brasil.

A obra de Nelson de Senna é vasta e tem como destaque publicações de jornais como o *Jornal Belo Horizonte* e o *Anuário de Minas Geraes*, publicados em Belo Horizonte. Também contribuiu com vários estudos africanistas para a *Revista da Língua*

Portuguesa e a *Revista de Filologia e de História e Brasileira*, publicadas e editadas no Rio de Janeiro, entre os anos de 1926 e 1934. Escreveu também sobre “Nomes locais de origem africana, em Minas Gerais”, em vários fascículos da revista carioca *Brasileana*, nos anos de 1924 a 1928.

Publicou dois livros ficcionais,⁶⁵ *Páginas tímidas: contos e escritos*, publicado na cidade de Ouro Preto, na Tipografia Silva Cabral, em 1896, e *Contos sertanejos: lendas e fragmentos*, escrito sob o pseudônimo de Pelayo Serrano,⁶⁶ publicado em 1902, pela editora Antonio Figueirinha, em Portugal. Mais de 20 anos depois, em 1923, publica o livro *A terra mineira*, em dois tomos, pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, sobre o tráfico africano e sobre os negros e seus descendentes (em especial o capítulo, “Os negros: elementos de origem africana e seus descendentes” e “O tráfico dos africanos para as Minas: principais elementos ethnicos da raça negra entre nós”).

Seus artigos e discursos de grande relevância são: “A escravidão negra no Brasil, a campanha abolicionista e o treze de maio”, de 1897; “A influência do índio na linguagem brasileira”, de 1946; “A contribuição etnográfica dos padres da companhia de Jesus e dos cronistas leigos dos primeiros séculos”, de 1915; “Alguns aspectos econômicos brasileiros” (1925), “O problema da siderurgia nacional”, de 1923; “O Rio Doce: descrição de alguns municípios da Bacia em Minas Gerais”, de 1905; “O cinquentenário de Belo Horizonte”, de 1948.

Curiosamente, o nome Nelson de Senna foi adotado por seus familiares como sobrenome, e hoje é fácil identificar sua tradicional família espalhada por Belo Horizonte. Devido a sua importância na história mineira, Nelson de Senna foi homenageado e tem seu nome em uma rua da tradicional região belo-horizontina da Pampulha. O seu filho mais velho, o ouro-pretano Caio Nelson de Senna (1898-1963), seguiu os passos do pai, foi advogado e também deputado estadual. Caio Nelson de Senna foi homenageado e carrega seu nome em uma escola estadual da cidade – Escola Estadual Caio Nelson de Senna –, no condomínio residencial Caio Nelson de Senna, onde o seu pai residia, além do Fórum Caio Nelson de Senna, localizado em Betim, região metropolitana de Belo Horizonte.

⁶⁵ Há ainda um livro intitulado *Contos leves (obra inédita)*, listado numa seção “Do mesmo autor” logo após a página de rosto do livro *Páginas tímidas*. Entretanto, ainda não tivemos acesso à obra.

⁶⁶ De acordo com o *Inventário*, Nelson de Senna, que era apaixonado por literatura, publicava textos sob pseudônimos de João Tapuya e Pelayo Serrano. Ainda não identificamos nenhum escrito assinado sob o pseudônimo de João Tapuya, há apenas no seu arquivo pessoal uma carta de João Tapuya ao Sr. Duque Estradeiro, datada de 1921.

A memória de Nelson de Senna é preservada na cidade do Serro, em Minas Gerais. A casa onde o intelectual nasceu ainda é preservada e hoje nela funciona um estabelecimento comercial. Entretanto, há uma placa sinalizando que foi ali que Nelson de Senna nasceu e sua data de nascimento e morte (Figura 6 e 7).

Figura 6 – Casa de Nelson de Senna na cidade do Serro

Fonte: Acervo da autora. | Foto de Sônia Queiroz.

Figura 7 – Detalhe da placa da casa de Nelson de Senna

Fonte: Acervo da autora. | Foto de Sônia Queiroz.

2.2 Acervo

Em 1999, a família de Nelson de Senna doou todo o arquivo pessoal do intelectual ao Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Apesar de privilegiar os trabalhos de pesquisa, o arquivo retrata, ainda, sua trajetória de homem público no exercício da advocacia, do magistério e da vida pública, reunindo parte significativa do seu legado intelectual e político. O nosso interesse aqui são os documentos que retratam a presença da língua afronegra, entre outros estudos sobre as heranças linguísticas em Minas Gerais, e principalmente o *Elucidário*.

É, entretanto, importante dizer que o extenso arquivo do intelectual é dividido em oito partes e aborda diversos assuntos, a saber: 1) documentos pessoais, datados de 1887 a 1956, compostos por exercícios de caligrafia e escolares, álbuns, certidões de nascimento e casamento, carteira da Ordem dos Advogados do Brasil, anotações diversas, etc.; 2) correspondências, datadas de 1829 a 1952, compostas por abaixo-assinados, atas, cartas, certidões, certificados, pareceres, recibos, telegramas, dentre outros; 3) estudos temáticos, datados de 1892 a 1947, que, além de trazer documentos relativos à biografia do autor, contêm estudos sobre indigenismo, africanismo, brasilidades idiomáticas, toponímia e corografia, mineração e siderurgia; 4) atividades parlamentares, datadas de 1903 a 1931, que apresentam desde o panfleto de apoio à candidatura de Nelson de Senna a conferências e discursos; 5) atividades acadêmicas, datadas de 1897 a 1946, com recortes de jornais, discursos e outras anotações; 6) publicações, datadas de 1824 a 1949, com as obras do autor, bem como obras de terceiros e periódicos; 7) iconografia, com mais de 1.700 itens; 8) exéquias, datadas de 1952, ano de sua morte, a 1976, com o discurso proferido pelo Dr. Advíncula Reis, jurista, escritor e advogado por vários anos da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, encerrando a solenidade do centenário o nascimento de Nelson de Senna.

Diante de sua vasta produção, é de se questionar como Nelson de Senna produzia tanto. Eliana Nelson Silviano Brandão Ahouagi, neta de Nelson de Senna e responsável por entregar aos cuidados do APCBH o precioso acervo do autor, relata em entrevista à equipe do Arquivo “algumas lembranças do ‘Vovô Nelson’, em especial a imagem do homem sentado atrás da mesa do seu escritório/biblioteca, cercado de livros, escrevendo, escrevendo, escrevendo...”.⁶⁷ Ainda sobre o acervo do avô, Eliana afirma que não se pode

⁶⁷ APCBH, 2000, p. 12.

“guardar egoisticamente, fragmentos empoeirados de riquezas que precisam brilhar à luz de gerações futuras”.⁶⁸

Nelson de Senna também acreditava que o seu rico trabalho precisava “brilhar à luz de gerações futuras” e por isso deixou uma anotação manuscrita, dirigida aos filhos, manifestando o desejo de publicação do seu original não finalizado. Este desejo também é manifestado no livro *Africanos no Brasil*,⁶⁹ no qual o autor afirma que pretende

dar a lume esse nosso Vocabulario ou Glossario, tendo em mente fazel-o servir para simples consulta dos entendidos e estudiosos, no assumpto, pois não passará de um méro ensaio ou esbôço organizado durante anos de pacientes pesquisas e mesmo de collectas, quer nas fontes escriptas e documentaes, quer na tradição oral, que nos foi possível colher.⁷⁰

Senna reforça que “posteriormente, sahirá completo, tanto quanto possivel, o nosso ‘ELUCIDARIO DE AFRICANISMOS’, completando assim a tarefa que nos impuzemos, quando demos início á elaboração systematica do dito *Vocabulario*”.⁷¹

O documento, bem como as anotações para a sua elaboração, encontram-se guardados no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – APCBH. Há ainda, no APCBH, outros estudos de temas variados, como indigenismo, brasilidades idiomáticas, toponímia e corografia mineira e brasileira, mineração e siderurgia, que “permite[m] identificar que a atividade de pesquisa de Senna inicia-se em torno dos temas indígenas e africanos no começo do século XX, tendo como recorte espacial a história de Minas”.⁷²

⁶⁸ APCBH, 2000, p. 15.

⁶⁹ Em nota ao final do livro, informa-se que a obra começou a ser impressa em outubro de 1938 e só teve sua impressão terminada em janeiro de 1940, nas Oficinas Gráficas Queiroz Breyner Limitada, em Belo Horizonte.

⁷⁰ SENNA, 1938a, p. 182.

⁷¹ SENNA, 1938a, p. 183.

⁷² APCBH, 2000, p. 19.

CAPÍTULO 3

O *ELUCIDÁRIO DE AFRICANISMOS*

Para pensar e elaborar uma edição crítico-genética do *Elucidário de africanismos*, visando explicitar o processo de escrita do autor, é preciso conhecer cada detalhe do documento, bem como das obras que foram construídas em torno dele. Primeiramente, apresentaremos, com todos os detalhes, o nosso objeto de pesquisa. Depois, a fim de mostrar a complexidade e riqueza dos documentos de Nelson de Senna, traremos neste capítulo importantes elementos para entender a organização e estrutura dos originais do autor.

Vale ressaltar que o trabalho de análise, transcrição e edição, bem como o estudo do documento, teve como base a cópia digital, realizada pelo Arquivo Público da Cidade,⁷³ como já comentado. Entretanto, nosso primeiro contato com o manuscrito foi presencial, assim pudemos fazer uma análise mais detalhada do suporte material.

3.1 Explorando o *Elucidário*

O documento analisado neste trabalho, intitulado *Elucidário de Africanismos: vocabulário de africanismos e afronegrismos usados no Brasil e na África colonial lusitana*, é um vocabulário de africanismos, como o próprio título diz, que abrange as letras de A a Z. O original, apresentado em folhas avulsas e incompleto, é datado de 1938, porém, acredita-se que o documento foi escrito ao longo de mais de 50 anos de pesquisas do seu autor.

Não pudemos ainda – nem sabemos se isso será possível no futuro – datar exatamente o início e o fim da escrita do *Elucidário*. Tentamos, através de datas que aparecem nos originais, recortes de jornais, carimbos, selos, etc., identificar uma provável datação. A primeira data que aparece é de 1938, datilografada pelo autor na abertura de algumas letras, como, por exemplo, a letra A, bem como acontece em outras letras.⁷⁴

⁷³ O documento e todo o arquivo pessoal de Nelson de Senna estão disponíveis para consulta presencial no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, localizado na Rua Itambé, 227, no bairro Floresta.

⁷⁴ Na abertura da letra A, o papel datado carrega o nome de uma papelaria localizada no Centro de Belo Horizonte, Papelaria Pereira. Em pesquisas a jornais da época, identificamos que, em 1936, a Papelaria Pereira era localizada na rua dos Tupinambás, 522, no Centro de Belo Horizonte. Já em 1940, a papelaria muda o seu endereço para a rua Espírito Santo. Podemos depreender, assim, que o momento de escrita deve ter acontecido entre as décadas de 1930 e 1940. Para mais informações sobre a Papelaria Pereira, conferir os dados disponíveis na Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=>

Já na assinatura do texto de abertura, o autor coloca a data de maio de 1946, seis anos antes de sua morte. Acreditamos que essa seja a data de “fim” da escrita do *Elucidário*.

Figura 8 – Assinatura e datação do *Elucidário*

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Introdução], p. 17.

O *Elucidário* é um testemunho autógrafo e misto,⁷⁵ isto é, coexistem no documento tanto texto datiloscrito quanto manuscrito. Entendemos ainda que o documento é um “rascunho”, que retrata o momento primitivo⁷⁶ do processo genético do texto, apresentando marcas físicas de manipulação autoral, como correções, reescritas, acrescentos nas entrelinhas e margens. A ideia de que o documento é um rascunho é reforçada pelo bilhete deixado pelo autor, em que ele pede para “passarem a limpo” o seu trabalho.

Como indicado pelo Arquivo Público, o documento não está completo. Não sabemos dizer se ele está incompleto porque faltam folhas ou se porque o autor não finalizou sua escrita. No entanto, já verificamos que muitos verbetes não foram finalizados, principalmente na parte final do *Elucidário*, nas letras S, T, U, V, X, Y e Z. Nessas letras, o autor coloca somente a entrada do verbete, mas não faz a definição da palavra. Também percebemos que não há vocábulos para as letras N, O, P, Q e R.⁷⁷

Outro fato interessante é a inserção de papéis com anotações e recortes de jornais colados no documento. Os papéis colados, muitas vezes no verso das folhas, são novas palavras inseridas pelo autor. Os recortes de jornais funcionam como abonações dos verbetes, como ilustrado na Figura 9, em que o autor apresenta a acepção da palavra *bugiganga* e seus derivados. No fim da página, como podemos observar, o autor apresenta uma breve crônica de Aires da Mata Machado, “Escrever certo”, publicada na coluna do jornal *Folha de Minas*, em que o autor disserta sobre *bugiganga*.

⁷⁵ Cf. GLOSSÁRIO de Crítica Textual, p. 12.

⁷⁶ Momento primitivo é entendido aqui como processo de constituição do texto, geralmente coberto de rasuras, reescrituras e lacunas. (GLOSSÁRIO de Crítica Textual, p. 11.)

⁷⁷ No segundo volume do caderno *Elucidário de africanismos: verbetes em ordem alfabética de termos africanos*, que compreende as letras de M a Z (Meharista – Zurmá), percebemos que o autor se dedica, da página 66 à página 132, às letras N, O, P, Q e R.

Figura 9 – Reprodução do verbete *bugiganga*

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra B], p. 69.

Todo o material do arquivo pessoal está armazenado em caixas. Dentro dessas caixas estão algumas "pacotilhas", que é uma espécie de embrulho com várias pastas, e, dentro dessas pastas, o material está dividido em *folders*, que são uma espécie de subpastas.

Grande parte do manuscrito está em formato A4 (210 mm de largura e 297 mm de altura), mas algumas folhas apresentam medidas bem irregulares. De modo geral, o documento se encontra em bom estado de conservação e a caligrafia é legível. O original do *Elucidário* é composto por 1.795 folhas. Além das letras de A a Z, há uma pequena introdução de 16 páginas. A letra mais extensa é a C, que possui 319 folhas, seguida da letra M, que contabiliza 253 folhas e foi dividida em duas partes.

Na abertura de algumas partes, como se pode observar na Figura 10, há um pedaço de papel com o título do original e a letra correspondente escrita nas cores azul e vermelha. No caso da letra M, que é dividida em dois volumes, o autor escreve a primeira e a última palavra que compõem a parte.

Figura 10 – Abertura do volume 1 e 2 do glossário da letra M

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra M].

Em outras partes, a abertura se dá por um envelope pardo, que imaginamos que era onde o autor guardava as folhas avulsas. A letra U, como pode ser observado na Figura 11, é um envelope pardo timbrado da Sociedad Argentina de Estudios Geográficos, de Santa Fé, em Buenos Aires. O envelope conta ainda com um carimbo do correio argentino e, no canto superior direito, é possível ver resquícios de cola e de carimbo, supondo que era onde estava colado o selo. No centro do envelope, encontramos o destinatário, “Sr. Prof. C. Nelson de Senna”, e o endereço: Rua Bernardo Guimarães, 1082, prédio residencial, localizado no bairro Funcionários, em Belo Horizonte, onde Nelson de Senna morava.

Figura 11 – Envelope da letra U

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra U].

A letra C do *Elucidário* apresenta quatro diferentes envelopes. No primeiro, o autor escreve na frente: “Elucidário de africanismos (Vocabulario africanista)” e, logo abaixo, coloca a letra correspondente e a primeira e última palavra que estariam dentro do envelope: Caãma-Cazúza. O autor observa que já está datilografado e assina. Entretanto, logo na primeira página da letra C, percebemos que a maior parte da letra está escrita à mão.

Figura 12 – Envelope com a letra C (Caãma-Cazuza)

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos*, p. 383.

No segundo envelope, de “ca a cafagéste”, consta como “parte já corrigida e prompta para ser dactylographada”. Podemos ver ainda que o remetente é a Federação das Academias de Letras do Brasil.

Figura 13 – Envelope com a letra C (ca a cafagéste)

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos*, p. 387.

O terceiro envelope da letra C, que guarda os verbetes “cafanga até calvil urimo” tem como remetente o Banco Nacional do Comércio e Produção, localizado no Rio de Janeiro. Esse é o único envelope que não está endereçado para a rua Bernardo Guimarães, onde residia Nelson de Senna.

Figura 14 – Envelope com a letra C (cafanga até calvil urimo)

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos*, p. 460.

O último envelope, que guarda os verbetes de “centucé a cymba” tem um carimbo com a data de 29 de agosto de 1946 e foi enviado de Buenos Aires, Argentina, por Osvaldo Furst, primeiro secretário da Embaixada.

Figura 15 – Envelope com a letra C (centucé a cymba)

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos*, p. 387.

Para concluir, apresentamos, de forma resumida, alguns aspectos codicológicos do *Elucidário*, examinados nesta seção.

Quadro 1 – Descrição codicológica do *Elucidário de africanismos*

Cota	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – APCBH, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Série Estudos Temáticos, Africanismos (1931-1942) – NCS.3.3(3).
Datação	1938. O documento é datado pelo autor nas páginas de abertura das letras.
Lugar de origem	Não há explicitamente um local de origem do documento; sabemos que é originário da cidade de Belo Horizonte.
Folha de rosto	Não há.
Colofão	Não há.
Suporte material	Papel. Há variedade de tipos de papel; em alguns momentos é possível ver papel com uma gramatura bem baixa, parecendo com papel de seda. Mesmo com as ações do tempo, que deixam o papel amarelado, podemos perceber que há papéis com cores diferentes, uns mais escuros, outros mais claros.
Composição	1.795 folhas avulsas em formato A4 (210 mm de largura e 297 mm de altura).
Organização da página	As manchas são irregulares; não há como contar o número de linhas, pois varia bastante e muitas páginas apresentam espaços em branco; as folhas não são pautadas; apenas algumas páginas são numeradas pelo autor.
Particularidades	Não há.
Encadernação	O documento não é encadernado, as folhas estão soltas.
Conteúdo	Lista de termos afronegros.

Fonte: Elaborada pela autora a partir de CAMBRAIA, 2005, p. 28.

3.2 Entendendo a estrutura dos verbetes

A estrutura pensada e apresentada por Nelson de Senna para a elaboração do *Elucidário* não difere das estruturas de dicionários, glossários e vocabulários. O verbete é a estrutura básica e consiste em dois elementos: a cabeça⁷⁸ do verbete e o enunciado explicativo, que busca enumerar as diferentes acepções. O elucidário proposto pelo autor não apresenta um conjunto de categorias para a descrição dos vocábulos, como classe e gênero, campo temático, etc.⁷⁹

Há diferentes tipos de definições no *Elucidário* e, em um mesmo verbete, é comum encontrarmos mais de um tipo de definição. Enumeramos aqui os principais tipo de definições⁸⁰ encontradas no *Elucidário*:

- 1) definição analítica: enunciado que explicita a acepção de uma palavra (ou expressão) por meio da indicação da categoria semântica em que a entrada se insere e de diferenças específicas.

Figura 16 – Definição analítica: *caçula*

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra C], p. 446.

Legenda: CAÇULA – Termo que a linguagem brasileira tomou dos africanos para designar o ultimo filho do casál, o filho mais môço, ou mais novo de todos, o “benjamin” da família. Também se escreve cassula. Diminutivo “caçulinha”. Ha ainda a fôrma especial caçúlo (o filho mais novo dentre a irmandade). É afro-brasileirismo e o termo procede de kazúle, pavra angólêza, no idioma quimbundo.

- 2) definição descritiva: enunciado que explicita a acepção de uma palavra (ou expressão) enumerando, por exemplo, partes constitutivas de um objeto.

⁷⁸ A “cabeça do verbete”, também chamada de “entrada principal”, “lema” ou “palavra-entrada” é “a palavra ou expressão que encabeça o verbete, o elemento a ser definido ou explicado” (BRASIL, 2012, p. 109).

⁷⁹ No livro *Africanos no Brasil*, o autor apresenta uma parte expressiva do *Elucidário*, separando por campos temáticos, lista de verbos, expressões, adágios, etc.

⁸⁰ Cf. BRASIL, 2012, p. 111.

Figura 17 – Definição descritiva: *aberêm*

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra A], p. 31.

Legenda: **ABERÊM** – Nome afronêgro, de origem yorubana, e pelo qual ainda na Bahia se conhece uma iguaria, especie de acaçá, em que a massa de fubá-de-arroz ou fubá-de-milho é temperada com calda de assucar, em vez de agua e sal. O mesmo que o Abarêm. Deste nome de comida afronêgra introduzida na Bahia, ficaram alli muitas expressões correntes: aberêm-adôçado, aberêm-assucarado, aberêm-assado; aberêm-bahiano; aberêm-com-caruru, aberêm-com-mel, aberêm-da-Bahia; aberêm-de-farinha-de-milho; aberêm-de-fubá-mimôso; aberêm-de-milho-ralado; aberêm-de-Nagô; aberêm-de-pó-de-arroz; aberêm-enrôlado-em-folha-de-bananeira; aberêm-yorubano; bôlo-de-aberêm; etc. Esse nome veio da lingua yoruba, cujos naturaes trouxeram para a Bahia a receita desse bôlo feito de fubá-pubo, ou meio azêdado, de milho e arroz, sendo a massa misturada com agua e sal e tempêros picantes.

Ainda sobre o **ABERÊM** dispomos que esta iguaria de origem afronêgra, conservada na culinaria bahiana e nortista, differe do abará ou abarêm, pois este é uma especie de bôlo feito com massa de “feijão-fradinho”, que leva tempêro de cebôla, sal, pimenta e azeite-de-Dendê; enquanto o aberêm se parece com a nossa pamonha indigena, sendo um bôlo feito, ora com farinha de arroz, ora com farinha de fubá ou de milho, ou mesmo com milho ralado, e levada a massa a cosinhar em “banho-maria”.

- 3) definição enciclopédica: enunciado que detalha informações sobre acontecimentos referentes à entrada.

Figura 18 – Definição enciclopédica: *Festa dos cucumbis*

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra F], p. 1010.

Legenda: “FESTA DOS CUCUMBIS” – na tradicional cerimônia africana, conhecida outrora, no Rio, Bahia e Pernambuco, sob o nome de “Festa dos Cucumbis”, appareciam em publico nêgros e nêgras africanas, vestidos de tangas de pennas e pelles, dansando e cantando, á moda da Africa, em sua lingua nativa. Esse préstito ou bando festivo de nêgros africanos percorria as ruas daquellas cidades brasileiras, sendo acompanhados os seus cantos e dansas pela estrepitosa zoêira dos barbaros instrumentos da musica de sua terra nativa.

- 4) definição sinonímica: enunciado de explicação da acepção de uma palavra ou expressão em que não há propriamente um enunciado definitório, mas séries de palavras pertencentes à mesma classe gramatical e supostamente sinônimas da entrada.

Figura 19 – Definição sinonímica: *kamuéca*

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra K], p. 1235.

Legenda: KAMUÉCA (ou Camuéca) – africanismo que, na linguagem popular brasileira, é synonymo de bebedeira, “carráspãna”, embriaguez.

Em muitos verbetes há remissão, ou seja, uma indicação encontrada a qual remete o leitor a outro verbete. Seu objetivo principal é induzir o usuário a procurar, no verbete correspondente, informações complementares ou relações que colaboram para a apreensão dos sentidos do vocábulo de referência.

Como pode ser observado na Figura 20, no verbete *abulássa*, o autor remete ao verbete *abuláza* (Figura 20a). Dentro da definição da palavra (Figura 20b), o autor menciona a palavra anterior, *abulássa*, e ainda apresenta uma variante: *buláza* (Figura 20c).

Figura 20 – Exemplo de remissão a verbete

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra A], p. 39, 368.

Legenda: a) ABULÁSSA – (vide Abuláza, vocabulo em seguida estudado).

b) ABULÁZA – É um nome africanizado, cujo thema vem do árabe abul; é também escripto Abulássa e designa, entre os naturaes de “Madagáscar”, uma arvore da flora insular malgache. A dita voz arábico-malgache apparece igualmente com a variante metaplástica – Bulaza.

c) BULÁZA – Nome arábico-malgache dado a uma arvore de propriedades medicinaes, na flôra indigena de “Madagáscar”, sendo o dito nome uma variante metaplástica de Abuláza (vide este nome).

Sendo assim, a microestrutura observada no *Elucidário de africanismos* apresenta a seguinte forma:

CABEÇA DO VERBETE – definição do verbete.

As cabeças de verbete, independentemente de serem datiloscritas ou manuscritas, são escritas em caixa alta e, na maioria das vezes, sublinhadas, como pode ser observado nos exemplos acima (Figuras 16, 17, 18, 19 e 20). Importante observar também que todas as palavras sublinhadas (seja no texto datiloscrito, seja a lápis de cor ou à caneta) correspondem a palavras de origem africana.

Ao final do texto introdutório, o autor explica os seus grifos:

tivemos o cuidado de deixar gryphados não sómente os nomes, que se nos afiguram de duvidosa origem, si africanas ou si brasílica, como ainda aquelles que, embora de taes origens derivados, já são perfeitos “brasileirismos” vestindo a fôrma desinencial aportuguesada, na linguagem do nosso povo; e tambem vão gryphados os designativos de agrupamentos ethnographicos africanos e afro-americanos, expressos sob a fôrma peculiar do nosso plural. Adoptámos mais o processo de metter entre “aspas” os termos indigenas e africanos, que pela apparente homonymia poderiam ser confundidos com alguns vocabulos já do vernáculo, já de outros differentes idiomas do mundo.⁸¹

Como podemos observar, o autor usa o recurso sublinhado para grifar os nomes de origem africana e afro-americana, bem como os brasileirismos derivados de palavras de origem africana.

3.3 Obras relativas ao *Elucidário*

Como já mencionado, há ainda outros documentos relativos ao *Elucidário de africanismos* que testemunham o processo de elaboração do trabalho lexicográfico, destacamos aqui as notas, a bibliografia das obras consultadas e lista dos verbetes em ordem alfabética.⁸² De acordo com o APCBH, esses documentos não possuem datação. Também não conseguimos, a partir de uma análise geral, identificar uma provável data. Assim, não é possível dizer se essas obras são etapas anteriores ou posteriores à elaboração do *Elucidário*, ou se representam uma etapa paralela à sua elaboração. Talvez,

⁸¹ SENNA, 1938, p. 17.

⁸² Esses, dentre outros documentos com o tema de afronegrismos, estão disponíveis para consulta no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

no futuro, com uma leitura mais aprofundada desses documentos, seja possível supor alguma datação.

Ao analisar as *Notas para o Elucidário de Africanismos: credices e cultos dos afronegros no Brasil, denominações de locais brasileiros de origem afronegro e verbetes diversos* e o *Elucidário de africanismos: verbetes em ordem alfabética de termos africanos*, concluímos que o *Elucidário* pensado e elaborado por Nelson de Senna vai muito além do nosso objeto de pesquisa. Os três documentos dialogam entre si e um é, claramente, o complemento do outro, que formam uma obra maior e única.

Devido à extensão do *Elucidário* – e também dos demais documentos relativos a ele –, não é possível trabalhar com todo esse conjunto de documentos sobre afronegrismos no âmbito do mestrado. Entretanto, sabemos que eles são de fundamental importância para a pesquisa e para uma futura consulta e, por isso, faremos uma breve descrição desses documentos.

3.3.1 *Elucidário de africanismos: verbetes em ordem alfabética de termos africanos*

Os verbetes em ordem alfabética estão organizados em dois cadernos: o volume I, de A a M, inicia com a palavra *abá* e termina com a palavra *mazómbó*; o volume 2, de M a Z, inicia com a palavra *meharislã* e termina com a palavra *zurmã*. Esses cadernos manuscritos não possuem datação e não conseguimos, em uma análise inicial, identificar nenhuma provável data.⁸³ O conteúdo vai desde bibliografia até verbetes completos, assim como no *Elucidário*.

O primeiro caderno possui capa preta de papel texturizado já desgastada pela ação do tempo. No centro da capa, como se estivesse em baixo relevo e sem a textura do papel, estão a identificação manuscrita do nome do autor, do título e informações sobre o volume. É possível ainda ver que há informações escritas a caneta na capa preta, porém não foi possível identificar o que está escrito.

⁸³ Tentamos, a partir dos recortes de jornais, datar o documento, mas não conseguimos encontrar a fonte e data, pois os extratos foram recortados sem essas informações.

Figura 21 – Capa do primeiro volume do caderno de verbetes

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos*: verbetes em ordem alfabética de termos africanos.

O caderno é composto por 252 páginas numeradas pelo autor. Porém não há regularidade, os números estão sempre na parte superior, ora na margem direita, ora na margem esquerda da página; algumas vezes centralizado, outras, perdidas em meio ao texto.⁸⁴ O caderno é pautado, com 22 linhas, e com uma margem superior maior que a inferior.

Na primeira página do caderno, na margem superior à esquerda, há um carimbo da “Papellaria À Imperial – Assembléa 91”. Logo após o título ““Elucidario de africanismos” na linguagem luso-brasileira”, o autor escreve, como se fosse uma epígrafe, a frase:

⁸⁴ Entendemos que, como se trata de um caderno, seria comum a numeração das páginas ser na margem externa. Assim, no arquivo digitalizado, as páginas ímpares estariam no lado direito e as páginas pares, no esquerdo, mas isso não acontece.

Figura 22 – Primeira página do caderno de verbetes

A partir da segunda página, a bibliografia é numerada sequencialmente na margem esquerda, até o número 100. Depois é reiniciada do 01 e vai até o 65, na letra *S*. A partir da letra *T*, as referências bibliográficas não são numeradas, e o autor apresenta mais nove obras. Entretanto, percebe-se que as 13 primeiras folhas não são as folhas do caderno, são

⁸⁵ Dom Francisco Manoel de Melo (1608-1666) foi um escritor, político e militar português. Devido a uma inimizade com o rei de Portugal João IV, Dom Francisco acabou sendo preso e, em 1655, condenado ao degredo no Brasil, onde viveu por três anos na Bahia. Durante o tempo de clausura, ele redigiu grande parte de suas obras. Dentre elas, Luís da Câmara Cascudo (2015) destaca um manuscrito inédito e perdido, intitulado *Brasil, inferno dos negros, purgatório dos brancos, paraíso dos mulatos*. Entretanto, essa frase citada por Nelson de Senna é atribuída ao jesuíta André João Antonil, em 1711, na obra *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*.

Na página numerada 10, o autor coloca o seu nome na cabeça da página, insere novamente o título, com acréscimo de um subtítulo, e insere duas páginas de uma nova bibliografia. Na página 12, o autor inicia como o seu nome “Professor Nelson de Senna” na cabeça da página e acrescenta: “Pequeno Vocabulário Africanista (acepções, origens e significados de varias palavras locuções de origem africana, empregadas na linguagem portuguesa pelas gentes lusa e brasileira)”. Logo após, inicia-se o dito vocabulário.

Servico de Saude

Notas para um
"Eucidario dos africanismos
occurrentes na linguagem luso-brasilica"

algumas etymologias e significados
de locucões e termos de origem africana,
que se incorporaram ao vocabulario Portuguez,
principalmente no Torajis.

Bibliographia:

Alvares (Don Francisco) - "Vocabulario da Formacao das Terras do Prato Novo"
Augusto Decsson - "A margem de alguns Bracileirismos" (Porto Alegre, 1928)
"Africa magazine" (Revista Illustrada de Rio de Janeiro, 1932)
A. Aguiar - "Historia Ethnographica do Brasil"
F. F. Nogueira - "A Raca Negra"
Jest. affonso Claudio
Frei Bernardo de Camaccian - "Dicionario da lingua brasileira de negro"
Dr. Barão do Amaral
Balthazar Gais - "Contos do passado"
Carlos de Magalhães - "O Congo" (in - Boletim da So-
ciedade de Geographia de Lisboa, n. 3, anno de 1885)
Castanheda (Francisco) - "Historia do descobrimento do Brasil"
Cande de Ficallo - "Plantas Uteis da Africa Portuguesa"
Chapman Brazil - "O Petichismo dos negros no Torajis"
Eugene Reclus - "Afrique" (en une Nouvelle Geographie
Universelle (Rio, 1903)
Ernesto de Vasconcellos - "O Congo Portuguez" (in -
Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa, n. 1, anno de 1885)
George Schweinfurth - Im Herzen Afrika's (uma
tradução franceza "Au Cœur de l'Afrique", de H. Me-
tairie (Rodolfo) - "Diccionario de Torajismos" (Rio de Janeiro)
Hartmann - Die Völker Afrika's (estudo ethnogra-
fico sobre os povos africanos)
Hermenegildo Capello e Roberto Freire - "De Banguella
das Terras de Jacca" (relação de viagem, em 1887) e
"De Angola à Contra-Costa" (descrição da viagem
no continente africano, em 1886, pelos officiaes explora-
dores H. Capello e R. Freire).

55

As manchas são irregulares, nota-se presença de diferentes tipos de tinta, como caneta azul e preta e, por vezes, há uma escrita mais grossa, como se fosse de uma caneta tinteiro diferente. As cabeças dos verbetes são todas sublinhadas, algumas com o próprio instrumento de escrita utilizado, outras com lápis de colorir de cores diferentes, como azul, rosa e laranja.

[illegible]

56

O primeiro volume está, assim como o *Elucidário*, incompleto. Alguns verbetes só possuem a cabeça, mas não apresentam a definição. As páginas 178 e 196 estão totalmente em branco, só é possível ver as manchas da escrita do verso. Há muitas páginas corroídas, mas que já foram restauradas pelo Arquivo Público.

O segundo caderno possui capa de papel texturizado marrom. No centro da capa, está colado um papel com a identificação manuscrita do nome do autor, do título e informações sobre o volume. Na parte de cima da capa, antes do papel colado, há também o nome do autor e da “obra” escritas a caneta na capa.

Figura 25 – Capa do segundo volume do caderno de verbetes

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos*: verbetes em ordem alfabética de termos africanos.

A primeira página do segundo caderno, que o autor enumera como “237 bis”, também inicia com uma bibliografia, que continua nas cinco primeiras linhas da página 238, quando o autor traça um longo risco na horizontal, ligando a margem esquerda à direita, e indica que ali reinicia o vocabulário na letra *M*.

Figura 26 – Página do segundo caderno de verbetes

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos*: verbetes em ordem alfabética de termos africanos.

Assim como no primeiro volume, o volume II está incompleto, mas há muito mais lacunas. As manchas são irregulares, nota-se também a presença de diferentes tipos de tinta, como azul e preta. As cabeças dos verbetes são todas sublinhadas, algumas com a próprio instrumento de escrita utilizado, outras com lápis de colorir rosa e laranja.

Há também algumas folhas que, mesmo numeradas na sequência, não pertencem ao caderno. São folhas com cor e tamanho diferentes, inseridas em um diferente momento pelo autor e numeradas da seguinte forma: 314A, 314B, 334A, 334B, 334C, 334D, 336A, 336B, 338A, 338B, 386A. Somente a página 352 está em branco. A última folha do caderno, que não é pautada, está em branco, sem texto. A folha de guarda apresenta o mesmo carimbo da “Papeleria À Imperial”, na margem inferior à direita.

A seguir, sistematizamos, de forma resumida, alguns aspectos codicológicos dos cadernos de verbetes.

Quadro 2 – Descrição codicológica dos cadernos de verbetes

Cota	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – APCBH, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Série Estudos Temáticos, Africanismos (1931-1942) – NCS.3.3(14).
Datação	O documento não é datado pelo autor, nem pelo APCBH.
Lugar de origem	Não há explicitamente um local de origem do documento, sabemos que é originário da cidade de Belo Horizonte.
Folha de rosto	Não há.
Colofão	Não há.
Suporte material	Papel. Parece-nos ser o mesmo tipo de papel nos dois cadernos: as folhas são pautadas, com 22 linhas, e com uma margem superior maior que a inferior.
Composição	O primeiro caderno possui 252 páginas e o segundo, 218 páginas, ambos estão em formato A4 (210 mm de largura e 297 mm de altura).
Organização da página	As páginas dos cadernos são numeradas e pautadas, com 22 linhas; a mancha é irregular e ocupa a frente e o verso das páginas.
Particularidades	Não há.
Encadernação	Os cadernos têm capa, mas não é possível dizer qual o tipo de encadernação. O primeiro caderno possui capa de papel texturizado preto e o segundo caderno possui capa de papel texturizado marrom.
Conteúdo	Lista de termos afronegros.

Fonte: Elaborada pela autora a partir de CAMBRAIA, 2005, p. 28.

3.3.2 Notas para o Elucidário de Africanismos: crendices e cultos dos afronegros no Brasil, denominações de locais brasileiros de origem afronegro e verbetes diversos

As *Notas para o Elucidário de Africanismos: crendices e cultos dos afronegros no Brasil, denominações de locais brasileiros de origem afronegro e verbetes diversos* é um documento sem datação,⁸⁶ apresentado em folhas avulsas, é manuscrito e datiloscrito e apresenta recortes de jornais. O Arquivo Público da Cidade organizou esse documento em três diferentes partes.

A primeira parte, que chamamos aqui de “Denominações locais brasileiras (de origem afronêgra)”, possui 96 folhas soltas e manuscritas e apresenta a “contribuição dos afronêgrismos para as denominações locais, em território brasileiro, é das mais copiosas, depois, naturalmente, dos nomes locais de procedência portuguesa e dos de origem indígena-brasilica”⁸⁷. Após breve introdução, o autor nomeia nas páginas seguintes todos os nomes locais recolhidos nos anos de pesquisa.

⁸⁶ Tentamos, a partir dos recortes de jornais, datar o documento, mas não conseguimos encontrar a fonte e data, pois os extratos foram recortados sem essas informações.

⁸⁷ SENNA. *Notas para o Elucidário de Africanismos*, p. 1.

DENOMINAÇÕES LOCAIS BRASILEIRAS AFRO-INDÍANAS

A contribuição dos afro-indianos para as denominações locais, no território brasileiro, é das mais copiosas, depois naturalmente, dos nomes locais de procedência portuguesa e do le léxico indígena.

Através dos estudos da União Federal, ao pesquisar-se a nossa Carta Geográfica, surgem dezenas de "nomes locais afro-indígenas", tais como:

Anambé, Anambá, Amambá, Amamba, Amboca, Ambotê, Amicia, Andie, Anubi, Aninho, Angana, Angartem, Angelim, Angicu, Angicál, Angição, Angico, Angicos, Angiquinho, Argôla, Angolas, Angolinha, Angolistê, Augü, Angula, Aniçum, Anjeia, Anjico, Anóque, Antã, Antarse, Antas, Antinha, Antinhas, Ariba, Arimbri, Ariquindê, Ari, "Aria", Anninda, Assunga, Assunga-Balado, Atambri, atungua, Aussa, Aveciúcia, Axium, axixe, Ayaijá, Azagáia, Akambi; Babá, Babelaia, Babári, "Babironga", Babié, Baica, Bacão, "Bacaxá", Baco, Bicolere, Bacoré, "Bacorim", Bácos, Bacurô, Badé, Badeco, Badenço, Badenquê, Badü, Bai, Bafufu,

A segunda parte apresenta nove páginas manuscritas soltas com uma lista de palavras, sem definição, uma página com recorte de jornal, cinco páginas datiloscritas, em formato A4, com palavras e suas respectivas definições, cinco pedaços de papéis datiloscritos com palavras e suas respectivas definições e uma página que apresenta tamanho maior que um A4, pois há nela a junção de três papéis colados, como pode ser observado na Figura 28. É ainda possível notar que esse documento, como os outros, possui lacunas e o autor não finalizou a sua escrita.

[illegible]

1984

62

Figura 29 – Presença de recortes de jornal nas *Notas para o Elucidário*

Fonte: SENNA. *Notas para o Elucidário de Africanismos* [parte II], p. 9.

Como os documentos já foram higienizados e organizados pelo Arquivo Público, acredita-se que a terceira parte das notas estivessem guardadas soltas em um envelope pardo, como o título de *Notas para o glossário ou elucidário de afronegrimos*. Percebe-se aí uma certa hesitação do autor quanto ao título da obra.

Figura 30 – Envelope onde eram guardadas as notas

Fonte: SENNA. *Notas para o Elucidário de Africanismos* [parte III].

Na primeira página de um papel almaço, na posição retrato, o autor escreve em lápis de colorir azul: “Notas para um estudo sobre os cultos fetichistas afronêgros no Brasil”. Na orientação horizontal da página e acima da assinatura, o autor escreve à tinta preta seu nome e dá um “novo título”: “‘Crendices e cultos dos afronêgros no Brasil’ (ensaio de um estudo condensado sobre o assumpto)”. Não há nada mais escrito no papel, entretanto é possível ver, na segunda página, a mancha dos escritos. Na terceira página, centralizado na margem superior, há um carimbo do Hotel Avenida, no Rio de Janeiro (Figura 32).

Figura 31 – Primeira página das *Notas para um estudo sobre os cultos fetichistas afronêgros no Brasil*

Fonte: SENNA. *Notas para o Elucidário de Africanismos* [parte III].

Figura 32 – Detalhes da página com um carimbo do Rio de Janeiro

Fonte: SENNA. *Notas para o Elucidário de Africanismos* [parte III].

Nesse envelope há várias notas escritas em pequenos pedaços de papel e numeradas até 82, depois há mais sete notas que não são numeradas. Pode-se ver no verso de vários desses papéis, principalmente os pautados, o mesmo carimbo do Hotel Avenida.

Figura 33 – Pequenas notas para o *Elucidário*

Fonte: SENNA. *Notas para o Elucidário de Africanismos* [parte III].

Há ainda um segundo envelope, intitulado *Notas para meos estudos sobre africanismos e indigenismos no Brasil*, com 20 pequenas notas. Não sabemos ainda afirmar se esses verbetes são de africanismos ou indigenismos, mas sabemos que o autor também possui um riquíssimo e inexplorado acervo sobre indigenismos.

Figura 34 – Envelope onde eram guardadas as notas

Fonte: SENNA. *Notas para o Elucidário de africanismos* [parte III].

No quadro abaixo, apresentamos, de forma resumida, alguns aspectos codicológicos das notas para o *Elucidário de africanismos*.

Quadro 3 – Descrição codicológica das notas para o *Elucidário*

Cota	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – APCBH, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil Série Estudos Temáticos, Africanismos (1931-1942) – NCS.3.3(5)
Datação	O documento não é datado pelo autor nem pelo APCBH.
Lugar de origem	Não há explicitamente um local de origem do documento, sabemos que é originário da cidade de Belo Horizonte.
Folha de rosto	Não há.
Colofão	Não há.
Suporte material	Papel.
Composição	118 folhas avulsas em formato A4 (210 mm de largura e 297 mm de altura e 128 pedaços de papel de diversos tamanhos (o APCBH, ao organizar o material, dispôs esses papéis em papel branco no formato A4).
Organização da página	As manchas são irregulares; não há como contar o número de linhas, pois varia bastante e muitas páginas apresentam espaços em branco; as folhas não são pautadas nem numeradas pelo autor.
Particularidades	Não há.
Encadernação	O documento não é encadernado, as folhas estão soltas.
Conteúdo	Lista de termos afronegros.

Fonte: Elaborada pela autora a partir de CAMBRAIA, 2005, p. 28.

3.3.3 Biblioteca do autor

Estudar a biblioteca de Nelson de Senna é um importante subsídio para a compreensão do processo de construção da sua obra. Os trabalhos de vários pesquisadores serviram de base para a construção do *Elucidário de africanismos*. O livro *Africanos no Brasil: estudos sobre os negros africanos e influências afronegras sobre a linguagem e costumes do povo brasileiro*, principal obra publicada de Nelson de Senna, apresenta uma extensa lista bibliográfica relacionada aos estudos afrobrasileiros que serviram de referência para Senna. Grandes nomes dos estudos sobre africanismos estão presentes, como os já mencionados Jacques Raimundo e Renato de Mendonça, e também Aires da Mata Machado Filho (*O negro e o garimpo em Minas Gerais*, 1964), Dante de Laytano (“Os africanismos no dialeto gaúcho”, 1936), Nina Rodrigues (*Os africanos no Brasil*, 1932), dentre outros. Jacques Raimundo, na obra *O elemento afro-negro na língua*

portuguesa (1933) já citava duas publicações de Nelson de Senna: o artigo “Africanos no Brasil”, publicado na *Revista de Língua Portuguesa* em 1921, e “Corografia de Minas Gerais”, publicado em 1922.

Além do livro *Africanos no Brasil*, o documento *Bibliografia para o Elucidário de Afronegrismos: relação por ordem alfabética das obras consultadas para a elaboração do Elucidário de afro-negrismos do Brasil* apresenta uma lista das obras e autores que serviram de base para a elaboração do *Elucidário de africanismos*. A *Bibliografia* faz parte do arquivo pessoal de Nelson de Senna, também salvaguardado no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. De acordo com o autor, o documento é uma lista ampliada da bibliografia apresentada ao final da obra *Africanos no Brasil*, que à época de sua publicação ainda estava em elaboração. Existem dois exemplares no APCBH da *Bibliografia*: o primeiro, contém 28 folhas avulsas, datiloscritas e manuscritas, e é possível perceber que, além de o documento estar incompleto (iniciando na letra C), o autor fez muitas inserções nas entrelinhas; o segundo, com 68 folhas avulsas datiloscritas numeradas na cabeça da página, está completamente organizado e sem rasuras. Podemos, assim, depreender que o primeiro exemplar (Figura 35) é um rascunho que foi passado a limpo e ampliado, dando origem ao segundo (Figura 36).

A título de exemplo, apresentamos aqui uma página do primeiro exemplar (Figura 35) sobre a qual o autor inseriu nas entrelinhas a obra *Vestígios da língua arábica em Portugal ou léxico etimológico*, de “Frei João de Souza”. Já na Figura 36, Nelson de Senna corrige o nome do autor para “Frei José de Souza” e acrescenta uma breve descrição da obra. A obra também é citada no livro *Africanos no Brasil*.

Figura 36 – Reprodução da *Bibliografia para o Elucidário de afronegrismos*

Fonte: SENNA. *Bibliografia para o Elucidário de afronegrismos*, p. 29.

As obras e trabalhos dos autores relacionados na extensa bibliografia foram objeto de constante consulta, como fonte de estudo, nas pesquisas e explicação das origens, significados e definições de “vozes e nomes afronegros”, referentes a vários assuntos e temas. A lista é composta por dicionários, livros de teoria, linguística e literatura, como demonstraremos a seguir.

3.3.3.1 Dicionários, gramáticas e vocabulários

Os dicionários são importantes obras de consulta do léxico de uma língua, fornecendo, além de definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia. Nelson de Senna lista diversos dicionários, em português e em língua estrangeira, que foram consultados para a elaboração do *Elucidário*.

O *Vocabulário português e latino*,⁸⁸ mais conhecido como o “Vocabulário de Bluteau”, é considerado o primeiro dicionário da língua portuguesa,⁸⁹ tendo sido publicado entre 1712 e 1728 pelo padre Raphael Bluteau. Composto por cerca de 43,6 mil verbetes, foi dedicado ao então rei de Portugal por seu autor.

Em 1888, é publicado, no Rio de Janeiro, o *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* de Antonio Joaquim de Macedo Soares. Antes, ele publicara, em 1880, na *Revista Brasileira*, “Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro”. O autor defende no seu trabalho que a escrita deve se pautar pela linguagem falada do Brasil e não pela língua escrita em Portugal.

O Visconde Beaurepaire-Rohan, em 1889, publica, no Rio de Janeiro, *Dicionário de vocábulos brasileiros*, fruto da sua cultura humanística e da observação acurada, em trabalho de campo, fazendo a recolha de vocábulos e frases que ouvia em suas andanças pelo Brasil, onde foi, dentre outras atividades públicas exercidas, ocupante dos cargos de Presidente das Províncias do Pará, Paraná e da Paraíba.

Já no século XX, em 1932, Cândido de Figueiredo publica, no Rio de Janeiro, o *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. No mesmo ano, Antenor Nascentes publica o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Antes, em 1922, Nascentes publicara,

⁸⁸ Em abril de 2008, o vocabulário de Bluteau foi totalmente digitalizado pelo Instituto de Estudos Brasileiros – IEB da Universidade de São Paulo, e está disponível para consulta pública e gratuita em <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>.

⁸⁹ Embora seja considerado o primeiro dicionário da língua portuguesa, há dicionários menores que são anteriores à obra de Raphael Bluteau. O pequeno dicionário de Jerônimo Cardoso, de 1562, era composto por cerca de 12.000 entradas e deve ser “considerado como o padrão inicial da lexicografia do português”. Há ainda vários outros dicionários, como o de Agostinho Barbosa, em 1611; de Amaro Reboredo, em 1621; e de Bento Pereira, conhecida pelo título de *Prosodia*, em 1634. (cf. VERDELHO, 2002).

também no Rio, *O linguajar carioca* e *O idioma nacional*, publicado em dois volumes, nos anos de 1926 e 1927.

Dicionários e gramáticas em outras línguas também são citados, como o *Dictionnary and Grammar of Kongo-Language*, de Bentley;⁹⁰ *Grammar and Dictionnary of Yoruba Language*, de Bowen, publicado em Londres, em 1958; *Grammar and Vocabulary of Yoruba Language*, de Crowther, publicado em Londres, em 1852. Obras do linguista e missionário protestante suíço Héli Chatelain, que lutou contra a escravidão que ainda assolava o país no século XIX, são citadas: *Gramática elementar do Kimbundo*, edição portuguesa, publicada em Lisboa, em 1888-1889. *Folk Tales of Angola*, publicada nos EUA, em 1894; e “Vocabularies os Ubamba and U-Mbangala”, publicada em uma revista alemã, em 1889.⁹¹

Vários vocabulários são mencionados por Nelson de Senna, como a “Coleção de vocábulos e frases usadas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul”, de Antonio Alves Pereira Coruja, publicado em 1852, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. O autor considera este vocabulário um dos mais importantes, pois abriu caminho para outros escritores iniciarem a colheita de vocabulários regionais brasileiros.

Após um ano da publicação do vocabulário de Coruja, em 1853, Braz da Costa Rubim publica na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, no Rio de Janeiro, o “Vocabulário brasileiro”. Este vocabulário, assim como os trabalhos de Beaurepaire-Rohan, Alves Coruja, Pereira da Costa, “serve de proveitosa consulta para o bom conhecimento de muitos dos nossos africanismos negros”.⁹²

No século XX, aparecem outros importantes trabalhos: *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, publicado em São Paulo, em 1920, que inclui muitos africanismos brasileiros, e *O dialeto capiau*, coletânea de caipirismos com vários nomes de vozes afronegras, de Jorge Guimarães Daupias, publicado no Rio de Janeiro, em 1922. Em Porto Alegre, é publicado *O Vocabulário gaúcho*, em 1926, por Roque Callage, apresentando vários nomes usuais de origem afronegra.

⁹⁰ Não conseguimos encontrar outras informações para a construção de uma referência completa. Entretanto, no documento, o autor acrescenta a informação que “além da língua dos nativos do Congo, esse autor [Bentley] inglês estudou o idioma Swahili na mesma região africana” (Cf. SENNA. *Bibliografia para o Elucidário de afronegrismos*, p. 12).

⁹¹ Intitula-se *Zeitschrift für Afrikanische Sprachen*. A revista, de Berlim, dedicava-se ao estudo de línguas africanas.

⁹² SENNA. *Bibliografia para o Elucidário de afronegrismos*, p. 14.

3.3.3.2 Literatura

Nelson de Senna cita diversos autores brasileiros, de contos e romances, que, de alguma forma, trabalharam com a cultura e o léxico afronegro, como seus contemporâneos Affonso Arinos, Coelho Netto, Euclides da Cunha, Valdomiro Silveira, dentre outros. O autor também lembra do cubano Fernando Ortiz e de suas obras, ricas para o estudo de afronegrismos e negros afrocubanos, como *Los negros brujos* (1906), *Los negros esclavos* (1916) e *Glossário de afronegrismos* (1924).

Mesmo enquanto estudante, Affonso Arinos (1868-1916) já demonstrava propensão para a escrita e começou sua carreira de escritor fazendo alguns contos. Advogado, romancista e contista, ingressou na Academia Brasileira de Letras em 1901 e foi fundador da Faculdade de Direito de Minas Gerais, lecionando Direito Criminal. Escreveu *Pelo sertão*, *Mestre de campo*, *Lendas e tradições brasileiras* e *Histórias e paisagens*, importantes obras que sobre costumes e tipos negros.

Coelho Neto (1864-1934) era malvisto pelos modernistas devido à sua linguagem rebuscada e ao seu estilo. Foi professor na Escola Nacional de Belas Artes, deputado federal no Maranhão e fundador da Cadeira de número 2 da Academia Brasileira de Letras. Destacamos as obras, citadas por Nelson de Senna, *Rei negro*, *Banzo*, *Quebranto* e *Sertão*, que são ricas em informações sobre nossos costumes, crenças e vocabulário afronegro.

Euclides da Cunha (1866-1909) foi um escritor, jornalista e professor brasileiro. Enviado como correspondente ao Sertão da Bahia, pelo jornal *O Estado de São Paulo*, para cobrir a guerra no município de Canudos, o autor escreve o livro *Os sertões*, obra comentada e traduzida em diversos idiomas, que é uma fonte de vocabulário brasileiro com forte presença de africanismos e indigenismos.

O escritor Valdomiro Silveira (1873-1941), assim como Nelson de Senna, era formado em Direito. Exerceu os cargos de Promotor de Justiça, deputado estadual e de Secretário da Educação e Justiça do Estado de São Paulo e foi membro da Academia Paulista de Letras. Os seus contos buscam retratar os costumes e tradições da população interiorana de São Paulo, sendo considerado por alguns estudiosos como o precursor do regionalismo. Valdomiro Silveira se mostra um grande conhecedor dos temas afronegros através das narrativas literárias de suas obras *Caboclos* (1920) e *Nas serras e nas furnas*, que são acompanhadas de valiosos vocabulários.

3.3.3.3 Obras sobre a língua afronegra

Após uma breve análise da bibliografia utilizada por Nelson de Senna, listamos a seguir os autores e as obras da biblioteca do autor que dissertam sobre a influência africana no Brasil e que são considerados, pela historiografia, como os mais importantes na área.

Aires da Mata Machado Filho (1909-1985): Filólogo, professor⁹³ e linguista brasileiro, nascido na cidade de Diamantina, próxima ao Serro. Registrou um dialeto falado por descendentes de escravos em São João da Chapada, distrito de Diamantina, publicado na obra *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. A obra foi inicialmente publicada pela José Olympio, no Rio de Janeiro, em 1943. Mais de 20 anos depois, em 1964, a obra foi reeditada pela editora Civilização Brasileira, também no Rio de Janeiro. Em 1985, a obra é novamente publicada pela editora Itatiaia, em Belo Horizonte.

Figura 37 – Edições de *O negro e o garimpo em Minas Gerais*

Fonte: Acervo da autora.

Legenda: a) Edição de 1943, da editora José Olympio.

b) Edição de 1964, da editora Civilização Brasileira.

c) Edição de 1985, da editora Itatiaia.

Embora o *Elucidário* seja datado em 1938, e a primeira edição de *O negro e o garimpo em Minas* seja datada em 1943, Nelson de Senna inclui a obra na sua bibliografia. O autor ainda reúne no próprio *Elucidário* recortes de jornal que noticiam a publicação da obra de Aires da Mata Machado Filho (Figura 34).

⁹³ Aires da Mata Machado Filho está entre os professores catedráticos que formularam os primeiros programas das disciplinas e ministraram as aulas no início do Curso de Letras. O professor, responsável pela área de Filologia Românica, é professor emérito da Faculdade de Letras da UFMG.

Figura 38 – Recortes de jornal sobre a obra de Aires da Mata Machado Filho

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letras S a Z], p. 96.

Dante de Laytano (1908-2000): Juiz, professor, jornalista, folclorista, historiador e escritor brasileiro, foi um estudioso e pesquisador dos usos, costumes e tradições gaúchas, bem como profundo conhecedor do idioma pátrio e de dialetologia, com especial dedicação ao linguajar do gaúcho brasileiro. Publica, em 1936, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, “Os africanismos no dialeto gaúcho”. No segundo parágrafo de seu texto introdutório ao vocabulário afro-sul-rio-grandense, o autor já cita o trabalho de Nelson de Senna com os africanismos (Figura 35).

Figura 39 – “Os africanismos no dialeto gaúcho”, de Dante de Laytano

Fonte: Reprodução feita a partir do exemplar disponível na biblioteca da Faculdade de Arquitetura da UFMG.

Edison Souza Carneiro (1912-1972): Escritor e um dos maiores etnólogos brasileiros, comprometido com os estudos sobre a cultura afrobrasileira. Entre suas obras estão *Religiões negras*, de 1936, e *Negros bantos*, de 1927, ambas as edições publicadas pela Civilização Brasileira, no Rio de Janeiro. O autor possui diversas obras sobre a temática publicadas após 1938, data do *Elucidário*.

Jacques Raimundo (1889-?): Filólogo e escritor, nascido no Rio de Janeiro, membro da Academia Brasileira de Filologia e da Academia Carioca de Letras. Na área de estudos africanos, destaca-se o livro *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, publicado no Rio de Janeiro, pela editora Renascença, em 1933, e *O negro brasileiro e outros escritos*, publicado pela Record, no Rio de Janeiro, em 1936. Na letra A do *Elucidário*, Nelson de Senna cita por três vezes o livro *O negro brasileiro* como referência para escrita de verbetes.

O escritor Jacques Raimundo cita em suas obras duas publicações de Nelson de Senna: o artigo “Africanos no Brasil”, publicado na *Revista de Língua Portuguesa* em 1921, e “Corografia de Minas Gerais”, publicado em 1922.

Figura 40 – Publicações de Jacques Raimundo

Fonte: a) BABEL Leilões. Disponível em: <<http://www.babelleiloes.com.br/peca.asp?Id=986976>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

b) ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/a-matriz-negra-da-lingua-portuguesa-no-brasil/3250>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906): médico, psiquiatra, professor, escritor, antropólogo e etnólogo brasileiro. Foi o primeiro estudioso brasileiro a abordar a temática do negro como questão social relevante para a compreensão da formação racial da população brasileira. Entre suas obras estão *O animismo fetichista dos negros da Bahia*, editada em 1900; *Africanos no Brasil*, edição póstuma, publicada em 1932, pela Companhia Nacional, em São Paulo; o estudo “A Tróia negra no Brasil” (erros e lacunas sobre quilombos de Palmares e sua história), publicado na Bahia, em agosto de 1905.

Figura 41– *Os africanos no Brasil*, de Nina Rodrigues

Fonte: LEVY Leiloeiro. Disponível em: <<https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=167433>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

Renato de Mendonça (1912-1991): Diplomata e bacharel em Ciências e Letras, é autor de *A influência africana no português do Brasil*, publicado em 1935, pela Companhia Editora Nacional, em São Paulo. Este trabalho foi resultado de sua tese de concurso no Colégio Dom Pedro Segundo, no Rio de Janeiro.⁹⁴

⁹⁴ A obra de Renato Mendonça foi reeditada em 2012, pela Fundação Alexandre de Gusmão – FUNAG, e está disponível para download em: <http://funag.gov.br/loja/download/983-Influencia_Africana_no_Portugues_do_Brasil_A.pdf>.

Figura 42 – *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça

Fonte: LIVRARIA Traça. Disponível em: <<https://www.traca.com.br/livro/63663/#>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

3.3.4 Outros documentos

O Arquivo pessoal de Nelson de Senna é dividido em oito partes. Na terceira parte, nomeada de “Estudos temáticos”, há uma subparte dedicada aos estudos de africanismos, que é datada de 1931 a 1942. Listaremos abaixo todos os outros documentos dessa parte, que estão disponíveis no Arquivo Público da Cidade:

1. *Vocabulário de africanismos na língua portuguesa*: índice alfabético das vozes, palavras e expressões primitivas e derivadas das línguas africanas. Letras A-Z. cadernos. Manuscrito e recortes de jornais. 1931.
2. *A Linguagem dos Africanos e sua influência na língua portuguesa do Brasil*: tese apresentada na semana de estudos afro-brasileiros em comemoração do cinquentenário da Lei Aurea. Folhas avulsas. 1938.
3. *Vocabulário de africanismos e afro-negrismos*: índice de termos africanos presentes na linguagem popular brasileira. Letras A-Z. 16 cadernos. 1940-1942

4. *Introdução do vocabulário de africanismos*: texto introdutório do vocabulário de africanismos. Folhas avulsas.
5. *Adagiário afro-negro brasileiro*: relação em ordem alfabética de adágio, ditos ou provérbios afro-negros brasileiros. Letra A-Z. Incompleto. Folhas avulsas. s.d.
6. *Africanismos na linguagem brasileira*: comentário do livro de Dante Laytanao, "Os africanismos do dialeto gaúcho". Folhas avulsas. s.d.
7. Relação alfabética dos afro-negrismos que se encontram na linguagem popular brasileira: verbetes afro-negros presentes na linguagem popular brasileira. Incompleto. Folhas avulsas. s.d.
8. *Vocabulário de africanismos*: dicionário de termos africanos. Letras B-D; F-J; N-R. Folhas avulsas. s.d.
9. *Vocabulário de africanismos*: índice (A-Z) e verbete (letra A) de termos afro-negros. Incompleto. Folhas avulsas. s.d.
10. *Vocabulário de africanismos*: verbetes em ordem alfabética de termos de origem africana. Letras A; C; D; K; M; Q-Z. Incompleto. Folhas avulsas, recorte de jornal. s.d.
11. *Contribuição literária brasileira à cultura afro-negra*: comentário sobre a contribuição de literários brasileiros à cultura afro-negra no Brasil. Incompleto. Folhas avulsas. s.d.
12. Índices alfabéticos de africanismos freqüentes na língua portuguesa. Folhas avulsas. s.d.
13. *Termos africanos*: relação de termos africanos ou de origem africana. Letras A-H. Incompleto. Folhas avulsas. Manuscritos e recortes de jornal. s.d.
14. Recortes de jornais. s.d.

CAPÍTULO 4

INTERPRETAR A GÊNESE DA OBRA: A EDIÇÃO DO *ELUCIDÁRIO*

As palavras existiam, mas perdidas e isoladas na língua oral. Fixá-las na sua materialidade, classifica-las em um glossário, reenviam-nas ao contexto, dão-lhes uma outra existência e tiram-nas do esquecimento.

Philippe Willemart

Pensar a edição do *Elucidário de africanismos*, de Nelson de Senna, implica estudar e discutir os fundamentos da edição de textos. Para isso, utilizaremos noções próprias do universo da Filologia – ciência que consiste no estudo global de um texto, ou seja, na “exploração exaustiva e conjunta dos mais variados aspectos de um texto: linguístico, literário, crítico textual, sócio-histórico, etc.”,⁹⁵ – pois acreditamos que só é possível elaborar uma boa edição quando se estuda o documento nas perspectivas material, histórica e cultural.

4.1 A edição de textos no campo da Filologia

Sabendo da importância de se elaborar edições para a preservação do texto e, conseqüentemente, da história, ao realizar seu trabalho, o profissional precisa recorrer a diversos materiais que servirão de suporte para o estudo do contexto em que se insere determinada obra e que fornecerão possibilidades para suas intervenções críticas.

No campo das Letras, a filologia, área conexas à linguística histórica, se ocupa da conservação, restauração e preservação do “patrimônio cultural escrito”:⁹⁶ o texto. Essa disciplina é caracterizada como uma ciência e se desdobra em outras disciplinas com objetos e métodos específicos. O filólogo brasileiro Segismundo Spina defende que a filologia não subsiste sem o texto escrito, pois é o texto a sua razão de ser. Para o autor, uma das funções da atividade filológica, denominada de “função substantiva”, concentra-se no texto para “explicá-lo, restituí-lo à sua forma genuína e prepará-lo tecnicamente para publicação”.⁹⁷

Reforçando esta ideia, a filóloga Rosa Borges dos Santos reitera que o objetivo da filologia é o texto – manuscrito, datiloscrito, impresso, oral ou escrito –, tomado para

⁹⁵ CAMBRAIA, 2005, p. 18.

⁹⁶ CAMBRAIA, 2005, p. 19.

⁹⁷ SPINA, 1994, p. 83.

investigação histórica, filológica, dentre outras atividades que envolvam o seu estudo. A “publicação e estudo de textos são um ato de preservação do patrimônio literário, linguístico e escritural de determinada comunidade e constituem obrigação de arquivistas, historiadores, e, particularmente, de filólogos”, a fim de “perpetuar a memória coletiva, histórica, literária e linguística de um povo” para as gerações vindouras.⁹⁸

Dessa forma, a edição do *Elucidário de africanismos* de Nelson de Senna – pela natureza do gênero, que já é em si um ato de preservação do patrimônio linguístico, e pela riqueza da documentação existente relativa ao seu processo de produção – convoca duplamente a necessidade de realização de um estudo preparatório capaz de integrar aspectos históricos e linguísticos. É importante ressaltar que a edição do *Elucidário* implica, dessa maneira, em uma série de procedimentos minuciosos de pesquisa verbal, material e cultural, bem como na investigação de ampla documentação constituída por cadernos, folhetos, cartas, obras do próprio autor e de terceiros e seus suportes e percurso histórico. Além disso, a edição póstuma impõe um cuidado ainda maior no tratamento do texto, para que não se comprometa a obra e o próprio nome do autor.⁹⁹

De acordo com Cambraia,¹⁰⁰ a escolha do tipo de edição a ser aplicada a um determinado texto exige uma reflexão grande do crítico textual, pois cada tipo tem características próprias e distintas. Para o autor, dois aspectos, em especial, devem ser observados: o público-alvo e a existência de edições anteriores. Pensar no público-alvo é importante para delimitar as diferentes áreas de interesse de cada tipo de público. Acrescenta-se aqui um terceiro aspecto que, para o presente trabalho, é o mais importante: a finalidade da edição. A edição que é proposta visa realizar o desejo do intelectual Nelson de Senna, editando seus manuscritos, além de contribuir, direta e indiretamente, para o reconhecimento da presença afronegra na formação do português brasileiro, em especial do dialeto mineiro, e colaborar com a difusão dos resultados da pesquisa lexical desenvolvida, na primeira metade do século XX, pelo intelectual mineiro.

Inicialmente, duas edições chamam a nossa atenção neste trabalho: a edição crítica e a edição genética. Ao analisar esses tipos de edição, percebemos que elas são consideradas *politestemunhais*, ou seja, baseadas no confronto de dois ou mais testemunhos de um mesmo texto. Por mais que o *Elucidário de africanismos* seja

⁹⁸ SANTOS, 2012, p. 19.

⁹⁹ Alguns autores, como o filólogo Leodegário de Azevedo Filho, criticam a edição póstuma e acreditam que o melhor a se fazer é não publicar o texto (Cf. AZEVEDO FILHO, 2006, p. 19-20).

¹⁰⁰ CAMBRAIA, 2005, p. 90.

considerado um documento *monotestemunhal*, sabemos que uma parte expressiva do *Elucidário* está presente no livro *Africanos no Brasil*.¹⁰¹ Há ainda outros três documentos relativos ao *Elucidário* que testemunham o processo de elaboração do trabalho, são: 1) *Notas para o Elucidário de Africanismos: credences e cultos dos afronegros no Brasil, denominações de locais brasileiros de origem afronegro e verbetes diversos*, 2) *Elucidário de africanismos: verbetes em ordem alfabética de termos africanos* e 3) *Bibliografia para o Elucidário de Afronegrismos: relação por ordem alfabética das obras consultadas para a elaboração do Elucidário de afro-negrismos do Brasil*.

Esses documentos relativos ao *Elucidário*, bem como o confronto entre as diferentes campanhas de edição¹⁰² presentes nos seus originais, caracterizam um estudo genético, pois estamos diante de diversas etapas do texto coexistentes em um só suporte. Portanto, mesmo que não haja originais múltiplos em diferentes suportes, há diversas etapas do original em um mesmo suporte.

Assim, edição que nos despertou maior interesse para este trabalho foi a edição genética, que busca interpretar a obra à luz de seus rascunhos ou documentos preparatórios, e também busca estudar as diferentes etapas de intervenções autógrafas sobre o mesmo suporte. Assim como a edição crítica, alguns críticos textuais defendem que a edição genética também deve ser feita através da comparação de testemunhos, e também entre as diferentes etapas de mudança autoral em um mesmo testemunho, registrando as diferenças entre as redações preliminares de um texto e a forma final, dada pelo autor.¹⁰³

A crítica genética surgiu na França na década de 1970, e no Brasil, na década de 1980.¹⁰⁴ Nesta época, acreditava-se que ela deveria estudar estritamente o manuscrito e seu processo de criação. Hoje, o campo da crítica genética foi ampliado e abrange “desde o universo mental do escritor até as marginálias dos livros lidos, sua correspondência

¹⁰¹ No livro *Africanos no Brasil*, o autor já enumera uma série de palavras divididas por campos semânticos: alimentos, animais, armas, aves, bebidas, cantigas, castigos, comidas, costumes, danças, doces, doenças, drogas, feitiços, festas, frutos, jogos, música, mitos, parte do corpo, plantas, vestes e até vícios (Cf. SENNA, 1938a, p. 159-180). Logo depois, em “Resenhas Annexas”, o autor apresenta uma lista de verbos brasileiros derivados de vozes africanas, expressões e ditos populares (Cf. SENNA, 1938a, p. 183-253).

¹⁰² Entendemos aqui como campanha de edição as operações de escrita realizadas pelo autor em um determinado momento. Percebemos, ao analisar as várias camadas de texto, que depois de uma interrupção temporal, começa-se uma nova campanha de escrita/edição, que, muitas vezes, implica em uma reescrita. Vale lembrar que também há as campanhas de correção, que acontecem do início ao fim do documento, e representam um momento genético (cf. GLOSSÁRIO de Crítica textual, p. 2).

¹⁰³ CAMBRAIA, 2005, p. 104-105

¹⁰⁴ Cf. BIASI, 2010; WILLEMART, 2001.

passiva e ativa, os livros consultados e os estudos de exogênese em geral”.¹⁰⁵ O princípio da abordagem genética baseia-se na constatação de que o texto final é o resultado de um trabalho de elaboração progressiva. Assim, nesse processo de elaboração, o autor se dedica “à pesquisa de documentos e ou de informações, à concepção, à preparação, para então dedicar-se à redação do texto, a diversas campanhas de correções e revisões, etc.”.¹⁰⁶

Nesse sentido, a crítica genética dedica-se a ler e interpretar manuscritos modernos, propondo-se dar a ver e a ler os movimentos de sua gênese. A tarefa do geneticista é tornar “disponível, acessível e legível os documentos autógrafos que [...] contribuíram para a elaboração de um texto e servem de testemunhas materiais de uma dinâmica criadora”.¹⁰⁷ Assim, buscamos neste trabalho entender o processo de produção do *Elucidário* e o processo criativo do escritor, além de buscar os rastros interpretáveis do trabalho do intelectual.

Até o presente momento de nossa análise do documento, pensamos que a melhor edição a ser aplicada é a *edição crítico-genética*,

edição que combina os objetivos e os métodos da edição crítica e da edição genética: por um lado, reproduz o texto que o seu responsável considera criticamente como contendo a última vontade do autor, registrando todas as intervenções do editor; [...] por outro lado, faz a recensão de todos os manuscritos [e documentos] relacionados com o texto, classificando-os, organizando-os e descrevendo-os, registrando em aparato genético as sucessivas alterações autorais, lugar a lugar e testemunho a testemunho, utilizando para isso um dispositivo técnico que permite ao leitor reconstituir a gênese do texto e, eventualmente, no caso em que o texto não foi claramente acabado pelo autor, fazer a escolha de cada uma das variantes alternativas.¹⁰⁸

Nossa proposta para edição e publicação dos originais de Nelson de Senna é de uma edição crítico-genética, ou seja, a partir da observação das diferentes etapas do original, iremos depurá-las, para chegar à última etapa do texto limpo. Usaremos, assim, a metodologia genética para chegar a um produto final crítico, buscando exemplos de edição crítica, para mostrar ao leitor a complexidade do texto.

¹⁰⁵ WILLEMART, 2001, p. 167.

¹⁰⁶ BIASI, 2010, p. 13.

¹⁰⁷ GRÉISILLON, 2007, p. 29.

¹⁰⁸ GLOSSÁRIO de Crítica Textual, p. 5.

4.2 O estudo crítico-genético da obra de Nelson de Senna

O *Elucidário de africanismos* é um manuscrito moderno¹⁰⁹ caracterizado por certos parâmetros materiais”.¹¹⁰ A escrita de Nelson de Senna evidencia os aspectos associados à sua pessoa: quem escreve, anota, emenda, dando a conhecer práticas de escrita, ou seja, as etapas de um processo. Por sua vez, a materialidade dos originais nos informa sobre suas características culturais: os suportes de escrita (papéis), os instrumentos, as tintas, a disposição da escrita no espaço gráfico, o uso de máquinas de escrever, etc. Essas características baseiam-se em fundamentos filológicos essenciais para o estudo dos manuscritos modernos autógrafos, incluindo os textos datiloscritos com marcas manuscritas, que integram o processo genético da escrita.

Ainda no que diz respeito à materialidade, a máquina de datilografia, que despontou no Brasil como o principal instrumento de escrita, foi muito utilizada por Nelson de Senna na escrita do *Elucidário*. O momento de datilografia, para os escritores que preferiam criar à mão, era “a fase de distanciamento, de passar a limpo, que eles confiam à máquina, com o risco, aliás de fazer de novo correções manuscritas”,¹¹¹ como nos revela os documentos do autor. Assim, os originais, dotados de marcas de revisão e reescrita, constituem um texto em fase de finalização, fazendo necessário ainda proceder à revisão, eliminando erros de datilografia e realizando correções de grafia, acentuação e pontuação. Depois de datilografados, percebemos que os textos ainda sofreriam novas alterações, produzindo assim uma nova versão para o texto.

Não se pode negar que todos os processos de reescrita e rasuras nos originais são de responsabilidade de Nelson de Senna. Tudo que está nos originais – nas marginais, nas entrelinhas, nas colagens de papéis e recortes de jornais – é relevante para compreender o processo criativo do autor e nos levam a entender um pouco melhor como nasce o texto.

Todas as milhares de páginas do *Elucidário*, sem exceção, contêm “incidentes redacionais”.¹¹² É impossível contabilizar esses incidentes, mas sabemos que todos são atos usuais de reescrita: acréscimos de informação, arrependimentos sumários, correções de palavras e uma organização alfabética dos verbetes.

¹⁰⁹ Quando falamos em manuscrito moderno, estamos fazendo referência aos textos preparados pelo próprio autor, documentos autógrafos, e que atestam a gênese textual, o trabalho de escrita de um escritor.

¹¹⁰ GRÉSILLON, 2007, p. 55.

¹¹¹ GRÉSILLON, 2007, p. 63.

¹¹² CASTRO, 2007, p. 23.

Nosso propósito neste trabalho é utilizar a metodologia genética, mas com um fim crítico. Isto é,

além de extrair e de expor as riquezas encontradas, pretende [...] discernir e entender o processo de criação, isto é, aproximar-se deste mistério e desvendar a montagem da narrativa e o estilo do autor. Nessa procura do *como*, que supõe uma lógica e uma concatenação na obra, o crítico às vezes encontra um resto *ilógico* que o prototexto, sustentado por uma lógica mais ampla pode sustentar.¹¹³

Assim, procuramos ordenar e percorrer as diferentes etapas genéticas da obra não para preparar uma edição genética, mas sim para localizar a última camada – ou o último nível de intervenção autoral –, para compô-lo editorialmente e trazê-lo, limpo, a público.

Mesmo trabalhando sobre um mesmo suporte, o trabalho de edição dos originais de Nelson de Senna é genético, na medida em buscamos ordenar e comparar diferentes etapas do original, as quais são distinguíveis inclusive pela matéria aparente utilizada em cada etapa. Importante ressaltar que outros materiais do vasto acervo do autor poderão ser consultados eventualmente.

Com a certeza de que “ao rasurar, complementar, esclarecer, corrigir, alterar, margear esta ou aquela palavra, esta ou aquela passagem, o autor atribui sua marca ao texto”, sabemos que metodologia da crítica genética nos permitirá reconhecer autenticidade e valor ao texto,¹¹⁴ para assim compor uma edição crítica da obra de Nelson de Senna.

4.2.1 Uma reconstrução do percurso de gênese da obra

O estudo dos originais de Nelson de Senna nos permite diversas e inúmeras análises. Para alcançar o nosso objetivo e apresentar o *Elucidário* editado, isto é, um texto limpo, precisamos percorrer diversas etapas, utilizando a metodologia genética para chegar a um produto final crítico.

Assim, na perspectiva teórico-metodológica da Crítica Genética temos como

Seu objeto: os manuscritos literários, tidos como portadores do traço de uma dinâmica, a do texto em criação. Seu método: o desnudamento do corpo e do processo da escrita, acompanhado da construção de uma série de hipóteses sobre as operações escriturais. Sua intenção: a literatura como um fazer, como atividade, como movimento.¹¹⁵

¹¹³ WILLEMART, 1993, p. 76.

¹¹⁴ PINHEIRO, 1998, 43.

¹¹⁵ GRÉSILLON, 2007, p. 19.

Entender como a obra foi pensada é um ponto fundamental para a pesquisa. Para isso, foi preciso analisar os documentos relativos ao processo criativo do autor, buscando compreender os procedimentos e etapas de produção.

Ao investigar a obra em seu vir-a-ser, o crítico genético se detém, muitas vezes, na contemplação do provisório. Ele reintegra os documentos preservados e conservados – um objeto, aparentemente, parado no tempo – no fluxo da vida. Ele tem, na verdade, a função de devolver à vida a documentação, na medida em que essa sai dos arquivos ou das gavetas e retorna à vida ativa como processo: um pensamento em evolução, ideias crescendo em formas que vão se aperfeiçoando, um artista em ação, uma criação em processo.¹¹⁶

Movidos pelo desejo de melhor compreender o processo de criação, a partir dos registros deixados por Nelson de Senna, o primeiro passo do nosso trabalho foi, a partir do *Inventário pessoal de Nelson de Senna*, coletar, de forma exaustiva, todos os escritos concernentes à obra estudada. De posse desses materiais, realizamos uma análise codicológica dos documentos, buscando identificar a datação, papéis utilizados, instrumentos de escrita, quantidade de folhas, dentre outros aspectos da materialidade.

Nessa fase, conseguimos encontrar alguns documentos na fase pré-redacional, como a *Bibliografia* e o texto introdutório, com diversas marcas que comprovam que o autor revisitou o texto algumas vezes, e também o texto em fase pré-editorial, ou seja, originais passados a limpo, que entendemos ser definitivos. Os demais documentos encontram-se em fase pré-redacional.

Como o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte já havia tratado e organizado os documentos, não precisamos nos preocupar com a classificação dos rascunhos. Após o estabelecimento do *corpus*, trabalhamos na decifração e transcrição dos originais, mais especificamente do texto introdutório e da letra A do *Elucidário*.

A decifração dos originais só é fixado através da transcrição. De acordo com os princípios da Crítica Genética, “é indispensável salientar as características próprias do autógrafo, que são notadamente as rasuras e acréscimos (restituindo uma imagem tão fiel quanto possível de suas posições: nas entrelinhas ou nas margens dos fôlios)”.¹¹⁷ Assim, é preciso estabelecer critérios e normas de transcrição, criando códigos ou utilizando códigos já estabelecidos.

¹¹⁶ SALLES, 2008, p. 29.

¹¹⁷ BIASI, 2010, p. 84.

O *Elucidário de africanismos* é um documento híbrido, há uma grande diversidade de elementos no que diz respeito à materialidade – como papéis colados, diferentes cores de tinta e de lápis, diferentes cores de texto datiloscrito. Dessa forma, salientar as características próprias dos originais, marcando suas rasuras e acréscimos, tornou-se uma tarefa impossível, pois, “ao se sobrecarregar a transcrição com signos diacríticos, não facilita a tarefa do leitor [nem mesmo a tarefa do editor], que acaba por precisar do manuscrito autógrafo para decifrar a transcrição”.¹¹⁸

No início do nosso trabalho de transcrição, tentamos utilizar alguns sinais como colchetes, riscado, *chevron*, etc. Também tentamos estabelecer cores: azul para o texto manuscrito, preto para o texto datiloscrito. Entretanto, a transcrição ficou muito poluída, o que dificultava o entendimento e leitura. Assim, foi preciso tomar a decisão de simplificar a imagem do documento original, não marcando as rasuras e acréscimos, apresentando uma transcrição contínua.

Nos momentos que julgarmos necessário, iremos apresentar junto à transcrição “notas elucidativas”, ou seja, notas que acompanharão a edição do *Elucidário*, para registrar a inserção de papéis, notícias de jornais, além das variantes, ou escolhas textuais, empregadas no estabelecimento do texto crítico-genético.

Apresentaremos assim, no Capítulo 5, os critérios de transcrição, bem como algumas análises sobre a materialidade e o universo da rasura no *Elucidário*. Essas análises têm o objetivo de explicar e exemplificar as tomadas de decisão durante a transcrição, mostrando ao leitor a complexidade do texto. A transcrição que apresentamos ao fim deste trabalho, é uma ordenação das diferentes etapas genéticas, em busca do último nível de intervenção autoral.

¹¹⁸ BIASI, 2010, p. 84.

CAPÍTULO 5

TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE CRÍTICO-GENÉTICA DO *ELUCIDÁRIO*

Parte da escrita do *Elucidário* se deu antes do Formulário Ortográfico de 1943, que explicitava os princípios de fixação para a grafia do português brasileiro; a outra parte foi escrita após o Formulário, uma vez que, na assinatura do documento, consta o ano de 1946. O documento não apresenta problemas de decifração, o léxico também é conhecido, não há abreviaturas nem alógrafos e o suporte, como já apresentado, está em bom estado de conservação. Assim, é fácil chegar à “leitura correta”.¹¹⁹ Entretanto, o fato de o documento ser misto – manuscrito e datiloscrito – traz algumas dificuldades para a transcrição e para o estabelecimento das normas de transcrição.

Como já observado, o documento é híbrido, há uma grande mistura de elementos – papel colado, diferentes cores de tinta e de lápis de cor, diferentes cores de texto datiloscrito –, o que dificulta o estabelecimento de normas de transcrição. É preciso destacar também que, em alguns casos, são tantas inserções nas entrelinhas e nas marginalias, que uma linha no documento estende-se por duas ou três linhas de texto digitado, da mesma forma que o texto de uma página pode estender-se por duas páginas digitadas.

5.1 Critérios de transcrição

Apresentamos a seguir os critérios para a transcrição do documento. Ressaltamos que as normas adotadas visam apresentar ao leitor atual um texto limpo, entendendo que este seria a última vontade do autor. A transcrição resulta do trabalho crítico, que procura perceber a ordem das camadas genéticas e compor uma edição crítica da obra. São normas conservadoras, que preservam todas as características ortográficas, porém regularizando a mancha textual a partir de margens uniformes e da escrita contínua.

¹¹⁹ TOLEDO NETO, 2018, p. 295.

1. Reproduzem-se a ortografia e a pontuação.
2. Reproduzem-se marcas autorais, como os sublinhados.
3. Reproduz-se o uso de maiúsculas e minúsculas.
4. Conjectura de letra ou palavra: [].
5. Ilegibilidade de letra ou palavra por deterioração do suporte: [*].
6. Palavra(s) ilegível(is) por dificuldade de decifração da escrita: [**].
7. Transcrição contínua. Não se mantém o lineamento original.
8. Mantém-se a paginação original. Indica-se o número da página desta forma: [página 1 – fl. 3]. O primeiro número corresponde à numeração da página no arquivo em PDF, digitalizado pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. O segundo número corresponde à numeração dada pelo autor, que aparece no canto direito superior das folhas.
9. As abreviaturas são desenvolvidas em itálico.

5.2 Discussões e questionamentos sobre o estabelecimento do texto

Editar os originais de Nelson de Senna tem sido um grande desafio, principalmente no que diz respeito à transcrição. Durante esse processo, nos deparamos com várias questões. Assim, tentaremos apresentar nesta seção algumas discussões e questionamentos levantados a partir da transcrição do documento, buscando sempre entender o processo de produção do *Elucidário* e o processo criativo do escritor, além de buscar os rastros interpretáveis do trabalho do intelectual, abordando as dificuldades de se trabalhar com documentos contemporâneos e híbridos.

5.2.1 Sobre os instrumentos de escrita

A Paleografia abrange não só a história da escrita e a evolução das letras, mas também os instrumentos de escrita,¹²⁰ por isso é importante ter conhecimento dos materiais e dos instrumentos para escrever, pois isso nos ajudaria até mesmo a datar documentos.

Percebemos nas páginas do *Elucidário* diversos tipos e cores de tintas. A começar pelo texto datiloscrito, encontramos duas diferentes cores: azul e preto. Aparentemente, a fonte da máquina de escrever é a mesma e a diferença de cor poderia ser explicada pela cor da fita utilizada. Entretanto, alguns detalhes nos fazem questionar se a máquina utilizada durante o processo de escrita foi a mesma. Chama-nos atenção o espaçamento nas entrelinhas, os sublinhados e até mesmo o espaçamento entre os caracteres.

¹²⁰ BERWANGER; LEAL, 1995, p. 12.

Aparentemente, é possível ver um espaçamento de entrelinhas maior no texto datiloscrito preto. Percebe-se, no texto datiloscrito azul, que o acento circunflexo da palavra *ceremônias* (quarta linha) chega a se misturar ao sublinhado da palavra *Haussás* e chega até mesmo a ultrapassar o sublinhado. Os sublinhados do texto datiloscrito preto também parecem estar mais distantes das palavras. Além disso, nos trechos destacados (Figura 43), percebemos um maior espaçamento entre os caracteres no texto datiloscrito preto, criando uma sensação de texto expandido.

Figura 43 – Diferenças no texto datiloscrito

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos*, [Letra A], p. 124; [Letra S], p. 1467.

Outro fato que nos desperta curiosidade é sobre o instrumento de escrita do texto manuscrito: seria caneta tinteiro ou caneta esferográfica? A princípio, chegamos a afirmar que seria caneta esferográfica. Entretanto, a caneta esferográfica só chegou ao Brasil na década de 1950.¹²¹ Assim, podemos afirmar que as canetas usadas por Nelson de Senna eram canetas tinteiro.¹²²

¹²¹ A caneta esferográfica foi criada na década de 1930, em Budapeste, na Hungria, pelo revisor tipográfico Laszlo Biro. Em 1938, data do *Elucidário*, a caneta esferográfica foi patenteada. As primeiras canetas, ainda importadas, começaram a chegar no Brasil em 1956. No entanto, devido à grande procura, quatro anos depois a empresa BIC inaugurou uma fábrica em São Paulo. Assim, as canetas começaram a ser fabricadas em 1961. Para saber mais sobre a história, ver CANETA, em Centro de Referência em Educação Mario Covas. Disponível em: < http://www.crmariocovas.sp.gov.br/txt_html/mem/obj/obj_a/caneta.php>. Acesso em: 22 jan. 2021.

¹²² O primeiro modelo comercial foi criado pelo americano Lewis Edson Waterman em 1884. No modelo de Waterman, a tinta era injetada no reservatório com um tipo de seringa. Os cartuchos descartáveis só começaram a ser vendidos em 1927. Até a década de 1960, as canetas tinteiro foram instrumentos de escrita de uso cotidiano, embora seu uso fosse restrito às pessoas com maior poder aquisitivo, pois era muito mais cara que as canetas de pena metálica. Para saber mais sobre a história da caneta tinteiro, ver CANETA, em Centro de Referência em

Ainda sobre os instrumentos usados no texto manuscrito, encontramos inserções feitas a lápis de grafite preto e também inserções nas cores azul, laranja, rosa e vermelho. Como pode ser observado na Figura 44, o autor usa as cores azul e vermelha nas bordas da imagem e também para determinar as letras do glossário.

Figura 44 – Abertura do glossário das letras de S a Z

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letras S a Z].

Em outras páginas do documento é possível encontrar as cores azul, laranja, rosa e vermelho sublinhando as palavras de origem africana. Não sabemos afirmar se essas cores correspondem a giz de cera¹²³ ou a lápis de colorir. Entretanto, pelo efeito do traçado, podemos supor que sejam de giz de cera.

5.2.2 Como distinguir as diferentes camadas de texto?

A seguir, a título de ilustração, apresentamos duas páginas dos originais (Figuras 45 e 46). Essas páginas correspondem as duas primeiras páginas da parte relacionada à letra *B*.

Educação Mario Covas. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/txt_html/mem/obj/obj_a/caneta.php>. Acesso em: 22 jan. 2021.

¹²³ Também conhecidos como *crayon* ou lápis de cera.

[illegible]

[illegible]

Como pode ser observado nas figuras 45 e 46, o documento é visivelmente híbrido, tanto nas formas quanto nos materiais de escrita, e apresenta uma grande mistura de elementos. Buscamos aqui entender como esse texto foi construído para tentar separar as diferentes camadas de texto, ou seja, os diversos momentos de escrita e elaboração. Antes de analisar as camadas de texto, é preciso fazer algumas importantes observações. As duas páginas analisadas estão numeradas: a primeira (fl. 110) está numerada no canto superior direito a lápis; a outra, no canto superior esquerdo à tinta azul com um risco embaixo (111) e no canto superior direito à tinta preta (111). Na primeira página, no canto superior esquerdo, é possível ver uma marca de ferrugem produzida pelo uso de clipe para prender papéis. O canto superior direito da página 110 está corroído, mas não impede a leitura do texto. Da metade para baixo, nas duas páginas, percebe-se que o papel, em algum momento, sofreu algum contato com líquido, pois há manchas e a tinta azul está borrada.

Ao analisar as páginas, percebemos a presença de oito diferentes camadas de texto. A primeira camada de texto diz respeito ao texto datiloscrito em tinta preta, é o texto que está impresso diretamente no suporte. A segunda camada, também de texto datiloscrito, está em tinta azul, presente na primeira página analisada, que corresponde a um pedaço de papel colado no suporte principal. Esse papel colado é o verbete *babáco*, onde é possível ver as marcas de cola nas laterais do papel, principalmente no lado esquerdo. Entretanto, percebe-se na segunda página, no verbete *babalô*, uma inserção de papel colado com texto datiloscrito em um tom mais forte de preto.

A partir da terceira camada, identificamos seis camadas de texto manuscrito, ou diferentes momentos de inserção. Ao analisar as páginas, concluímos que a terceira camada se refere à tinta manuscrita preta, pois, além de o autor fazer correções a tinta preta no texto datiloscrito, há inserções a tinta azul em cima do texto escrito à tinta preta, como no verbete *bába* e *balhado*. Ainda no final da primeira página, o autor anula uma frase inteira, correspondente ao verbete *babaláu*, riscando a tinta azul o que está escrito à tinta preta.

A quarta camada de texto manuscrito, ao contrário do que imaginamos, não corresponde à tinta azul, ela corresponde a inserções feitas a lápis. Além das inserções a lápis no texto datiloscrito e pequenas inserções e correções no texto manuscrito, observa-se, no verbete *babalórixá*, na segunda página, uma inserção a lápis. Essa inserção é, posteriormente, “circulada” à tinta azul, também é possível observar o acréscimo da letra *O* à tinta azul após a palavra escrita a lápis. A quinta camada corresponde ao texto

manuscrito à tinta azul. O autor também faz correções e inserções à tinta azul no texto datiloscrito (como em *babão*) e no texto escrito à tinta preta (*babado*).

As demais camadas correspondem a inserções feitas com lápis de colorir para sublinhar as palavras, que são as cabeças dos verbetes. A cor rosa é a mais utilizada para destacar as palavras no documento. Notamos também a cor vermelha, utilizada para grifar a letra *B*, no alto da primeira página analisada; além da presença da cor laranja para grifar a palavra *babalôalô*, escrito na margem da segunda página.

Ilustramos a seguir a presença das diferentes camadas de texto:

Fonte: Elaborado pela autora.

Vale observar também o verbete *babádo*, escrito à tinta preta e com posteriores correções à tinta azul, no fim da primeira página. A palavra deveria vir entre o verbete *babáço* (datiloscrito em azul) e o verbete *babalão* (datiloscrito em preto), mas está no pé da página. Percebe-se que foi uma inserção posterior, pois o autor puxa uma seta em cor rosa, indicando onde o verbete deveria entrar.

5.2.3 Análise de verbetes

Este trabalho não estaria completo se não buscássemos identificar e apresentar diferentes situações que nos fizessem pensar que os outros documentos do autor podem (e devem) ser consultados eventualmente. Identificamos quatro situações distintas que exemplificaremos a seguir.

- 1) Algumas palavras são definidas no caderno de verbetes, mas não são definidas no *Elucidário*, como é o caso da palavra *tanga*. No *Elucidário de africanismos* (segunda imagem), percebemos que a página foi cortada e a palavra *tanga* está no topo da página, escrita a lápis e sem definição. Já no caderno, a palavra é definida.

Figura 47 – Análise do verbete *tanga*

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos*: verbetes em ordem alfabética de termos africanos, p. 153; SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra T], p. 1851.

- 2) Algumas palavras não são definidas no caderno de verbetes, mas são definidas no *Elucidário*, como, por exemplo, a palavra *tánda*. No caderno de verbetes (primeira imagem), percebemos que o autor só coloca a palavra-entrada, mas não apresenta a sua definição. Já no *Elucidário*, a palavra é definida.

Figura 48 – Análise do verbete *tánda*

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos*: verbetes em ordem alfabética de termos africanos, p. 152; SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra T], p. 1850.

- 3) Algumas palavras não apresentam definição no caderno de verbetes nem no *Elucidário de africanismos*, como é o caso das palavras *sénga* e *sengár*.

Figura 49 – Análise dos verbetes *sénga/sengár*

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos*: verbetes em ordem alfabética de termos africanos, p. 139; SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra S], p. 1812.

- 4) Algumas palavras são definidas tanto no caderno de verbetes quanto no *Elucidário de africanismos*. Entretanto, o autor amplia o verbete no *Elucidário*. A palavra *terrêiro*, por exemplo, no caderno de verbetes (primeira imagem) é definida em apenas um parágrafo. Já no *Elucidário*, o verbete é estendido para dois parágrafos.

Figura 50 – Análise do verbete *terrêiro*

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos*: verbetes em ordem alfabética de termos africanos, p. 156; SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra T], p. 1856.

Assim, levantamos a pergunta: é possível pensar em uma edição crítico-genética do *Elucidário de africanismos* sem vinculá-lo aos demais documentos?

5.3 O amplo e variado universo da rasura no *Elucidário*

Todas as páginas do *Elucidário*, sem exceção, contêm rasuras, ou como diria Ivo Castro, “incidentes redacionais”.¹²⁴ As rasuras podem se manifestar de diferentes maneiras:

A primeira, imediatamente visível e permitindo em geral ao leitor restituir o escrito rasurado, é a linha de rasura ou outras formas significando anulação: hachuras, gradeados. A segunda, também imediatamente visível, mas não permitindo restituir o escrito primitivo, é o borrão de tinta cobrindo a unidade escrita com uma mancha preta [...] A terceira, permitindo acesso às unidades rasuradas, mas de alguma imaterial [...] consiste em reescrituras sucessivas.¹²⁵

A rasura, que serve para corrigir o que já foi escrito, pode ter diferentes funções. O geneticista Pierre-Marc de Biasi¹²⁶ identifica cinco funções: substituição, supressão, deslocamento ou transferência, utilização e gestão.

A rasura de supressão é utilizada para apagar definitivamente um segmento escrito sem substituí-lo por nenhum outro. No exemplo abaixo (Figura 51), podemos notar que o autor suprime, com um risco, a frase “Vide neste Vocabulário o toponymio mineiro Xipiáo”.

Figura 51 – Rasura de supressão

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra C], p. 546.

¹²⁴ CASTRO, 2007, p. 23.

¹²⁵ GRÉSILLON, 2007, p. 98

¹²⁶ Cf. BIASI, 2010, p. 71-73.

Uma outra forma de rasura de supressão que encontramos no documento foi a eliminação de frases, ou verbetes, com pedaços de papel colado. Na Figura 52, podemos perceber que o autor cola dois pedaços de papel para suprimir uma frase do verbete *acalungado*. Um pouco mais abaixo, após o verbete *acambetado*, o autor cola novamente um pedaço de papel para eliminar um novo trecho.

Figura 52 – Rasura de supressão com papel colado

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra A], p. 66.

A rasura de substituição efetua-se através de uma dupla operação: primeiro o autor suprime um segmento já escrito para depois adicionar, acrescentar um outro. Como diz Biasi, é um “processo integrado que combin[a] risco e acréscimo”, ou seja, supressão e adição.¹²⁷

As rasuras de substituição observadas no *Elucidário* não apresentam um “risco”, como apontado por Biasi, para suprimir. O autor, ao adicionar a nova palavra, suprime a antiga, escrevendo por cima, como pode ser observado na Figura 53. Podemos notar que no texto em manuscrito preto, o autor faz as rasuras com tinta azul. No verbete *bámbas*, ele substitui o *D* em caixa baixa da palavra *designativo* para caixa alta; a palavra *africano* para *afronêgro*; o substantivo *nêgro* para o verbo *conhecidos*. Nesta mesma figura,

¹²⁷ BIASI, 2010, p. 73.

podemos também ver que o autor, no verbete *bambás*,¹²⁸ que é em parte datiloscrito e em parte manuscrito, também faz algumas substituições de palavras a tinta.

Figura 53 – Rasura de substituição

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra A], p. 66.

A rasura de deslocamento é uma operação mais complexa e pode ocorrer através de alterações no posicionamento de um fragmento. Através de setas, traços, asterisco, enquadramento se reenvia um segmento ou até mesmo parágrafos inteiros a outro local do texto, como é o caso da Figura 54. O autor, com uma seta azul, pede para transferir o verbete *bamboé* para cima, entre *bambócha* e *bambolear*, propondo uma organização em ordem alfabética.

¹²⁸ A diferença entre os dois verbetes está apenas no acento, na primeira palavra, o acento está na primeira sílaba; na segunda, está na segunda sílaba. O autor afirma que *bambás* é o plural aportuguesado de *bámbas*.

Figura 54 – Rasura de deslocamento

Fonte: SENNA. *Elucidário de africanismos* [Letra B], p. 251.

O deslocamento, geralmente, mostra uma preocupação com o arranjo do eixo sintagmático e com a sequência textual-discursiva. Observa-se também no exemplo acima, que o autor repete a palavra *bambolear* e deixa um recado: “Vide em acima. Passar para aqui”, reforçando que o verbete deve ser deslocado. Assim, a rasura de deslocamento é formada pela combinação de supressão e adição, pois o segmento deslocado é efetivamente eliminado de seu contexto, de seu local, e acrescentado a outro.

De acordo com Biasi, a rasura de utilização, ou de gestão, ocorre quando, diante de várias anotações, listas ou versões do texto que está sendo escrito, o autor, à medida que vai utilizando os elementos anotados, os risca para desativá-los e não para suprimi-los. Notamos que há várias listas de palavras no início, bem como no meio, do *Elucidário*, que pressupomos que sejam palavras que seriam trabalhadas posteriormente pelo autor. Entretanto, não podemos afirmar que essas listas seriam usadas com essa finalidade.

O ato de rasurar com objetivo de suprimir, substituir ou transferir pode ser feito a qualquer momento, seja logo após a redação, seja numa releitura, próxima ou tardia. A rasura de suspensão é aquela em que nenhum traço suprime um segmento, mas, embaixo ou em cima da palavra, nas entrelinhas, um outro segmento, uma outra forma é ali inscrita constituindo uma possibilidade, uma alternativa para um momento posterior. Não conseguimos, até o momento, identificar esse tipo de rasura no *Elucidário* para exemplificar.

Considerando as funções definidas por Biasi, podemos concluir que a rasura de substituição é a mais recorrente no documento. Entretanto, as intervenções mais recorrentes, de fato, nos originais de Nelson de Senna são as adições, os acréscimos de informações, nas entrelinhas, nas marginálias. Diante disso, coloca-se a questão: as adições podem ser consideradas “rasuras”? Afinal, toda enunciação é, a rigor, uma adição, além do mais, a adição não traz em si nenhum traço visível de rasura.

A pesquisadora francesa Claudine Fabre¹²⁹ considera quatro funções para a rasura: além da substituição, supressão e deslocamento, a autora identifica também a rasura de adição, mas os pesquisadores de crítica genética não reconhecem essa função. A rasura envolve sempre uma revisitação ao texto escrito, assim como os acréscimos realizados *a posteriori*. Exemplo disso são os incontáveis acréscimos feitos à margem ou a inserção de verbetes ou fragmentos maiores, além de setas e balões indicando um complemento a um determinado ponto. A adição pode se situar em qualquer lugar da folha e está diretamente associada à revisão de conteúdo. Por esse motivo, a adição, ou seja, os acréscimos, é uma das operações mais recorrentes nos originais de Nelson de Senna.

¹²⁹ FABRE, 1990, p. 54.

CAPÍTULO 6

TRANSCRIÇÃO

[p. 1]

Letra A

NELSON DE SENNA

ELUCIDARIO DE AFRICANISMO

(Ensaio de um Vocabulário de africanismos e afronêgrismos usados na linguagem portuguesa do Brasil e da África Colonial lusitana).

– 1938 –

[p. 2 – fl. 1]

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

E

EXPLICAÇÃO PRELIMINAR

A PROPÓSITO DA NOMENCLATURA GEOGRAPHICA DE ORIGEM

AFRICANA E INDIGENA, NO TERRITORIO BRASILEIRO.

Parecem-nos ainda e sempre opportunas as idéas e considerações geraes, que sobre tal thema fizemos, em um nosso anterior estudo, já publicado.

“Em grande parte, o Vocabulario é filho, não do homem, mas da terra. Da lingua que fallamos e escrevemos no Brasil, ha milhares e milhares de vocabulos que não têm entendimento nem significação em Portugal: nomes de plantas, de animaes, de visões e aspectos da terra, do céu, do mar, dos utensilios de guerra, de caça, de pesca, de lavoura, de navegação, de industria. D’estas palavras, legitimamente brasilicas, muitas são legados dos dialectos indigenas ou africanos: outras, porém, sem ascendencia real, sem raizes nos idiômas nativos ou importados, são verdadeiras invenções do povo e directas inspirações do torrão nacional, originadas da contemplação dos accidentes physicos do territorio, da luz e da côr, do firmamento, da agitação dos rios e do oceano, do barulho do vento e das folhagens, do canto das aves, de todas as fórmas e de todas as vozes do

portuguezes, e nelles não se encontrarão relacionadas innumeraveis palavras nossas, brasilicas, aqui formadas e empregadas com sentido inteiramente desconhecido para os que fallam a lingua portugueza, na Europa, e nas colonias luzas de além-mar.

Basta que se percorra a Carta Geographica do Brasil, que se passem os olhos por um Dictionario Chorographico de qualquer Estado da nossa Federação, para se topar nelles uma enfiada de alguns milheiros de toponymos de origem afronêgra e indigena, de todo em todo desconhecidos em Portugal, sendo que a maior parte de taes nomes e vocabulos nem siquer é referida ou relacionada pelos lexicographos lusitanos, em seos melhores Dictionarios.

Brasileirismos, afonêgrismos, americanismo, indigenismos – enriquecem o falar do nosso povo, que tem costumes e modismos seus; idiotismos de linguagem, dialectação e pronuncia sua; construcções originaes de phrases; um folklore opulentissimo; tudo, afinal, bem differente da linguagem fallada e escripta pelos filhos da actual Republica Peninsular, que foi nossa metropole durante 322 annos (1500 a 1822).

Do selvícola, do negro, do mameluco e do caipira; do colono europeu imigrado para o nosso paiz, do seculo XIX para cá (principalmente, o allemão, o italiano, o hespanhol, o syrio); do contacto com as populações dos visinhos paizes sul-americanos (guaranys-paraguayos, gaúchos-platinos, caucheiros-peruano-bolivianos); do constante esforço creador da imaginativa popular e da espontanea formação de mythos, usos, costumes, habitos, credences e tradições: têm resultado e provindo para a Lingua Portuguesa, que no Brasil se falla e escreve, uma verdadeira transfiguração prosodica e grammatical, um desenvolvimento vocabular incomparavelmente superior ao que se nota em Portugal, e um acentuado espirito de differenciação glottica, evoluindo, aqui, talvez, para uma “lingua brasileira” emancipada do jugo idiomatico luso-europêo, sem que isso importe em renegar o

vigoroso tronco latino da nossa velha metrópole e do qual se esgalhou a frondosa ramagem brasileira.

É tudo isto – penso – o que se poderia demonstrar com a maior evidencia e clareza, num despretensioso estudo expositivo, em que se enfileirassem, sobretudo, os toponymos, as expressões e os termos regionaes, os nossos tão curiosos nomes locais de origem brasileira,

sobrevivência de tantos termos, expressões e locuções, em que os elementos idiomáticos afronêgros e indígena-americanos se entrecruzam, de permeio com fonemas lusos, como a todo momento se ouve, no falar da gente brasileira, em nossas camadas populares.

Ora, é uma expressão puramente afronêgra, ora uma locução áfrico-tupy, ou áfrico-brasileira, que se escuta empregada na linguagem do nosso povo, o qual assim vem modificando profundamente o português aqui falado, nestas plagas sul-americanas.

Vamos fazer o leitor defrontar com uma série de tais expressões, frases e locuções populares, refertas de afronêgrismos, ou directamente influenciadas pelo elemento negro, através de seus costumes, crenças, myths, tradições e usanças.

a) – Predominando elementos puramente afronêgros: Alufá-do-cabúla; angú-com-quiabos; “báia”-de-matungos; Angú-de-fubá; aringa-de-zulus; Babaláo-de-Ijá; Balangandán-de-Nagô; cachimbo-de-diamba; batuque-de-moleques; búzio-de-caurie; cabungo-vunje; Bacoleré-de-Zungú; Bôuba-de-Guiné; cabaça-de-aghuê; cabáça-de-cachaça; cúia-de-angú; cacimba-do-Mocambo; fubá-pubo; catinga-de-caboclo; efô-de-inhame; Dêngo-de-mamêto; Exú-de-macumba; furrundum-com-ginguba; Dunga-macota; gangolinagem-de-capiangos; Góngo-Sôco; gunga-muxique; Iáíá-dengósa; Inhame-de-Moçambique; Ioiô-birrento; Jágu-mandinga; jongo-batucado; jujuba-

[p. 8 – fl. 7]

de-caxundé; kágado-do-mangue; liamba-de-cuximbo; léréia-de-cachaceiros; lónca-de-matungo; “lôca”-de-loango; lundúm-macambúzio; macáco-enjérizado; matúla-de-farófa; moamba-de-dongo; “muláta”-casimicuda; nagô-macumbeiro; nênên-meléquento; ochê-de-ameleira>; ogó-do-Gongo-Sôco; pango-de-caximbo; Quilombo-de-Carangóla; Sutambáque-de-sôba; tunda-de-muxinga; Yáyá-de-Massangana; Zabumba-de-batuque; etc.

b) – Combinando-se os elementos afronêgros e indígena-brasilicos, em varias expressões populares (na maioria das quaes se combinam elementos de lingua afronêgras com termos tupis): Aluá-de-ananá; angú-de-batata; bambambám-carioca; cabocla-vunje; cabórge-de-cabôclo; caborje-de-pagé; cacháça-de-Paracatú; cambada-de-colomins; candomblé-de-cabôclos; cangica-de-munguzá; caximbánda-de-tabáco; cará-de-Angola; “currumáça”-de-saúvas; efô-de-tayóba; feitiço-de-pagé; ganga-assú; garápa-de-cachaça; gererê-de-camunhéngue; mananês-de-tapióca; mandioca-puba; macóta-turúna; macúmba-carioca; mandinga-de-cabôclo; mucambo-de-quilombó-las; “murrinha”-de-cabôclo; pagé-de-macúmba; pagélança-de-mandingueiro; pitár-pango; pito-de-liamba; pito-macáia;

quilombos-do-Araxá; rolão-de-tabaco; surubim-moléque; tango-carioca; tanga-de-cacique; tetéia-de-menino; turumbamba-de-caipiras; urucungo-de-pagé; ussú-do-mangué; uváia-de-arimo; vatapá-pernambucano; vodú-antilhano; vissungas-do-Tejuco; vunje-de-cabôcla; xangô-de-Itaparica; xéxéo-chopim; xodó-de-cabôcla; xuxú-de-giráu; yáyá-jururú; yôyô-do-taquaral; zanga-de-caipiras; zungú-de-xinas; zúm-zúm-de-pocâma;
etc.

c) – Fusão de elementos africanos e portugueses, no linguajar de nosso povo, nestas expressões afro-lusas (em que se encontram tantas expressões córriqueiras do phraseado popular). “acassá-de-leite”; “aluá-de-arroz”; “algodão-ganga”; “arroz-de-Aussá”; “azeite-de-Dendê” ou “azeite dendê”; “assombração-do-Quibungo”; birimbáu-de-gaita; “Bôibumbá”; “bôlinho-de-acaragê”; “bôlinho-de-acassá”; “bracelête-de-orichá”; “Bruxêdo-de-fêitiçaria”; “Búmba-meo-bô”; “candomblé-do-terrêiro”; “canto-de-alô”; “capatáz-de-tropa”; “cavallo-matungo”; “côco-dendê”; “concha-de-caurim”; “chocálho-de-ganzá”; “coringa-de-baralho”;

[p. 9 – fl. 8]

culto-Gêge; “culto-nagô”; “catanga-de-páu”; “catanga-de-pôrco”; “catanga-de-veado”; “caximbo-de-barro”; “cisco-de-murundúm”; “culto-gêge-yorubãno”; “cucumbis-do-Natal”; “Congado-de-prêtos”; “cuca-de-creanças”; “cóbra-Dambi”; “cúia-de-farinha”; “dansa-de-Angólas”; “dansa-batucada”; “dansa-de-Cabindas”; “dansa-de-caxambú”; “dansa-de-Cóngos”; “dansa-de-Moçambiques”; “dansa-de-Nagôas”; “entêro-mocambique”; “dansa-de-batúque”; “dança-de-batúcajé”; “dansa-de-candomblé”; “dança-de-jongo”; “dança-de-lundú”; “dansa-de-maracatú”; “dansa-de-samba”; “dansa-de-tango”; “dansa-de-tambú”; “dendê-do-Brasil”; “carurú-bahiano”; “frango-garninzé”; “gallinha-d’Angola”; “gallinha-conquén”; caborje-de-valentão; cabra-cabórtêiro; “conchinha-de-caurim”; “contas-de-ténto”; “dansa-de-colasto” feijão-guândo; “figa-de-Guiné”; “fêsta-dos-Cucumbís”; “fêsta-de-Congo”; “farófa-de-farinha-de-milho-com-azeite-de-dendê”; “fios-de-missangas”; “gáita-de-Angóla”; “garrafa-de-cachaça”; “irmão-mabáço”; “lingua-búnda”; “lingua-cabinda”; “lingua-cassánje”; “lingua-de-Congo”; “lingua-de-Nagô”; “lundú-sapateado”; “lundúm-cantado”; “litámbo-de-escravo”; “mandinga-de-nêgro”; “méléca-do-nariz”; “milho-de-Angóla”; “molecada-vadia”; “moleca-nova”; “moleque-esperto”; “mucambo-de-africanos”; “Maria-Angú”; “Maria-Gondó”; “Nagô-da-Cósta”; “nêgro-Angóla”; “moléque-ventre-livre”; “nêgro-Benguéla”; “nêgro-Cabinda”; “Nêgro-Nagô”; “nêgro-de-quilombo”; “nêgro-yorubãno”; “Pae-Ajú”; “óvos-de-papagaio-candonga”; “panno-ganga”; “pedra-de-Ogún”; “pé-de-moléque”; “Pimenta-axi”; “pimenta-

de-Guiné”; “prêto-ássa”; “Príncipe-Obá”; “quilo-da-refeição”; “quilombo-de-escravos”; “quilombolas-fugidos”; “rufo-de-atabáque”; “rufo-de-bómbó”; “rufo-de-zabúmba”; “quilómbó-de-nêgros”; “rasteira-de-capoeiras-nagôs”; > “sanzála ou senzála-de-escravos”; < “samba-da-roça”; “sénga-de-terreiro”; “senzala-de-fazenda”; “taboleiro-de-balaláo”; “táca-de-bater”; “terreiro-de-candomblé”; “totemismo-Bantú”; “tamborim-de-carnaval”; “terrêiro-da-macúmba”; “tocár-birimbáu”; “tóque-de-bómbó”; “tôuca-de-nênê”; “tóque-de-marimba”; “trapaça-de-gangofina”; “turumbámba-de-arruaceiros”;

[p. 10 – fl. 9]

“vagem-de-guándo”; “Vatapá-bahiano”; “Vatapá-de-gallinha”; “vatapá-de-peixe”; Zumbi-dos-Palmáres”; “zungú-de-arrabalde”; “zânga-de-branco”; “zinga-de-barqueiro”; “zunzún-de-gente”; < “zumbi-do-matto”; etc.

d) Frases e locuções, embora expressas na língua portuguesa, mas influenciadas pelas tradições africanas, formando, não raro, locuções híbridas e de constante emprêgo popular: “angú-de-carôço”; “fubá-de-sarna”; “sinhún-de-nêgro”; “argóla-de-libambo”; “açote-de-lónca”; “aringa-de-nêgro”; “balisa-de-cordão” ou “balisa-de-rancho” (no carnaval-de-prêtos); “barril-de-cachaça”; “bebida-de-aluá”; “bebida-de-Jurêma das macumbas”; “bimbarra-de-pinga”; “capilé-com-gôma”; “cachaça-brava”; “cachimbo-velho”; “cacimba-d’água”; “caixa-de-rufo-de-bómbó”; “candóngas-de-nêgros”; “carapinha-<pixaim-de-nêgro”; “chegança-de-cordões-de-Congádo”; “Congádo-de-prêtos-minas”; “Costa-d’Africa”; “Costa-dos-Escravos”; “Cósta-do-Marfim”; “Cósta-da-Mina”; “Cósta-do-Curo”; “Cósta-da-Guiné”; “Cósta-de-Moçambique”; “Cósta-do-Marfim”; dansa-de-“nêgro-da-Cósta”; “despacho”-de-feiticeiro; “despacho”-de-mandingueiro;

“cousa-feita” (ou “feitiço”); “despacho-de-feitiço”; “estado-de-santo” (extasis religioso ou provação mystica nas sessões de macumba); “feitura-de-santo”; “fetichismo afronêgro”; “filha-de-santo”; “cuia-de-ovos-de-“papagaio”; escravo-fugido; escravo-fujão; combôeiro-de-escravos; corrimáça-de-táca; cupim-de-“negra-mina”; língua-de-cassanje; língua-de-enxacôco; língua-de-“prêto-mina”; “mãe-de-santo”; “mãe-de-terreiro”; “máu-olhado”-de-“feitiço”; “matraca-de-moléque”; “nêgro-creôulo”; mestre-sála-derancho”; “milho-torrado em azeite-de-dendê”; “nêgro-da-costa”; “nêgro-ássa”; “nêgro-Mina”; nêgro-“meia-cara”; “páe-Ajú”; “páe-de-santo”; “páe-pagé”; “páe-de-ter-

rêiro”; “pagé-feiticeiro”; “Páe-Zuão”; “panno-da-Cósta”; “pimenta-da-Cósta”; “Nêgra-Mina”; “nêgro-nôvo”; “pédra-de-Santa-Bárbara”; “Pómbó-de-sacrifício”; “nêgro-ladino”;

[p. 11 – fl. 10]

Quér nas tres Ameicas, cotejando as linguas dos seos povos primitivos, quér fazendo um confronto entre os idiômas selvagens da cosoriental sul-americana e da costa occidental africana, que lhe fica fronteira, tendo de permeio o Oceano Atlantico, com archipelagos povoados intermediarios, na travessia maritima do Brasil para a Africa; é o espirito observador levado, muito naturalmente, a fazer resaltar a intimidade, pelo menos apparente, de muitas vozes indigenas communs aos dous continentes da America e da Africa. Trata-se de approximações linguisticas, das mais curiosas, entre nomes locaes indigenas de regiões as mais diversas e distanciadas entre si, dentro de um mesmo continente, ou em territorios pertencentes aos separados continentes americano e africano. Vejam-se, por exemplo, dentro das tres Americas (do Sul, Central e do Norte) estes casos interessantes: Esquimáu ou Esquimó, na Groenlândia e America Boreal, e Essequibo, na bacia Amazonica; Ontário, no Canadá, e Cantário ou Cáutario, no valle amazonico brasileiro; Manitó e Manitóba, na America do Norte, e Manicóba ou Manissó, no Brasil; Zacatéca, no México, e Paratéca, no sertão brasileiro da Bahia (valle do rio Rio São Francisco); Arequipa, no Perú, e Quipapá, no Brasil (em Pernambuco); Guanahani, nas Grandes Antilhas, e, em pleno Brasil Central, o nome local mineiro Guanhães, recordando o genrio Guananán ou Ganhán, cá nesta parte da America do Sul; o toponymo indigena Copacabána, na Bolivia (lago Titicáca) e o mesmo nome Copacabana, em lindo arrabalde do Rio de Janeiro e em localidade de Minas Geraes (valle do Alto Rio Doce); Patamoté ou Patamuté, no Brasil (sertão bahiano) e Patagónia, na parte austral do continente sul-americano; Anahuác, no México, e Anauá, no tupi amazonico; Omaha, nos Estados Unidos do Norte, o Omágua, na America do Sul (bacia amazonica); etc. Ao lado dessa impressionante occurrencia de nomes locaes indigenas, evidentemente approximados em seos themas ou raizes, através de idiomas falados por povos primitivos tão diversos e distanciados, no Novo Mundo, ainda há que chamar

a atenção dos estudiosos para umas tantas e bizarras deformações prosódicas vulgares, que no linguajar do povo conseguiram dar illusoria fôrma aportuguezada, em terras brasileiras, a vocabulos de irrecusavel procedencia indigena, quér de origem amerindia, quér de origem africana.

Em antes de mais nada, apontamos uns casos, que nos acodem á memória. A ave palmipede indigena Anavé se converteo, entre nós, em “Anavélha”, quando não em “Anna-

velha”, no dizer vulgar. Entre os Botocudos do Nordeste Mineiro, a voz tapuia átcha-pêt designa um conhecido arbusto da flora medicinal brasileira (a Bochmeria candata, uma Urticácea), que os colonos brancos adulteraram em “aça-pêixe”, chegando os léxicos a grafarem a expressão Assa-peixe, que veio a prevalecer, absurdamente, na linguagem brasileira. Na mesma região mineira do valle do Mucury, é hoje denominado ribeirão das “Americanas” ou “dos Americanos”, o ribeirão primitivamente chamado pelo seo verdadeiro nome tapuia de Amarekán ou Amerekán, dado pela lingua dos Botocudos, na qual a expressão Am-arék-kán, traduzida por: “parece baixo o matto” – bem assignala o curso desse pequeno rio através de mattaria pouco elevada. Na costa fluminense, o nome local tupi Sernambitiba (“ostreira muita”, deposito fossilifero de conchas e ôstras, o mesmo que “casqueiro” ou sambaquis), apparece deformado, em chronistas coloniaes, nesta aportuguesada barbaridade: “Fernam-de-Ti-ba” e até em “Fernão” ou João-de-Tiba”, domo (*sic*) si se tratasse de um nome proprio. O nome vulgar de um vegetal da flora brasileira, o “arranha-gato”, é fôrma barbaramente aportuguesada da expressão indigena dos tupis: arauá-guató. O nome indigena primitivo de Soriman (voz tupi pela qual o gentio amazonico conhecia o rio ora aportuguesado em “Solimões”) se applicava não a uma secção, mas a todo o curso do “rio-mar”; e, ainda na bacia amazonica, o nome indigena primitivo do rio, ora conhecido pele denominação aporturguesada de “Trombê-tas”, era tirado da lingua tupi; Torombetá (da expressão indigena toró-mbetá, o “casco do tatú”, por allusão á abundancia desses animaes nas margens

[p. 14 – fl. 13]

trombetênses). Duas plantas da flora indigena, quér na Africa, quér no Brasil – os bem conhecidos “Bábatimão” ou Bárbatimão” e “Cansação” ou “Casañção” – ficaram com esses indevidos nomes aportuguesados, embora suas denominações sejam legitimamente africanas (Batátiménha ou Babatimóngá e Cassançó ou Cassançú).

Muitas vozes indigenas africanas encontram correspondente homonymia, na “lingua geral brasilica”, muito embora os significados sejam differentes, para taes vocabulos, na Africa e na America do Sul. Eis alguns exemplos interessantes. Dadan é nome indigena de uma ave de rapina, na ornithologia brasilica; Dadáne é o nome africano dado à doença do somno, em muitos pontos do continente nêgro. Dandá é o nome brasílico de uma nóz purgativa do vegetal conhecido por Andassú ou Andá-assú, na flora do nosso paiz, enquanto que, na Africa Occidental, se encontram estes nomes parecidos: Dánda ou Dánde, em Angóla; Dandira e Dánga, na região de Sofála (Africa Oriental); uma arvore da flora

Como palavras finais diremos que, provavelmente, foi por nós pesquisada a copiosa nomenclatura – que consta nas páginas d’este glossário dos toponyms nos. geographicos brasileiros, derivados não só directamente de linguas afronêgras, como da mistura afro-tupy e de algumas hybridações vocabulares afronêgras com outras linguas indigenas de povos primitivos ameríndios. Tal collectanea revela como é riquíssima a dupla contribuição indigena tupi-guarani e a das outras linguas selvagens americanas, ao lado da contribuição das linguas africanas, no “Vocabulario Geographico Brasileiro.”

[p. 17 – fl. 16]

Na referida nomenclatura, através do texto d’este glossário tivemos o cuidado de deixar gryphados não sómente os nomes, que se nos afiguram de duvidosa origem, si africanas ou si brasílica, como ainda aquelles que, embora de taes origens derivados, já são perfeitos “brasileirismos” vestindo a fôrma desinencial aportuguesada, na linguagem do nosso povo; e tambem vão gryphados os designativos de agrupamentos ethnographicos africanos e afro-americanos, expressos sob a fôrma peculiar do nosso plural. Adoptámos mais o processo de metter entre “aspas” os termos indigenas e africanos, que pela apparente homonymia poderiam ser confundidos com alguns vocabulos já do vernáculo, já de outros differentes idiomas do mundo.

Desejamos que os mestres e os doutos possam algo aproveitar da nossa limitada contribuição no assumpto, si de tal honra lhes parecer merecedora esta obra elaborada através do pacientissimo labôr de alguns decênios de estudos e pesquisas.

E pedindo aos leitores esclarecidos e aos doutos de comprovado saber no assumpto, a antecipada indulgencia para as muitas lacunas e defeitos d’este “Ensaio de um Glossário de Afrobrasileirismos”, apenas nos resta dizer – em remate deste longo preambulo – que em nosso trabalho ficou pelo menos constatada a formidável influenciação das fallas da gente nêgra africana, tanto na linguagem popular, quanto na onomástica, territorial d’esta grande nação que é o nosso BRASIL.

O AUTOR

Bello Horizonte, Maio de 1946.

INDICE

das vozes e nomes citados neste volume I do “Eludidário de afronêgrismos”

Abá	Abdulái	Absinta
Abaçá	Abédála	Abú
Abacá-jebú	Abémenléco	Abufá
“Abáda”	Abéokuta	Abufari
Abadá	Aberé	Abugiado
Abadávina	Aberém	Abukir
Abadulacado	Abexi	Abulássa
Abafár	Abeixm	Abuláza
<u>Abagúm</u>	Abiba	Abúna
Abagunçado	Aboim	“Abundádo”
Abangunçar	Abôma	Aburúto
Abaguunçar-se	Abô-malú	“Abusão”
Abaiá	“Abombaço”	Abúta
Abalá	“Abombádo”	Abútêira
Abailádo	“Abombaménto”	Abutilão
Abaláiar	“Abombár”	Abútua
Abalúaê	“Abombár-se”	Abuxó
Abalúiaê	Abôméy	Abuzão
Abãna	Abonássa	Abuziado
Abanãnádo	Abonáxi	Abuzinár
Abanãnár	Abondêiro	Abuzoádo
“Abancár”	Abóndo	Abuzões
Abánga	Abóngádo	Abyssinia
Abángo	Abóngo	Abyssinio
Abanhguéládo	Aboré	Abyssinismo
Abanguézádo	“Abôubaço”	Áca
Abará	“Abôubádo”	“Aça”
Abarém	“Abôubár-se”	Açába
Abariári	“Abôubeamento”	Acabaçado
Abaeókútas	<u>Abrassá</u>	“Acaba-fubá”
Aboins	Abrazô	“Acabânádo”
Abassís	“Abridêira”-de- <u>cachaça</u>	<Aça>
“Abáto”	Abrilóngo	Acaçave
Abbéokútas	“Abrir-o- <u>bué</u> ”	Acacháçado
“ABC” dos Macacos	“Abrir-o-xámbre”	Acachimbádo
	“Abrir-pros-cafundós”	Acachimbár
		Acachumbádo

Acalungado	Acangaçado	Aca	Ac
Acalungár	Acangaçar-se	Aca	Ac
Acámacú	Acanguarado	Aca	Ac
Acambáiado	Acanguládo	Aca	Ac
Acambáiar-se	Acapangudo	Aca	Ac
Acambêtar	Acapengár-se	Ac	Ac
“Acambôádo”	Acapêtado	Ac	Ac
Acambônádo	Acapêtar-se	Ac	Ac
Acamboadár-se	Acapiangando	Ac	Ac
Acamôna	Acapiangár-se	Ac	Ac
Acamônia	“Acára”	Ac	Ac
Acamuécado	Acárabá	Ac	Ac
Acamuécar-se	Acárejé	Ac	Ac
Acandangudo	Acarangádo	Ac	Ac
Acamongado	Acarangár-se	Ac	Ac
Acandongár	“Acarápinhado”	Ac	Ac
Acánga	Acarinhado	Ac	Ac
Acangaçada	Aca	Ac	Ac
	Aca	Ac	Ac
		Ac	Ac
		Ac	Ac
		Ac	Ac
		Ac	Ac
		Ac	Ac
		Ac	Ac

Acachumbár	Acandangádo	Ac
Acacifádo	Aca	Ac
Acacifár	Aca	A
Acacimbádo	Aca	A
Acacimbár	Aca	A
Acácundádo	Aca	A
Acafágéstado	Aca	A
Acafágéstár-se	Aca	A
Acafángádo	Aca	A
“Acafézár”	Aca	A
“Acafézádo”	Aca	A
“Acafézár”	Aca	A
Acafifádo	Aca	A
Acafifár	Aca	A
Acafuádo	Aca	A
Acafuár-se	Aca	A
Acagibado	Aca	A
Acaguête	Aca	A
“Acaláto”	Aca	A
Acaléntár	Ac	A
“Acalêto”	Ac	A
Acalombado	Ac	A
Acalungado	Ac	A
Acalungár	Ac	A
Acámacú	Ac	A
Acambaiádo	Ac	A
Acambáiar-se	Ac	A
Acambêtado	Ac	A
Acambêtár	Ac	A
Acambêtár-se	Ac	A
“Acambôádo”	Ac	A
Acambônádo	Ac	A
Acambóndádo	Ac	A
Acambondár-se	Ac	A
Acamôna	Ac	A
Acamônia	Ac	A
Acamuécádo	Ac	A
Acamuécár-se	Ac	A

Nelson de Senna

ENSAIO DE UM VOCABULARIO AFRICANISTA LUSO-BRASILEIRO

(Acepções, origens e significados de varias palavras e locuções de origem africana, empregadas na linguagem português pelas gentes lusa e brasileira).

A

ABÁ – Nome africo-arabico, designativo do manto branco dos bebuinos e mouros da Costa Berbérica (Africa Septentrional). A “esprança”, na lingua dos prêtos Nagôs (Africa Occidental).

ABACÁ – É nome local, de origem africana, no Estado da Bahia, onde tantos nomes locais e palavras da linguagem popular traem a marca ou carimbo do negro.

ABÁCAJEBÚ – É um nome próprio masculino, em lingua Eubá, falada nos “centros” macumbeiros caiocas, outrora; e ali, entre os velhos escravos africanos, eram frequentes esses nomes próprios, de origem Eubá, (Como Abácajebú, Alufapão, Ginjá, Manê, Ojô, etc).

ABADÁ – É conhecida por este nome a tunica branca, que reveste o Alufá, sacerdote negro dos nossos prêtos Musulmis, sextarios do Islamismo; e, principalmente, nos meios africanos da capital bahiana e da Cidade do Rio de Janeiro, preponderavam os negros Malês, com seus ritos e sacerdotes.

ABÁDA – É um termo talvez maláio ou asiático (assimilado do malaio pela lingua kimbunda) pois em Angóla, designa a fêmea do rinoceronte, grande animal feroz e conhecido pachyderme da fauna africana.

ABADÁVINA – Nome dado pelos nativos da Africa Occidental a um pássaro Dentiróstro da sua avifauna indígena, na bacia do Côngo.

“ABAFÁR” – Verbo brasileiro empregado, em linguagem de gíria, com a acepção de “afânár”, furtar, “surrupiar” coisas, dinheiro e objetos. O étymo “báfo” passa como afronêgrismo vindo de Moçambique, na lingua dos negros Cáfres. Abafár (tambem no sentido usual de perder o ar, suffocar, opprimir ou sentir oppressão,) e outras vozes derivadas e compostas existem, em nosso Vocabulario luso-brasileiro, relacionadas com o mesmo thema (abafação, abafadinho, abafado, abafador, abafagem, abafamento,

abafante, abafar-se, abafável, abafento, abáfo e abafos – este, no significado de agasálhos –, abafêira, bafêjar, bafagem, bafafá, bafament, bafióte ou bafiôto, bafôr, baforada, bafejo, bafento, bafinho, bafío – no sentido de exalação desagradável, em recintos e lugares pouco arejados –, bafo-de-cachaça, bafufú, bafúgem, bafúla, etc).

ABADULACÁDO – Nome aportuguesado e em uso no Brasil, mas tendo sua origem no afronegrismo badulaque (móvel ou traste velho, estragado, o mesmo que cacareco, remetendo-se o leitor para o dito afronêgrismo Baduláque, adeante estudado). O verbo afronêgro brasileiro abadúlacár tem o significado corriqueiro de designar o mobiliário velho e imprestável, já convertido em baduláque.

ABAGÚM – Nome africano de uma ave da região equatorial do Záire, no Congo Central.

[p. 22 – fl. 2]

ABAGUNÇÁDO – Brasileirismo, derivado do termo bagunça (em africano, bagunza) e significando o individuo que se abagunçou ou vive fazendo desordens. (bagunças). É um brasileirismo afro-negro, significando o que tem geito ou feitio de bagunça.

ABAGUNÇÁR – Brasileirismo derivado de voz africana (virár em bagunça).

ABAGUNÇÁR-SE – Verbo afronêgro-brasileiro e empregado no sentido de adquirir geito ou hábitos de bagunça; proceder abagunçadamente, fazendo desordens ou provocando barulho, confusão) etc.

ABAIÁ – Nome afronêgro da dansarina ou bailadeira, no Dahomé (Africa Occidental Franceza).

ABALÁ – Nome de certa iguaria de origem africana itroduzida na cosinha bahiana, sendo também conhecida por “bôlo-de-abará”. A troca do r por l é muito frequente na prosódia afronêgra (abalá por abará). O abalá é ãa massa de “feijão fradinho” cosida a banho-maria, depois de bem temperada com azeite de dendê, sal e pimenta, sendo tudo envolto em fólha de banáneira, como se usa fazer com a pamonha de milho-vêrde.

ABALAIÁDO – Brasileirismo derivado do nome baláio, de origem africana. Da mesma fórmula, o nosso verbo “abalaiár”

ABALÁIÁR – Dar um cêsto a fórma de baláio, sendo um verbo brasileiro, de frequente esmprêgo popular. Em que pese aos partidarios da origem antilhana ou amerindia, temos por melhor, abonada a origem afronêgra de baláio, assim como de surrão, jacá bruáca, cassuá e outros nomes que nos deixaram os escravos africanos.

Abaluaê – O mesmo que Abaluiaê, nome africano) conservado entre os negros africanos.

ABALUIÂÉ – Voz afronêgra introduzida na Bahia pelos negros Nagôs, inteligentes escravos que o trafico nos trouxe da Africa até meados do século XIX. No ritual da macumba, é sempre invocado o espirito divino dêsse orichá ou santo do culto afronêgro, sendo de origem yorubana o nome Obaluyaê, alterado prosódicamente em Abalúaê ou Abalúiaê e Abalúyaê, entre os prêtos bahianos.

[p. 23 – fl. 2A]

A. A proposito de Abaluaê, ou Abalúiaê (corruptélla do verdadeiro nome, que é Obalúiaê ou obalúyaê) trasladaremos para aqui varias notas corrigidas sobre entidades e praticas do culto fetichista afronêgro, em terras brasileiras, mencionando nomes designativos de santos e divindades, de membros e auxiliares de sacerdócio afronêgro, nas cerimônias e superstições do ritual fetichico, e tambem outros infórmes sobre essa servivescência de cultos de origem africana, nas macumbas, xangôs, catimbós e cabálus espalhadas de Norte a Sul do Brasil. Os feiticêiros asquibámbas (asquiamba provem de tchimbamba), chinguiladores, mandingueiros, catimbozeiros e macumbeiros, carimbámbas, misturando praticas de culto religiôso com o officio de curandeiros no preparo de “despáchos” de ébó e bebêrágens de suas “mêizinhas” e tizanas, tudo de envôlta com “passes” de manigância e “fêitiçarias”, exerceu nas camadas populares e entre a gente mestiça de regra inculta e supersticiosa, maléfica influencia com essa arte empírica de sortilégios, braxêsos e baixa medicina.

B. Os babalaôs, babalôs e babalôrixás são officiantes do sacerdócio fetichista afronêgro; e ao lado dos “Paes-de-Santo” e “Paes-de-terrêiro”, estão as “mães-de-santo”, as “mães-de-terrêiro”, as “mães-pequênas”, as “Filhas-de-Santo” (Yánôs), os Ogáns (“protetores do terrêiro”).

C. A cabála (que o Bispo Dom João Nery ainda encontrou funcionando, no interior do Estado do Espirito-Santo), a cábula e o cabulismo, com os seus cabulistas fanatizados; as superstições do “Bicho-Tútú”, do Cambira ou Cambire e Cambirôto, do Capêta e

do Tifúte (diabos ou demônios, “diáchos” e “diánhos”); do “Mão-de-luva”, do “Nêgrinho-do-pasto”, do “Pé-de-Pato”, do Quibung, (“Quibungo-Estóque” e “Quibungo-Papão”); do “Tútú-Marambáia” e [**]

[p. 24 – fl. 2B]

crendices: são manifestações típicas d’essa influência que o negro africano deixou, no subconsciente das massas populares em nosso país, desde a Amazônia ao extremo Sul do Brasil.

Os catimbós e os temíveis catimbozêiros da região Nordestina (catimbó afronêgro, “catimbó-de-cabôclo” e “catimbó-de-nêgro”), os “despachos” e fêtiços (“despacho”-de-ébó, “despacho”-de-Exú); o Exú ou “cavalo”-de-macumba (isto é, o médium ou espírito “possuído”, sobre o qual baixou determinado “Santo” ou Orixá invocado, nas sessões do baixo “espiritismo” dos xangôs e macumbas). O curandeirismo influenciado pelo Chêramundi ou Xêramundi o temos inspirado pelo azár da cábula, da cafanga, da cafífa e da urucubaca (falta de sorte ou “encaipóramento” dos cabulósos e encabulados e encafifados, mormente no jogo, onde crêem os viciados das bancas do marimbo e do “truque-de-mão” que nem os naipes fortes do coringa, do dunga e di “hápe” podem tirar a má sorte do jogador): são outras tantas provas da profunda “marca de negro”, na mentalidade das nossas camadas populares. Uma cohorte de superiores entidades benéficas e maléficas (estas, em maior profusão) povôa a crendice afronêgra, na série de suas divindades (orixás ou orixás), ainda hoje cultuadas e temidas pelo adepto dos “centros” e núcleos de catimbós, xangôs e macumbas.

Abaluaê ou Abaluayê (para a crendice nêgra, sob a influencia catholica, este sexto orixá está encarnado no Martyr São Sebastião); Baiánênin e Burucú (este orixá aparece sob as designações de Nãñã-Burucú contrahida a expressão, às vezes, em Nambrucú ou Onãmburucú).

D. Seguem-se Dadá (a deidade provinda da descendencia divina de Xangô e cujo nome e appellido é sobretudo estimado por mulheres afronêgras e mesmo por antigas “Sinhás-Donas”, no velho Brasil, sob o regime da escravatura); e ao lado dela, Dá, Dandá, Daquêrá, Dé, Dédé, Dú, Dúdú, Dúdú-Cá-iú, que são outras muitas das

expressões e designações, attributo ou significado de origem religiosa afronêgra e que no Brasil ainda familiarmente se empregam até como appellidos pessoas.

E. Além do “feitiço” do Ebó, já citado e que constitue o “despacho” (o meticoloso preparo dos catimbozeiros e mandingueiros, mestres em “coisas feitas”, com tantos ingredientes ridículos, desde a gallinha prêta, o sapo sêcco, o charuto, a vela de cêra amarela, a farófa de farinha de milho, misturada com azeite-de-dendê, os bonecos ou manipanÇos espêtidos de alfinetes, os fachos ou méchas de cabelos, os fiapos de baêta vermêlha, etc.); relembremos a deidade Eméasâu ou Eméassáu; o Êichú-Cêlú e Êichú-Tamentára; os “Encantados-póssantes”, das macumbas e xagôs; a “Espada de Ogún” e a “Espada-de-Óyá; o Éssé-de - Changô (ou pé marcado na terra pelo poderôro Orixá); o “Espírito curandeiro de Xêramundi; a Enlória (que é o oitavo orixá afronêgro, nos xangôs pernambucanos, e cujo culto alli se confunde com o de N. Sra. dos Prazêres, pela tendencia dos afronêgros e seus descendentes em identificar com os seus predilectos orixás os santos e divindades do culto catholico, por eles como que apenas aceito na exterioridade das pompas litúrgicas); o temível Exú, anjo máu e rebelde, transfigurado que tantas manifestações diabólicas ou demoníacas (cambirôto, capêta, demo, diácho, diânho, futé, têba, capi rôto, tifuré, tinioso), que apavoram o nêgro supersticiôso e crédulo. Do vocabulário afronêgro (gêge-nagô) ainda nos ficaram outras palavras e expressões, como Êdé, o Édémó, o Êifúm, a Êigica e o Êigicâm; o “Ejú-do Santo” (o olho esprêitado do Orixá); o Elénde (vindo de Angóla); o Emidélodô, o Emi-dudú e o Emin; o costume ritual de “enfaixar com o Ôjá a Yanô ou “filha-de-santo”; o Équéde, o Eiránda e o Exúa (este é o “cavalo” mediúmnico, isto é, o iniciado sobre o qual “baixou” ou “montou” o forte espirito do Orixá invocado conforme atras ficou dito).

F. Faz-se mister recordar, aqui, o cerimônial de “fazer o adobalê”, isto é, a reverência aos entes superiores, aos orixás e aos sacerdotes e officiantes do seo culto (babaláus, babalôs, babalorixás, “paes-de-santo”, etc.); e as chamadas festividades do culto afronêgro, conhecidas por: festa-de-changô, festa-de-Inhãmansân, festa-do-Inhãme, festa-dos-Aiês, etc. Incorporados a esse culto estão objectos symbolicos, como as “Ferramentas-de-Ogúm” e os ídolos tôscos, entre os quaes alguns bem trabalhados, em barro, madeira ou metal,

devotando certa arte dos negros, nesses “fetiches” dos xangôs, catimbós e macumbas; e dentre eles, se destacam “fetiches-possantes”, como sejam os de Changô ou Xangô, de Ogúm, de Ôdé, de Abaluayê, de Yamanjá ou Yemanjá, de Yanessã, etc. Todos esses “fetiches” ornaram os oratórios, no recinto sagrado do Pêji. Os “feiticeiros” asquibámbas, chinguibadôres, mandingueiros, quimbôtos e tchimbámbas muito veneraram a todos os Itéques e Orixás, objecto do seu culto “fetichico”. Os “féis-de-Exú” são particularmente apegados ao culto que prestam a esse ente maligno, de quem se mostram devotos pelo terror que lhes infunde o diabólico e poderoso Exú, nas suas diversas manifestações. A “figura esculpida” de Xangô; o Filáfi ou gôrrô dos Alufás (sacerdotes dos negros Malês); as múltiplas personalidades dos crentes possuídos pela “descida ou queda do santo” (e são as “Filhas-de-Santo” ou Yanôs, as “Filhas-do-Orixá”, os “Filhos-de-santo”): são também de se relebrar.

- G. O “Gallo sacrificado a Exú”; a Gaméllêira sagrada dos Xangôs (a árvore venerada sob o nome de Irôco e objecto de reverente culto”; as “garrafas” de azêite-de-Dendê, do abamado “caximbo” de mel e cacháça, e das beberagens rituais da “água de jurêma” e outras tizanas e “pussangas” usadas no ritual das macumbas e

[p. 27– fl. 2E]

catimbós: as práticas da Gánda (de Angóla) e do Godé, o laseivo gingár dos quadris das possêssar, dansando em louvor dos Orixás, sob a influencia magnetizadora do “Grande Babalôrixá”, nas sessões de homenagem ao “Grande-Ogúm”. Também gunôco ou gunocô é o guerá, o gui-gui.

- H. Helêbá ou Elêbá (igualmente escripto Elêgbá)

Nas reuniões dos fieis afronêgros (principalmente, no Recife e em outras partes do Nordeste Brasileiro), a “hora do toque do Xangô” marca o início das cerimônias rituais dos adeptos desse culto, espécie de macumba do Norte.

- I. Ialôrixá – mãe de santo, Ialôrixá – “mãe de terrêiro”, Ialôrixás negras, que nos candomblés, xangôs e macumbas, assistem aos Babalaôs oficiantes, nas cerimônias do culto “fetichico” afronêgro, são personagens destacadas do ritual. Famósa, por exemplo, no Recife, a Ialôrixá “Izéfa”, como famoso o seu venerando parceiro, o Babalôrixá Ansélmo.

A mulher nagôa (em seo idioma Iabá) teve sempre papel preponderante, nas praticas do culto gêge-nagô, radicado principalmente na Bahia e Nordéste do Brasil. A Iauô é a “filha de Santo” já iniciada, e sem o consensso dela não teria êxito uma sessão impressionante do centro do Xangô, do candomblé, ou da macumba.

Iá-manguê e Iá-quéquerê são instrumentos consagrados que tócam durante essas reuniões religiosas de tradição africana, em

[p. 28– fl. 2F]

quanto alli rufa o tambôrzinho denominado Ibú. Os nomes Ibáu, Icólo, Idi, Ifé, Ilais, Ilé, Ilé-Ilê, Ilê-hibê, Imún, Inán, Ináne, I-paeô, Iraê, Irúm... são frequentemente repetidos, como vozes originadas do idioma Nagô-Yorubano, em muitas passagens dos actos d’essa bárbara liturgia dos centros macumbeiros.

[p. 29 – fl. 3]

ABÂMA – Nome angólénse de uma planta liliácea (*Anthericum ossifragum*, segundo Linneu), na flora da Africa Occidental.

ABANÂNÁDO – Brasileirismo derivado do nome africao banana, havendo tambem o verbo “abananar”.

ABANÂNÁR – Verbo Luso-brasileiro, significando: abôbár, apavalhár, fraquejar, apalemár, aturdir, etc. Os outros derivados, como abanãmár-se e abanãnádo, se prendem todos ao africanismo banana, introduzido com a respectiva planta e fructo tropicaes no Brasil colonial ao tempo do trafico negreiro.

ABANCÁR – Outro verbo afronêgro-brasileiro, possivelmente derivado da expressão Au-bamba, em que se emprega no sentido de esconder, ocultar e tambem no de correr em fuga, correr encalço de alguns, perseguir, acompanhar o rastro, etc. São frequentes estas expressões: “abancar no mucambo”; “abancou pra dentro do zungú”; “abancado” no rastro do quilombola, etc). Estes poucos exemplos mostram o emprego e sentido de abancár, homonymo de outro verbo portugues (“abancár”, no sentido de tomar assento, acomodar-se, assentar-se).

ABÁNGA – Nome de qualquer palmeira e de seo fructo, no dialecto angolêz dos prêtos da Ilha de Santhomé (no Golfo de Guiné).

ABÁNGO (ou Bángo) – É este o nome que os naturaes dão, na costa, occidental africana, á bananeira ou ao pé-de-banãna.

ABANGUÉLADO – Qualificativo brasileiro, de origem afronêgra, e significando ficar destentado ou banguélo, sem os dentes da frente da bôcca. É um particípio de verbo afronêgro-brasileiro abanguelár (ficar desdentado, perder os dentes da frente) e também adjectivo empregado na já referida accepção de desdentado.

ABANGUÉZADO – Brasileirismo derivado da voz afro-negra banguê; e diz-se do pequeno engenho de canna do Nordeste, que ficou apparêlhado como banguê. (Vide adiante este afronêgrismo, com tantos e diversos significados, na linguagem luso-brasileira).

ABARÁ – Nome afronêgro derivado da lingua yoruba e também equivalente a aberém: é um bôlo preparado pelas yáyás e pretas bahianas com massa de feijão cosida com azeite-dendê e outros acepipes. É o mesmo que Abarém, nome africano do bôlo de massa de feijão, temperado com azeite-de-Dendê, cebola, sal e pimenta-de-cheiro. Acrescentemos ainda que abará vem a ser o mesmo que abalá ou abarém, uma especie de bôlo, massa ou pudim feito com arroz ou com feijão-fradinho, levado a cozimento em “banho-maria” com a massa envolta em folha de bananeira, que a culinaria bahiana herdou dos usos africanos. É iguaria constante de um bôlo de massa de arroz ou de feijão temperada com azeite-de-dendê e outros condimentos; e assim é diferente do “bolinho-de-caragê”, tem sido introduzida pelos escravos africanos, na Bahia e outras terras do Norte do Brasil.

ABARÉM – É nome afronêgro, conservado na Bahia, e designando uma iguaria, especie de bôlo de massa de “feijão-mulatinho”, temperada com cebola e sal, pimenta de cheiro e azeite de Dendê. Outros autores quasi dizem o mesmo sobre o dito nome abarém ou aberém [**] bôlo de fubá de milho, do proprio “milho-cutête”, ou de arroz, tudo envolto em folha de bananeira e levado a cozimento em “banho-maria”, tendo sido este alimento introduzido na culinaria bahiana pelos prêtos Gêges-Iorubanos, sendo considerado prato afro-nêgro brasileiro, deixado na culinária bahiana pelos prêtos Nagôs e Yorubas. É o mesmo que Abará e Ababá, nomes todos equivalentes em significado.¹³⁰

¹³⁰ O autor pede para inserir “aqui fl 3A e 3B”.

ABARIÁRI – Para a Costa de Moçambique é vendida uma chita indiana, que tem este nome de abariáre ou abariári, e muito apreciada pelas nêgras cáfuzas.

[p. 30 – fl. 3A]

A proposito desse nome Abará ou Abarém, vem azádo o ensejo de mostrarmos como a arte culinária africana (principalmente a de origem “angolêza”, a “gêge-yorubana” ou “Nagô” – que tanto influenciou na cosinha nortista, desde o Rio de Janeiro até a Bahia e dali até Pernambuco, e pela bacia do rio São Francisco até o Norte e Centro de Minas, sobretudo – está em moda, em nosso paiz. Todos esses gôstósos acepipes, iguarias, quitutes e temperos, que as pretas africanas e as “Nêgras-Minas” no Brasil ensinaram a preparar, figuram, não raro, na mêsa de refeição dos brasileiros nortistas. Muita “rua da Quitanda” ha pelas velhas cidades do Brasil (Bahia, Rio, São Paulo, Olinda, São Luiz, Diamantina, etc); e, na metrópole carióca, ha vários “restaurantes” e casas de petisqueiras e quitutes bahianos, em que predominam os pratos da cosinha afro-brasileira, sempre apreciados, até mesmo por paladares estrangeiros. O professor MANOEL QUERINO, prêto culto e muito sabedor dessas cousas, como bom bahiano que era, falou de cadeira no assumpto, em seos estudos sobre “Costumes africanos no Brasil”, agora editados em São Paulo (1938), após a sua morte.

São dezenas de pratos de guisados e iguarias, doces e guloseimas, que as donas de casa brasileiras aprenderam com as peritas cozinheiras, quitandeiras e quituteiras, descendentes de velhas nêgras africanas. Eis aqui um ligeiro inventario dos nomes afronêgros dessas comidas, bôlos, doces, bebidas refrigerantes, fritadas, massas alimenticias e temperos, que nos legaram os prêtos vindos da Africa: abará, abarém ou aberém, acaçá ou acassá, acamôna ou acamônia, acarajé ou carajé, acassá-de-leite, “ádo-torrádo”, aforrá, afurá ou afurrá (bôlo de arroz), agigi (milha azêdo ou pubo), ambrozô, angú, angú-de-cangica, angú-de-farinha, angú-de-fubá, angú-de-“nêgra-mina”, angú-de-quitandeira, aguíte, anguzô, arrôz-de-Aussá, arroz-de-cuxá, axim, azeite-de-dendê, bóbó, bôlo-de-fubá, brôa-de-fubá-mimôso, brozô, cangica-de-munguzá, carurú-á-bahiana, carurú-de-pêixe, côcáda-bahiana, cúscús-com-leite-de-côco, cúscús-com-pêixe, efô, farinha-de-côco, farinha-de-macacão ou de fubá torrado,

farófa, farófia-de-jabá, fubá, fubá-de-arroz, fubá-de-cangica, fubá-de-milho, fubá-mimôso, fubá-pubo (fubá azedado), furrundúm-de-cidra e gengibre, furrundum-de-zambôa e côco raládos, gembê, giló-afogado, guizados diversos (com giló, gondó, inhâme, maxixe, mugánga, quiabos, quigombôs, xúxú); infundi, ou “pápas de milho raládo”, manauês de polvilho, mocotó cosido, mondóngos, mungunzá ou munguzá, muquécas de carne ou de peixe, ogê, oguedê, “pé-de-moléque” (dôce de rapadura e amendoim), pimenta da Guiné e pimenta malaguêta, quibêbe-de-abóbora-mugánga, quindins-de-côco, quindins-de-Sinhá, quitandas-de-fôrno, quitutes variados e muito condimentados, temperos picantes de ataré, de axim, de malaguêta e de quitôco, tútú de feijão, vatapá, xibé, xinxim de galinha, zorô (de camarões com quiabos), etc.

ABASSIS – Nome porque também são chamados os povos áfrico-abexins da Etiópia.

ABÁTO – É um nome africano tirado do idioma Nagô e conservado na Bahia.

“ABC-dos-macácos” – Denominação brasileira de uma versalhada rimada, com o linguajar caipira do Nordeste, fazendo parte do folk-lore regional.

ABDÚ – Termo africano, na Guiné Portuguesa e, sem dúvida, de origem árabe, designando um nome próprio entre os pretos guineanos.

ABDULÁI – Nome próprio afro-arabico, no idioma Guineano.

ABÉDÁLA – Nome arábico, africanizado, e designativo de uma espécie de eremita muçulmano, entre as tribos mouras e os negros sectários do Islam, no continente africano.

ABÉMELÚCO (ou Abélmelúco) – Nome arábico-africanizado de uma planta da antiga Mauritânia (África Septentrional).

ABÉOKÚTA – Nome de uma cidade africana da Costa Ocidental no país dos negros Egbás, e que até meados do século XIX chegou a ter 80 mil almas e o seu tempo de maior prosperidade comercial com o intenso tráfico de escravos Nagôs para o Brasil (Vide ABBÉOKUTA).

ABERÉ – Nome yorubano e também dito Eberê, significando bocado ou náco de certo alimento ou bôlo envolto, recoberto ou enrolado em folha de bananeira, quando vai cozinhar, em “banho-maria”, a fôgo lento.

ABERÊM – Nome afronêgro, de origem yorubana, e pelo qual ainda na Bahia se conhece uma iguaria, especie de acaçá, em que a massa de fubá-de-arroz ou fubá-de-milho é temperada com calda de assucar, em vez de agua e sal. O mesmo que o Abarém. Deste nome de comida afronêgra introduzida na Bahia, ficaram alli muitas expressões correntes: aberém-adôçado, aberém-assucarado, aberém-assado; aberém-bahiano; aberém-com-carurú, aberém-com-mel, aberém-da-Bahia; aberém-de-farinha-de-milho; aberém-de-fubá-mimôso; aberém-de-milho-ralado; aberém-de-Nagô; aberém-de-pó-de-arroz; aberém-enrôlado-em-folha-de-bananeira; aberém-yorubano; bôlo-de-aberém; etc. Esse nome veio da lingua yoruba, cujos naturaes trouxeram para a Bahia a receita desse bôlo feito de fubá-pubo, ou meio azêdado, de milho e arroz, sendo a massa misturada com agua e sal e tempêros picantes.

Ainda sobre o ABERÊM dispomos que esta iguaria de origem afronêgra, conservada na culinaria bahiana e nortista, differe do abará ou abarém, pois este é uma especie de bôlo feito com massa de “feijão-fradinho”, que leva tempêro de cebôla, sal, pimenta e azeite-de-Dendê; enquanto o aberém se parece com a nossa pamonha indigena, sendo um bôlo feito, ora com farinha de arroz, ora com farinha de fubá ou de milho, ou mesmo com milho ralado, e levada a massa a cosinhar em “banho-maria”.

ABEXI (ou Abexim) – Quer dizer “povo de origem diversa”, nome dos nativos da Abyssinia, os Abexins, subditos do milenar império Ethiópico. É curioso assignalár que o indigenismo brasileiro Amoré (donde proveio Aimoré) também significa: a gente diversa, o povo diferente (do Tupi).

ABEXIM – O mesmo que Abyssinio (o natural do império africano da Abyssinia, antiga Ethiopia). Também são chamados de Abassis os povos abexins da Africa.

[p. 32 – fl. 4A]¹³¹

Abbéokútas – Negros da nação yorubana, também conhecidos por Egbános, Egbás e Eubás, na Africa Equatorial, região do Baixo-Niger, e alcunhados de “Rebôlos” ou

¹³¹ As páginas 32 e 33, enumeradas pelo autor como folhas 4A e 4B estão escritas em um papel bem fino, quase transparente, como se fosse um papel de seda. É praticamente impossível ler o que está escrito nessas páginas.

“Ribôlos” no Brasil, por terem a “cara banhada”, isto é, cheia de cicatrizes dos goles e gilvazes que ritualmente faziam em seus rostos, por uma pratica de fanatismo religioso. Eram mahometanos e fetichistas, em mistura de crenças; e destes abbéokútas.

[p. 33 – fl. 4B]

Nuba-Fulas (povos nêgros mestiçados na raça e na lingua com outros elementos arábicos, na região entre Sudão e Nubia).

[p. 34 – fl. 5]

ABIBA – É o nome africano do instrumento sagrado usado pelo grande feiticeiro, que oficia na macumba, como o Abibonán.

Ao falarmos neste instrumento afronêgro denominado abiba, evocaremos os nomes de muitos outros instrumentos musicaes (quase todos da chamada “musica de pancadaria”, pois os nêgros possuíam poucos instrumentos de córda e de sôpro ou de tóque sonoro) ainda usados pela gente de côr, no Brasil.

São eles denominados: abiba, adjá, adufe ou adufo, afôfiê, agê, agôgô, aguê ou aghuê, anzan, aricóngo ou aricungo, atabaque, baláfo ou balafón, bambulá, banjo, batá, batucatós, batucagé, berimbáu ou birimbáu, bombo ou bumbo, bucambúnda, caixa-de-rufo, canzá, caxambú (tambôr), cracaxá, cuica, exerê, ganzá, gonguê, ingóndo, marimba, marimbau, maxête, oricungo, pandeiro, puta, queré-quexé ou quereré-quexé, quissanje, rêco-rêco, tambáque, tambprim, tambú, timbá, umelê, uricongo ou uricungo, viôla-de-Angóla, xaxaxá, zabumba e zambe.

Alguns deles aparecem, na linguagem vulgar com os nomes duplicados, em variantes gráficas e prosódicas, quaes sejam: adufe ou adufo, aghuê ou aguê, atabáque ou tambáque, aricóngo ou oricongo, aricungo ou uricungo, baláfo, balafón ou balafão, berimbáu ou birimbáu, bombo ou bumbo, canzá ou ganzá, tambor ou tambú, etc.

[p. 35 – fl. 5A]

ABIBE – Nome, talvez de origem afro-arabica de uma ave pernalta (Tringa-Vanellus), que faz emigração periódica, em bandos, na região dos lagos da Africa equatorial

ABIBONÃN – Nome africano de um feiticeiro negro, com poder quase igual ao Ogún, entre os adeptos da macumba.

ABILA – Primitivo nome da cidade marroquina de Ceuta, na ponta do Noroeste da Africa, costa Mediterraneo e á entrada do Estreito de Gilbratar (antigas “Columns de Hércules”).

ÁBO – Quer dizer a “fêmea”, em idioma Nagô-Yorubano (vide adiante o nome Abô).

ABÔ – Vocábulo do idioma Gêge ou Éuê, na Africa Occidental. (é o nome que os Nagôs deixaram na linguagem dos negros bahianos, designando a “vaca”).

ABOGÁ – nome africanizado de um funcionario indigena da Costa da Mina, entre os pretos do antigo reino do Dahomé, no seu trafico com os portugueses.

ABOLIM – Nome congalês ou indostânico, designando uma flor branca lyrial (crassandra undulae folia), e que se introduziu, por intermédio dos Muros e Baneanes, na linguagem dos nativos de Moçambique (costa africana oriental).

ABOIM – Este codinome, usado por familiares nortistas, principalmente na Bahia, está relacionado com o nome designativo dos pretos Aboins, vindos como escravos, outrora, da Africa.

ABÔMA – Nome conguês, na Guiné e também na Costa do Dahomey, costa africana do Atlantico.

ABÔ-MALÚ – Expressão nagôa, pela qual estes africanos designam o “bô”, ou o “macho da vaca”.

ABOMBAÇÃO – Palavra brasileira, d origem afronêgra, significando: cansaço, esgotamento de forças por grande fadiga ou demasiado esforço da carreira. Frases ou expressões usuais: abombação do animal, do cavalo na carreira disparada ou no galope violento. Cansaço, fadiga, extenuação, durante a carreira ou marcha violenta do animal em que se viaja, nas estradas, etc.

ABOMBÁDO – Alguns autores salientam a coincidência de sentido, quanto a este vocabulo, entre o africanismo e o americanismo, este bem usado entre o linguajar de gaúchos do Rio da Prata e do Rio Grande do Sul, quando se referem, por exemplo, ao “petição abombado”, ao facto de ficar abombado o animal de montada, que abombou (ficou estrompado) na estrada, etc. A expressão “abombár animaes” revela nos peões falta de

prática em bem conhecer a força de resistência de seus cavalos, obrigando-os a carreiras desabaladas e a marchas excessivas, o que faz o gineete cair, extenuado, em meio da galopada. Esse “bra-

[p. 36 – fl. 6]

sileirismo”, seja de fundo africano, ou proceda de voz americana primitiva dos Pampas, escapa do Vocabulário vernáculo ou verdadeiramente “português”. O mesmo que cansado ou estafado (o cavalo aguado em viagem, e que ficou abombado). O verbo abombár, no sentido de explorar ou espreitar o campo inimigo, tanto é considerado “africanismo” como “americanismo”.

ABOMBAMENTO – Significa cansaço, esgotamento de forças, extenuação; e diz-se do estado ou situação em que ficou o animal abombado (isto é, cansado, estafado, esgotado de forças); o abombamento do animal que “deu o prégo”, isto é, ficou “frouxo” na viagem, não aguentou a fadiga da longa marcha. O cavalo “aguado” ficou logo abombado, conseqüentemente, e não pôde prosseguir na jornada.

ABOMBÁR – Verbo afro-brasileiro, derivado da expressão africana Ku-bómba (em idioma banta, significa: “estou aturdido, estou cansado ou estafado”, “tenho sede e fadiga”); e no dialecto banta dos negros chitongas da bacia do Zambéze, na África Central, a expressão é sempre ouvida, quando em marcha a pé, pelos sertões africanos, um comboio ou caravana de nativos. Portanto, os sentidos do verbo “abombar” é estafar, ficar com fadiga, cansar-se, afatigar-se, estourar de cansaço. Abombár na carreira; ficar abombado; o cavalo bombeou na viagem: são frases comuns no Brasil.

ABOMBÁR-SE – Forma luso-brasileira do verbo afro-brasileiro abombár, acima estudado, e que, significando cansaço, esgotamento, fadiga, na marcha ou na viagem, nos veio da expressão verbal ku-bómba (estar cansado ou sedento”, no dialecto chitonga da língua banta do Zambéze).

ABOMÉ – Nome africano da Capital do antigo reino negro do Dahomé (na Costa da Mina), hoje possessão francesa, desde 1892.

ABÔMÉY (ou Abomé) – Nome congalês da antiga capital do Reino negro do Dahomé (África Occidental), tomada pelos Francêzes, em Novembro de 1892, e incorporada ao seu Império Colonial africano. Abôma é também outro nome local indígena, nessa região da África Negra.

ABONÁSSA – Nome indígena, quer na África quer na América do Sul, de uma palmeira, cujas fibras alvas e delicadas servem para tecer chapéus e esterinhas finas e delgadas.

ABONÁXI – Nome afronêgro de um animal selvagem, espécie de lobo, que ladra como cão (o “chacal-abonaxi” da África Central). Terá, talvez, um nome cafreál.

ABONDÊIRO – Nome aportuguêzado de corpulenta e copada árvore da flora africana, em Angóla (o baobab). No Brasil, em São Paulo, existe o nome local Baobá.

[p. 37 – fl. 7]

ABÓNDO – Árvore africana da flora de Angóla e Congo. É o nome africano da árvore tropical, o abondeiro. Também grafado Avôndo, na África Occid. Portug.

ABONGÁDO – Adjectivo popular brasileiro, tendo o mesmo significado que achado, buscado, procurado; e é forma derivada, irregularmente, do verbo afro-brasileiro “bongár”, que tirámos da expressão angolêza cu-bonga (a qual significa: achar, buscar, encontrar, espedrinhar, procurar).

ABÓNGO – Nome equivalente a Obóngo, designativo indígena de uma tribo nêgra de pigmeos nativos do Congo Francez, na Costa Occidental da África. Os nêgros Abóngos ou Obóngos são também conhecidos por Akúas ou Okúas e Babóngos. Os antigos descobridores Portuguezes os conheciam por Matimbos.

ABORÉ – É o título dado ao Babáloxá mais antigo ou mais velho e mais graduado sacerdote conhecidos por “Babálaôs”, entre os nêgros macumbeiros. É nome designativo de um alto gráo, na função religiosa da magia afronêgra, quer nos “centros” bahianos, quer nos cariocas, do culto das macumbas. O aboré também é conhecido por Babanlá ou sacerdote-chefe de um “terreiro”, na Bahia.

ABOUBAÇÃO – O mesmo que “abôubeamento”, isto é, ficar com o corpo cheio de “bôubas” ou feridas provenientes dessa moléstia infecto-contagiosa, que os negros africanos trouxeram para o Brasil colonial. O nome científico das “bôubas” é Framboézia intertropical. Alguns autores contestam que seja um africanismo o nome Bôuba ou Buba).

ABÔUBADO – Qualificativo brasileiro, de origem afronêgra, e dado do que ficou com o corpo “carregado”, isto é, cheio de bôubas (a terrível moléstia Framboézia intertropical).

ABÔUBÁR-SE – Verbo afronêgro-brasileiro, empregado na acepção de contrahir “bôubas” (molestia infecto-contagiosa, de origem africana, no Brasil).

ABÔUBEAMENTO – Vide Abôubação, nome acima estudado.

ABRASSÁ (ou Abraçá) – Nome local, de origem afronêgra, em território bahiano, onde ha uma localidade conhecida por “Abrassá-da-Esplanada”.

ABRAZÔ – É uma comida africana, constante de pequenos bôlos feitos com farinha de milho ou mandioca, azeite de dendê, pimenta e outros tempêros, sendo os bôlos fritos no mesmo azeite (conforme se vê do “Vocabulario Pernambucano”, de Pereira da Costa). Vem ser a mesma comida denominada ambrozô, na Bahia, nome contrahido de Ambórôzô,

ABRIDÊIRA-DE-CACHAÇA – Expressão popular brasileira, designando um “góle” de pinga especial, bebida antes da refeição, como estimulante ou para abrir o apetite: tambem se diz “abridêira de dindinha ou de ginginha, “abridêira-de-maráfo ou de sizóca”. Como se vê, são expressões compactas, em que sempre ha um complemento de origem afronêgra.

[p. 38 – fl. 8]

ABRILÓNGO – É um nome local que nos parece de origem africana, em territorio brasileiro de Matto Grôssô, nas margens do Cuyabá.

ABRIR-O-BUÉ – Expressão afronêgra brasileira que, em linguagem chula, quer dizer: abrir a choradeira, chorar altoe sem pausa, como sempre fazem as creanças e molequinhos manhosos e “birrentos”.

ABRIR-P’ROS-CAFUNDÓS – É uma expressão brasileira, de composição hybrida, formada por elementos luso-afronêgros, equivalente a “fugir para logares remotos ou de acesso difícil”; o mesmo que “ir para os cafundós”, sumir dos meios civilizados e populósos. Com ella, outras expressões vulgares, que herd´mos do linguajar dos prêtos africanos: “Abrir-p’ro-Mocambo”, “Abrir-p’ro-Quilómbo”, isto é, ir alguém se refugiar no acampamento dos mucambêiros ou dos quilombolas; e ainda existe outra expressão: - “abrir-o-“pala”-na quiçássa”, significando fuga, partida precipitada para o matto, para a róça distante). Outra expressão afronêgra-brasileira, empregada no mesmo sentido de evadir-se, fugir, metter o pé no mundo, e “abrir-o-xámbu”.

ABSINTA – Nome áfrico-arabico, que os Cafres de Sofala deram a uma região de Séna, em territorio de Moçambique. Aliás, o nome da planta absinto.

ABÚ – Nome africano com que é designada a bananeira, de uma variedade de fructo insipido e que só comem assado ou cosido ou indigenas da Costa Occidental. É tambem termo de Moçambique (nome local do districto de Séna, em Sofála) e os indigenas o tomaram do árabe, como aconteceu a muitos outros nomes da costa oriental africana, tão frequentada pelos Mouros, portadores da lingua, religião e civilisação dos arabes mahometanos. O ABÚ vem ser ca entre nós, a chamada “banãna da terra”, que só se come assada, cosida, ou frita, e é expressão usual da Bahia: “Abú de banãna” (delicioso prato de “banãnas da terra” assadas no forno, com especiarias, asucar ou mel, gengibre e canella da India).

ABUFÁ – Quer dizer o “mestre”, o “missionário”. É termo-africano-nagô e corruptela de Alufá (vide adeante este nome).

ABUFARI – Nome indigena, tanto na Africa como no Brasil havendo na região Amazonica o nome local Abufary.

ABUGIADO – O que tem o geito ou feição de bugio; o mesmo que amacacado, sendo um brasileirismo de fundo afronêgro, embora a fórmula aporuguezáda que reveste (vide adeante o vocabulo Bugio)

ABUKIR – Localidade africana, de nome árabe, do Baixo-Egyto, na costa Mediterranea. Aboukir ou Abukir ficou celebre, na historia, desde a batalha de Napolão Bonaparte contra os Mamelukos egypcios e os Turcos (1799), tendo um anno antes sido destruída no seo porto a esquadra franceza pelo Almirante inglez Lord Nelson.

[p. 39 – fl. 9]

ABULÁSSA – (vide Abuláza, vocabulo em seguida estudado).

ABULÁZA – É um nome africanisado, cujo thema vem do árabe abul; é tambem escripto Abulássa e designa, entre os naturaes de “Madagáscar”, uma arvore da flora insular malgache. A dita voz arábico-malgáche aparece igualmente com a variante metaplástica – Bulaza.

ABUNA – É nome abexim da Ethiópia, onde assim denominam o chefe dos sacerdotes christãos, entre os Ethiópes e Abyssinios, significando Abuna o “nosso Pae”

(vide Reclus, á pag. 248 de sua Geographie Universelle, no vol. Afrique Septentrionale). Interessante a coincidência de voz semelhante, na “língua geral brasileira” dos povos Tupis, para os quaes o Abuna indica o “homem vestido de negro” (o missionário de batina).

ABUNDÁDO – Brasileirismo derivado de voz africana e que designa o individuo (homem ou mulher) bundúdo, que tem a bunda ou o posterior proeminente (há também a expressão brasileira bundaça ou bunda-de-capim, que caracteriza alguns typos da raça negra vinda para o Brasil).

ABURÚTO – Nome dado como indigena de um passaro da avifauna africana, espeie de corvo, de pennas muito êgras e luzentes; mas, o que apenas vemos no extranho vocábulo é uma simples e evidente corruptela prosódica do nome “abutre” ou donosso urubú, no “engrôlado” falar dos afronêgros. Como não só os nêgros e em geral os nossos meios iletrados pronunciam aribú e arubú, em vez do indigenismo urubu, parece possível a formação popular de “arubueto”, depois transformada em aburúto, medeante uma grosseira transposição eyllóbica.

ABUSÃO – (ou Abusão) Brasileirismo significando popularmente o mesmo que superstição, terror de fantasmas e de almas panádas ou do outro mundo. Temôr, credence em aparições sobre-naturaes. A origem do nome e o mytho são afronêgros.

ABUTÁ – Nome indigena, comum á Africa e á America do Sul, de uma planta medicinal de rhizoma amargo (a “raiz búta”). No Brasil, o termo soffreo transformação prosódica, aportunuesado em abútua, com os seos derivados abutuál, abuteira, etc. (Plantas e caixa de tabaco em pó, sendo o nome também dito abútua ou Buta e Butua).

ABUTÊIRA – Brasileirismo derivado de abutúa, nome alterado em abúta e búta, e que vários autores supõem indigena, quer na Africa, quer na America, para designar uma planta medicinal, de raiz muito amarga (“amargando com buta” é uma frase popular), da família das Menispermaceas e com algumas variedades, de que falaremos adeante. Abuteira é o pé de Abútua, que, em Angola, se conhece por Bútua (planta trepadeira e medicinal, classificada por WELW, sobe o nome scientifica de Tiliacora chrysobotrya).

[p. 40 – fl. 10]

ABUTILÃO – Nome aportunuesado no Brasil e derivado talvez de um africanismo, designando uma planta malvácea ornamental, abutila ou abutilo.

ABÚTUA – Nome também alterado prosodicamente, em Abuta, Buta e Bútua, planta da flora medicinal de angóla e do Brasil, com as variedades da “Abutua-de-lapa” ou “Parreira-da-lapa” (uma trepadeira sylvestre, com folhas muito parecidas com as da videira européa e dando lindos cachos de flores róseo-encarnadas); da “Abutua-mirim” ou “Abutua-miúda” (Cissampelos ovalifolia), existente nos campos de Minas, etc. É vegetal a que os curandeiros emprestam grandes virtudes curativas. Os nêgros africanos a conhecem por Buta e este nome prevaleceu na prosódia caipira, no Brasil Central.

ABUXÓ – Nome afronêgro yorubano introduzido pelos Nagôs, na Bahia (especie de acepipe ou iguaria). Sendo nome de uma comida de origem Nagôa, na Bahia, principalmente, onde os “prêetos-minas” deixaram tantos de seus costumes, usos e tradições. Abuxó é também local bahiano, em Itapagipe, e ainda designa certa fava de que os “paes-de-santo” emprestam virtudes curativas e milagrosas, quando a apresentam aos crentes, nas cerimônias do “terreiro”.

ABUZÃOS – brasileirismo, de fundo africano (Buza, Buzão) e significando – credence, superstição, scimas, terror de aparições sobrenaturais. É um afronegrismo introduzido na linguagem brasileira, significando “medo de almas do outro mundo”, scima ou terror supersticioso. Usa-se também no plural – abusões, equivalendo a credences, assombrações. (Pavôr ou temor supersticioso de assombração de fantasmas, duendes e “almas penadas”).

ABUZIADO – Nome empregado, em lugar de embuziado, afro-brasileirismo, com o sentido de amuado, embezêrrado, embirrado, entristecido, cheio de tristezas. Indivíduo embuziado ou macambúcio, taciturno, tristonho.

ABUZINÁR – Verbo equivalente ao outro verbo buzinar, sendo que a primeira forma alterada por efeito de prótese, com emprego não no sentido de tocar buzina, mas na significação de aperrear, “aporrinhar”, aborrecer, cançar a paciência do próximo, com a mesma lénga-lénga abuzinada aos ouvidos da pessoa que é vítima de “abuzinação”.

ABUZOADO – Aquillo que tem forma ou apparencia de búso ou búsito (concha pequenina, que serve para téntos de jôgo). As expressões “milho abuzoado” e “ténto abuzoado” mostram o sentido do afro-brasileirismo, derivado da voz africana buzo ou búzio, que entra na composição de tantos vocabulos luso-brasileiros. A rebuscada etymologia latina de buccinum é toda hypothetica e contraria á origem afro-nêgra do thema búzio (vide abuziár, embuziar, macabúzio, etc).

ABUZÕES – Vem a ser o plural aportuguesado de abuzão, que significa, como já o vimos, agôuro, credice, superstição, sendo termo derivado do nome africano buza ou buzo (vide taes nomes, neste vocabulário).

ABYSSINIA – Nome de um vasto imperio christão do Nordéste da Africa (vertente do Mar Vermelho), a celebre região do “Préste João das Indias”, nas chronicas quinhentistas dos Portuguezes, A Ethiópia antiga. O nome desse paiz africano, cujo territorio tem sido tão mutilado pela Inglaterra, Italia e França, penetrou na linguagem portuguesa do Brasil, desnaturado do seo sentido e em outras acepções dadas aos derivados: abyssinio e abyssinismo, como é bem conhecido, quando se quer referir a alguém que, em politica, esquece o correligionario da véspera, que já não póde dispensar favores, uma vez cahido no ostracismo, e passa a ser apedrejado pelo “abyssínio” ingrato, que se volta para o “sól-nascente”, isto é, para o que sobe no poder. Ainda subiste o imperio ehiopico da moderna Abyssinia, governada pelo rei soberano Negrís [**]

[p. 41 – fl. 11]

ABYSSINIO – Palavra correntemente empregada no Brasil, como designando o politico ingrato, que esquece o chefe decahido e passa a cortejar o adversário victorioso. O abyssinio politico apedreja o sol no occaro e relembra o Sicambro, adorando hoje o idolo queimado na véspera...

ABYSSINISMO – Brasileirismo empregado como aqui referente a falsidade, ingratidão, apostasia ou perjúrio em politica.

ÁÇA (ou aka) – É um afro-brasileirismo, que significa “máu cheiro”, fedôr ou fétido, “murrinha”; e o nome vem de um povo da Africa Central. (O mesmo que catanga, fedôr, máu cheiro, exalação ou exsudação desagradável do suor do corpo). “áca-de-cachácêiro (bafo ruim da bôca do bebedor de cachaça).

ÁÇA (por Ássa) – Nome africano, corrente na linguagem popular brasileira, e servindo para designar os individuos prêtos ou mestiços albinos, nos quaes se manifesta uma anomalia organica consistente na diminuição ou ausencia total de materia corante dos cabelos, olhos e pigmento ou pelle. (O typo albino, o nêgro ou a nêgra de olhos claros, garços, com vista muito fraca para encarar a luz do sol. São espressões communs: “nêgro-aça”, “prêto-assa”).

ACÁBA – Nome dado pelos negros de origem africana a outro dos acolythos do Babaláo, quando este officia no ritual da magia, no “terreiro” da macumba.

ACABA-Fubá – Nome local mineiro, no municipio de Entre-Rios, valle do Paraopeba; é expressão hybrida, formada com elementos luso e afonêgro, isto é, uma flexão verbal do vernaculo “acabár” e o posposto africano-angolense “Fubá”

ACABÃNÁDO – Vocabulo empregado na acepção de desabado, cahido, pendente, virado para dentro, voltado para baixo (chapeo acadanado, de abas descidas; orêlha acabanada, pendente ou de lóbulo cahido; chifres acabanados, voltados para aixo, etc). Tambem se diz tecto acabanado, na choupana ou chóça que tem a cobertura muito descida para o chão; e acabanado pode ainda indicar o abrigo em fôrma ou feitio de cabãna, ou o individuo que se fez adepto da Cabãtagem, partidário dos cabanos, terríveis guerrilheiros fanáticos do Pará, Pernambuco e Alagôas, outrora, nas sedições dessas províncias, durante o imperio (1832 a 1835). Cabãna, assim como cabina (cabine é gallicismo), provém de vozes africanas, em que pese aos eruditos creadores de uma pretensa etymologia do baixo latim capanna.

ACABÃNÁR – Verbo obrasileiro, empregado na acepção de cahir ou pender as orelhas, desabar o chapéo. Cópia acabãnáda, orelhas acabãnádas, chapéo acabãnádo, etc.

[p. 42 – fl. 12]

ACAÇÁ (ou Acassá) – Termo afronêgro vindo do idiôma Efé ou Essé (no qual akatsá designa farinha de milho ou de outro cereal, cozida em agua fervente) introduzido na culinaria bahiana (Norte do Brasil) pelos escravos de Angóla e Cóngo e designa uma especie de bôlo feito com fubá-de-arroz ou fubá de milho. Come-se frito em boletes, com o caldo ou molho apimentado do peixe em moqueca, ou acompanhando o vatapá (outra comida bahiana de origem afronêgra). O acaçá é omida de origem yorubana, na culinária bahiana e deo origem a varias expressões: acaçá-com-carne-guisada; acaçá-com-leite-de-cocô; acaçá-de-fubá-mimosa; acaçá-de-leite; acaçá-com-vatapá; garapa-de-acaçá; etc. Tambem o definem bolinho feito de fubá-de-arroz ou fubá-de-milho e que é servido frio comoutras iguarias de molhos picantes. Ainda em outros africanólogos e autores brasileiros vem descripto quais pelos mesmos termos acima. O ACAÇÁ: comida africana deixada na Bahia pelos nêgros yorubanos, e consiste em um angú ou pasta quente feita da massa de fubá-de-arroz ou fubá-de-milho, cosida em agua e sal; e o acaçá de pó-de-arroz

cosido, servido em bolêtes ou bolões de fôrma, depois de frio, é para acompanhar outros guisados apimentados e feitos com azeite-de-dendê, e nos quais entram a carne de vacca ou de gallinha, o peixe ou os camarões e varios legumas(taioba, quiabo, xuxú) etc. Açaça serve de nome local bahiano em Joazeiro (margens do São Francisco). Tambem se escreve Acassá e tal nome assim grifado designa entre os nêgros da Costa do Benin (Africa Occidental) o pão feito de farinha de milho.

ACAÇAVE – Nome indigena, quer na Africa negra quer no Norte da America do Sul, para designar a mesma cousa que mandioca ou aipim (a plante euforbiácea assim chamada pelos nossos povos Tupis).

ACACHAÇÁDO – Brasileirimo derivado do afronêgrismo cachaça e designa o que está dente de canna). É o mesmo que embriagado pela cachaça ou cachássa (o restlho da canna de assucar). Os verbos acachaçar e encachaçar, bem como outros termos derivados estão incorporados á linguagem portuguesa no Brasil.

ACACHIMBÁDO – em fôrma de cachimbo (“pito de barro” usado pelos nêgros da Cósta). “Terreno acachimbado” é expressão de garimpeiros (o terreno de exploração mineral no qual se fizeram furos de sondagem, parecidos com cachimbos ou caximbos).

ACACHIMBÁR – (ou Acaximbar, vide este nome) – Na linguagem popular brasileira são cmmuns essas formas metaplasticas de enriquecimento do nosso idiôma, por adição ou prótese, em muitos vocabulos nem só vernaculos, como africanos e indigenas, de maneira a dar maior colorido e, ás vezes, melhor significado ou sentido á palavra, como ocorre entre cachimbar (fumar ou pitar em cachimbo) e acachimbar (dar ao pito forma de cachimbo, ou fazer furos para sondagens, nos terrenos de mineração).

ACACHUMBADO – O que está atacado ou cheio de cachumba (inflamação da parótida), senda a caxumba molestia infecciosa trazida ao Brasil pelos escravos africanos.

ACACHUMBÁR – (ou Acaxumbar, vide este nome). É verbo que corresponde ao mesmo que contrahir o mal de cachumba; acachumbár-se (ficar alguém cheio de cachumbas), encher-se dessa inflamação das glândulas da parótida, padecer-se de parotidite, nome scientifico da caxumba, molestia de nome afronêgro e para aqui trazida pelos nêgros africanos durante o tráfico de escravos).

ACACIFADO – O que tem fôrma de cacifo ou mettido dentro de cacifo (caixa ou cofre), engavêtdado). Este termo, bem como o verbo “acacifar” foram brasileirismos

derivados do nome africano cacifa, cacife ou cacifo, que se incorporou ao Vocabulário luso-brasileiro, cá na America.

ACACIFÁR – verbo que de derivou de voz arábico-africana (cacife ou cacifo); e significa metter ou pôr dentro do cacifo, guardar, no cacifo da mêsa ou banca de jogo, as quotas de entradas dos parceiros ou jogadores da bisca, do marimbo, do truque, etc.

[p. 43 – fl. 13]

ACACIMBADO – Em linguagem brasileira do Nordeste, significa não só o poço ou excavação no sólo para se fazer uma “fonte” ou cisterna em fôrma de cacimba; ou ainda o poço em fôrma ou com aspecto de cacimba (poço acacimbado). Foi o nome afronêgro Kixima ou Quixima que nos deu a palavra cacimba. É, pois, um nome que com o seu cognato “acacimbár” (verbo), tirou a linguagem brasileira do termo africano cacimba (derivado de quixima), palavra angolêza.

ACACIMBAR – Preparar a excavação do terreno para uma cacimba ou reservatório de águas da chuva; dar ao poço ou a cisterna a fôrma de cacimba; acacimbar o “olho-d’água” ou nascente de água potável, no Brasil (Minas, Bahia, etc). Verbo luso-brasileiro formado por derivação de cacimba (do africano quixima, “poço-d’água”) e ainda significa: perfurar cisternas ou pântanos, dando-lhes a fôrma ou aspecto de cacimbas para collectar águas da chuva, nos terrenos assolados pela sêcca.

ACÁCUNDADO – O mesmo que corcovado, acurvado, de hombros cahidos, com a cacunda descida; podendo também ser qualificativo depreciativo do que, por paga, ficou ao serviço de outrem, como cacundeiro ou “guarda-côsta” assalariado por um patrão ou âmo, e cujo serviço está o dito cacundeiro ou capanga.

ACAFAGÉSTADO – Termo brasileiro assim como estes outros: acafagéstamento e acafagestár – todos derivados do afronegrismo “cafagéste”, que é o indivíduo que arrota valentias e vive de malandragens, tipo acanalhado e de baixa condição social. O verbo acafagestár-se equivale a acanalhar-se, rebaixar-se, cahir na gandáia, tornar-se vil, levar vida de peraltice atrevida e provocante. Acafagestado é o sujeito com modos ou geito de cafagéste (malandro, desordeiro), sendo cafagéste um afro-brasileirismo usado na linguagem chula.

ACAFANGANDO – Qualificativo que tem propensão para “botar cafanga” ou defeito nos outros. Os Nordestinos empregam muito tal palavra, mais raramente ocorrente no Sul do Brasil.

ACAFELÁR – Verbo significando rebocar a parede com cal ou gesso (mas só na Africa Portuguesa e mesmo em Portugal é que se emprega tal verbo com a referida acepção, pois na linguagem brasileira não o é).

ACAFÉZÁDO – Termo brasileiro que se derivou da voz áfrico-arábica cáfa (ou kaffa), aportuguezada em café, donde tirámos também o verbo “acafezar” e outros derivados, dos quaes trataremos no *verbete*. café.

ACAFÉZÁR – Verbo aportuguesado e usado na linguagem brasileira, com o significado de: converter em cafézães um terreno de cultura; acafézár a plantação; acafézár a horta, a róça, a fazenda, a chácara, ou sitio de lavoura.

ACAFIFÁDO – O mesmo que encafifado, cheio de azár ou de cafifa, no jogo e nos negócios. Também equival, por extensão de sentido, a desapontado, encabulado, “encalistrado”, na linguagem vulgar brasileira. Existem também as duas formas verbaes – acafifár e encafifár, esta de emprego mais usual.

[p. 44 – fl. 14]

ACAFUÁDO – Brasileirismo derivado do termo afronêgro cafua; o mesmo que encafuádo; individuo que se mette em cafua ou se enlápa, se esconde, se mette na tóca. Existe a forma verbal pronominal, acafuár-se.

ACAGIBÁDO – Termo afronêgro, usado em Sergipe, e significando o que ficou deformado pelo uso, adquirindo giba ou ficando gibôso.

ACAGUÊTE – É alteração prosódica do arabismo alcaguête, delator ou denunciante de antigos companheiros na falta ou passíveis de castigo os afronêgros tinham verdadeiro ódio do acaguête ou senzala, [*] para obter as boas graças do feito, delatavam as faltas de seus parceiros.

ACALOMBADO – Forma metaplastica popular de calombado ou encalombado, cheio de calombos ou caroços na pelle entumescida, por causa traumática (pancadas, golpes, castigos físicos), ou por efeito de moléstias (calombos de sarampo, de brotoêjos, de caruáras, etc).

ACALÁNTO – Conhecida expressão afronêgra-brasileira, variante prosódica de “acalénto”, estudada em seguida. Em todo o Brasil, ao tempo da escravidão africana, o “acalánto da mãe-Bá “era infalível para conseguir o nênê dormir, embalado nos braços carinhosos da dedicada “ãma prêta”.

ACALÉNTO – Acto de acalantar nos braços uma creança, embalando-a ao mesmo tempo cantando, para fazer adormecer-a, ou cessar o seu choro; “acalanto” ou “acalento” das velhas pretas (“mãe-Bá”), quando embalavam o nenê, ou meninos mas taludos, com as suas cantilênas africanas ou “cantigas de ninár”.

ACALOMBADO

ACALUNGADO – Pode designar o que tem a feição ou traços de calunga (figurinha ridícula, manipânço, bonéco, gravura, caricatura); o que se fez esperto e arisco como o “ratinho-calunga”; ou o que adquiriu hábitos de capiango, ladrão, malandro-gatuno.¹³²

ACAMACÚ – Nome de um pássaro Dentiróstro, na avifauna africana do Senegal e ilha de “Madagáscar”. É curioso que exista, no Brasil, uma voz indígena homonyma da africana, no tupi amazônico. Aliás, nos 2 continentes separados pela imensidão do Atlântico, o africano e o sul-americano.

ACABÁIÁDO – O que se tornou cambáio, zámbro o tórto das pernas; o que ficou cambádo ou acalcanhado, quando pisa e marcha. É palavra derivada do afronegrismo cambário, podendo além de qualificativo como ficou [**] ficando, ser uma flexão ou forma verbal acambaiár.

ACAMBÊTÁDO – O que tem pernas cambêtas ou tortas, o mesmo que acambaiado, o que anda cambêteando. O nome cambêta é considerado um afronegrismo, e relacionado com ele estão as duas formas verbaes equivalente – acambêtar e cambêteár.¹³³

¹³² Para apagar uma parte do verbete, o autor cola um papel em branco em cima.

¹³³ Aqui, mais uma vez, o autor cola um papel em branco para apagar um verbete.

ACAMBÔÁDO – Diz-se o terreno praiano, em fôrma de cambôa ou gambôa (vide adeante, estes nomes); e no Brasil as cambôas ou gambôas são frequentes, na Zona litorânea.

ACAMBÔNÁDO – Com a significação de revirado repentinamente, o que faz reviravolta com rapidez. É termo afro-brasileiro, derivado de cambóna (cujo thema está no nome afronêgro cambo, provindo da lingua dos nativos de Angóla).

ACAMBONDÁDO – Designa o individuo que vive mancêbado ou “amaziado”; que tem cambonda ou amante teúda e manteúda. Na linguagem popular brasileira, a forma verbal acambondár-se se emprega no sentido de tornar “amázia”, “amigár-se”, viver em concubinato.

ACAMÔNA – (ou Acamônia) – Dôce feito de cidra ralada com gengibre, que os afronêgros introduziram na Bahia e Pernambuco. A Acamôna, (tambem Acamónha), é feita com assucar mascavo ou rapadura.

ACAMÔNIA – Nome afronêgro ainda conservado na Bahia e na linguagem dos nortistas brasileiros para designar certo dôce feito com gengibre e rapadura; é parecido com furrundúm, em que tambem entram a cidra ralada, raspas de côco e gengibre (o zinzibe dos africanos). Tambem dito Acamôna e Acamônha.

ACAMUÉCADO – O que tomou uma camuéca ou “carraspãna”; encachaçado, embriagado, embebedado por cachaça (Vide adeante os nomes camuéca e cacháça). A fôrma verbal acamuéncar-se é equivalente a embriagar-se, embebedar-se.

ACANDANGO – O que tem gêito ou feitio de candango ou mondróngo; parecido com o “portuguez”; com ares ou similaranças de luso nato (na Africa Colonial Portugueza).

ACANDONGÁDO – O afeito ou propenso a tecer candongas ou enredos; individuo que se deixou acandongár e ficou enredado em encrencas e intrigas de nêgros. Tambem se usam as variantes encandongado e encandongár.

ACÁNGA – Nome dado no Brasil á chamada “gallinha-de-Angola” ou “gallinha-da-India”. Tambem se diz “gallinha-acánga”. (No Brasil, apresenta o Tupi, uma homonyma na voz indigena acanga).

ACANGAÇADA – Pessoa inclinada ou propensa ao cangaço; adaptada á vida de cangaceiro. Vivendo com desordeiros nómades e bandos de jagunços, nos sertões do Nordeste Brasileiro.

[p. 46 – fl. 16]

ACANGAÇADO – Designa o individuo habituado ao cangaço, com modos e ares de cangaceiro ou jagunço; e é uma variante masculina da palavra anterior – acangaçada.

ACANGARÁDO – Qualificativo de quem anda curvado, abatido; com o corpo enfraquecido; de canga no pescoço; havendo tambem o verbo acangarár, com a fôrma pronominal “acangarár-se”.

ACANGUARÁDO – Quer dizer o mesmo que acangarado e tambem equivale a encachaçado pela canguara, ficando com a cabeça tonta ou zónza.

ACANGULADO – O que tem aspecto, gêito ou semelhança de cangúlo (peixe africano doAtlantico). Tambem se aplica este qualificativo a quem é “dentuço” ou tem os dentes pra fora, muito estufados ou pronunciadamente salientes, como os da bôcca do cangúlo. Este é conhecido pêixe marinho, conhecido pelo seo dito nome afronêgro.

ACAPANGADO – Synonymo de assalariado, posto ao serviço de outrem; convertido em capanga ou guarda-costas de alguém Por segurança própria, os “magnatas” e potentados tinham em torno de si um “mayóte de acapangados” e cacundeiros valentões, “promptos pra o que dêsse e viêsse”.

ACAPENGADO – O individuo que puxa da perna; manquitola; pernêta, “peruibambo”, quasi capenga. Esta ultima palavra é reputada em afronêgrismo por muitos autores, enquanto alguns opinam que capenga seja um indigenismo ameríndio.

ACAPÊTADO – Quem é artiloso e endiabrado como o capêta (este é o demônio afronêgro, encarnação de Exú, o “diabo” para a credence fetichista dos prêtos africanos de Angóla, do Congo e da Guiné).

[p. 47 – fl. 17]

ACAPIANGÁDO – Aládroado, com propensão para capiango ou ladrão velhaco; individuo dado a habitos de capiangagem ou a espertezas deshonestas. O qualificativo foi

derivado do afronêgrismo capiango, mais adiante estudado, havendo também a forma verbal, pronominal acapiangár-se (converter-se em ladrão astuto e “finório”).

ACARABÁ – Nome de certo “feitiço” yorubano, preparado pelo Ajiça (vide este nome), como “amulêto” especial para “fechar”¹³⁴

ACARÁ (ou Akará) – Voz afronêgra homonyma de outra brasílico-ameríndia (e m tupi acará designa um peixe e um tuerculo comestível); mas para os afronêgros, em língua yoruba, o nome akará designa o “pão” e jé ou jeh, a “comida, o alimento”, de onde resultou a expressão acará-jé, “pão para ser comido”. E esse nome yorubano foi trazido da Costa Ocidental da África para o Brasil, sendo o Acarajé um bolinho de massa de feijão, temperado com “azeite-de-cheiro” e fortemente apimentado, uma apreciada iguaria da culinária africana, na Bahia, principalmente. São expressões ali frequentes: acarajé-apimentado, acarajé-de-nêgro-quitandeira, acarajé-frito, acarajé-quentinho, bôlinho-de-acarajé, etc. Na linguagem brasileira, em outros pontos do país, o nome perdeu a inicial e se pronuncia carajé, como acontece no Rio de Janeiro (carajé-carióca) e em Minas Gerais (carajé-do-Tejuco). Acara é, pois, um nome dado pelos negros Nagôs ao “pão”, feito com farinha de qualquer espécie e assado no forno, sendo palavra homonyma, como já dito, de outra voz indígena bráslica, mas de diferente significado, na língua Tupi).

ACARAJÉ – Nome em idioma Nagô, de um bôlo de massa apimentada de feijão, que se frita no azeite-de-Dendê; e que a culinária brasileira aprendeu das nêgras quituteiras africanas, sendo na Bahia, Rio, Pernambuco e Minas ainda muito apreciado o “bolinho-de-carajé”, como é vulgarmente conhecida, em nosso país, essa iguaria. Segundo o Prof. Nina Rodrigues, é um bolinho de massa de feijão-branco ralado (ou de feijão-amarelo, também), temperada com pimenta e sal, e que é frita em azeite-de-dendê. Para Manoel Querino é um bolinho frito de feijão apimentado (massa de feijão-guándo, ou de feijão-mulatinho, adubada com malagueta e óleo-de-dendê). Também se diz caragé ou carajé. No idioma yorubano, há três expressões para designarem iguarias relacionadas com o nome acarajé: ákará-jéh, “o pão ou bôlo que se come, ou para ser comido”; ákará-ájéh, o “pão em forma de pá ou rémo, o pão chato”; ákará-avrujéh, “bôlo ou tórta de feijão”. Com este último sentido é que está de acordo o nosso bolinho de acárajé ou cáragé afro-brasileiro.

¹³⁴ O verbete não foi finalizado pelo autor.

ACARANGÁDO – O mesmo que encarangado, cheio de achaques e doenças, ou coberto de mazéllas no corpo; e ainda qualifica o individuo atacado de caránga, sendo este o thêma afrônegro, do qual se deriva acarangado, acarángamento e o verbo afro-brasileiro acarangár.

ACARÁPINHÁDO – O que tem semilhança com carapinha u gaforinha de nêgro; cabêllo acarapinhado, todo encrespado e torcido, como “cárrapicho”; cabêllo como “pimenta-do-reino”, sêcca. É um brasileirismo de fundo afronêgro.

ACARIMBADO – O que foi carimbádo ou levou carimbo, o que está marcado com o signal ou sinete do carimbo (nome derivado do angolez karímbu). É uam fôrma ou variante metaplástica (por efeito de próthese) do qualificativo carimbado, levando um a inicial.

[p. 48 – fl. 18]

ACARIÓNGA – Nome dado pelos nativos da Africa do Sul a uma arvore da flora austral africana, tambem conhecida por acarónga.

ACARÓNGA – Voz de origem afronêgra, relacionada com o nome anterior Acariónga e designatico de uma arvore do Sul da Africa e tambem dda flora indigena brasileira, onde ocorre a mesma denominação do vegetal citado.

ÁCAS – Designativo de uns póvos nêgros da Africa Central (os “fedórentos” ou “murrinhentos”); e é interessante observar que, embora com diferente significado, ocorre tambem no Brasil, a voz indigena áca ou aka (em lingua Tupi).

ACASSÁ – Afronegrismo introduzido na linguagem brasileira, principalmente na Bahia. Designa um bolinho feito com massa cosida de milho moído (fubá) ou de pó de arroz, sendo muito usado o acassá na culinaria bahiana. Tambem se escreve acaçá (vide este nome). Lembrêmos ainda que sendo ACASSÁ um nome de origem africana, veio designar na culinaria bahiana ou nortista, certa espécie de bolão de angú feito com massa de fubá de arroz, sendo o acaçá ou acassá servido frio para ir sendo comido com o ardente vatapá de pêixe, no picante molho que o acompanha, feito com azeite-de-dendê e “pimenta-malaguêta”.

ACASSÁVE – Tambem dito Acassáva, é nome correspondente á macaxeira ou mandioca indigenas, havendo da acassave as variedades brava e mansa; e essa planta

Euphorbiaceae (Manihot utilissima, de POHL), cujo tubérculo é comestível ou produz uma fécula para tantos produtos alimentares e industriais, parece originária do Novo-Mundo, donde depois se passou à África, onde é hoje intensamente cultivada pelos nativos. Alguns autores sustentam que Cassava ou Cassave, alterada metaplasticamente em Acassava ou Acassáve seja um afronêgrismo, e não um “americanismo”. Também existe uma voz cassáva, dada tanto como indigenismo afronêgro como ameríndio.

ACATIMBÓZADO – Acostumado às práticas de feitiçarias do catimbó; dado a fazer “despachos” e feitiços de catimbó. Termo afronêgro-brasileiro, muito usado em Pernambuco e Nordeste do país.

ACATINGÁDO – O que está com catinga ou fedorento, o que tem mau cheiro ou exala mal (termo derivado da voz afronêgra catinga, apenas homonyma com diferente sentido de outra voz indígena do Brasil). A este afro-nêgrismo – o qualificativo acatingado relacionando com a voz africana catinga, fedor, se dá na linguagem brasileira, o sentido do que está cheirando mal, puxando a catinga, como nos exemplos destas expressões: corpo acatingado, roupa acatingada, mulambos acatingados, suor acatingado. Mas, quando se refere a um terreno acatingado, a terras acatingadas, a campos acatingados, já o qualificativo se refere ao indigenismo brasileiro caatinga, contrahido em “catinga”, para designar o matto esbranquiçado e ralo.

[p. 49 – fl. 19]

ACATITÁDO – Nome brasileiro derivado do suposto afronêgrismo catita (ratinho vivo, buliçoso, esperto); e, por extensão de sentido, o termo tomou no Brasil outro significado (ajustado, célio, elegante, etc). O verbo “acatitar” também corresponde a enfeitar, embellezar, na linguagem popular.

ACATRUZÁR – Este verbo bárbara ressonância no linguajar brasileiro, equivale a perseguir tenazmente a pista do “nêgro-feijão”, ficando na gíria dos terríveis “capitães-do-matto”, a expressão: acatruzar o quilombola.

ACATURRADO – Aferrado a idéias e costumes rotineiros; “emburrado”, “têimoso”, recalcitrante, dado a caturrices; indivíduo incontentável e sempre ranzinza, rizento, discutidor: eis como se conceitua o qualificativo acaturrado, forma derivada e cujo tema é a palavra caturra, que nos trouxeram da África Oriental os negros de Moçambique, onde por sua vez o vocábulo já fora importado da Índia Asiática.

ACÁTURRÁR – Verbo brasileiro derivado do termo afro-asiático (catu e caturra); e entre nós significa: discutir com teimosia ou insistência impertinente; fazer “finca-pé” na própria opinião; “encasmurrar-se” na discussão, não cedendo a argumentos do adversário de contêdô.

ACATUZÁDO – O mesmo que catuzado, qualificativo do animal do cavalo, do gado estropiado e inutilizado. É brasileiro, de fundo afronêgro, na linguagem do Nordeste do Brasil). Acatúnádo ou estropiado na marcha ou viagem e diz-se do gado, principalmente, quando a bôíada fica estrompada ou acatuzáda.

ACAXÁSSADO – É o mesmo que acachaçado ou encachaçado; embriagado com cachaça ou cachássa (afronêgrismo introduzido na linguagem luso-brasileira).

ACAXIMBADO – O que tem fôrma e feitio de caximbo (o terreno acachimbad, com furos de sondagem, conhecidos por cachimbos, nas lavras e terras de mineração). Do nome angolêz cachimbo ou caximbo também se derivou o verbo acaximbár, igualmente usado, como termo de mineração, entre os garimpeiros e faiscadores de lavras minerais, em Minas e Gôyaz, na Bahia e em Matto Grôso.

[p. 50 – fl. 20]

ACAXUMBADO – O mesmo que acachumbado, atacado de caxumbas ou sofrendo desse mal, também conhecido por “trásorêlho” (inflamação glandular e dolorosa das parótidas e daí o seu nome científico de parotidite). A cachumba ou caxumba, nome que é um afronêgrismo, foi uma denominação importada da África para o Brasil, na língua dos pretos de Angóla, durante o tráfico de escravos, desde os começos do nosso período colonial (séc. 16º).

ACENZALÁDO – Fôrma deturpada de assanzalado ou assenzalado (o que tem modos ou costumes de senzála), brasileirismos derivados do termo afronêgro sanzála – o barracão dos captivos, anexo às “Casas-grandes” dos antigos Engenhos do Norte e das velhas “fazendas” do Centro e Sul do Brasil, e nas senzálas dormiam e moravam os escravos.

ACHANTI – É o nôgro da tribo dos Achantis, na Costa Ocidental africana, e deles vieram muitos como escravos para o Brasil no período colonial.

ACHANTIS (ou Axantis) – Tribu ou nação de negros mais adeantados de raça Dahoméãna e muito aguerridos, tendo a Inglaterra reduzido e conquistado o antigo “Rêino dos Achantis”, donde outrora vieram muitos escravos para o Brasil (negros Dahoméãos, Êmas, Fulahs, Gêges, Guruncis, Haussás, Nagôs, e Yorubanos, que eram reduzidos ao cativeiro pelos ferozes Achantis e depois por esses vendidos aos traficantes americanos, que comerciavam na Costa Occidental); e os citados Axantis eram dos elementos africanos mais adeantados que o trafico negreiro trouxe ao Brasil, pois já eram povos convertidos ao Islamismo e apenas semi-barbaros (conhecidos por misulmins, sob o ponto de vista religioso).

ACHE (o mesmo de Axé!) – Voz interjectiva, que nos fôï, talvez, deixada pelos negros africanos; é usada unida a outras palavras, formando expressões de pasmo, enfado ou espanto (“Axé! Com toso os diabos...”). Às vezes, pronunciada Atché! – quase que com um som de feição o [*], quando s dá um espirro forte e ruidoso. E nessa fôrma querem alguns autores que o nome tenha remota origem no indo-maláio Atjeh, sucessivamente alterado em Atché e Axe (Vide o ome Achém ou ACHÊ (ou Axê). Esta voz afronêgra aparece na expressão ritual “Achê-de-ôpô-Afonjá”, nas cerimônias fetichistas do culto de negros africanos na Bahia)

ACHÉM (Axém) – Nome indo-maláio, que os navegadores trouxeram de Sumatra e Malaca para as costas africanas do Oceano Indico e de Moçambique, através da linguagem cafreál, a voz maláia veio se incorporando á lingua portuguesa, entre os colonos da Africa Oriental Lusitana. Mas, na Costa Occidental do Continente negro, também ocorre o nome local Axém, na antiga Guiné-Portuguêza, perto do Fôrte de Santo Antonio, entre a embocadura do rio Aximi e o cabo das Três-Pontas, no chamado território de Ahântã, cujo domínio passou dos Portugueses aos Holandeses e destes para o Inglêses.

ACHENIM – Ou MELHOR Axenim, nome indo-africano de uma planta cultivada na Costa do Indico, mas também occorrente, como lome local, na “Costa da Mina”, no antigo Rêino do Dahomé, onde há um denominado porto de Axenim (Africa Occidental).

ACABARÁ – feitiço iorubano preparado pelo ajiça como amuleto para “feoliar o corpo”.¹³⁵

¹³⁵ Este verbete manuscrito está escrito em um pequeno pedaço de papel, colado na margem inferior da folha.

ACHI! – expressão interjectiva de origem presumivelmente afronêgra, usada no Pará (Norte do Brasil) e na Ilha de Marajó, denotando aversão desdém, [*] nojo ou pouco caso por uma cousa ou pessoa; e em nome afronêgro foi dado a uma casta de “pimenta da Costa” (Cafisicum Anuum) e cuja cultura os nêgros da Guiné introduziram no Brasil (vida Achim). Enretando, já houve autor que fez derivar do latim o nome achi ou axi, dado a essa pimento vinda da Costa Occidental africana...

ACHICANÁR – Brasileirismo derivado do termo afronêgro “chicána” (contenda, litigio conduzido com tramoias e velhacaria), empregando-se o verbo “achicanár” na accepção de usar de espertêza ou má fé em demandas ou questões forenses, judiciais; usar de tramóias ou de velhacarias, na discussão ou no processo judicial; fazer chicanices; acção do chicanista, que sabe embaralhar ou complicar as questões mais simples.

ACHI! de mucama – (expressão popularmente usada, outrora, quando se queria fazer alusão á empáfia ou pouco caso de mucâmas e “mulátas” bonitas e requestadas, muito cheias de si ou “emprôadas”).

ACHIM – Nome de um pimentão indo-africano e que das costas de Guiné e Moçambique veio para o Brasil. Nas Indias Orientaes Hollandêzas, Achim é também o nome da lingua falada pelos nativos de Sumatra. E ha ainda um nome bíblico Achim, que já vimos usado, em Minas, como nome proprio que é. A verdadeira pronuncia é Axim (vide este nome).

ACHINCALHADO – Qualificativo que corresponde a escarnecido com chingatório insultado e humilhante; e neste e noutros derivados indirectos, como achincalhação, achincalhamento, achincoalhante, achincalhár, achincálhe, o thema principal está na voz afronêgra – chinga.

ACHINCALHÁR – Verbo que, na linguagem brasileira, tem a accepção de amesquinhar, chacotear, escarnecer, metter em ridículo, humilhar, ultrajar, ridicularizar. Ha também o adjetivo achincalhado – já mencionado acima – e os substantivos achincalhamento e achincalhe; e todos estes vocábulos não deixam de ter uma afinidade thematica e semântica com os africanismos – chingamento, chingante, chingár, chingatório, chigavel, chingação, chingador, chingão – todos prêsos ao afronêgrismo chinga, que lhes serve de raiz ou thêma fundamental.

ACHINCÁLHE – Variante de Achincalhamento e vem a ser a acção de amesquinhar ou humilhar alguém, ultrajando ou pondo em ridículo uma pessoa com palavras injuriosas, insultosas ou deprimentes do carácter do achincalhado.

[p. 52 – fl. 22]

ACHINGADO – O que é injuriado com chingatório, descomposto com chinga. (O que recebo descompostura ou insulto de um chingatório; o que foi chingádo por outrem).

ACHINI (ou Axini) – Nome afronêgro de um rio da Guiné, no territorio de Ahânta, e cuja embocadura fica perto de Axém, na ponta mais occidental do Cabo das Três-Póntas.

ACHUAJÚ (ou Axuajú) – Era o nome dado, entre os nêgros mahonetanos da Bahia (os Gêgês, Haussás e Nagôs), ao coadjutor do culto africano do Islam, como se usa na Africa musulmãna.

ACHUÁNGO – Voz africana, de origem guinéana e que no Brasil se introduzido tambem como nome local.

ACHULÉZÁDO – Designa o que está cheio de chulé, ou bromhydróse, suôr fétido dos pés sujos, sendo o nome primitivo chulé ou xulé uma voz afronêgra.

ACHÚM – (ou Axúm) – Nome ethiópico, na província do Tigré, de uma cidade santa da Abyssinia e sua antiga Capital histórica, antes de construída Adis-Abéda (a moderna Capital do Imperio, a “rosa da montanha”, como quer dizer o seo nome, em idiôma amhárico). Perto de Axúm, a tradição coloca o tumulo da famosa Rainha de Sabá.

ÁÇO – O mesmo que Assó (Vide este nome). Eram conhecidos por “nêgros aços” os prêtos que sofriam de albinismo, anomália organica congênita e que os privava quasi que totalmente do pigmento de materia corante de pelle, do cabelo e dos olhos.

AÇÓBA – É o titulo de uma dignidade sacerdotal, de gráo inferior ao do Aboré, nos “centros” do culto afronêgro das macumbas, na Bahia e no Rio de Janeiro. Aboré e Açóba são nomes derivados da lingua Eubá, especie de idioma litúrgico, como a lingua yorubana, entre os sectários da “magia nêgra” e fetichismo africanos. Escreve-se tambem assóba.

Acôitar-quilombólas – (Expressão usada, na éra colonial , para verberar os que acôitavam ou davam esconderijo seguro aos quilombólas, escravos fugidos; e ainda hoje no Nordeste Brasileiro, ha os que acôitam jagunços e cangaceiros)

ACONGADO – O que tem feitio de Côngo, o que se parece com o nêgro-Congo, ou lhe toma o geito e modos.

AÇOBA – Este nome derivado do yorubano (na expressão acutizada asohgbá) quer dizer: individuo ou pessoa que prepara as cabáças. Veio dahi o costume de se confiar nas macumbas e “centros” afronêgros de feitiçaria, o encargo do preparo dos “fêitiços” em cabeças á babá auxiliar do “pae-de-santo” ou “pae-de-terrêiro”. Por isto mesmo, entre nós, o afronêgrismo, de fundo religioso, tomou as duas variantes prosódicas – açóba e açobá.¹³⁶

ACÓNGUE – Nome afronêgro derivado da lingua Conguêza (os nomes Akongo e Akonguê, na Africa Occidental), havendo no sertão norte-mineiro uma Fazenda denominada Acóngue, no municipio de Montes-Claros.

[p. 53 – f. 23]

AÇOTÉIA – Verdadeiro arabismo introduzido na Africa mourisca e nas línguas da Iberia e Lusitania. É um luso-africanismo, de origem arabica, introduzido no falar brasileiro, para designar o mirante ou terraço (sotéa) sobre as habitações ou casas de moradia.

ÁGRA – (ou melhor Akra) – Nome local afro-arabico, na Guiné Superior, em possessão colonial britanica. Relativa similhaça prosódica com o brasileirismo Acre, de origem indigena e que nada tem como o homonymo vernaculo, pois é voz indigena resultante da contração de akiry (significando o “rio verde” em lingua Tupi). O porto africano de Akra era um dos pórtos da Costa Occidental para o trafico negreiro com o Brasil e a America, pois alli (como nos pórtos da Batanga, Benguéla, Bissáu, Bolâma, Cabinda, Cachéu, Calabár, Cotónu, Guiné Lagos, Laú, Loanda, Loango, Novo Redondo) embarcavam levas de escravos para as cóstas brasileiras e americanas.

ACUADO – Animal perseguido pela matilha que acompanha os caçadores, e vae se refugiar em tócas ou buracos, onde é então morto a tiros ou pauladas, ou agarrado vivo. Tambem são acuados animaes de caça, de maior porte, quando os caçadores lhes apertam o cerco. O qualificativo acuado ainda se empréga, na linguagem brasileira, noutras accepções ou sentidos: encolhido, envergonhado, corrido, embaraçado, retrahido, negados deante de qualquer situação difficil ou embaraçosa. Os nossos caçadores caipiras ainda

¹³⁶ Na margem esquerda, o autor puxa uma seta, indicando que o verbete deve ficar antes de *acongado*.

empregam uma voz alterada de acúo e e dizem “acôo” de cachorro, atrás de caça perseguida.

ACUÁR – Vêrbo afronêgro-brasileiro, empregado na linguagem do nosso povo, no sentido de acompanhar e perseguir a caça de pêllo, os animaes sylvestres, até que, acuados ou cercados pela matilha, param em defensiva, sóbem para uma arvore ou vão se entocar, sendo então mortos pelos caçadores.É ainda de uso bem geral, no interior do Brasil, a expressão: “acuar a caça com a cachórráda”.

ACUBÁ – Vide NESTE Elucidario o termo assubá.

AÇUMI – Outra voz arábica, assimilada pelo idiôma dos Haüças afronêgros, designando entre os afro-mahometamos o jejum annual praticado pelos Malês. O nome vem do árabe azumi, que significa “jejum”.

AÇUNGA – Esta palavra afronêgra (derivada da expressão angolêza Au-sunga, significando “erguer ou levantar do chão”) deo o verbo afro-brasileiro açungár, muito empregado na linguagem dos nossos roceiros, caipiras e tabareós, no interior do Brasil. São grahias mais usadas, em nosso pais, as fórmias – Assunga e Assungár (vide estes nomes).

ACURIADO – O mesmo que esfaimado, faminto, “arádo”-de-fôme, sendo o nome afro-brasileiro derivado de cúria ou kuria, “fôme” em lingua dos nativos de Angóla.

ACUBÁ – Nome tambem pronunciado acúba e com as variantes gráficas e prosódicas Assuba e Assubá, nome assimilado do árabe, Azzuba – em lingua Haüçá e designando a primeira hora ou o primeiro tempo consagrado, cada manhã, á prece ou oração, entre os Nêgros Malês ou Musulmis, sestarios do Islamismo, na Africa.

ACUTIPÚM – Nome dado pelos afronêgros a um pequenino simio, macaquinho de pêllo felpudo, prêto e lustroso; embora haja quem sustente ser palavra brasílica (derivada de uma expressão Tupi).

ADARRÚM – O chamado “Tóque Adarrúm” (às vezes também dito “Tóque-adarrán”) corresponde ao mesmo que Ijêxa, termo usado entre os candomblézeiros bahianos; e aquele toque vem a ser o que édesferido, em tom plangente, agudo e soturno, como toque tremendo de “próva”, nas reuniões rituais dos candomblés, catimbós, macumbas e xangôs, para chamar os “espíritos” e invocar os “santos” (orixás), afim de que se dignem “baixar” até o recinto da reunião ou sessão, onde se celebra tal cerimônia do culto fetichista afronêgro (Bahia, Rio, Pernambuco, notadamente).

ADAMÓRIXÁ – Vem a ser a “festa dos mortos”, praticada pelos afronêgros brasileiros, segundo as tradições e costumes yorubanos, conforme ainda pôde observar, na cidade alagoana de Penêdo, em meados do século dezenove, o escriptor Mello Moraes Filhos, que descreveo o cerimonial do Adamórixá, em seo livro “Féstas e Cantos Populáres do Brasil”.

ADAHUNXÊ –

ADÁI – Nome eethiópico ou africano da planta nativa da Abyssinia (a Salvadorea persica), de que os Abassis ou Abexins fazem grandes palitos para dentes, havendo também o nome áfrico arábico ADÁL, que denomina uma região a Léste da Ethiópia, no ex-Imperio Abyssinio conquistado, manu militari, pela Italia.

ADAMAUÁ – Nome de uma região africana e da tribu que dela procede (nêgros Adamauás, dos quaes vieram alguns escravos ao Brasil colonial). Também se escreve Adamáuhá, sendo por esse nome conhecido um dos tres reinos em que ficou scindido o famoso Imperio nêgro do Sokotô, fundo na Africa, em 1810, e é hoje possessão britanica. Os nêgros Adamauás, bem como os Aussás ou Auzázes (Haussás), os Bornús, os Grunces ou Gurúncis (“nêgros-Gallinhas”, na Bahia), os Mossis e os Nifês ou Nupês (estes eram os chamados “nêgros Tápas”, no Brasil) pertencem ao ramo dos Sudanezes Centraes.

¹³⁷ As páginas 54 e 55, chamadas pelo autor de folha 24, apresentam somente um verbete e parece-nos ter sido inserida em um momento posterior. Na margem superior da página 54, o autor escreve “ADAMORIXÁS – Entre Adamanhá e Addis-abéba”.

(Nêgro africano da tribo Adamauá ou Adamauhá e que provinha da Costa Occidental da Africa.

ADAMÁNAS – São os nêgros tambem ditos Bornús, na Africa Central (Nigricia). Os mesmos nêgros Bornús, africanos musulmis, que o trafico negreiro introduzido na Bahia, nos tempos coloniaes. Em vez de Adamána – que é a certa pronuncia e exacta grafia do nome – aparece, de quando em vez, a fórmula errônea Adamáuhá.

ADAMORIXÁS – São famosas idolatrias, como antes em que se formulam preces, mistirando-se com [*], nesses sacrificios – escreve Jacques Raymundo (á pag. 23 do seo livro “O Nêgro Brasileiro”); e Mello Moraes Filho se refere ao adamorixá como “a festa dos mortos, antigamente celebrada pelos descendentes afronêgros de póvos yorubanos, no Brasil colonial.

ADAMÁUHÁ – Fórmula alterada do nome afronêgro verdadeiro, [*] pôde origem sudanêza. O Adamáua, designativo de uma tribo de gentio africano, que, os autores inglezes grapham Adamawa. São prêtos fulas do Sudão os Adamáuas, mistura racial de tribus nêgras Bantús e Fulas; e, com os varios nomes de Báttas, Dámas, Embúnas, Kotôfos, Zanis, etc., os Adamáuas formavam o antigo reino de Fumbinda, sendo esse povo sudanêz sectário do Islamismo, como quasi todos os povos Fellahs ou Fulas da Africa Occidental

ADARRÚM –

ADDIS-ABÉBA – Este é o nome da moderna capital do milenário Imperio Abyssinio, tambem escripta entre os nativos desse legendário pais do Nordêste africano, tão cheio de lendas e tradições ligadas ao famoso “Preste João”, na historia das primeiras expedições portuguezas no interior da Africa.

ADISSA – Nome africano, no idioma Abéxim, chamando-se Addisabába (ou Finfini) a principal cidade do Imperio cópta da Abyssinia”.

ADÉL – É o nome afro-arabico do trecho da costa africana, no fundo do Golpho de Aden (este nome é tambem dado alli a uma ave Salmipede), á entrada do Mar Vermelho e no fim do canal rasgado através do Isthmo de Suez.

ADÉNDA – Nome cafreál (Africa Oriental Portuguesa), dado em Moçambique, e tambem nome de origem ambígua, um logar no valle do Cuánza, disctricto de Quissáma, sendo tambem conhecida esse afronêgrismo no territorio de Moçambique. A localidade

angólêza, de Asénda fica na região de Quissáma e no vale do Cuanza, sendo também conhecida pelo nome de Démba; e são todos esses nomes derivados do idioma Quimbundo. O afronêgrismo Adénda tem a mesma prosódia [addenda, introduzida no vernáculo, embora sejam [*] entre diversas e estranhas entre si, com diferentes [*].¹³⁸

ADAHUNXÊ – Nome iorubano do feiticeiro afronêgro encarregado do preparo [da] herva que elle pisa no pilão ou põe de infusão em agua fervente; misturando o liquido com alguns [**] vegetaes e [**].

[p. 57 – fl. 25]

ADENDÊZADO – Qualificativo afro-brasileiro, derivado de Dendê, nome da palmeira africana vinda da Costa da Guiné para a Bahia (Elais Guineensis); e se emprega aquelle termo para dar idéa de que o quitute adendêzado foi temperado com “azeite-de-Dendê”.

ADÉ-OIÉ – (Expressão africana vinda da lingua Eubá e designativa de um nome proprio masculino, entre os antigos “nêgros da Cósta” e seos descendentes afrobrasileiros, na Bahia e Rio de Janeiro). Além de ADÉ-OIÉ, outros nomes proprios africo-eubás existem , como estes outros, encontrados entre velhos nêgros africanos, de origem Egbána. No Brasil: Alamújo, Apótijá, Eruósaím, Nosúanân, Obitaiô, Olôô-Tétê, Oluô, Requipá, Vagô, Vavá).

ADI – Nome de uma espécie de palmeira indigena, na ilha de São Thomé e também na flora da Guiné. Também se escreve Ady.

ADIÁFA – Nome dado na Africa Portuguêsa a uma gorgêta ou gratificação adicional aos serviçães indigenas, que trabalham a salaro; especie de “mata-bicho”, como se no Brasil. O nome também occôre, metaplasticamente transformando em Diáfa (por aphérese).

ADIBA – Nome africanizado, mas de origem árabe (adibe), dado ao chacal africano.

ADIJÁ – Nome yorubano, designando uma campãa de metal amarelo, que tangida imita um som agradável, sempre que bate para convidar os crentes a assistir á cerimônia de “dar comida aos santos”, nos candomblés bahianos (informa Manoel Querino).

¹³⁸ Há um pequeno papel colado com o verbete *adahunxê*, impossibilitando parte da leitura do verbete.

ADIQUE – Nome local, de origem talvez afronêgra, em território de Sergipe e outros pontos do Nordeste Brasileiro.

ADIS-ABÉBA – É o nome ethiópico, em idioma Amhárico, significando “Rosa da Montanha” e dado á moderna Capital do ex-Imperio da Abyssinia, a Nordeste da Africa Oriental. Adis-Abéba fica em um planalto saudável e reflorestado pelos esforços do ultimo Negus Hailé-Selassié, obrigado a abandonar sua Corôa e domínios pela invasão militar e conquista da Italia (1927).

“ADIVINHAS”-de-NÊGROS¹³⁹

ADJÁ – É nome arábico africanizado e que designa um campãna ou campainha, especie de sincêro ou sineta metálica (metal amarelo, seja cobre, latão, ou brônze), sendo tal instrumento usado pelos afronêgros, no Brasil, principalmente nas cerimônias do culto “fetichista” dos candomblés e macumbas. Como a adjá, também ficaram em nosso paiz estes outros instrumentos afronêgros: Adúfe ou Adufo; Afofiê; Agê; Agogô; Anza ou Ganzá; Atabáque ou Tabaque; Bálafon, Bânjo; Batá e Batácotó; Berimbáu ou Birimbáu; Bombo; Bucumbúnda; Caixas de rúfo; Canzá ou Ganzá; Carimbó; Caxambú; Chécherê ou Cherê (Xéxerê ou Xérê); Cheque-cheque (Xéque-xéque) e Chéquerê ou Xéquerê; Chocalhos de cúia e de Chique-chique (xique-xique); Cucumbu; Flantins de caniço, Fungadôr ou Fungagá; Ganza (também dito Anzá e Canzá); Gôbo; Gongón ou Gonguê, Gorá ou Gorah; Ilú, Indú (ou “berimbáu de bôca”)¹⁴⁰

ADJINAKÚ – Nome afronêgro designativo do “elefante”, na lingua dos negros Gêges e Nagôs (grandes contribuidores da escravatura africana vinda para a Bahia).

[p. 58 – fl. 25A]

“ADIVINHAS”-de-Afronêgros

Sob a epigraphe O QUE É, O QUE É?¹⁴¹ Publicou o erudito folklorista nordestino Sr. Dr. Luis da Câmara Cascúdo, em o Diario de Noticias cariôca este curioso estudo:

¹³⁹ A lápis azul, o autor escreve na margem: “folhas 25A-25B”.

¹⁴⁰ Por falta de espaço para concluir a escrita do verbete adjá, o autor puxa uma longa seta, atravessando toda a folha na horizontal e termina a escrita no fim da folha, beirando a margem inferior. Na margem esquerda, o autor completa: “Continuação da folha 25C”, indicando que a escrita do verbete não estava finalizada.

¹⁴¹ O trecho “O que é, o que é?” é um recorte de jornal. Acreditamos que seja o título do estudo de Luís da Câmara Cascudo, que transcrevemos aqui.

O prof. Rafael Jijena Sanchez, da Universidade de Tucuman, na Argentina, publicou sua coleção de 500 adivinhações, “Adivina Adivinador” (Editorial Albatros, Buenos Aires, 1943, pp. 200). Os trabalhos argentinos na ciencia floclorica vão numa intensidade notavel. Folclore e etnografia seduzem intelligencias claras e os volumes vão clareando problemas que sociólogos e historiadores, desajudados pelo elemento vivo popular, não explicam.

Essas “adivinanzas”, **indovinelli** dos italianos, **riddles** do idioma inglês, **devinettes** francesas **ji-nongonongo** dos negros de Angola, são universais. Eisen recolheu 9.000 na Estonia. Pitré dedicou-lhes todo um volume as coleções de Alcides Bezerra. J. C. Carneiro Monteiro, general Luiz Sombra (inéditas), 100 outras reunidas em Tanabi pelo sr. Sebastião Almeida Oliveira, J. Alden Mason registrou 800 em Puerto Rico e Rafael Ramirez de Arellano, 552. Eliodoro Flores, 795 no Chile. Na Argentina, Lehmann-Nitsche, em 1911, divulgou as “Adivinanzas Rioplatenses”, dedicando-as ao Povo Argentino do ano de 2010, a obra mais extensa, com os confrontos e bibliografias

Uma alta e nobre atividade na especie é o sr. Archer Taylor, da Universidade de California, em Berkley. Não somente os **riddles** fazem parto do seu curso universitario Folclore, como é o autor do clássico “A Bibliography of Riddles”, no volume 126 da serie Folklore Fellows Communications” Helsinki, 1939. O prof. Taylor expôs na “Southern Folklore Quarterly” (II, 1938) os **Problems in the study of riddles**, especialmente a fixação dos estilos característicos e a historia da origem e uso das adivinhações.

Um volume dedicado às nossas adivinhações, com o processo atual de comentario, exposição e critica, impunha-se. Na sua casinha da rua das Magnolias, o general Luiz Sombra mostrou-me uma coleção extensa que reunira e ia publicar. Com a morte do grande amigo de Capistrano de Abreu, dispersar-se-ia seu esforço?

Na futura Biblioteca do Folclore Brasileiro um tomo de adivinhações é indispensavel.

O sr. Rafael Jijena Sanchez na citação bibliográfica, indica as origens das adivinanzas, vindas das províncias argentinas. Quarenta e quatro foram diretamente recolhidas em Bolivia e Buenos Aires. Não há melhor nem mais puro material para os subsequentes ensaios de comparação, influencia, modificações. O autor não fez classificação alguma, dando, ao final, um indice das soluções por ordem alfabética.

O autor está preparando um trabalho, com classificação racional, comparando as adivinhações recolhidas em Tucuman com as de Espanha e América. Não há, para Rafael Jijena Sanchez, nenhuma novidade no assunto, sabedor dos métodos mais modernos e das últimas soluções técnicas.

Há nessa coleção o criterio pedagógico, facilitando aos professores uma serie de exercicios de memoria, prontidão de raciocinio e agilidade mental, superiores em verificação aos testes, alguns de vulgaridade deliciosa. O autor explica seu intuito com nitidez:

“La neuva pedagogia comienza a utilizar al folklore como un auxiliar valioso em la formación del alma infantil. Y siendo así, las adivinanzas escrupulosamente seleccionadas, particularmente las en verso, llenaran una función inapreciable como ejercicio de la mente, por ele ingenio y la memoria; como generadoras o avivadoras del clima poético y como sustentadoras de valores espirituales, amén de la relación de intimidad y ternura en que colocan al niño frente as plantas, animales, cosas y hasta abstracciones, debido principalmente al ingenuo animismo y antropomorfismo que comúnmente las caracteriza.”

Não há sutileza nessa adivinhação?

*Soy la redondez del mundo,
Sin mi no puede haber Dios;
Papas, Cardenales, si;
Pero Pontífices nó.*

E' a letra O. A pergunta da Esfinge a Édipo, ainda se faz às crianças de Espanha, como registrou Fernán Caballero:

*Quién es aquel que anda
De mañana a cuatro pies,
Amediodia com dos
Y por la tarde com três*

O alho (*Allium sativum*) aparece com esse disfarce:

*Tiene dientes y no come,
Tiene barbas y no es hombre.
A que no aciertas su nombre?*

Alcides Bezerra ouviu a variante brasileira, na Paraíba:

*Tem “balba” e não tem rosto,
Tem dente sem ser de osso
Tem um palmo de pescoço.*

A de Portugal

*Tem dentes e não come,
Tem barbas e não é home?*

Origem comum. evidentemente. Alden Mason, no Puerto Rico, recolheu uma versão desenvolvida:

*Em los cerros rerremotos
que nacen los hombres llanos,
con el a, con el andén;
tiene cabeza y no pies;
tiene barba y no es hombre,
y tiene diente y no come.*

De uma fonte única, Anzol, por exemplo, diversifica-se. Na coleção Jijena Sanchez:

*Me vistem de carne muerte
Para ir a prender a un vivo;
Mi derecho siempre es tuerto
Y no puedo ser prendido.*

A versão de Puerto Rico parece mais completa:

*Me vistem de carne muerte
Para ir a prender a un vivo;
Mi derecho ha sido tan tuerto
Que no puedo sin ser prendido.*

O “Ano” assim diz; com os Meses e Semanas:

*Un árbol con doce ramas,
Cada rama cuatro nidos,
Cada nido siete pájaros
Y cada cual su apelido.*

Alden Mason recolheu verso idêntico (55-C) em Puerto Rico, com outras variantes, inclusive esta, bem curiosa:

*Un padre tiene doce hijos,
Y sesenta nistos,
La mitad blancos
Y la mitad prietos.*

Conheço, no sertão do Rio Grande do Norte, esta:

*Um pau com doce galhos,
Cada galho tem seu ninho,
Cada ninho tem seu ovo,
Cada ovo um passarinho
Diga o nome do bichinho?*

Há nos países espano-americanos uma continuidade criadora nas adivinhações. Não tenho conhecimento de exemplos brasileiro a referentes ao fonógrafo, máquina de costura, telégrafo, fósforo, despertador, espingarda, locomotiva, piano, denunciando uma adaptação e uso a esses motivos.

Parecem-nos portuguesas em sua maioria absoluta as nossas adivinhas com as cores locais e mesmo deformações. A Azeitona em Portugal dá esse tema:

*Verde foi meu nascimento
E de luto me vesti.
Para dar luzes ao mundo
Mil tormentos padeci.*

Alcides Bezerra coteja com o símile brasileiro, já relativo ao Fumo (tabaco)

*Verde foi meu nascimento,
Preto meu procedimento
De luto me cobri
E em fumaça me sumi.*

Muito ouvi essa versão:

*Verde foi meu nascimento,
E de luto me vesti.
Para dar gostos ao mundo
E em fumaça me sumi...*

[p. 59 – fl. 25B]

Uma versão espanhola é quase idêntica:

*Verde fue mi nacimiento
Y de luto me vesti.
Y por dar-le gusto al mundo
Dos tormentos padeci.*

Adão, nas “adivinanzas” pietinas:

*No tuvo padre ni madre
Y nació siendo ya hombre
Y tiene muchos parientes
Y es bien sabido su nombre*

A brasileira julgo mais feliz:

*Um homem houve no mundo
Que sem ter culpa morreu,
Nasceu primeiro que o pai;
Sua mãe nunca viveu.
Sua avó esteve virgem
Até que o neto morreu...*

A Terra é a avó do Homem. A versão de Alden Mason mostra o fio europeu:

*Un hombre murió sin culpa,
Su madre nunca nació,
Y su abuela estuvo doncella
Hasta que el nieto murió.*

Os nossos cantadores, na batalha do desafio, examinam o assunto de forma imprevista. Manuel Galdino Bandeira e João Siqueira, em Piranhas, na Paraíba, trocaram esses versos:

*Agora você me diga
de uma forma ligeira,
o ser que viveu no mundo,
e nasceu mas sem parteira...
Quando nasceu foi barbado.
Pensando em mulher solteira?*

*Foi o nosso Pai Adão!
La vai o meu paliogra*

*Nasceu porem sem ter mãe
Soprando numa jonógra,
Sendo ele o mais feliz
Casou-se e não teve sogra!*

Tratei um pouco desse assunto no “Vaqueiros e cantadores” (Porto alegre, 1939, pág. 159) divulgando as perguntas e respostas dos duelos poéticos do improviso sertanejo:

*Dios con ser Dios no veía
Lo que el hombre pude ser;
El rey acaso
Y el hombre a cada paso.*

E’ o “Semelhante”. Num desafio de Chica Barroza com José Bandeira há uma versão “nacional”:

*Sim-sinhor, seu Zé Bandeira,
Já vejo que sabe ler;
Pelo ponto qu'eu estou vendo
Inda é capaz de dizer:
O que é que neste mundo
O home vê e Deus não vê?*

A decifração:

*Barroza, os teus ameaços
Eu não troco pelos meus;
O home vê outro home
Mas Deus não vê outro Deus!*

O “Adinina Adivinador” responde perfeitamente à finalidade educacional de sua criação. Com todos os meus louvores ao sr. Rafael Jijena Sanchez, confesso que esses comentários explicam apenas o desejo de ficar mais tempo na companhia amável do brilhando folclorista argentino.

ADIXÁ – Afro-arabismo, que designa o quinto tempo consagrado á prece ou oração, durante o espaço de cada dia, entre os Nêgros Malês, sectários da religião musulmãna. O idiôma dos Haussás assimilou da lingua árabe, no Norte da Africa, a voz lisha e esta foi se alterando gráfica e foneticamente em lixá e dixá, na linguagem de seos descendentes afronêgros, no Brasil, principalmente na Bahia, onde os nêgros Haussás e Nagôs já tinham adoptado a mesma voz, sob variante Adizá, significando o referido 5º tempo consagrado á oração ou réza, em cada dia, conforme o rito musulmã.

[p. 60 – fl. 25C]

Como o adjá, tambem são relacionados estes outros nomes, entre instrumental da bárbara musica de origem afronêgra, introduzida no Brasil, durante o longo periodo do tráfico de escravos vindo da Africa Occidental, Central e Oriental para as plagas americanas. Vejamol-os, em relação muito mais completa do que os 25 instrumentos afronêgros referidos por Luciano Gállet e encontrados em [**] brasileiras.

Assim ocorre-nos citar: Adjá; Adúfe ou Adufo; Afofiê; Agê; Agogô; Anza ou Ganzá; Atabáque ou Tabaque; Bálafon, Bánjo; Batá e Batácotó; Berimbáu ou Birimbáu; Bómbó; Bucumbúnda; Caixas de rúfo; Canzá ou Ganzá; Carimbó; Caxambú; Chécherê ou Cherê (Xéxerê ou Xérê); Cheque-cheque (Xéque-xéque) e Chéquerê ou Xéquerê; Chocalhos de cúia e de Chique-chique (xique-xique); Cucumbu; Flantins de caniço,

Fungadôr ou Fungagá; Ganza (também dito Anzá e Canzá); Gôbo; Gongón ou Gonguê, Gorá ou Gorah; Ilú, Indú (ou “berimbáu de bôca” preso entre os dentes e tangido com o dedo indicador); Ingóno; Mangongo ou Mangongú e Mandonguê ou Munganaguê; Marimba e Maribáu; Mulungú e Mungunguê; pandeiros, pererenga; quica ou cuica; quissange ou quissânje; sánsa; tamboríl e tamborim; uricóngo; uricúngo ou uricúngo, vú ou vurú; xaquede; xaquerê ou xequerê; xéque-xéque; xére ou xerém; xéxérê; xocalho de xíque-xíque; e finalmente Zabumba. Temos pois ahi relacionados nada menos de 70 nomes diversos da bárbata musica dos nêgros africanos, entre nos conhecidos.

[p. 61 – fl. 26]

ADÓ – É este o nome afronêgro dado ao milho tôrrado com “azeite-dendê”: Tal nome afronêgro foi introduzido na Bahia, onde designa o milho tôrrado com “azeite de cheiro” e depois moído para ser comido. Ado é, pois, o nome dado pelos nêgros Nagôs e Yorubanos ao “pó de milho torrado com azeite de Dendê”. Conforme ensinam Manoel Querino e outros sabedores de “coisas de nêgro”, em nossa paiz. Não se devem confundir as suas vozes Ado e Adô, ambas vindas do idiôma Nagô, mas com diferente significação. A primitiva voz Yorubana é Ádun (que designa o milho tôrrado e misturado com azeite ou mël). Ádun, com acento grave, se transforma em Ádo.

ADÔ – Nome dado pelas Nagôs á cabacinha, ao coquinho, á nóz ou côco de pequeno tamanho. (“Adô-de-coqueiro”). Assim em lingua dos nêgros Nagôs, é Adão designativo da cabacinha ou coquinho, da amêndoa ou nóz comestível do côco.

ADORIN – Palavra ou expressão do idioma Nagô para designar o numero “setenta” (a lingua dos Nagôs chegou até a ser entendida e estudada, na Bahia, outrora).

ADORÚN – O numero “noventa”, no vocabulário Nagô-yorubão.

ADÓTA – O numero ou algarismo que expressa “cincoenta” ou cinco dezenas, na expressiva linguagem dos nêgros Nagôs.

ADRÁRE – (tambem conhecido por Adrar) – É um oásis dos areaes sahariânos, ao sul do territorio de Marrócos, Africa Septentrional. É vóz de origem arábica, levada pelos Sarracênos ao territorio marróquino.

ADRUMÉTE – Nome africano da antiga cidade punica, que, na Lybia actual, era uma colônia sujeita a Carthago, na Africa Mediterranea.

ÁDUA – Nomes afro-arabico de uma cidade ethiópica, antiga Capital do reino do Tigré, na actual Abyssinia; e, em Ádua, soffreram os italianos a terrível derrota de 1896, da qual se vingaram trinta anos mais tarde, quando conquistaram Ádua e fizeram de todo o Imperio Abyssinio uma vasta e rica possessão da Italia, na Africa Oriental, tendo a Abyssinia recobrado a sua soberania de paiz independente, em 1943, durante a ultima grande guerra das aliados contra o Êixo nazi-nippo-facista. Com a expulsão dos alemães e italianos derrotados na Africa do Norte, poudo o Imperador Selassié voltar ao seo throno, na velha Ethiópia.

[p. 62 – fl. 21]

ADUÁR – (tambem aduára e adulare) – Nome de origem árabe, dado ao acampamento mouro, entre os Bérberes norte-africanos. Termo arábico usado pelos mouros da Africa Septentrional e designando o acampamento mourisco dos Bebuinos e povos Bérberes, que vagueiam pelo deserto Sahariáno.

ADUÁRA – Nome derivado do árabe (ad-duar), designando o acampamento militar das cabildas africanas de sangue mouro, no deserto do Sahára. Fórma metaplastica ou paragógica de Aduár.

ADUÁRE – (ou Aduára) – É nome de origem arabica (aduár), mas africanisado, entre as tribus Kabylas e Tuarégues do Norte da Africa, que levantam as suas tendas de beduinos, no deserto sahariano, em fórma de acampamento ou ADUÁR.

ADUFE – É o tão conhecido e empregado nome de origem afro-arábica do pandeiro, pequenino tambor manual, com fundo de côuro, rodeado de guizos ou chocalhos, no aro de madeira, a que se prende e vem esticado o côuro onde os dêdos ou as palmas das mãos percutem, sendo instrumento indispensavel aos batuques e congados dos nêgros africanos. Tambem se diz adúfo; e este e outros instrumentos da musica bárbara e bulhenta dos afronêgros, vindos ao Brasil, cá se conservam, com os seos próprios nomes africanos. Por exemplo: o atabaque, o baláfo, o berimbáu, o canzá, o bómbo, a caíca, o ingôno, a marimba, a púita, o ericóngo, a zabumba, etc.

ADULAÇÃO – Afronegrismo incorporado á linguagem luso-brasileira e empregado como equivalente de bajulação, outro afronêgrismo. Acto de agradar servilmente ao poderosos.

ADÚM – Derivado da voz yorubana Ádun (o milho tórrado “piládo” e misturado com azêite-de-cheiro ou com mél de furo”). Na Bahia, ficou o nome, sob a fôrma Ádo.

ADUNGADO – O individuo que virou dunga ou tem “fumaças” de valentão (“cabra”-adungado, isto é, sujeito influente e avalentado, na linguagem popular).

AFAVÉCOS – O mesmo que muáfos, peças ou trajes de roupa de vestir em viagem; “costumes” de roupa preparados para com eles se viajar. São termos ainda usados, no Nordeste Brasileiro (afavécos e muáfos, alli dados como afronegrismo).

AFÉ – Palavra que define o “prazer”, o “contentamento”, em lingua de nêgros Nagôs.

[p. 63 – fl. 28]

AFÉRE – Entre os Nagôs, é Aféfe o nome do orichá ou divindade dos ‘ventos”; o dêos que sópra do céu para a terra os vendavães; e faz parte da corte celeste de Xangô, a cujas ordens obedece. (É o nome afronêgro de um Orixá ou divindade dos Nagôs e por estes considerado como o “senhor dos ventos”).

AFFUÁ – Inexplicael variante gráfica de um supposto afronêgrismo que no extremo Norte do Brasil designa um municipio do Estado do Pará (bacia amazonica). Tambem se escreve Afuá, adeante estudado.

AFINIS – Corruptéla afro-brasileira do arabismo alfenin (dôce de fios de assucar), na linguagem caipira de São Paulo (Sul do Brasil). É o plural aportuguêsado da fôrma adulterada alfinin ou alfini, na bôcca de nêgros e dos nossos caipiras.

AFÔBAÇÃO – O mesmo que afôbágem ou afobamento, significando: cansaço, fadiga, préssa exagerada, apressúramento, azáfama, atrapalhação, excesso desordenado, quando se faz qualquer cousa ou trabalho; e da voz afronêgra afôba se derivaram todos os termos já citados e mais estes : afobada, afobado, afobar, afobar-se, para enriquecimento do Vocabulario Luso-Brasileiro. “Viver afôbado” e “andar numa afobação louca” são expressões muito correntes, na linguagem popular, em nosso paiz

AFÔFIÊ – Pequena flauta ou flautim de caniço ou de gômo de bambú, sendo, o unico talvez dos instrumentos de sópro musical trazido pelos afronêgros ao Brasil. É nome de origem africano-conguêza.

AFORRÁ – Corrupttela fonética de afurrá ou afurá, nome de origem Nagô ou Yorubana, designando um bôlo fofo de fubá de arroz fermentado, que é diluído em água adoçada com “mel de furo” ou assucar, para ser tomado como bebida refrigerante, conforme é usado na Bahia, principalmente. Em Santo Amáro, na Bahia, há um lugar denominado Aforrá.

AFOTIJÁ – nome proprio masculino, em língua Eubá, e usado por velhos negros africanos, na cidade do Rio de Janeiro (segundo Paulo Barreto em seu *citado* livro “Religiões do Rio”). Também existe, no Brasil, o nome indígena afotigé, quase idêntico, graficamente, apenas, porque tem diferente sentido.

AFÔUFAR – (também Afôfár) – Verbo brasileiro que significa revolver a terra, para torná-la macia e arejada, nos canteiros das hortas, jardins e plantações. Também se usa no sentido de mexer ou revolver a páina do enchimento dos colchões, travesseiros e almofadas. O nome primitivo fôfa é reputado africanismo, e dele outros luso-brasileirismos se derivaram.

AFRO-ANGOLÊZ – Designação de quanto se refira ao povo Angóla, na África Occidental (povo ou typo afro-angolêz, costumes afro-angolêzes, língua ou religião afro-angolêza). É nome de composição híbrida, luso-afronêgra.

AFRO-BANTÚ – É um qualificativo ethnico e linguistico dos prêtos indígenas do ramo Bantu, no Oeste, Centro, Oriente e Sul do continente africano.

[p. 64 – fl. 21]

AFÉ – Nome iorubano do amuleto de feitiço usado por capiangos ou ladrões a que elles crêem se tornar invisíveis durante a profissão do furto, podendo assim escapar acabo de perseguições, protegidos pelo predigio do afé.

[p. 65 – fl. 29]

AFRO-BRNGUÉLA – Outro designativo composto para se referir ao povo africano negro natural da região de Benguéla, em territorio angolense.

AFRO-CABINDA – Designativo de caracter ethno-linguistico dos negros Cabindas, na África Occidental Portuguesa.

AFRO-GUINEÁNO – Expressão hybridamente composta para designar quanto se refira ao idioma, povo e typo racial da Guiné, na Africa Occidental. Tambem se diz Afro-Guinês.

AFRO-CONGUÊZ – Expressão referente ao povo afronêgro da bacia e região do Congo, dizendo-se tambem Afro-Congalêz.

AFRO-LANDIM – Designativo do agrupamento de Cáfres da tribu e lingua Landim, na Africa Oriental Portuguesa, em territorio de Moçambique.

[p. 66 – fl. 29A]

AFRO-NÊGROS – Uma completa relação dos póvos afronegros introduzidos pelo trafico negreiro, em toda a extensa costa oriental do Brasil, durante mais de trezentos anos desse commercio de escravos oriundos da Africa para o nosso paiz, exigiria quase que uma verdadeira synthese ethnographica de todos os povos nêgros africanos, pois em verdade pouquíssimas regiões de prêtos nativos daquele vasto continente teriam deixado de conter representantes, nas levas de captivos remetidos para a América. Tivemos no Brasil nêgros africanos sempre e usualmente qualificados pela sua terra de origem, pela sua raça ou “nação”, pela sua alcunha ou defeito physico visivel, pela sua lingua ou religião, pelo matiz de sua côr, pelas caractetisticas geraes, enfim, que maior impressão causavam aos seus escravizadores, mercadores, comboieiros, capatazes, tanganhões, ãmos e senhores. Era um processo ingênuo de fácil identificação da “mercadoria humana”. Em trezentos e poucos anos de trafico negreiro, deve ter entrado no Brasil a massa formidavel de 12 a 15 milhões de escravos africanos.

O progresso dos conhecimentos geográficos e raciaes permitio melhores estudos e respeito do nêgro africano; mas, aqui, nos limitaremos a enumerar os nomes dos varios póvos para o Brasil conduzidos pelo tráfico, sem nenhum propósito de filiál-os a seos verdadeiros typos ou agruamentos éthnicos, por não ser este o objetivo do presente trabalho.

Eis aqui, aliás sem nenhum rigor ethnographico, a vasta nomenclatura que conseguimos organizar, dos póvos africanos – em sua immensa maioria ou quase totalidade, da “raça nêgra” – e que tiveram representantes na escravatura de toda a America e notadamente do Brasil:

Abángas, Abexins-Danakilas, Abinus-Júmos, Abains, Abúres, Ácas ou Ácos, Achancôlos, Achantis, Ácras, Acúias, Adamáuas ou Adamáuas, Adamauás-Fulas-da-Nigrécia, Afro-Bantús, Afro-Cafreães, Áfro-Conguêzes, Afunús, Afunún, Agoins, Agrávis, Ahjânas ou Ajángas, Ajãns-Somalis, Ajaús-Bantús ou Ajáus-Moçambiques,

[p. 67 – fl. 29B]

Alládas-Ardritas, Amatóngas, Ambácas, Ambámbas, Ambaquêtos ou Ambaquistas, Ambégas, Ambétas, Ambóelas ou Ambuélas, Amboins, Ambóndos, Ambuilas, Ambundas ou Ambundos, Ambúnos, Ambúnos-Camerúns, Ampóngos ou Ampóngues, ãnas, Andóngos, Anejôs ou Aneôs, Angásses ou Angássis, Angicos, Angjuês, Angoins, Angôios, Angolânos, Angólares, Angólas, Angolénses ou Angolêzes, Angôlos, Angonis-Mangunis, Angônizes, Angúros, Anjicos ou Angiquêtos, Antúlhas, Antús, Aquênchis, Árdas, Árdras, Ardrênses ou Ardritas, Assantis, Aussás ou Aussázes, Avúnas, Axantis ou Axantizes, Azenégues, Babuás, Babuêros, Ba-Buêros, Ba-Cacéos, Bacacenas, Ba-Cacéqueres, Bacalaáris, bacalênas, Bacalés, Bacãnas, Ca-Cáncalas ou Bacáncalas, Ba-Cáncalas, Bacãnas, Báças, Bacasseas, Ba-Casséqueres, Ba-Chimbas, Bachuãnas, Bá-Cóngos ou Bacóngos, Bá-Corócas, Ba-Cuândos, Ba-Cubáes ou Bacubáes, Bacúbalas, Bacúbas ou Bacubás, Ba-Cutos ou Baçútos, Ba-Ganguélas ou Baganguélas, Bagobiris, Ba-Hingas, Bailudos, Bakales,

[p. 68]¹⁴²

Ba-Kánçalas, Bakônís, Ba-Kuãnos, Bakubáes, Ba-Kumbis, Balántas ou Balántos, Bamãnas, Bambanécas, Bámbaras ou Bambárras, Bámbas ou Bambás, Banãnos, Ba-N'cumbis ou Bancumbis, Ban-Dongónas ou Bandóngos, Ban-Gálas ou Bángalas, Banguélas ou Banguélos, Banháes, Ba-Nhanécas ou Bánhanécas, Banháns, Banhúns, Bankumbis, Bántas, Bántas-Angolânos, Bántos-Cafreás, Banuãnas, Bantús-Austraes, Bantús-de-Angóla, Bantús-de-Congo, Bantús-da-Guiné, Bantús-de-Moçambique, Bantús-de-Senegambia, Bantús-Kondeános, Bantús-Occidentaes, Bantús-Orientaes, Bánzas, Baquândos, Baróces, Baróces-Gengis, Baruéis, Bás ou Bássas, Bássos, Ba-Sutos ou Bassútos, Batêques, Batóngas, Ba-Ximbas, Bázas, Béafáres, Bechuãnas, Bémbas, Béngas, Béngos, Benguélános, Benguélas ou Benguelêzes, Béngues, Benins-Nigérianos, Benins-

¹⁴² Esta folha não é numerada pelo autor.

Yorubãnos, Bérberes-Sahariãnos, Berêbéres, Beerêbes, Betchuanos, Bexuãnas, Biafádas ou Biáfas-Guinéãnos, Bidúmas, Biénos, Biés, Bihémos ou Bihés, Bijagós, Bilanculés, Bimbas ou Bimbés, Bissagós, Bissáus, Bitóngas, Bixagós,

[p. 69 – 29C]

Bogás, Bolãmas ou Bolãmos, Bolángos, Bolãnos, “Bólas”, Bolês ou Bolêzes, “Bómbas”, Bornúns, Bórnús ou Bórnuzes, Boschimãnos, Botangas, Boximãnos, Buingélas ou Buinjélas, Bulômos, Bundas ou Bundos, Buruncis, Cabilas, Cabindas, Cabindas-Cóngos, Cabovêrdiãnos-Azenégues, Cabundás, Caçanges, Caçanges_Imbángalas, Cacimbas, Cacómbos, Cacóndas, Cacóngos, Caçóngos, Cacumbos ou Cacumbús, Cacundas, Cafres ou Cafreães, Cafres-Bechuãnas, Cafres-Bitóngas, Cafres-Botangas, Cafres-Chirénos, Cafres-Chitóngas, Cafres-landinos, Cafres-Muzénes, Cafres-Muzimbas, Cafres-Vatuas, Caftrizes, Cafusos ou Cafuzos, Calabáres, “Camarões”, Cabindas, Camerões, Camerõns ou Camerúns, Canarínos-Guánches, Cángalas, Canjángos, Canuris-Bornús, Canuris-Fulas, Cassánges ou Cassánjes, Cassénques, Cassimbas, Cassóngos, Catumbélas, Cazémbes, Cazimbas, Chéchés ou Chêchês, Chingas, Chinhúngues, Cafreás, Chitóngas, Chitóngas-Cáfres, Combués, Congalêzes, Cóngos ou Conguêzes, Crépis-Anguês, Crumãnos, Cuáias, Cuámatas, Cuanhãmas, Cúmbrios, Curumãnos, Dagomés, Dahómeãnos, Dahoméãnos-Guinés, Dahomés, Dahoméus ou Dahomeyanos,

[p. 70 – 29D]

Dãmaras, Dámas-Sidanêzes, Daómeãnos, Dámbos, Dincas ou Dinkas, Djágas ou Djággas, Dôcos, Ebás, Efãns, Efês ou Efés, Effãns – “Caras-Queimádas”, Éffíkes, Effõns, Éffíques, Efõns-Dagomés, Egbãnos ou Egbás, EhuÊs, Ejêjes, Ejês, Embúnas-do-Sudão, EMBundos, Empóngues, Endôgos, Endóngás ou Endóngos, Engólas, Éngos, Engurús, Énkes, Énques, Équis, Erêros ou Errêros, Eschi-Cóngos, Ethiopes-abexins, Ethiopes-zanguebáriãnos, Eubãnos ou Eubás, Euês ou Euvês, Avés-Gêges, Exicóngos, Falupes ou Falupios, Fãns-Pauins, Fantés ou Fantis, Fantis-Tchis, Fantizes, Félains, Felánes, Félanins, Félátas, Félátas, Féllahs, Fellanins, Féllas, Féllátas, Felúpes, Felúpios ou Felúpos, Filanins-Sudanêzes, Finfinís, Fiótas, “Fiótes” ou Fiôtos, Fôlas ou Fôlos, Fongbês-Jêjis, Fulanins, Fulanins-da-Sokôto, Fulas, Fulas-Bantús, Fulas-Fulas, Fulas-Guineãnos, Fulas-Senégámbios, Fulátas, Fulbes ou Fúlbios, Fúlos, Fumbindas-do-“Sudão”, Fúrbas, Futas-Djalõns, Gabãnos, Gabãos ou Gabões, Gabunas, Gallanges, Gállas-Abexins,

“Gallinhas”-Grúncis, Galôfos, Gambuágas, Gambuélas, Gangânas, Ganguélas ou Ganguélos, Garanjángas, Garuás, Gásses,

[p. 71 – 29E]

Gbandis, Gbessês, “Gêbos”, Gêgês ou Gêgis, Géngis, Gêxas, Gházas, Gibis-Queás, Gingas, Goandis, Gobéruás, “Gólas”, Grêbos, Griquas, “Grumêtes”-Guinããos, Grúnces ou Grúncis, Guãnces ou Guânços-Canarinos, guángaras, Guéguês, Guéguês-Senegalêzes, Guimbândos, Guinããos, Guineanos-Sudanêzes, Guinéos, Guinés, Guinéus ou Guinêzes, Guinólas, Gurúncis ou Gurunsis, Hácas ou Hácos, Hallôs, Hál-Púlas, Hambundos, Hândas, Hançanos, Hauças ou Haussás, Haussás-“Nigricios”, Haussás-Sudanêzes, Herêros ou Herrêros, Herrêros-Endongás, Hôllos, Hôllos-Bantús, Hôllos-Bantus, Hotentócios ou Hotentótes, Huillas, Iágbas, Iáris, Iázos, Ibonãns ou Ibonãs Ibós, Ibos-Calabáres, Idzoz, Iébús, Ifês, Igámbalas, Igáras, Ijês ou Igêsas, Ijêxás, Ijêzas, Ijêzes-Gêxás, Imbángalas, Inquimbas, Iorubanos ou Iorubas, Itáguas, Ixuabes ou Ixuábos, Jábas, Jágas, Jágas-Mandingas, Jággas-Conguêzes, Jalôfos, Jalôfos-Guinéanos, Jalôfos-Sudanêzes, Janguélas, Jabús, Jêgis, Jêjes, Jêndes, Jenjis, Jingas, Jingas-Angolânos, Jingas-conguêzes, Jolôfos, Jorubas, Kabindas, Kabundás, Kacimbas,

[p. 72 – 29F]

Kalaháris, Kamuéns, Kandérmas, Kanunis, Kassanjes, Kassóngos, Kaumbélas, Kazémbes, Kazimbas, Kémbas, Kibalas Kiçamas, Kikóngos, Kilengues, Kilôas, Kimbundos, Kingôjes, Kiôcos, Kissãmas, Kissicongos, Kissis, Kissolóngias, Kitches-do-Nilo, Kixincóngos, Kixóngos, Kombués, Kondéngos, Kóndes, Kóngos, Korômantins, Kotôfos-Sudânêzes, Krébrôs, Krumãnos, Krús-Landinos, Kúas, Kúmbrios, “Ladinos”-Cafreães, Landinos ou Landins, Landins-Cáfres, Landôros, Landúmas, Libôlos, Libôlos, Loándas ou Loandêzes, Loángos, Logándos, Lomóngos, Lóndas, Luángos, Luandingas, Lubôbos, Lucúgas, Ludãmas, Luibas, Lulúndos, Lumbúndos, Lundas, Lundêzes ou Lúndos, Lunhanécas, Mábas, Mabingas, Ma-Buingélas, Ma-Changãnas, Ma-Chôpes, Macolôlos, Macóngos, Ma-Cuácuas, Macuácuas, Macuáanas, Macúas, Madécássos, Maftis, Maguixas, Majángas, Majóngues, Majungas-Malgáxes, Makolôbos, Makôlos, Makombis, Makóngos, Ma-Kuákuas, Makuáanas, Makúas, Malábas ou Malabás, Maláio-Malgáxes, Malánges ou Malánjes, Malémbas, Malês (nêgros-musulmãnos), Malgáches ou Malgázes, Malinkês ou Malinquês, Malómués,

Malundos, Mandês, Mandês-Sudanêzes, Mandêzes, Mandingas, Mandingas-Guinês, Manês, Manfús, Mangángas, Mangánjas, Mangónjes, Manguanguáas, Manguaras, Mangunis, manicas, Manindis, Manis, Manjácós, Manjangas, Manjánjas-Nyanjas, Manjóngues, manjungas, Manjungas-Malgáches, “Mãnos”, Manxôpes, Manyêmas, Manquiócas ou Manquiôcos, Marábas, Maráfós, Maráves, Marimbas, Marimbas-Nyássas, Marruás-Sudanêzes, Massabis, Massabis-Cabindas, Massáuas, Matabéles ou matabélas, Máuas, Maúngos, Mávias ou Mávios, Maxanganas, Maxôpes ou Maxôpos, Muzánzas, Mazúlos, Mazurúros, Mendês ou Mendêzes, Michis, “Minas”-Agoins, “Minas”-Fantis, “Minas”-Krús, “Minas”-Nagôs, “Minas”-Pôpos, “Minas”-Santês, “Minas”-Yorubanos, Mindóngos ou Mindóngues, Minjôlos, Minúngos, Moçambicânos ou Moçambiques, Mondómbes, Monjácós, Monjôlos, Monjácós, Moráves, Móssis, Moxicóngos, Mozambiques, Muçulmins-afonêgros, Mucurócas, Muilas, Mumbos, Mundómbes, Munhambânes, Munjôjos, Munjôlos, Muráves, Múrios, Mussocóngos, Mussoróngos, Musulmis-africanos, Muxicóngos, Muzénas ou Muzénzes, Muzimbas, Muzimbo, Muzumbos, Nabúlis,

Náffaras, Nagôas ou Nagôs, Nagôs-Egbanos, Nagôs-Ladinos, Nagôs-“Minas”, Nagôs-Nigérianos, Nagôs-Yorubanos, Nalús, Namáguas, Namarráes, Nãmas, Nangobás, Nãnos, Nãnos-Nigérianos, Nãnos-Ovimbundos, narúmas ou Narúnas, N’Bundos, “Nêgros-Minas”, N’dôgos, N’dongas, N’dóngos, Nêgros-“Minas”, N’gólas, Nhamués ou Nhamuêzes, Nhéngas, Niángas, Nifês, Nifês-“Nigérianos”, Nifês-Tápas, Nigricianos, Nikas ou Nikes, Nuba_fulas, Nuba ou Nubios, Nubes, Nubios-Baráthras, Nubo, Nubo-Fulas, Nubos, Nubos-Aussás, Nupês, Nupês-“Nigérianos”, Nupês-Tápas, Nurúmas, Nyambuêzes, Nyánjas, Nyánzas, Obámbás, Odjis ou Ojis, Oghuês ou Oguês, Oiês, Okvãnis, Óndos, Ovambos, Ovámpas, Ovibúndos, Ovôros, Oxêxês, Oxiêbas, Pajdês, “Papéis” ou Pépéis, Pélis, Pémbas, Pépéis, Pért-Cafreáes, Peúlos, Pimbas ou Pimbes, Pokôros, Pokôros-Kingas, Pôpos ou Popôs, Pôpos-“Minas”, Pôpos-Dahoméânos, Pôpos-Uachis, “Púlos”-Senégalêzes, Quândos, Quémbo, Quibalas, Quiçãmas, Quicóngos, Quicongos, Quikóngos, Quiléngas ou Quiléngues, Quilôas, Quimávias, Quimbundas ou Quimbundos, Quingôjes, Quiôcos, Quissamãns ou Quissãmas,

Quissicóngos, Quissolóngos, quissóngos, Quitundes, Quixicóngos, Quixóngos, “Rebôlos”-Egbãnos, “Rebôlos”-Cóngos, Ribôlos, Sãnas-Cáfres, Sãnes-Boximãnos, Santés, Sêles ou Sêlês, Senégalêzes, Senegámbios, Séngas ou Séngos, Sérérês, Socôtos ou Sokôtos, Sókôtos-Fellanins, Solimas, Somaliános ou Somalis, Sónghos ou Sóngos, Songáias, Songais ou Sanghais, “Sónhos”-Mussoróngos, Soninkes ou Soninques, Sôssos, Sôthos ou Sòtos, Suahélis, Suailas ou Suailes, Suailos-Cafreães, Sudanêzes, Sudanêzes-Fulas, Sudãos, Surhais, Sússos ou Sussús, Sutos-Bantús, Tagoyes, Tángas, “Tápas”-Nifês, Távalas-Cafreães, Tchis-Fantis, Tchis-Guinéanos, Tchuánas, Tédas, Tékes, Témbas, Temnês ou Tênzêzes, Téques, Tétes-Cafreaes, Tibús, Tichis ou Tichizes, Timanis, Tixis, Tixuánas, Tôgos, “Tômas” ou “Tómbas”, Tóngas, Tóngas-Cafres, Tuantús, Tuarégues-Fúlas, Tugúlas, Ualôfos, Uancorês, Uassás, Ubanguélas, Ubanghis-Gambuágas, Uças, Ugándas, Ugôgos, Ugúas, Umbámbas, Umbundas ou Umbundos, Urhibes ou Uribos, Urúas, Ussás, Uúles ou Uúlos,

Urúas, Ussás, Uúles ou Uúlos, Vámpas-Herêros, Vatuãnas, Vátuas-Angonis, Vátuas-Mangunis, Vátuas-Zulús, Véis ou Veizes, Volôfoz, Vuáruás, Xámbalas, Xantis ou Xantizes, Xêxês, Xêxis, Xêxines, Xiláques-Cafuzos, Xingas, Xinhúngues, Xirênos, Xitongas-do-Zambéze, Xixuabos, Xôas-Abexins, Xósas, Xôxas, Xuáanas, Xunhúngues, Yalôfos-Sudanêzes, Yáo-Bémbas, Yaribas, Yebús, Yorubanos ou Yorubas, Yorubas-“Nigérianos”, Zandêres, Zanguêtos, Zanés-Fulas, Zanés-Sudanêzes, Zantês, Zanzibares, Zarâmes ou Zarâmos, Zêmas, Zenégues-Afuládos, Zenégues-Cabovêrdiáanos, Zôlos, Zulos ou Zulús, Zumbos, Zurúras ou Zurúros.

AFRO-BANTÚS – (Póvos africanos etnicamente e linguisticamente agrupados no ramo Bantu).

AFRO-SUDANÊZ – (Expressão referente a quanto se refira aos nativos do Sudão-Africano, ao Sul do Sahará).

AFRO-SUDÂNÊZES – fl. 30

AFRO-YORUBÂNÔ – fl. 30

AFRO-NÊGROS (em geral) – fl. 29A-29J.

AFRO-SUDANÊZES – Expressão designativa de povos negros da vasta região conhecida por Sudán ou “Sudão”, na Africa Central e Equatorial, a começar da Córrea Occidental com os chamados Sudanêzes-Mandênes, os “afro-sudanêzes” da Costa dos Escravos e Córrea do Ouro, os “Sedanêzes-Centraes”, os “Sudanêzes Senegalêneses” (da Senegâmbia), até aos Dudanêzes da parte mais oriental, nos confins da Núbia; e desses fortes negros Sudanêzes, em maioria musulmãos e com certa cultura de origem áraba, vieram milhares de escravos para o Brasil. Vide o nome Sudanêzes, adeante.

AFRO-YORUBANO – (Expressão designativa do povo Yoruba ou Yorumba, da Africa Equatorial, na parte Oeste do Baixo-Niger).

AFUÁ – Brasileirismo de suposto fundo afronêgro e que se escreve tambem Affuá: serve de nome local, no Norte do Brasil, Amazônia, e designa tambem o cavalo espantadiço, o animal “passarinheiro”, que se assusta na estrada, deane de qualquer ruido. No Estado do Pará, existem os já citados municipio e villa de Affuá ou Afuá. Dos afronêgros nos ficaram varios qualificativos para animaes bovinos, equinos e muares (por exemplo: boi-babatão, alterado em “barbatão”; cavallo-alazão (um arabismo africanisado); cavalo-afuá; burro-pómbo; animal miquênto (cheio de micas ou manhas), etc.

AFUBAÇÁDO – Designa animal ou gente da côr fôveira ou afubaçada; o que tem a pelle áspera, esfarelada, dela se desprendendo um pó como o de fubá, o que é commum em certas moléstias, na epiderme da gente de côr (como o “fubá de sarna”).

AFÚLAMENTO – Acção de ficar fula ou afulaçado, afulado, com a côr fula (têz embaçada dos mestiços Fôlas ou Fulas, originários da Senegâmbia); e tambem afulamento, no sentido de afobamento ou préssa (relacionado com a expressão fula-fula, açodamento, confusão, muita pressa).

AFULÊIMAÇÃO – Brasileirismo usado na linguagem nortista, sendo que os Cearenses o empregam como synonymo de briga, alteração, contenda, “bate-bôca”. A origem do termo deve estar no africanismo fula. É brasileirismo de fundo africano; significa – briga, contenda, tendepá, na linguagem popular cearense; e há outros derivados; afuleimado, afuleimar, etc. Parece vir de fula. Brasileirismo de origem afronêgra popular no Nordeste, principalmente no Ceará, onde é termo synonymo de

briga, contenda, “bate-bôca”, discussão com vias de facto. (segundo se vê da quase repetição das fontes por nós consultadas”.

[p. 78 – fl. 31]¹⁴³

AFUNICÁR – Forma verbal afro-brasileira, equivalente ao verbo infunicár, derivado da expressão verbal Kun-funika, que, na língua cafreál dos Chinhungues, significa: “cobrir” (e por extensão de sentido, cobrir o rosto com mascara ou maquillage, alterar as feições, desfigurar, deformar a cara, com golpes, cicatrizes ou tatuagens). Assim faziam os negros, Effôns, os chamados “Negros-Ribôlos”, ou Ribôlos, que queimavam a cara ou lanhavam o rosto com golpes, para infunicarem com essas marcas a fôgo e se tornarem valentes guerreiros. Não e de admirar, em nêgros semi-selvagens, essa muilação physica do rôsto, quando se sabe que, entre os universitarios alemães, vigorava o barbaro costume prussiano da marca no rosto, por golpes de florete...

[p. 79 – fl. 31]

AFULÊIMÁDO – Outro brasileirismo Nordesteño, usado no Ceará, notadamente, para designar o individuo brigão ou turrão; pessoa empêrrada, opiniática, de attitude ou fala provocante. Deve ter-se originado do thema africano – fula ou fulo.

AFUNCÁR – Este verbo e a sua variante pronominal “afuncár-se” do linguajar afronêgro-brasileiro, se empregam no sentido de apaixonar-se, comprometer-se, interessar-se (conforme o “Dicionário da gíria brasileira”, edição de 1945, pelo Dr. Manoel Viotti, escritor mineiro, residente na Capital Paulista).

AFUNDÁ – Nome local, em Minas (uma ilha do São Francisco, perto das barras do Acary e do Urucuya) e que se supõe de origem africana, ou pelo menos corruptéla prosódica de um vocabulo vernaculo, no falar afronêgro (afundá por “afundar”, ir ao fundo, submergir, naufragar). Tambem existe, no falar afronêgro brasileiro, a voz Afundángo

“AFUNDÁ” – Ha uma ilha mineira com este nome do Rio São Francisco, entre as barras do Urucuya e do Aracy. É de notar-se que existem outros termos locais indigenas, um tanto parecidos na estrutura deste, como “Afuá” e “Aforrá” (na Amazonia). Alguns

¹⁴³ O verbete *afunicár* está escrito em um pequeno pedaço de papel, que parece ser bem fino, como um papel seda. Antes do verbete, o autor escreve: “Entre AFUNDÁ e AFUNJÁ”.

autores os crêem nome bárbaros da língua dos Tapuyas. Na linguagem sertaneja, é vulgar a supressão do “r” final dos verbos portugueses; o que bem pode explicar o termo local “Afundá” por “Afundár”, ahi na ilha norte-mineira do São Francisco. Outros autores sustentam ser um africanismo esse exótico termo “Afundá”, havendo também, em Minas, lugar conhecido pelo afromêngrismo Afundángo.¹⁴⁴

AFUNJÁ – Nome próprio afromêngr, de origem Egbãna e designativo de um sacerdote negro, no culto dos prêtos Eubás, dos quaes inda restam poucos sobreviventes na Bahia e Rio de Janeiro. Perto de Pirajá, na Estado da Bahia, há o nome local Afunjá.

AFURÁ (tambem dito Afurrá)– Brasileirismo, de origem afromêngra, e que designa uma comida da culinaria bahiana, onde também se usa do bolão do afurá (massa fria feita de arroz fermentado) para diluilo em agua adoçada com rapadura ou assucar, e às vezes até com o próprio melaço engenho, para o preparo de uma bebida refrigerante (parecida com o aluá, no seu gosto acidulado) muito apreciada em dias de calor, pelos prêtos descendentes de africanos. Às vezes ocorre a mesma palavra gráfica e prosodicamente alterada, nas formas aforrá e afurrá. Este alimento é de origem yorubana, sendo parecido com o mocórôro maranhense. O nome também ocorre sob a forma Afurrá, em seguida estudado.

AFURRÁ – (vide Afurá) – Nome afromêngr, que ficou na linguagem nortista e principalmente bahiana (ocorrendo também com as variantes Aforrá e Afurá, esta mais corrente ou usual), para designar o bôlo fofo de arroz pubo ou azedado e que é dissolvido em agua adoçada, dentro de uma vasilha (cuia, canéca, cópo, tijéla, coité), para servir de bebida refrigerante ou “refresco” muito apreciado pela gente de cor, na Bahia, onde também serve de nome local, no municipio de Santo-Amaro, esse nome Afurrá. Este nome é também indigeno-brasilico, pois que o gentio amazônico possui o qualificativo afurrá para designar o que é “secco” ou fica secco (por exemplo, a tribo Pamary ou Paumary denomina de Wainy-Afurrá um “rio que secco”, no dialecto desses indios).

AFUXI – Voz de origem africana, com graphia muito variável (Afuchi, Afuchy ou Afuxy); e também ocorre como voz indigena brasilica, na Amazônia, embora com significado differente, na lingua do nosso cabôclo.

¹⁴⁴ Logo após o verbete *afundá*, o autor escreve “AFUNICÁR – ao lado”.

AFUXICADO – Forma. metaplástica de fuxicado, na linguagem popular brasileira; o mesmo que afuticado, no sentido de “embrulhado” mexido, intrincado, amarrôtado, mexericado, etc. O fuxicador é sempre intrigante, tecedor de mexericos e enrêdos.

AFUXICAMENTO – Acção de fuxicar ou fazer fuxico, confundindo, “embrulhando”, atrapalhando, remexendo;-amarrôtando as cousas, os objeto, ou um assumpto qualquer (“negocio fuxicado). Muitos autores pensam ser voz afronêgra e rejeitam a especiosa etymologia erudita de fazer futicar e fuxicar serem alterações prosódicas vulgares do vernaculo “fossár” ou “fossicár”.

AFZÉ – Nome de uma planta leguminosa africana, tendo do nome se derivado o termo botânico Afzélia.

AGÁ (ou Aghá) – Nome AFRO-ÁRAVE E SIGNIFICA O “Senhôr” (Deos), entre os nêgros Ismaelitas da Nubia, do Sudão, do Alto-Egypto e Deserto do Sahara). Esta voz arábico-africana ocorre como nome local em territorio brasileiro (Mórro e sitio do Agá ou Aghá, o Estado do Espirito Santo em cuja lavoura cafeeira trabalharam centenas de escravos africanos). Alguns léxicos dão Agá ou Aghá como nome que nos veio da lingua Turca (através do domínio otomano na Africa do Norte). Perto de Itapémirim, na terra capichaba, existem o morro e sitio rural, denominado Agá.

AGACÚ (ou Agassú) – Vide este nome do sacrificador doas victimas propiciatórias, no ritual das macumbas, em honra de seos Orixás.

AGADÊS – Vóz de origem arábica e que ficou como nome local, na Africa Nêgra ocupada pelos Mouros, sendo Agadês a antiga Capital do pequeno sultanado africano de Asben ou Aira, formado por afronêgros mahometanos e mais ou menos civilizados pelos invasores Mouros, a Nordeste da Africa Mediterranea.

AGÁLOCO – Este nome Agáloco, tambem conhecido por Calambúco, designa um vegetal da flora africana e da familia. Das Euphorbiaceas. (O mesmo que Calambuco, vegetal de procedencia africana e cuja cultura foi introduzida, no Norte do Brasil).

AGÁLÔQUEIRO – É nome derivado de Agáloco ou Agalóco, e designa o pé desse vegetal originairio da Africa, o qual fornece a madeira tão apreciada – Calambuco.

AGAMBÁZADO – Embrigado, encachaçado, “bêbado” como um gambá, nome indígena não só na África negra como no Brasil, designando o conhecido marsupial, também ainda chamado cangambá pelos Angolêzes e mucúra pelos Tupis.

AGAMÉLLADO – O que está habituado a comer na gamálla; ou a vasilha com feitiço e forma de gamélla (Vasilha de madeira, espécie de bacia, de diferentes tamanhos e diâmetros, com serventias diversas, entre a nossa gente caipira e rocêira); e foram os negros africanos que vulgarizaram o seu uso, no Brasil, pois o nome gaélla nos veio de Angóla.

AGÂNADO – Palavra empregada, no falar brasileiro, no mesmo sentido que esganado (famélico, esfomeado, doido-de-fome ou de sede). Derivado do tema africano gana (donde se derivam: esganado, esganar, etc). O qualificativo agánado é, pois, uma variante de esganado, na linguagem popular.

AGARÊNOS – Nome colectivo, de origem bíblica ou semítica, para designar os Mouro-Sarracênos ou Ismaelitas, que da Arábia se passaram para o Norte da África e dessa parte septentrional do continente negro foram internando para o Centro da África, misturando-se com vários povos Bérberes, Fulas, Nagôs, Sudaneses, etc. e convertendo-se à religião do Yslâm, donde resultaram os chamados Malês e Musulmis, que são os sectários negros do Mahometismo ou “Mafomismo” africano.

AGASSÚ – É o nome que, entre os sectários do rito africano da macumba, tem o feiticeiro que exerce as funções de sacrificador dos animais immolados como vítimas deve ser derramado no altar de Ogum ou Oxum, divindades supremas dos negros, que se seguem essas práticas pagãs vindas do fetichismo africano. Também se escreve Agacú e o nome ainda tem a equivalência de outro afronêgrismo – Agosún.

AGAZÁR – Verbo brasileiro, na linguagem popular Nordestina e que significa o mesmo que: “dêitar azár”, “dár caipora”, “botar cafanga” ou “botar-cafifa”, encaiporár, “causa urucubaca”, “trazer má sorte ou infelicidade”, no jogo, em negócios, ou nos amores. Supõe-se que a derivação de Agazár seja de uma voz árabe, africanizada pelos negros vindos ao Brasil.

AGAZEADO – O que tem olhos azulados ou espantados, tendo tal luso-brasileirismo um fundo afro-árabe, navóz gaze, vinda dos nomes africanos.

AGAZUÁDO – Brasileirismo derivado de gazúa (termo introduzido na nossa língua pelos negros musulmanos, em cujo idioma o arabismo gazúa designa a chave falsa ou certo ferro recurso com que se abrem linguetas de fechaduras).

[p. 82]¹⁴⁵

Agidéné, Ajidéné – nome iorubano de certa babêragem ou “mêizinha” que dada a uma pessoa [**] de despertar em amor ou incluir ou por uma 3ª pessoa, em favor de quem se preparou o feitiçodo Ajidéné.

[p. 83 – fl. 34]

AGBÓNI – Nome local afro-indígena, na “Costa dos Escravos” (África Ocidental);

AGÉ – É nome também dado pelos afronêgros, no Brasil, ao chamado “piano de cúia”, fazendo parte do copioso instrumento de percussão, que os negros africanos trouxeram no nosso paiz, e entre os quaes se notam raros instrumentos de sopro, ou de sons musicaes tirados de peças e objectos metálicas. Já demos uma relação dos instrumentos de origem afronêgra, introduzidos no Brasil (Vide o nome ADJÁ, neste Elucidário).

O agé (derivado da voz yorubana agéh, designando um tambor feito com pequenas cabáças sécas e muito apreciado pelo gentio negro da África Central) vem a ser o mesmo instrumento afronêgro conhecido por aghuê ou aguê-ê, e ainda pelos nomes de “piano-de-cúia” e xáque-xaque (Vide este nome adiante neste vocabulário).

AGÊ-CHALAGÁ – Expressão com que os Nagôs designam e invocam um dos seus Orichás protectores da medicina empírica desses afronêgros. É, pois, um nome dado pelos negros Nagôs a um orichá de seu culto, divindade protectora da arte médica e muito venerada pelos curandeiros negros da Bahia, onde a influencia da cultura nagôa foi muito forte e perdura entre os seus descendentes.

AGHÁ – Este nome africano (para outros autores é voz arábica africanizada) ocorre em territorio do Estado brasileiro do Espírito Santo, onde há um córrego, Mórro e Sítio do Aghá. Entre os janizaros Turcos havia uma divindade militar (o Agá); e para os negros

¹⁴⁵ O verbete *agidéné* está escrito em um pequeno pedaço de papel.

Ismaelitas da Etiópia, Aghá é o “Senhor supremo” (a divindade). Também se grafa – AGÁ (Vide este nome anteriormente mencionado).

AGHUÊ (ou Aguê) – Denominação local afronêgra na região do “Popô-Pequeno” (Dahomey). Este nome banto-angolâno é pelos ingleses grafado como Agweh, e designa não só lugar, na Costa dos Escravos como certo instrumento musical afronêgro sendo voz proveniente da “Costa dos Escravos” (na África Occidental), veio de lá para a Bahia, onde, nos candomblés, se escuta o som do Aghyê ou Agüê.

AGIBONÂN – é nome africano de origem Eubá e que designa uma dignidade sacerdotal, oficiante no culto dos Orixás, nos “centros” cariocas de macumba). Entre a classe sacerdotal afronêgra, do culto da magia negra, os Babalaôs tinham, como até hoje, varias dignidades de grãos diversos e nos oficiantes conhecidos por aboré, açóba, agibonân, etc.

AGIGI – Nome yorubano dado ao milho azedado ou fermentado, para com esse milho-pubo se fazer o chamado “fubá-mimôso” ou “fubá-de-cangica”.

AGÔ – Nome de uma planta medicinal da flora insular de São-Thomé e de origem guineana. Os negros yorubas chamam o “sino” de agô, o mesmo agôgô, como os afronêgros bahianos ainda denominam certo instrumento de metal, semelhante a um pequeno sino duplo.

AGÓGÔ – Nome afronêgro em lingua yorubana, mas de origem congueza, introduzido pelos escravos africanos, no Brasil colonial, desde os tempos do tráfico negreiro. É um instrumento de ferro fundido e para percussão, como a maioria dos demais instrumentos da chamada “música de pancadaria”, que ficaram em nosso paiz, por influencia directa dos negros vindos da África Occidental, Central e Oriental. Durante a cuidosa in-

[p. 84 – fl. 35]

vocação de certos Orichás, no ceremónial fetichista afronêgro, são tocados de preferencia os bárbaros e barulhentos instrumentos, que são o agogô, o atabaque, o abatá e o xéquerê, entremeando-se o charivari musical com passos de dansas e cantigas do culto negro. Ainda hoje, na Bahia, se ouvem tocar os agogôs entre os instrumentos musicaes afronêgros alli conservados em uso, nos meios frequentados de candomblés.

AGOMÉ – Nome afronêgro de uma tribo indígena da Costa Occidental; e para o Brasil chegaram a vir escravos Agomés.

AGRONGAÇÃO – Brasileirismo derivado de gróna (beberagem de mandinga, espécie de feitiçaria afronêgra), tendo dado outras fórmulas derivadas, como agrongádo, agrongár, e que se empregam na linguagem do nosso povo. “Agrongação-de-catimbozeiro” é uma expressão vulgar, no Nordeste Brasileiro.

AGRONGADO – Diz-se do individuo que ingerio gronga, que se tornou paciente ou victima das bebêragens dos fêiticeiros (nêgros grongueiros), propinadores de gróna para enfeitiçar qualquer pessoa. Tambem occorre outro significado para gróna: coisa mal feita, geringonça, obra mal acabada, no dizer do nosso povo.

AGRUMÁDO – O que toma a fórmula de grúma ou grúmo, considerando-se estes vocabulos de remota origem afronêgra; um paronymo ou voz parecida com gruma é o indubitável afronêgrismo grúna, têrmo empregado na mineração das lavras diamantinas da Bahia, e com o significado especial de “escondido” ou “recôndito”.

AGRUNAÇÃO – Afronegrismo abrasileirado, na sua fórmula portuguesa, e empregado pelos “garimpêiros” bahianos, das Lavras Diamantinas do Andarahy e Sicorá, quando observam um grunado (sumidouro, rio escondido, numa passagem subterrânea) por baixo da camada de cascalhos diamantíferos, explorados no leito de um rio. A agrunação dificulta a “lavras” dos diamantes, obrigando os exploradores a exgottarem a agua até poderem lavar os cascalhos, no sêcco”, no fundo da mina diamantífera.

AGRUNÁDO – Brasileirismo derivado de gruna – termo de origem afronêgra – e empregado como termo de mineração, nos terrenos diamantinos dos sertões bahianos e mineiros (estes últimos no Valle no Jequitinhonha). Vem do termo afronêgro – grúna – que significa “escondido”, “recôndito”. Dahi as expressões usadas pelos “garimpêiros” e “faiscadores”: “agua agrunada” (agua que se some ou subverte por debaixo do solo); “rio-agrunado” (rio sumidouro); “pedra-agrunada” (o diamante que ficou escondido no barro ou cascalho).

AGUÁ – Nome de uma arvore da flora indígena de São-Thomé (ilha africana do Mar-de Guiné e possessão de Portugal, onde os ditos nativos ilhéos falam um curioso dialecto afronêgro-aportugêsado).

AGUAIZÉ – Outro nome (contração de Aguá-Izé), na possessão ultramarina portuguesa da Ilha de São-Thomé, em aguas do Golpho de Guiné, para onde corre o rio Aguaizé.

[p. 85 – fl. 36]

“AGUÉNTA-BALAIÓ” – Denominação local, de origem afronêgra no estado do Maranhão, ao Norte do Brasil, havendo também em território mineiro, na zona do Rio Dôce, perto do Cuyeté, um lugar conhecido por Aguénta-Quiba, também formada por elementos afronêgros incorporados à linguagem brasileira). Outras conhecidas expressões afronêgro-brasileiras são estas duas: “aguentar o bauzeiro” e “aguntár o cangirão”.¹⁴⁶

[p. 86]¹⁴⁷

AGUEMÔ – Nome iorubano do “cameleão” ou camaleão, animal venerado pelos povós latríos afronêgros.

A – É um amuleto poderoso, que protege de todos os perigos em quem o traz, juncto ao corpo, de preferencia debaixo do sovaco, isto é, sob as axilas.

[p. 87 – fl. 37]

AGUAMBÓ – É o nome do curioso dialecto santomêense, e também nome local dado a um porto insular africano (na Ilha de São Thomé), em aguas do Golpho ou de Guiné. Também se escreve Agua-Ambó.

“AGÚDA” – Alcinha afronêgra dada pelos prêtos de Angóla e de “Costa da Guiné” ao “portuguez” nascido na Europa, ao legitimo candango ou mondróngo. Entre os Tupis do Brasil era o emboaba ou emboáva o appellido ou alcunha do portuguez “nováto”, “pé-de-chumbo”, ou “labrêgo”, cujas pernas eram vestidas de calças e cujos pés eram calçados por gróssas sapatôrras ferradas (o que muito impressiona ao selvícola nú e descalço).

“AGÚDAS” – São assim chamados os colonos lusos, os brancos portuguezes, para os nativos da extensa parte da Costa Occidental Africana dominada por Portugal. Si o

¹⁴⁶ O verbete está escrito em um pequeno pedaço de papel, colado no verso da folha. Antes da definição, o autor escreve o número 36, correspondente à página, e, logo em seguida, a indicação de onde deve entrar “entre Aguê e Ah! Ká!”

¹⁴⁷ Os verbetes *aguemô* e *aguiri* estão escritos em pequenos pedaços de papel.

lusitano cruza com a negra, resulta o mestiço mazómbu ou mondongo, considerado “português creôlo”, nascido nas possessões coloniais, verdadeiro typo “quarteirão” ou brancarãna, “falso branco”. Dos vastos appellidos e alcunhas dados ao português, na Africa lusitana e no Brasil Colonial, já fallámos: acima, a propósito do curioso nome AGÚDA (vóz illusoriamente confundida com sua homonyma vernácula, o feminino de “agudo”, mas com a qual nada tem que vêr). A voz é angolana. Outros appellidos e alcunhas (como “marinheiro”, mascáte, pêró, “portuga”, completam a série acima enumerada.

AGUÊ – É uma aglutinação ou forma contracta da expressão angolêza Aghuê-ê e designa uma espécie de instrumento feito com uma cabáça sêcca, vasia, coberta por uma rêde de fios bem esticados e em cujos nós enfiam os negros africanos porção de búzios do mar ou de conchinhas de cauri, e grossos téntos ou contas vegetaes, para servirem de chocalho, no acompanhamento compassado ou rythmado das cantigas e dansas africanas. É [*] agúê ou aguhê uma cabaça de chocalho, cheia de conchinhas de cauri ou de téntos sêccos; é esse instrumento afronêgro tão parecido com o nosso maracá indigena brasilico, era indispensavel nas festas afronêgras do tempo da escravidão, no Brasil.¹⁴⁸

AH! KÁ! – Expressão angolêza, de fôrma adverbial – interjectiva e que corresponde a “está perto”.

“ÁI” – Exprime a negativa, o adverbio “não”, no idioma dos prêtos Nagôs.

AIÁIÁ – O mesmo que Ayáyá, Iáíá ou Yáyá, tratamento carinhoso e familiar, dado pelos escravos negros, de origem africana, á menina ou mocinha solteira, da casa de seosâmos ou “Senhores”. “Aiáíá bôazinha” era uma expressão frequente das mucamas para as filhas de suas Sinhás, na “Casa Grande” ou nos Engenhos e Fazendas. Enquanto o afronêgrismo Aiáíá é acutizado, já não o é outra voz da nossa linguagem popular. – AIÁIÁ – (brasileirismo: brinco ou vestido de meninos, segundo MORAES, em seo “Dicc. da Ling. Port.”)

AIÁKÓ – Nome tambem grafado Aiacó, sendo a expressão afronêgra designativa da “mãe da noite”, um Orixá venerado no culto “fetichista” dos nossos descendentes directos de africanos.

¹⁴⁸ O autor insere na margem esquerda um pedido para inserir o verbete “aguênta-baláio”.

AÏCHA ou (Aischa) – Nome arabico introduzido na Africa mourisca, onde Aïcha ou Aischa e Aïxa representa mum nome feminino (assim como o nome “Ainda” a protagonista famosa da opera genial de Verdi, sobre o velho Egypto faraônico, e composta por ocasião da solene abertura do Canal de Suêz em Novembro de 1869).

AIÊ – Nome afronêgro de uma cerimônia do ritual afro-nêgro, nos centros de macumba (a “Festa-de-Aiê” é celebrada sempre com pompa, cada anno, na Bahia, principalmente, pelos Babalaôs, durante a entrada do “Anno-Bom” ou “Anno-Novo”, conforme o costume e tradição deixada pelos Nagôs, que nesse dia vive com todos os grandes orixás da corte celestial) Que quer dizer: o ceo, o espaço.

[p. 88 – fl. 37]

AIGBÔMA – Expressão nagô-yorubãna e que se traduz literalmente, por “não quente” (isto é, o objecto ou corpo frio, a cousa fria).

ÁIMERÊ – Nome local, suposto de origem afronêgra, na região mineira de Levas do Funil. Todavia, cumpre lembrar que há uma voz indigena, brasílica, muito aproximada, e é o nome Aimberê dado pela “lingua geral” dos Tupís ao “lagartêto” ou “lagartixa” dos muros ou ruínas, esperto lagartinho bem conhecido.

AINHÚM – Nome de uma doença peculiar aos nêgros e propagada no Brasil, desde o trafico africano. Um escriptor brasileiro (Eduardo Prado) assim a descreve: “É o ainhum moléstia quasi especial da raça negra e caracterizado pelo desenvolvimento de um annel escléro-dérmico, na raiz de um ou mais dêdos nos pés”, que acabam por cair espontaneamente, deixando o nêgro aleijado por essa extranha amputação digital operada por causas pathologicas ainda mal conhecidas pela sciencia. Além do ainhum, os escravos afronêgros foram portadores de outros males e doenças de contágio, com as “bômbas”, o beribéri, o “bubão”, a febre-Déngue, etc. A terrível malêita cauzada pela picada do mosquito de Gâmbia, foi já, em nossos dias, trazida por via aérea, para o Nordeste Brasileiro, em aviões descidos no pôrto de Natal e conductores do culicideo gambiáno.

AÏSCHA – Nome proprio, de origem arábica e usado pelos prêtos muçulmanos da Guiné-Portuguesa (Africa Occidental). Toma ainda as fórmas Aïcha e Aïxa, conforme anteriormente já o dissemos (Vide o nome AÏCHA)

AISSAUÁ – Nome de origem arábica de uma comunidade ou confraria de afronêgros muçulmanos fakirisados ou fanáticos, sendo os Aissauás mais frequentes entre

as tribos berberescas do Norte da Africa (no deserto Subsariáno). Outros povos negros malês ou muçulmanos (sectários do Islamismo ou Mafônismo, como os Adamáuás, os Bornús, os Canuris, os Fulaníns, os Gêges, os Máussás, os Nupês, os Tápas e os Yorubas) não praticam esse bárbaro costume da auto-mutilação, a que se submetiam os membros da Aissáua.

AISSAUÁS – Nome conectivo das membros afronêgros da citada confraria de fanáticos musulmãos da Africa do Norte, onde esses Aissauás se submettem. Voluntariamente, a mutilações barbaras e aos maiores tormentos phisicos, por se julgarem assim vulneráveis, tendo o “corpo fechado” perante os golpes dos inimigos, nas suas guerras com outras tribus do deserto Sahariáno. Com que fakirisados, os Aissauás suportam toda sorte de suplícios e “disciplinas” pelo corpo, e orgulhosamente demonstram a sua bravura por esse modo, como sectários fanáticos do Islamismo.

AJÁ – Nome de um dos orichás ou divindades protectoras da arte de curar, entre os negros Nagôs. Tambem se conhece por Ijá e ao seo feiticeiro ou sacerdote se sá o nome de Babaláu. O nome afronêgro Ajá tambem é uma variante yorubana de Adijá ou Adjá, afro-arabismo adoptado pelos negros Malês, designando a campa de metal amarelo, que convoca os crentes ás cerimônias e ao culto.

AJÃANA – Nome local indigena, em Moçambique (Africa Oriental Portugueza), em cujo territorio ocorrem estas varias denominações de logares, na lingua dos naturaes, de raça cafreál: Ambace, Anenáze, Angóche, Angoje, Angóxe, Banguerúa, Bango, Bangué, Báre, Báu, Barué, Bazaruto, Bitonga, Batuana, Batú, Bengueléna, Beguérúa, Biléna, Bindo, Camiénda, Cassánha, Camunda, Chibuto, Chicô, Chicंगा, Chicáca, Chicuá, Chilomo, Chimáza, Chimba, Chimbázo, Chincôco, Chinagúla, Chiluáne, Chimójo, Chúso, Dinga, Diu, Guélo, Guénzo,

[p. 89]¹⁴⁹

AJÓ – em iorubano ahjô, oração, prece, réza, dentre os negros malês da guiné e do Sudão africanos. O africanismo se deturpou em ojó, no falares negros-brasileiros, conforme se referem ao termo iorubano João do Rio, no cit. livro “Religiões no Rio”, e Hernani de Irajá em *seu trabalho* “Feitiços e crendices”.

¹⁴⁹ Os verbetes *ajó* está escrito em um pequeno pedaço de papel.

Gonrongósa, Gungunhãna, Inhambóra, Inhambuco, Inhambuê, Inháca, Inhacuáva, Inhambana, Inhãmasángo, Inhãmansúgo, Inhãmasúro, Inhambãne, Imbendáne, Inhondúe, Inbamélla, Incómansimba, Inhamiára, Inhamijóba, Inhamisséngo, Lurio, Iumán, Jóbo, Limpôpo, Lindé, Lomúe, Lúnde, Mácuá, Maquéce, Machenim, Machenisa, Manjacáse, Malingáne, Malaté, Matipa, Matâmedes Matóla, Macarária, Maputo, Macarella, Masibe, Manica, Matácá, Matámede, Marracuéne, Malúa, Mataquénha, mataquim, Matipa, Magába, Machánga, Maúa, Mazoé, Maconchico, Magabo, Médo, Méssálo, Mocámbo, Mocimbua, Mólua, Mopéa, Muma, Mucumbo, Mucumbari, Muche, Muringáne, Mungóche, Muchéna, Mupánda, Mucanhélla, Nyassa, Ovámbo, Pámbo, Pémba, Pungue, Querimba, Rovuna, Samico, Samicúa, Sandáva, Savanguána, Sáve, Sáha, Séna, Sicuco, Sénga, Singurúge, Sofála, Sóva, Tica, Tirómo, Timbué, Undi, Uniángo, Zambéze, Zarafi, Zomba, Sumbo, etc.

AJĀNAS – Nome de um povo negro da Costa de Moçambique (indigenas de raça cafreal).

AJANGAS – Designativo de povos negros africanos (os mesmos Ajānas ou Ajāns).

AJĀNS – Os mesmos Cafres Ajānas, gentio afronêgro de Moçambique. Existem ainda na Somalilândia os chamados Ajāns-somalis.

AJÁUS (ou Ajaús) – Designativo de um povo negro, ligado ao ramo oriental dos Bantús e habitando, ao Norte do rio Zambéze, as terras altas da região do Chire, em Moçambique (Africa Oriental Portuguesa); e para o Brasil vieram outrora muitos escravos Ajáus, que se não devem confundir com os chamados negros Ajānas, Ajángas ou Ajāns (aos quaes já nos referimos).

AJAPÁ – Alcinha dada a tartaruga, no idioma Nagô, e o nome Ajapá se traduz por: “fada da cabeça pellada”, visto que o símile africano do nosso Jaboti passa por um ente ou animal encantado, nas tradições indigenas dos dous continentes, como symbolo de astucia e esperteza engenhósa.

AJIBONAN – É nome afronêgro derivado da expressão yorubana, significando literalmente “a que vigia a câmara de trabalho”, onde usa auxiliar feminina da “mãe-de-Santo” se encarrega de acompanhar a Iáno ou iniciada, afim de que faça rigorosa observância aos preceitos que são supostos. O nome apparece ás vezes grafado – Agibonâr.

AJIGÔ – Outro nome afronêgro pelo qual também era conhecido, entre os nêgros do Dahomé, a localidade de AghuÊ, na chamada região do Pequeno-Pôpô (África Ocidental, Costa Atlântica).

AJII – Este nome afronêgro, que ficou na linguagem brasileira, designa a farinha de milho fermentada com que se faz o chamado “bôlo de ecô”. Escreve-se também Agigi, nome afronêgro já mencionado, neste Glossário.

AJÔJO (ou Ajôujo) – Systema de embarcação de “canôas” ou pirogas ligadas uma a outra, com um estrado por cima, para a travessia dos rios africano e brasileiros, entre uma e outra margem.

AJÉJÉ – Por este nome, não raro alterado e Axéxê, afronêgrismos ambos, se designa estranha cerimônia funérea, de carácter comemorativo do morto, começando após o sepultamento e durante até a véspera da missa do sérimo dia por intenção do defunto; e durante esses dias e noites o velório póstumo transcorre, macabramente, através de cantigas e dansas de comezêimas e bebêdeiras, em homenagem á memoria do “chorado” morto, por parte de seos parceiros vivos. Tal cerimônia do Ajéjé ou Axéxé ainda é praticada pelos afronêgros-bahianos.

AJÔUJAR – Verbo brasileiro, empregado pelos nossos “canoeiros” e embarcadiços do Brasil Central (nos rios Araguaya, Jequitinhonha, São Francisco, Tocantins, e outros) para designarem o acto de ajuntar, numa só embarcação, duas “canôas” emparelhadas, fazendo o ajojô ou ajôujo de ambas, fortemente jungidas ou ligadas por pranchões de madeira sobre ellas, augmentando assim a capacidade do transporte na navegação fluvial; e “desajoujando-as”, na travessia das cachoeiras, “varando-as”, então, por terra, depois de descarregar do peso da carga.

[p. 91 – fl. 39]

AJÚ – É um nome próprio afronêgroem idioma nagô, ainda persistente nos nêgros bahianos descendentes de Nagôs.

AJÚBA – Nome afronêgro, que, em idioma nagô, significa: homenagem, preito ou tributo de respeito; e também lembrança, recordação.

AJUDÁ – (Whydah, conforme grafia dos Inglezes) – Pôrto Dahoméano, na “Cósta da Mina” em litoral do Oeste africano e que manteve intenso tráfico negreiro com o Brasil

e Cuba; e o porto Ajudá ficava junto ao Forte lusitano de “São Jorge do Castello da Mina”. A “feitoria” de AJUDÁ ficava situada no porto dahomeáo de Ardra, na chamada Córsta dos Pópôs (litoral africano do Atlantico); e, em torno do antigo “Forte de Ajudá”, se extendiam a povoação de Greégué, governaa pelo Avogá, e mais três Sarâmes ou feitorias (uma franceza, uma hollandeza e uma inglesa). A maioria dos nêgros de Ardra e Ajudá já era christã, desde mais de um século. Do porto de Ajudá trouxeram os “navios negreiros” muitos escravos, outrora, para o Brasil.

AJIA-ANÁNSI – Expressão nagôa e equivalente a “Pae-Anánsi” ou “Páe-Arãha”.

ÁKA – Nome de uma tribo de prêtos nativos da Africa Central (o mesmo que Aca, significando fetidêz, “murrinha”).

AKARÁ (ou Acará) – Voz afronêgra de origem Nagô, significando “pão” e que é apenas homonyma de outra indigena brasílica (acará, na lingua Tupi, designando um pêixe-cascudo dos nossos rios do Brasil Central).

AKARAJÉ – O mesmo acaragé, nome afronêgro que no Brasiil tambem se diz carajé (bolinho de massa de feijão apimentado e feita em azeite -Dendê).

AKI (ou “Aqui”) – Voz afronêgra, homonyma de outra voz ameríndia (no idioma Tupi do Brasil), sendo o Aki ou Aquí o nome de uma planta trepadeira, sylvéstre na flora insular de San-Thomé (possessão portuguesa, em aguas do Mar ou Gôlfo de Guiné).

ÁKKA – Pôvo indigena de anões nêgros da Africa Central, nas margens do Nilo-Branco, onde os Akkas vivem refractrios á civilização. Esses prêtos pigmeus são dados ao canibalismo e habilíssimos caçadores.

AKO – Voz que designa o “macho”, no idioma Nagô-Yorubano.

AKO-MALÚ – Expressão designativa do “tôuro” ou “garrote”, entre os prêtos Nagôs. O “garróte” ou tôuro ainda é conhecido, no Brasil, por marruá, que é outro afronêgrismo introduzido na linguagem luso-brasileira.

AKPALÔ – Nome nagô do autor ou fazedor de Alô, isto é, do tecedôr de fábulas, depois narradas ou repetidas pela arôtim, que é o “contador de histórias”, entre os nêgros Nagôs.

ALABÃMA – Este nome local, de duvidosa origem, quer ameríndia, quer afro-nêgra, dado a um Engenho no Ceará-Mirim (Nordeste Brasileiro), é também usado, com frequente emprego, na língua sertaneja, como equivalente a – “açambarcador”, aliciados, azenciador, homem activo, em negócios. Na Bahia, ocorre a voz alabamba, designando a “arráia-do-ar” ou a pandorga, “papagaio-de-papel”, brinquedo de creança. Após a sangrenta Guerra da Secção, na República Norte-Americana, os negros lá passaram a viver, em sua maior parte, no Estado de Alabãma; e a cifra urbana das maiores aglomerações negras, nos Estados Unidos, não atingia a cem mil, em nenhuma cidade norte-americana, antes de 1910. Veio a Grande Guerra e após ella o elemento negro começou a se deslocar do campo para as cidades, de maneira que, já em 1930 (observa um escritor), pelo menos em sete cidades, já havia uma compacta população negra superior a cem mil indivíduos: - New-York, á frente, com seo populoso reducto negro de Harlem, não se falando em Chigaco, São Luiz, Nova Orleans, que possuem densa população negra emigrada dos campos e do interior para essas grandes cidades ameríndias. O Alabama dos sertões bahianos é alli o agenciador de “camaradas” para os trabalhos rurais e pastorais, notadamente. Existe também uma variedade de algodão conhecida por Alabãma, servindo este de nome local, em territorio bahiano e no Rio Frande do Norte.

ALABAMBA –

ALADÁ – Nome de um lugar, no sertão norte-mineiro da Tabúa. Parece ser uma voz afronêgra, conquanto não nos pareça um afronêgrismo puro e sim talvez de origem arábica.

AKPALÔ-KIPATITA – Expressão da lingua dos Nagôs, para designar o cantor ou narrador ambulante dos casos, contos e tradições nativas.

ÁKRA – Cidade da Guiné Septentrional, hoje sob domínio inglez. O nome é de origem arabe e também surge aportuguesado em Ácra ou Acré (nesta ultima variante faz confusão com o nosso indigenismo amazônico “Acre”, que nada tem com o seo homonymo vernaculo).

¹⁵⁰ Na margem superior, o autor escreve: “entre Akrakú e Alabãmba”, indicando onde o verbete deve entrar na folha 40.

AKRAKÚ – Nome local africano, na Costa Occidental (região da homéãna da Costa dos Escravos); e dahi, como de Aguê, de Bageida, de Ajudá, de Agbomi, de Kotonú, de Ardra, hoje Alláda, do Dahomey, do Pôpô-Pequeno e do P[^]ppô-Grande, procederam os escravos Gêges vindos para o Brasil.

ALABÃMA (ao lado)

ALABÁMBÁ – Brasileirismo, de fundo africano, com que na Bahia se denomina um “papagaio de papel” (“arráia do ár” ou “papagaio de empinar”, brinquedo de meninos); havendo, na America do Norte, um nome reputado indigena, quase idêntico (Alabama, nome de um Estado Sulista da União Norte-Americana e de um rio que pertence á vertente do Golpho do mexico, região, aliás, que recebeo, outrora, numerosa escravatura de nêgros africanos). Em linguagem popular brasileira, Alabãma é a alcunha que se dá a qualquer agenciador activo ou açambarcador de negocios.

ALADÁ (ao lado)

ALAFIN – É o nome, de origem yorubana, dado pelos Nagôs a um personagem com função determinada no culto e ritual secreto das macumbas. Na religião fetichista importada de Yoruba para os afronêgros da Bahia, o alafin é o personagem que, andando ou se movendo de um lugar para outro, está sempre acompanhando rente, os crentes mascarador de “espíritos” no dito ceremônial secreto. A oz yorubana primitiva é Abafi, um afro-arabismo.

ALAMBANZÁDO – Designa, pejorativamente, quem é “relaxado” no vestir e anda coberto de trapos, esfarrapado, mal vestido, rôto, trapento, esmolambado, sendo o qualificativo derivado de lambão ou lambáz, afronêgrismo, com o thema ou raiz em lamba ou lámbe, lámbo, vózes afro-angolanas e conguesas.

ALAMBAZÁDO – O mesmo que alambanzado, afro-brasileirismo designando individuo “mal ajambrado” ou mal vestido; pessoa desmazelada, que tem a roupa amarrotada ou rasgado, que veste os trajes sujos ou molambentos.

ALAMÚJO – Nome proprio Nagô e tambem da lingua Eubá, que forneceo vários outros nomes propios usados por afronêgros brasileiros, na Bahia e no Rio de Janeiro, onde até ao seculo passado ainda se encontravam velhos prêtos africanos conhecidos pelos nomes de Apotijá, Eruósaím, Nosúanân, Abitaiô, Oloô-Tétê, Oluô, Requipá, Vagô e Vává, todos estes appellidos de origem Egbá ou Eubá.

ALANTUÚ (ou Alantú) – Nome africano de uma árvore frutífera da flora insular de Madagascar.

ALARIFÁÇO (ou Alarifáço) – Brasileirismo sulino, usado por gaúchos, talvez por influência castelhana dos seus vizinhos do Prata, e forma derivada do arabismo alarife (bandido, ladrão, esperto, finório, velhaco, no significado popular brasileiro e platense); d’onde se fez, vulgarmente, o aumentativo de alarifáço, equivalente a bando, cáfila, de corja de alarifes. Deve prevalecer, pois, a opinião dos que sempre acreditavam provir de um afro-arabismo, modificado no falar da gente negra, este nosso brasileirismo Alarifáço ou Alarifáço.

[p. 94]¹⁵¹

Alê – feitiço ou amuleto iorubano, que os mercadores juntam aos objetos e mercadorias de seo [*] ou loja, para que não sejam furtadas ou surripiadas pelos ladrões, os quais si apenas tomam como [*].

[p. 95 – fl. 41]

ALAMÁTE – Nome dado a um macaco da fauna africana.

ALCÁCER – Este nome de origem árabe se encontra conservado, na África do Norte, nas duas localidades marroquinas de Alcácer-Kebir e Alcancer-Seguér, entre Ceuta e Tanger, havendo em Portugal uma villa de “Alcácer-do-Sul”, tomado aos Mouros, no século XVIII.

ALCÁNCER-KEBIR – Denominação árabe, em terras de Mouros no Império Marroquino, África do Norte, é local esse ligado historicamente a Portugal, porque em Alcácer-Kebir ou Quebir foi ferida a sangrenta batalha em que o jovem rei Dom Sebastião perdeu a vida (4 de Agosto de 1578), originando-se daí o ciclo de lendas do “sebastianismo”, de tão arraigada influência no adagiário e folk-lore lusitanos.

ALCÁNCER-SEGUÉR – Outro nome árabe de uma praça marroquina, tomada pelos Portuguezes e por eles ocupada, entre os reinados de Dom Affonso V e Dom João III, no período das investidas militares de christãos contra os Mouros do Norte da África.

¹⁵¹ O verbete *alê* está escrito em um pequeno pedaço de papel.

ALCAMÔNIA – Fôrma alterada, na prosódia popular, de Acamôna ou Acamônia, afro-arabismo introduzido pelos escravos nêgros, na linguagem da Bahia colonial. Vide Acamôna.

ALÊ –

ALÊDA – Nome com que os nativos da Africa Occidental designam uma especie de nume tutelar ou “anjo da guarda”. Tambem se escrevem Halêda e Elêda e o termo é de origem áfrico0arábica, em vóga entre os nêgros relacionados com tribos Môuras ou Bérberêscas. No culto do fetichismo afronêgro bahiano, ainda perdura o nome Elêda ou Elêdá (Vide este nome, no presente Elucidário).

ALÉMBAMENTO – Expressão aportuguezada e derivada do idiôma quimbundo, em Angola, onde ainda se usam e empregam muitos outros termos e expressões luso-afronêgras (como sejam: Abáda, Abondeiro, Abóndo, Alicóna, Ambáca, Ambrauêto, Ambaquista, Ambaxe, Ambriz, Ambuélas, Ambuila, Ambundo, “Andas”, Angolares, Aquitambo, Andondo, Arimo, Avogá, Azeite-de-gingunda, Bángalas, Benguelão, Benguelêz, Bihéno, “Bónzo”< Bunda, Bundo, Bundos, Cabula, Cabulôso, Caceco, Cacimba e Cacimbo, Cacóna, CacucoCacunda, Calumbo, Cambambe, Catembéla, Cazéngo, Cóna, Congalêz, ConguÊz, Cubáta, Cuvo, Dála-Quicua, Dánde, Démbo, Diáfa, Diamba, Dindinha, Dindinho, Dombé, DOmbuéla, Dongo, Dunga, Dungo, Empácaceiro, Empáta, Empéla, Encôge, Ganga, Gangãoes, Gangas, Ganjento, Ginga, Ginganea, Ginginha, Ginguba, Golungo, Gungo, Hámba, Huila, Humbe, Infunje, Itéque, Jága, Jága-Cassanje, Jango, Jigu-Jóga, Jinga, Jinguba, Jonga, Jumbo, Kimbundo, Lembamento, Libáta, Libôlo, Loanda, Loandez, Loango, “Lóna”, Lunda, Lundêz, Macamba, Macangano, Macóta, Malanga, Malanje, Malúvo, Manis, Masimbanudrimbeiro, Marimbono, Massangano, Meleca, Milongos, Missanga, Móllua, Mossâmedes, Mubélla, Mussumba, Musséngua, Mutambes, Muxinga, Paco, Pango, Pémba, Pinga, Pombé, Pombeiras, “Pombeiro”, Punga, Pungo-Andongo, Pungua, Quiba, Quibanda, Quiçama, Quinalonga, Quimbundo, Quindá, Quissâma, Quissamba, Quitanda, Quixute, Sequelár, Só-

[p. 96 – fl. 42]

va, Sovato, Sovêta, Sovina, Tuca, Taco, Tacúla, Tambe, Tambeira, Tambop, Tamboril, Tamborim, Ximbicar, Ximbique, Zamba, Zambo, Zumbis, etc. São termos muito

correntes, em toda a Africa Occidental Portuguesa (Provincia de Angóla), onde até os colonos brancos (lusos), os empregam; e o mesmo acontece, em realação a muitos termos cafreães, na Africa de Contra-Costa (Moçambique); como oportunamente veremos. Tambem se diz lembamento, o mesmo que alembamento, palavra afronêgra do idiôma banto e significando o ceremônial fúnebre, as exéquias ou funeraes dos prêtos nativos, segundo os ritos do gentio.

ALIARÁ – Nome proprio masculino, entre os Nagôs, em cuja lingua figuram outros nomes pessoas de negros da Bahia, no periodo colonial brasileiro, como: Dadará, Edúm, Namosim, Ojôm Ová, Sahim, Súle, etc.

ALIMBÁDO – Designa o escravo negro prêso á golilha da cadeia ou corrente de ferro (chamada Libámbo, nume bundo e que nos veio de Angóla para a linguagem brasileira); e, quando em marcha um combôyo de captivos, tambem iam alimbambádos, para não fugirem, os pobres e míseros prêtos escravizados, que marchavam, sob as chicotadas da muxinga manejada pelo tanganhão ou feitor, “capataz” da leva de negros reduzidos ao captiveiro perpétuo.

ALIMBAMBÁR – Verbo brasileiro, derivado do temo africano Libambo, e que significa: acorrentar presos pelo pescoço, em golilhas ligadas em longa cadêa de ferro batido; e era assim que outrora se conduziam alimbabádos, os escravos pelo interior do Brasil.

ALICÁLI – Nome que os negros muçulmanos vindos da Africa para o Brasil davam, entre os prêtos Haussás, na Bahia, ao seo diretor ou guia espiritual para manterem a fé mahometana. É palavra arábica (alíkali), que os negros Malês (os Manças, os Nagôs, os Nupês, os Tápas e outros Fulas africanos, sectarios do islamismo) adaptaram, no mesmo sentido árabe de conselheiro e guia espiritual, ou juiz; e entre os Malês bahianos o xerife exerce o mesmo papel ou função do Alicali.

ALICÓNDA – Nome que designa uma tanga usada pelas mulheres, entre os negros da costa occidental da Africa, no Congo, na Guiné e em Angóla. Este nome angolez de uma peça do rudimentar vestuario das nêgras dessa região da Africa Occidental, só cobre o ventre, deixando os seios e pernas em plane nudez.

ALICÓNDO – É o nome de uma arvore da flora africana e de cuja casca filamentosa tiram os nativos fibras para tecidos que usam.

ALIJANÚM – Espécie de entidade maligna, o “espírito do mal” ou “espírito maléfico”, na crença dos negros Haussás, que deixaram entre seus descendentes bahianos tal crença, expressa pela dita palavra de origem árabe-africanizada.

ALIMA – Nome que os afrom negros também pronunciavam Alime e parece uma corruptela do nome árabe Ulêma, o teólogo ou intérprete do “Alcorão”, o livro sagrado da religião do Islã; e, quando na Bahia e Rio de Janeiro, havia muitos negros Malês ou Musulmis, os seus Alimas e Alufás gozavam entre eles de grande prestígio e veneração, como membros do sacerdócio muçulmano. Alima é também o nome de um rio, no território do Congo-França.

ALIMÁNI – Nome de origem árabe e que os negros Mandingas, de costumes mouros e de muçulmana, adotaram para designar o sacerdote ou juiz local de cada aldeia mandinga (na África Ocidental), onde o Alimani também é chamado Foté.

[p. 97]¹⁵²

Alijenú – espírito malfazejo, que obedece a Xaitã (satanás, o próprio diabo) e tem junto a si os aljanis (ou jins, conforme outro nome árabe-africanizado), como auxiliares daquele ente maligno, na crença dos negros-malês.

ALIJANÚN – Também se escreve ALIGENÚ ou ALIJENÚ; e passa a fugentarem esse espírito malfazejo – que obedece e está sempre às ordens de xaitã (o Satanás afrom negro, o qual ordena a Alijenú que persiga os vivos e lhes perturbe a tranquilidade) – recorrem os cientes aos exorcismos e as “passagens mágicas” dos feiticeiros, a fim de se livrarem das artimanhas malignas de alijenú, o maléfico agente de Xaitã.

[p. 98 – fl. 43]

ALIMÉNSHA – Nome africano-árabe, que corresponde ao alicali, pois o aliménha é também um intérprete dos preceitos do Alcorão entre os negros muçulmanos da África, gozando de grande respeito entre os Malês ou Musulmis, sectários afrom negros do Mafomismo, em terras africanas

¹⁵² O verbo *alijenú* e *alijenún* estão escritos em pequenos pedaços de papel.

ALINA – Nome arábico-africanizado de um loGAR DA “Costa da Mina” (África Ocidental), onde os Holandeses edificaram um Castello ou Forte de defesa para a sua feitoria ou Sarãme de Alina, destinada ao commercio com os negros do Dahomé.

ALITA – Nome de uma especie de sápo de pântanos, na África Central.

ALIZÁBA – este nome de origem arábica se africanizou e por elle as tribos berberes do Norte da África designam uma especie de túnica usada pelos mouros da Tunisia.

ALLADÁ – Nome que desde os principios do seculo XVIII substituiu ao de Ardra, porto africano na Costa Ocidental e que durante o trafico negreiro teve intenso commercio com a Bahia.

ALMADIA – É um afro-arabismo, que os primeiros navegadores portuguezes da Córta d’África (seculo XV) recolheram da lingua falada pelos negros Ibos e Macúas, designando a palavra almadia uma especie de canôa ou embarcação leve, parecida com a nossa piróga dos selvagens do Brasil.

ALMANY – Autoridade religiosa dos negros Malês, uma especie de Imã ou Limãmo, sacerdote do culto de Mufaméde (entre os sectários do Islamismo, em terras d’África).

ALÔ – Em lingua dos negros Nagôs, é o conto, a fábula, a narrativa histórica, tão apreciada pelos nativos africanos, sendo o Arôxim o narrador desses casos engraçados ou apólogos (os Alôs) entre as tribos nagôas.

ALOCÁSIA – Planta aroidea da flora africana, em Angóla.

ALOVÚCO – Nome indigena-afronêgro de uma arvore da flora do Congo.

ALSÓNA – Nome dado pelos nativos afronêgros da Guiné-portuguesa a uma arvore da flora dessa região do Norte de Angola, na África Ocidental. É voz de origem arábica, assimilada pelos prêtos guineanos.

ALTO-CARANGÓLA – Expressão geographica brasileira, em territorio mineiro, designando a parte do curso do rio Carangóla, próxima ás suas cabeceiras e sendo Carangóla um nome afronêgro.

ALUÁ – É um termo afronêgro introduzido no Brasil, desde o seculo XVI, trazido para cá pelos primeiros escravos vindos de Angóla para a Bahia, Pernambuco e Rio de

Janeiro. No idioma quimbundo, chama-se de Aluá ou Ualuá uma especial bebida espumante feita com cereais ou fructos (o milho torrado, por exemplo) e posto de infusão n'água, em vasilhas de barro; e o mesmo se faz com os próprios grãos de milho ou de arroz, depois de cosidos e que ficam a fermentar vários dias, até que se obtenha uma especie de cerveja muito effervescente e refrigerante, de que os

[p. 99 – fl. 44]

africanos muito gostam, nos dias de calôr. No Brasil ficou mais em uso o aluá obtido do do arrôz fermentado com agua e adoçado com assucar ou rapadura clara; e as populações nortistas também dão a essa bebida outros nomes africanos – carambôro ou carambúro, mocorôro ou mocôroró, quimbembe ou quimbómbó. Como bebida acidulada e espumante, nos dias de verão, o aluá de arroz fermentado em agua fria, a que se adicionam assucar e caldo de limão axêdo, é bastante agradável. Os indigenas do Brasil tinham bebida semelhante, embora alcoolizada, que obtinham da maceração e fermentação do milho azedado em talhas de barro, e davam o nome de cauim a tal potagem por eles muito apreciada em copiosas libações nos dias festivos das tribos selvagens. O aluá dos africanos também se bebe na India Portuguesa, além do uso que dele fazem os negros do Brasil e seu centilhas.

Convém notar que o nome afronêgro desta bebida refrigerante, tão popular no Brasil e feita com caldo de fructas ou cereais fermentados em agua, o qual depois se adoça, dando-lhe um gosto acidulado e picante, deu origem a muitas expressões compostas, como sejam: “aluá-de-abacaxi”, “aluá-de-arrôz”, “aluá-de-fructa”, “aluá-de-garapa”, “aluá-de-milho”, “aluá-de-mel-de-furo”, “aluá-com-limão”, etc.¹⁵³

ALUÁNDA – Voz africana e que serve de estribilho, nos cantos de macumba. Esse estribilho africano, usado nos cantos e toadas de macumba, pelos descendentes dos afronêgros brasileiros.

ALUÁS – Designativo dado pelos negros de origem africana, na Bahia, aos epiritos”, em geral, nas suas invocações “fetichistas” dos candomblés.

ALUÁTA – Nome dado a um macaco guinchador da Africa e também chamado Aluáte ou Aluáto.

¹⁵³ O autor deixa uma anotação, antes do verbete *aluánda*, pedindo que “aqui, se tira final de Aluá, ao lado”. Essa parte do verbete corresponde ao pedaço de papel transcrito na página 121 do PDF.

ALUÁTO – O mesmo que Aluáta, especie de símio, macaco gaitador. Parece voz africana.

ALUÁZADO – O que ficou embebedado com aluá; o que está com gosto ou sabor de aluá, refresco espumante, e não raro carregado de álcool, pela fermentação do succo de fructas.

ALUÁZINHO – É o diminutivo aportuguêzado do nome afronêgro Aluá, já estudado; em territorio do Estado de Sergipe há um logar conhecido por Aluázinho.

ALUFÁ – Outro africanismo de fundo arábico-yorubano e que, do mesmo modo que os termos Alicáli e Aliménha, era titulo porque os nêgros africanos, sectários do Islamismo designavam na Bahia e no Rio de Janeiro coloniaes, os seus guias, mestres e directores espirituaes, sendo o Alufá o verdadeiro intérprete dos preceitos “Alcorâmicos” para os Haussás, Nagôs e Yorubas, que eram nêgros de tribos mahometanas. O mesmo que Matabú ou sacerdote, o pregador nêgro muçulmano, entre os Nagôs e outros negros Malês da Bahia, sectários do Islamismo (nêgros por sua religião conhecidos por Musulmis).

ALULÉMBA – Nome de uma arvore da flora angolense, na Africa Occidental.

ALUFÁ-DO-CABÚLA – É outra expressão formada no Brasil com vózes de origem afronêgra, e nos arredores da cidade de São Salvador, capital bahiana, existe um sitio daquelle nome, onde vindo o famoso Sanin, um alufá nêgro da “Nação e Tápa”

ALUMÁ – Nome dados pelos Haussás, nêgros musulmãos, a um de seus maiores ou régulos; e é equivalente ao nome Arumá.

ALUMA-GARIBA – Expressão áfrico -arabica designativa da cerimônia da prece da tarde presidida pelo Alufá, que é o sacerdote nêgro dos crentes musulmis, de raça preta, no Brasil.

[p. 100 – fl. 44]¹⁵⁴

ALUÁ – Nem só o aluá nos deixaram os nêgros africanos, mas tambem os nomes de outras bebidas alcoólicas ou “espirituosas” e muitas refrigerantes, todas de frequente uso, nas camadas populares, desde o Nordeste ao Centro e Sul do Brasil (a cachaça ou

¹⁵⁴ A continuação do verbete *aluá* está em um pequeno pedaço de papel, onde o autor escreve a mão que é parte da folha 44.

aguardente-de-canna, também conhecida por pinga e sizóca; o carambôro, a garapa-de-acassá e a garapa do caldo-de-canna, a “gengibirra” ou “jinjibirra”, o quimbémbo e o quimbômbô, o pombé ou “cervêja de Angóla”, extraída do tronco de palmeira, o “vinho-de-Dendê”, etc). E ainda o uso medicinal de certas beberagens, como as tizãnas dadas em diéta por tamina, em tijélas.

[p. 101]¹⁵⁵

ALUJÁ – É o nome afronêgro de uma das muitas dansas mystico-religiosas, no seo culto de fundo “fetichista”, tendo perdurado em toda a America, onde o tráfico negreiro introduzio escravos importados da Africa Occidental, Central e Oriental, varias dessas dansas e bailados africanos. Luciano Gallet apenas enumerou estas 17 espécies de dansas afronêgras conservadas no Brasil: o alujá, o batuque, o candomblé, o caxambú, a chíba, o “côco-de-Zambê”, o córta-jáca, o cateretê, o jeguedê, o jóngo, o lundú, o maracatu, o quimbéte, o samba, o sarambéque, o sarambú, e o soróngo. Mas ha que acrescentar outras dansas afronêgras a esta lista de Gallet, porque ellas sobrevivem quér no Brasil (por exemplo: o Bumbá ou Búmba, nos “Búmba-méo-bôï”, dos Congádos e Cóngos, tão generalizados no interior do Brasil; os cucumbis e o “maxixe brasileiro”. De outros países da America Latina, conviria incluir a “rumba cubana”, o próprio “tango argentino” e ainda a “Zamacuêca chilena”. O nosso caátéreté tupy foi assimilado pelo nêgro em contacto social com os caboclos brasílicos, nascendo dahi o rythimo afronêgro do actual cateretê; e o mesmo se poderá dizer do chula ameríndio, que foi igualmente dansa assimilada pelos nêgros africanos da Costa do Pacifico, na Sul America. O nêgro norte-americano também espalhou o seo barulhento jazz por todo o mundo.

Segundo esclarece João do Rio (Paulo Barrêto), á pag. 21 do seo interessante e cit. livro “Religiões no Rio” – o nome alujá designa um passo rythimado de dansa ritual em roda da casa, dando com as mãos para a direita e para a esquerda. Parece ao Prof. Jacques Raymundo (pag. 144 de seo livro “O negro brasileiro”) que o nome afronêgro Alujá seja um vocabulo bem alterado resultante da expressão yorubana ígara-ojá, que designa: a habilidade ou presteza de quebrar o corpo, de abrir caminho prosseguindo no andar, de atirar ou jogar o corpo e os braços para a frente. E de alteração em alteração prosódica,

¹⁵⁵ O verbete alujái está escrito em um pedaço de papel colado na margem esquerda da folha 44.

aquella expressão tirada da lingua yoruba foi passando pelas fórmas intermédias – iarojá, arojá e alójá – até chegar á voz alujá, designativa da referida dança ritual.¹⁵⁶

[p. 102 – fl. 45]

ÂMA – Nome indigena de um vegetal ou arvore da flora insular de São Thome (costa Occidental africana).

AMACACÁDO – Brasileirismo derivado do afronêgrioso macáco e signicando “á maneira ou modos de macaco”. Ha os verbos amacacar e amacacar-se (viver como macáco, agir como macáco, denotar modos de macáco).

AMACACÁR – Verbo luso-afronêgro muito empregado na linguagem popular brasileira (mais usado na fórmula pronominal “amacacár-se”: tomar feição , jeito, feitio ou modos de macaco, imitar trejeitos ou mômices de macaco, arremendar os gestos ou “gatimônhas” desses espertos e irrequietos símios). Amacacár-se fazer o que é proprio do macaco, sempre buliçoso e cheio de “momos” engraçados. Dessa palavra congúêza (macaqua) tirámos innumeros derivados: macáca, macacáda, macaco, macacôa, macaqueado, macaquear, macaqueiro, macaquice, macaquinho, macaquito, além das fórmas metaplasticas (pela figura prothese), com a inicial, como no caso de amacacar, por exemplo. Alguns autores admitem que seja também indigena, na America do Sul, a voz macaco (entre os Indios Galibis na Guyana Franceza e noutras tribos da bacia amazônica).

AMACOTÁDO – Brasileirismo originado do nome afronêgro – macóta – significando: o que se faz influente ou poderoso, individuo tornado importante, convertido em “mandão” ou “manda-chuva”, tal qual um verdadeiro macóta.

AMÁFORRÁ – É nome local amazônico no municipio de Canutãma, e sua origem é controvertida, opinando uns autores pela sua procedencia afronêgra e outros pela derivação indigeno-brasilica.

AMAIN (ou Amán) – Nome arábico-africanisado de um funcionário nêgro do antigo Rêino do Dahomé, nos pórtos abertos ao trafico dos portugueses, na chamada “Costa da Mina” (Africa Occidental).

AMALÓCÁR-SE – Verbo pronominal brasileiro, derivado da voz maloca – indigena tanto na frica quanto no Brasil – e empregado no sentido de arrancar-se ou

¹⁵⁶ Na cabeça do papel, enumerado como fl. 44, está escrito “entre ALUFÁ e ALUMÁ”.

estabelecer-se em malócas, no meio das selvas, onde moram não só os índios bravos, como o gentio prêto selvagem num e noutro continente, Africa e América.

AMALUCÁDO – Termo derivado do afronêgrismo malúco ou maluko, sendo brasileirismo equivalente a adoidado, sem juízo, individuo “pancáda” ou pessoa que não é certa da “bóla”. Existem ainda, na linguagem brasileira, os verbos amalucár e amalucár-se (no sentido de ficar dôido ou malúco, perder o juízo, transtornar o miôlo); e os vocabulos amalucágem e amalucamênto, todos por derivação directa ou indirecta de malúco.

[p. 103 – fl. 46]

AMANJÁ – A divindade afronêgra Amanjá ou Iémanjá, a “Dona Janaina” dos Candomblés bahianos é a venerada “Mãe d’agua”, que vive no sêio do mar; e na Bahia, o “lago sagrado” é o dique de Lucáya, no Tóroró, entre o Rio Vermelho de Baixo e o de Cima, arredóres da Cidade do Salvador; e ahi é sempre invocada a Rainha ou Serêia do Már pela gente da maruja e pelos demais crentes do fetichismo afronêgro, porque Amanjá ou Janaína “é propícia á pêsca, á bôa sorte das pescarias ou dos péscadôres”, além de ser uma bôa distribuidora de felicidades a seos fiéis devotos, que lhe levam “presentes” e oferendas dos mais valiosos.¹⁵⁷

[p. 104 – fl. 46]

AMALUNGADO – O nêgro acamaradado com companheiros da mesma láia, unido a outro parceiro prêto malungo, principalmente o bórdo dos antigos “navios negreiros”, quando vinham transportados como escravos para o Brasil.

AMAMBÉBADO – Parecido ou ordinario como cousa mambembe (theatro amambembado, isto é, mal representado, com actores “canastrões”). Tambem se emprega em linguagem chula, a fórmula verbal amambembár.

AMÁN – (ou Amain) – Nome de um funcionario nêgro do antigo Rêino do Dahomé, nos portos abertos ao trafico dos portugueses, na chamada “Costa da Mina” (Africa Occidental).

¹⁵⁷ O verbete está escrito em um pedaço de papel colado na margem esquerda da folha 44. No início, enumerado como fl. 46, está escrito “entre AMANCÁR e AMAQUIÁDO”.

AMANCÁR – Fôrma verbalde sentido afronêgro e empregada na mesma accepção de “abancár”, isto é, correr ou disparar em fuga, ir no encalço de alguém (conforme o nosso povo costuma dizer por influencia da linguagem do nêgro africano, no Brasil.¹⁵⁸

AMAQUIÁDO – É empregado o termo em dous sentidos: 1º, posto extendido ou deitado em máca (rêde); 2º aquinhoadora contemplado com maquia ou pedaço, porção, quinhão (na “maquia de azeite-de-dendê”, “maquia de fubá”, etc). Capiango amaquiado é o que fica com a melhor parte do furto.

AMATÓNGA – Nome afronêgro de um povo ou tribu cafreál, em territorio da possessão de Moçambique, proximo ao porto de “Lourenço-Marques”, onde os nêgros Amatóngas ficaram confinados, nessa Colonia de Portugal, a Léste de Africa (Oceano Indico).

AMATÓNGAS – Nome collectivo de dito pôvo indigena, de raça cafreál, acima citado, e que vive no districto de “Lourenço-Marques” (Africa Oriental Portugueza).

AMAZÉNGUE – Nome pelo qual é tambem conhecida a raça Bérbere da Africa o Norte (indigenas Amazégues ou Bérberes).

AMAZIZA – Nome de origem cafreál, em Moçambique, havendo entre os Bérberes da Africa do Norte uma voz aproximada (o povo Amazirghe).

[p. 105 – fl. 47]

AMAZÔLO – O mesmo que Amazúlu, povo cafreál da Africa Indica (no territorio de Moçambique)

AMAZÚLUS – Designativo entre os nativos da Africa Oriental de um povo descendente de Cáfres (o gentio Amazôlo ou Amazúlu, supra citado)

ÁMBA – É por este nome indigena que se designa na Africa o fructo da Mangifera indica, fructo a que na India Portugueza se dá o nome de Ambó e no Brasil se conhece por Manga. Ambá é um termo quimbundo que significa “ume”, o “pico”, em Angôla, entrando na composição de muitos vocabulos ou expressões, que representam nossos afronêgrismos.

¹⁵⁸ O autor deixa uma anotação, antes do verbete *amancár*: “AMANJÁ – (ao lado)”. Esse verbete está escrito em um papel avulso e colado à margem esquerda da fl. 46 (página 126 do PDF).

AMBÁÇA – Para o presidio africano de Ambáça, no sertão de Angóla, foi degredado, em 1792, o Inconfidente e porta brasileiro Alvarenga Peixoto. Ambáça é nome local quimbundo de uma cidade do interior da provincia de Angóla, e a 260kms do porto de Loanda; e para o Brasil vieram outrora, durante o trafico negreiro, muitos escravos Ambaquêtos. No Estado da Bahia há o nome local Ambáça, em som dado como indigenismo brasilico e não afronêgro.

AMBÁÇA – (vide Ambassa) – É outro afronêgrismo, no antigo Rêino do Congo.

AMBÁÇAS – Nome afronêgro de uma tribu de prêtos indigenas, em Angóla, tambem conhecidos por Ambaquêtos; e deles vieram milhares de escravos para o Brasil colonial.

AMBÁCE – Nome de um territorio que fica situado no sertão de Moçambique, e já constituiu um Principado governado por Cafres, sujeito ao domínio e á vassalagem de Portugal, naquela região da Africa Oriental Lusitana. É termo cafreal de Moçambique. Tambem se escreve Ambasse e foi a primitiva capital do antigo Rêino nêgro do Cóngo.

AMBÁKA – (o mesmo que Ambáça). Vide este nome, acima estudado, e apenas variando de graphia.

[p. 106 – fl. 48]

AMBALÔ – Nome indo-africano de uma arvore da flora de Madagascar e de Moçambique, e que tambem se encontra nas Indias Orientaes.

AMBAQUÊTO – Designativo africano do escravo nêgro vindo de Ambáça, região de Angóla. Qualificativo dado ao prêto africano originário da região de Ambáça, em Angóla. Tambem conhecidos na Africa Portuguesa por Ambaquistas os mesmos nêgros Ambaquêtos, que o trafico trouxe ao Brasil colonial; e eram nêgros inteligentes, de certa cultura, alguns delles, tanto que escreviam e falavam o puro idioma Bundo.

AMBAQUISTA – Nome aportuguezado, na Africa Occidental, para alli designar o habitante ou o nativo de Ambaca (no territorio de Angola).

AMBÁSSA – (ou Ambásse) – Nome da antiga Capital do chamado reino do Cóngo, na Africa Occidental Portuguesa.

AMBÁSSE – Nome local afronêgro, confusamente escripto Ambáça, Ambáce, Ambáche, Ambassa, Ambasse, e Ambaxe. Taes variantes gráficas e prosódicas occorrem

em varias nomes locais africanos. Assim, em Angóla, na margem esquerda do rio Guánza, ha uma povoação de Ambáxe e, por outro lado, fica situada, no sertão de Moçambique, uma terra de Ambáxe ou Ambasse, antigo Principado de negros Cáfres, e que rendia vassalagem á Corôa de Portugal, já no século XVII.

AMBÁXE – Nome local angolez e ainda o é de uma povoação de negros nas margens do rio Guánza (possessão portuguesa de Angóla).

AMBÉ – Nome indigena, tanto na India Asiatica – donde se passou á Africa Nêgra (vide Ambéla, por exemplo, voz africana derivada) – como na America do Sul, onde o nome tupi Ambé designa, na flora do Pará, uma planta parasitária da floresta brasileira.

AMBÉLA – Nome indo-africano da Costa de Moçambique; e tanto Ambéla como Ambelâma designam vegetaes transplantados da flora da India

[p. 107 – fl. 49]

Asiatica para a Africa Oriental, em terras de Cáfres, no territorio da Provincia de Moçambique (possessão de Portugal).

AMBÉLÂMA – Nome pelo qual os naturaes da Africa Portuguesa conhecem uma planta fructifera, das Apocynaceas, e cujos fructos agri-doces são comestíveis e reputados medicinaes, havendo a variedade da “Ambelâma – ácida”, ou de fructo menos agri-doce.

AMBÉNGA – É aqui chamado o idioma Conguêz dos nativos das margens do Oguê, na Africa Occidental Francêza.

AMBÉNO – Nome cafreál de uma planta da flora de Moçambique (Africa Indica).

AMBÉTA – Nome indigena-angolão de uma ave africana de Cacón-da (Africa Occidental).

AMBIÁRE – (ou Ambiára) – Brasileirismo de fundo indigena (mas tendo forma afronêgra identica), significando panella de cosinhar alimentos, de cosinhar a carne da caça (embiára, em lingua Tupi, é o designativo da própria “caça”). O nome afronêgro Ambiáre ou Ambiári é voz cafreál.

AMBIOS – Nome designativo de um povo afro-indigena, de raça de Cáfres, na Africa Oriental Portuguesa, onde vive o gentio Ambio.

AMBIRA – Nome abexim – também dito Ambire – de um instrumento musical ethiope, o qual se junta aos dos demais instrumentos da barbara musica afronêgra, que os antigos escravos trouxeram para o Brasil (como sejam: o adufe, o atabaque ou atabale, o aricungo ou uricungo, o baláfo ou balafón, o berimbáu, o bombo ou bumbo, o canzá ou ganzá, o caracaxá, o caxambú, a cuica, a gáita angoléza, o gongue, o guaiá, a guita, a ingóba ou ingôno, o mangonguê, a mariba, o marimbau, a matraca, o maxête, a púita, o quissanje, o réco-réco, o tambú, o tabáque (o mesmo que atabáque), a viola angoléza, a zabumba, o zambê, entre outros bárbaros e ruidosos instrumentos, pela sua maioria, de percussão ou estrondo, retumbância e pancadaria). O referido termo afro-abexim (Ambira) tem uma voz quazi homonyma, mas de sentido diferente, no indigenismo brasilico Embira.¹⁵⁹

AMBÓ – Nome local, de origem indico-africana, e ocorrente em territorio da pArahyba, Nordeste Brasileiro (Ambó-de-Cabaceiras). É nome indo-asiatico, designando a mangueira (Mangifera Indica), cuja cultura se introduzio no Brasil, no reinado de Dom João VI, com plantas e mudas vindas de Moçambique para a Bahia e Rio de Janeiro. O Ambó foi transplantado da India Asiatica para as Costas Orientaes da Africa, onde o nome se incorporou á lingua dos nativos, que também vivamente apreciam o fructo do Ambózeiro ou “Magueira Indiana”

AMBIRE – Nome cafreál dado a um instrumento de córda ou de fio metálico distenso; espécie do berimbáu ou birimbáu, que s afronêgros introduziram no Brasil colonial. Já entre os nossos selvagens Tupis ocorre outra vóz parecida, Ambiré ou Aimbiré, mas de prosódia e significado diversos daquele nome Ambire dos nêgros Cáfres.

[p. 108 – fl. 50]

AMBOLÉ – Nome local, de origem afronêgra, em territorio pernambucano (Ambolê-do-Caxangá). Ambolé ou Ambolê, voz de procedencia indico-africana, que da Asia se passou a Moçambique, de onde então veio para o Brasil.

AMBOLÊ – Este nome afronêgro serve de toponymo a um sitio de Minas Geraes. A mesma voz indo-africana, acima referida, e que serve de nome local no Brasil (Ambolê-de-Caxangá e Ambolê-de-Minas).

¹⁵⁹ Logo após o verbete *ambira*, o autor insere a palavra *ambíre* e pede para “passar para aqui”. O verbete *ambíre* está colado no pé da página.

AMBÓRÔZÔ – Expressão áfrico-angolêza, que no Brasil se contrahio, por corruptela prosódica, em Ambrozô (assim se diz na Bahia, enquanto que, em Pernambuco, o nome se transformou em Abrazô); e designa uma comida áfrico-bahiana, espécie de farófa condimentada com azeite-de-Dendê, cebolas ou alho-de-Guiné e pimenta-de-chêiro, ficando a farinha bem torrada para ser o ambrozô comido com outras iguarias (segundo o costume dos afronêgros). O abrazô é a mesma comida afronêgra (mas com esse nome somente usado em Pernambuco, segundo Pereira da Costa): “constante de pequenos bôlos feitos com farinha de milho ou de mandioca, azeite-de-Dendê, pimenta, sal e outros tempêros, e fritos no mesmo azeite”. Vem a ser o mesmo Ambrozô, usado e assim chamado na Bahia (Vide este ultimo nome, Ambrozô).

AMBÓTE – Outro designativo local, de origem afronêgra, introduzido no Brasil. Encontra-se esse nome local de origem afro-indica, no municipio da Capital de Pernambuco (Ambóte-do-Recife). Ambóte é voz indo-africana, que nos veio de Moçambique para o Norte do Brasil.

AMBRIZ – É nome de um pôrto situado 70 legoas ao Norte de Loanda, na costa de Angóla, e nelle deságua o rio Ambriz, sendo curioso dizer que foi Ambriz o ultimo mercado de escravos autorizado pelo governo de Portugal a fazer o trafico de nêgros para a América, já uito depois da Independencia do Brasil. É nome africanizado, em Angóla, e derivado do arave, havendo tambem a fórmula Ambriche, rio do territorio loandêz e perto da villa angólense de Ambriz. Tal nome áfrico-arábico, em fórmula aporuguezada, de um tio e territorio da costa africana occidental, vem sempre citado nas nossas chrônicas coloniaes referentes ao tráfico de escravos para a então chamada América Portuguezã

AMBROSÔ (ou AMBROZÔ) – Nome de certo alimento parecido com o aberém e usado pelos afronêgros bahianos, sendo um bôlo tostado ao forno e feito com farinha de milho amarelo, azeite-de-dendê e outros condimentos. Logo em seguida estudaremos a variante gráfica Ambrózô, resultante de uma fórmula contracta de Ambórozô, nome acima estudado e descripto. Essa iguaria é conhecida em outros pontos do pais com diferentes denominações, deturpadas prosodicamente, como se vê em Borojô, Boózô, Brójô e Brózô.

[p. 109 – fl. 51]

AMBROZÔ – Brasileirismo de origem afronêgra, designando na linguagem bahiana e nortista uma iguaria de variável composição, por nas conceituam o Ambrozô

como bôlo de massa de farinha muito condimentado e tostado ao forno; outros o designam como farófa muito temperada com varios condimentos; e ainda para outros é uma especie de pirão de farinha de milho, cosida a massa com azeite-de-dendê e varios condimentos. Este nome afronêgro brasileiro é uma corruptela prosódica de Ambórozô, designando uma comida áfrico-bahiana, espécie de farófa condimentada com azeite-de-dendê, cebolas ou alho-de-Guiné e pimenta-de-cheiro. Conforme se vê, o Ambrozô é bôlo, farófa ou pirão.

AMBUÁCA – Nome de procedencia angólêza, em idioma Bumbo dos pretos nativos de Angóla.

AMBUÊ – nome de origem afronêgra e que se vê repetido frequentemente em estribilho de “cantilenas” dos nêgros, no brasil. Às veze, toma a fôrma Ambuém, como se vê no dialecto afro-luso dos ilheós nêgros de San-Thomé.

AMBUÉLA – Nome quimbundo de um gentio de Angóla, onde os prêtos indigenas Ambuélas se dedicam á caça e á lavoura. Tambem se diz e se escreve Ambuíla.

AMBUÉM – Nome afro-ambundo tambem dito Ambué, no idioma angolez, havendo a expressão ambuem-de-obó, que designa um arvore da flora insular de São-Thomé.

AMBUIDA – Termo angolense, havendo uma tribu ou povo dos Ambúlas ou Ambuéllas, na região do Cubángo (Africa Occidental Portugueza).

AMBUNDA – Nom da lingua dos nativos de Angóla (Aca Occidental Portugueza) e tambem conhecida por “lingua Bunda”, idioma Bundo, idioma Kibundo ou Quimbundo, fazendo tal idioma parte do grupo ethno-linguistico Bantú.

AMBUNDO – Nome correspondente a Quimbundo (idioma dos prêtos nativos de Angola, na Africa Occidental), sendo tambem denominados Ambundos os povos indigenas Angolêzes, os negros de Angólas. (O mesmo que Quimbundo). Desse rico manancial – que foi para nós a “lingua geral” de Angóla – nos vieram dezenas e dezenas de vózes assimiladas pelo falar luso-brasileiro (entretanto, o “Diccionario Etymologico” do Prof. Antenor Nascentes apenas consigna, escassamente, este doze nomes vindos do Quimbundo para o léxico portuguez: Ambundo, Banza, Bunzár, Cachimbo, Candongá, Carcunda, Carimbo, Maluvo, Marimba, Quezila, Quitanda e Tanga.

AMBUNO – Idiôma falado pelos prêtos da Costa do Camerúm, na antiga Africa Occidental Allemã. É nome áfro-Angolêz.

AMHÁRICO – É o nome arábico-ethiópico de um dos idiomas ou dialectos falados pelas tribos da Abyssinia. Dessa [**] lingua mais faláda pelos habitantes do antigo e decahido Imperio da Abyssynia, na Ethiópia (até 1936 governado pelo soberano, que alli tinha o titulo de Negus-Negusti ou o “rêi dos rês” sahio a linda expressão Addis-Abéba (a “reza da montanha”), que é o nome da moderna capital Abaxum.

AMIÇÓ – (ou Ami-çó e tambem Ami-so e Amisso) – nome africano de um vegetal da flora insular de São-Thomé, sendo curiosa essa planta que dá uma só folha e distilla uma seiva muito venenosa.

AMILÓMBE – Designativo, em idiôma quimbundo, da rapariga indigena ao serviço particular das mulheres dos pontentados e régulos africanos, em Angóla.

AMIMÉ – Nome arábico-africanisado e que designa uma espécie de juiz ou autoridade, entre as tribos mouras do Norte da Africa.

AMISSA (ou Amísa) – Nome afro-cafreál de uma das ilhas do Archipélago das Querimbas, perto do Cabo-Delgado (em Moçambique).

AMISSANGÁDO – O que parecido ou semelhante a missanga (palavra quimbunda, designando contas miúdas e variegadas, de vidro, louça, coral ou metal, com as quaes os nativos enfêitam collares e braselêtes). Cordão amissangado, jóia amissangada, etc.

AMI-SÓ – (ou Amiçó) – Nome indigena de uma planta venenosa cuja haste ou pé só dá uma folha, na ilha de São-Thomé (Costa Occidental Africana) em aguas do Oceano Atlantico).

AMISSÓ – Vegetal tóxico da flora insular de São-Thomé (tambem excripto Amiço, Ami-ço e Ami-só, conforme antes ficou esclarecido).

ÂMO – É voz afronêgra derivada de muátu, o senhor-macho, o patrão, o que manda nos escravos e na casa, sendo sempre obedecido; e esse é o conceito deixado pelos nêgros de Angóla, nos costumes patriarchaes das nossas velhas famílias e na linguagem popular

brasileira. “Meo âmo” , “minha âma” – são expressões em que aparece, nitidamente, o sentido da voz de origem ambunda. Ainda hoje perdura essa fórmula de tratamento dada pelos serviços domésticos aos seus patrões, tal como faziam mucamas, moléques e escravos de outrora, quando se dirigiam ou se referiam ao dono, ao senhor da casa.

AMÓCÁDO – Na linguagem popular da Bahia, este termo quer dizer – escondido, ocultado, refugiado –, no mesmo sentido que os Nordestinos empregam o termo amocambado. Também o verbo amócar, em idêntica acepção de – esconder, ocultar. O nome primitivo móca tanto é tupi quanto afronêgro, e a certo animalzinho “entocado” nas furnas e lapas davam os nossos selvícolas o nome de mócó, e de seu côutia, apresentando o pêlo fazem os caipiras e trabalhadores nordestinos um pequeno alforje, capanguinha ou muxila de viagem, e a que também chamam de mócó. Já a palavra móca é, em Portugal, usada na linguagem dos campônios, mas no sentido de “cacête” (pau curto e grosso em uma das extremidades), ou de desbrío, pouca-vergonha. Como brasileirismo, o termo móca tem acepções várias: falsidade, patranha, escarneo e zombiqua. É o verbo amócar (derivado de móca) também se emprega em linguagem chula, no Brasil, no sentido de escarnecer ou “fazer móca”, iludir, “pregar péças”, ridicularizar, zombar de alguém.

AMOCAMBÁDO – Brasileirismo derivado do termo afronêgro mocambo ou mucambo, e é equivalente a aquilombado (nêgro refugiado nos mocambos ou quilómbos). Existem também os verbos “amocambár” e “amocambar-se” (ação de fugir para os mocambos ou de nelles se estabelecer, se reunir).

AMÓCAMBÁR – Este verbo brasileiro, derivado do afronêgrismo mocambo, tem a significação peculiar de fugir ou esconder na linguagem popular do Nordeste Brasileiro, onde a forma pronominal amocambar-se quer dizer, no Ceará: esconder-se no matto. No mesmo sentido amocambado e amócampento, palavras derivadas de mocambo, na linguagem popular da gente Nordestina, no Brasil.

AMOFUMBADO – Este qualificativo e leem assim a forma pronominal do verbo amofumbár e do seu gerúndio amofumbando-se são derivados do nome afronêgro mofumbo (vide este verbete).

[p. 112 – fl. 54]

Pelo Nordeste Brasileiro se emprega amófumbár-se, no sentido equivalente a “esconder-se no matto fechado, no matto ainda virgem”, ficando enfuado nos mofumbos e longe das

perseguições da polícia. O acatrizado ou perseguido vai se amofumbando pelos matos lá dentro, sem deixar pista.

AMÓLAMBADO – É brasileirismo derivado do nome afronêgro molambo e significa: andrajoso, esfarrapado, rôto, reduzido a trapos ou molambos (indivíduo que anda vestido de roupas molambentas).

AMOLÉCÁDO – Brasileirismo derivado do nome afronêgro moleque e quer dizer: o que tem maneiras, gêitos ou modos de moleque. O verbo amolecár se emprega no sentido de agir ou proceder à feição de moléque, fazendo molecágens. Esse verbo tem ainda a forma pronominal amolecar-se (rebaixar-se tomar modos de moleque, agir com maneiras ou gestos de moléque). Vem do vocabulo do nome angolêz moléke (prêto novo, de pouca idade, nêgrinho); e os moleques foram sempre “arteiros” ou “artilósos”, casta endiabrada, com as suas travessuras e brincadeiras desenfrêiadas, no sêio das famílias, onde viviam, e mesmo nas ruas, ainda hoje, perambulam pelas cidades brasileiras bandos ou maltas desses moleques vadiós e brincalhões, vivendo á lei da natureza, sem nenhum ampara, na sua triste sina...

AMÔNÔ – Nome derivado de Amúno, planta odorífera da flora africana.

AMÔNADO – Brasileirismo derivado do presumível afronêgrismo môna (fêmea do macáco ou môno); e por extensão de sentido o vocabulo amonádo quer dizer ébrio, embriagado. O verbo amonár significa: “tomar pifão ou môna; isto é, tomar bebedeira, “carráspãna” ou camuéca.

AMÔNÁR-SE – Vêrbo pronominal brasileiro, que significafica: ficar embriagado como o môno ou bugio (macaco africano, que faz momices e tregeitos. quando bebe cachaça ou qualquer liquido alcóolico). Amônação, amonádo, são termo populares brasileiros, significando, respectivamente, bebedeira e ébrio. O “môno” ou macaco e o gambá ou sarigué são animaes muito propensos á embriaguez e gostam de aguardente.

[p. 113 – fl. 55]

AMONGUIJÁ – Nome local, de suposta origem afronêgra, segundo uns autores, ou derivado de lingua indigena, em Matto Grôso, no Brasil Central.

AMOQUÉCADO – Êste qualificativo brasileiro amoquecado, eu tanto póde ter origem afronêgra como ameríndia se emprega com variada accepção: ou o que está em

estado de moquéca, preparado com moquéca (iguaria, comida assim chamada); ou no sentido de descansado, repousado. Os Nordestinos brasileiros dão ao verbo amoquecár a significação (principalmente em Pernambuco) de acovardar-se, fraquejar, fugir da luta, refugiar-se em lugar seguro e a coberto de perigo ou livre de incomodos e apoquentações.

AMÓRI – Expressão de origem afronêgra, havendo também um peixe amoré ou amuré, que alguns autores sustentam ser um nome indígena, no Brasil, conquanto tais vozes também ocorram na língua dos nativos do Congo. Outra voz parecida pe Amorím, e que é tida como de procedência cafreál, tendo-se aportuguezado. No Distrito Federal, ha um lugar conhecido por Amorím-do-Zumbí; e essa palavra Amorím serve de cognome ou appellido de família, no Brasil. Tendo sofrido amputação metaplastica da letra inicial, amorim se transformou em morim (nome de um tecido branco de algodão e que originalmente passou da língua dos naturaes de Moçambique para o vernáculo).

AMÔUXADO – Com a significação vulgar de guardado, escondido, em lugar secreto (o verbo “amôuxar” é ainda muito usado na linguagem caipira paulista, segundo TESCHAUER, na accepção de enthesôurar, esconder riquezas). Mas os nomes “amouza” e “môuxão” passam como de duvidosa origem vernacula.

ÂMPA – Nome malgáxe dado pelos Hóvas a uma figueira nativa de “Madagáscar” na Africa Indica.

AMPÁPA – Nome local afronêgro em terras de Móçambique, onde Ampápa é toponymio moçambicano (Africa Oriental) em um districto dessa possessão portuguesa da costa do Oceano Indico.

ÂMPARA (ou Âmpare) – Nome proparoxitono, de origem Malgáxe e introduzido na lingua dos Cafres de Moçambique; sendo que em Madágascar, designa uma figueira sylvestre o nome Ampa. No vernaculo, as fórmãs “ampára” e “ampáre” e as flexões do verbo amparar e com acentuação paroxytona, não podendo assim se confundir com as duas vozes afro-malgáxes, que apenas lhes são homonymas não homofônicas.

[p. 114 – fl. 56]

AMPÉMBRE – Espécie de cabra selvagem da Africa; e no Brasil ha outro africanismo – cangémbre – com a mesma terminação africana “émbre”.

AMPÉTA – Nome local indígena, em Moçambique, pelo qual é conhecida uma terra em frente á ilha de Buéne, na Costa do Oceano Indico (Africa Oriental Portuguesa).

AMUÁDO – Este brasileirismo, considerado de origem afronêgra, designa aquelle que está com amúo, isto é, cheio de enfado ou em silencioso aborrecimento; individuo “arrufado”, contrariado, desgostoso, macambúsio, guardando mutismo e denotando estar mal humorado e taciturno.

AMUÁFO – Designa este afronêgrismo (derivado de muafa ou muáfo) certo apetrecho ou utensilio de cozinha, entre as nêgras quituteiras da Bahia. Macafá é o mesmo que bebedeira “carraspána”, embriaguez.

AMÚAMENTO – É o estado de aborrecimento do individuo “embezerrado”, “embirrado”, calado; o acto de amuár, ficando enfadado e não querendo teimosamente falar; não querendo “tugir nem mugir”, mas sempre de “cara amarrada”, por “birra” ou mômô e capricho. Este é o sentido que exprime amúo, com os seus derivados, na linguagem popular brasileira (amuação, amuado, amúamento, amuár, amuénto). O verbo amuár significa, pois: estar amuado ou estar embirrâdo; estar com os cacumbús ou calundúns; andar emudecido e tristonho; gastar um mustismo reconcentrado; ficar macambúsio ou embuziado, por teima, capricho ou contrariedade intima.

AMUÁR – Verbo afronêgro-brasileiro, significando “amarrar a cara”, ebezêrrar, ficar amuádo ou “birrento”, fechar o sobrecénho, não querer graças, aborrecer-se, etc. Amuamento e amúo são substantivos muito empregados, na linguagem popular, em expressões que taes: amúo de creança, de mulata, de nêgro: amuamento de menino, de sinhá, etc. “Amuár de vez” é frase equivalente a aborrecêr-se, anfadar-se logo de uma vez

AMUBICADO (ou Amóbicado) – O nêgro “alforriado” que tomou jeito e habitos de homem livre, pois ficou mobica ou liberto.

AMUCAMBADO – O mesmo que amocambado (derivado do afronegrismo mocambo ou mucambo, choça, cabana, refugio nos cafundós de serras e grotas, no recesso das mattas); e o emprego do afro-brasileirismo amocambado é de duplo sentido: estabelecido no mocambo, habituado á vida dos mocambos; ou amoitado, escondido, refugiado. O verbo amucambár, na sua forma pronominal “amucambár-se”, tambem é empregado, popularmente, nas accepções equivalente de: retrahir-se, segregar-se dos centros habitados, procurando refúgio nos grotões e bibocas distantes.

AMULAMBADO – Qualificativo afronêgro-brasileiro e vem a ser o mesmo que amolambado, rôto ou esmolambado, com a roupa reduzida a trapos ou mulambos (são derivados do thema molambo ou mulambo)

AMULÊTO – No entender de Candido de Figueirêdo, este vocabulo será procedente do latim amuletum, embora os afronêgros brasileiros o tenham sempre empregado como vóz própria, no sentido de talismã consagrado ao culto de Amulú ou Omulú (um de seos orixás).

AMUNDICÁDO – Qualificativo chulo, na linguagem popular brasileira, sob a influencia da prosódia afronêgra, para designar o que está desleixado, desaceiado, imundo ou emporcalhado ou sujo. Derivado de “mundiça”, “mundicia” ou “mundície” (três variantes designativas de acêia, limpeza, donde se formou “immundícia” ou “immundície” (no fallar afronêgro “immundiça”), significando a falta de aceio, o lixo, a sujeira, sujice ou sujidade

AMUNHECADO – O que tem a mão apertada ou encolhida em forma de munheca, donde o sentido de sovina, “unha-de-fome”, “somítico, avarento, para o individuo qualificado de amunhecado (a expressão munheca, como parte intermedia entre a mão e a canna do braço, no punho ou muque do nêgro, se aproxima de outras vózes de origem africana, como sejam: munhambe, munhânde, munhanéca, munhângo, munhangôlo, munhanócam, munhére, munhime, palavras todas angolêzas); embora autores de nota façam derivar o brasileirismo munheca de uma voz castelhana muñeca. E amunhecado tambem significa: o desanimado, vencido, ou que fraqueja das mãos, de punho bambo, mólle.

AMUNHÉCÁR – Verbo brasileiro derivado de munheca (punho) e que, no Nordéste Brasileiro, quer dizer: fraquejar das mãos, afrouxar de força nos pulsos; empregando o qualificativo amunhecado na accepção de: desalentado, desanimado, esgotado de força, desencorajado, vencido, etc. Autôres ha que dão etymologia ou origem diversa da afronêgra para o nome munheca, que uns consideram palavra castelhana (muñeca, “a boneca”) e outros um americanismo indigena (palavra tupi-guaraní).

AMUÓ – Brasileirismo, de fundo afronêgra, significando aborrecimento, tristeza, enfado, birra, embezêrramento, cara-amarrada, mau-humor, rosto-fechado, etc. Equivale

a amuamento, havendo outros vocabulos derivados do mesmo thema, em nossa lingua: amuação, amuáda, amuádo, amuár, amuadinha, amuadinho, amúamento, amuár-se...

AMURÊ – Da voz arábico-yorubana âmure resultou o designativo amurê, entre os afronêgros, que seguem o Islamismo, para o enlace conjugal, pois, no ritual dos Malês ou Musulmis africanos o casal que se liga pelo matrimonio tem as mãos enlaçadas por uma faixa ritual, na cerimonia religiosa do casamento, perante a alufá.

AMURRINHADO – É termo derivado de murrinha (possível afronêgrimo) e os Nortistas brasileiros usam do vocabulo como significando: aborrecido, entediado, aborrido; do verbo amurrinhár-se, no sentido de: abater-se, entristecer-se, ficar cheio de tédio ou melancolia. É o mesmo que atacado de murrinha (que tanto significa fedôr, catinga, mau cheiro exalando do corpo, como tristeza, abatimento, sucumbimento. Negro amorrinhado, animal amorrinhado)

AMUXÃ – É palavra yorubana, tambem grafada amuxãm, e designa um servidor do culto afronêgro de Egungún (um dos “espíritos” invocados nas macumbas e nos candomblés bahianos), sendo o Amuxã o encarregado da guarda do Ixã ou açoite listrado de branco e que é um objecto sagrado do dito culto de Egungún (nome duplicado ou redobrado de Egun).

AMUXIBADO – O que tem a pelle “encôrrinhada” ou está co a carne cheia de “pellâncas” ou muxibas (carne ou pelle amuxibada, corpo ou couro amuxibado). Tambem existe o verbo amuxibár mais usado com a fórmula pronominal, na linguagem popular brasileira.

AMUXILADO (tambem escripto Amochilado e Amoxilado) – O viandante escoteiro que anda equipado com a mochila ás costas; prompto para marchar com o sacco da moxila ou muxila cheio de matúla ou provisões, com roupas e objectos de uso. Expressões correntes: “mochila de corúmba; mochila de empacaceiro; mochila de garimpeiro; mochila de pombeiro; mochila, mochila ou muxila de soldado.

[p. 116 – fl. 58]

AMUXINGADO – Castigado com muxinga, açoutado, sovádo, surrádo; habituado a tunda ou sóva de muxinga; e ainda acostumado a viver na sujeira (na muxinga, casebre sórdido)

ANÁBATO – Nome de um passaro Tenuiróstro, da avifauna africana.

ANABÉ – (ou Anavé) – Nome de um vegetal da flora africana, e que no Brasil foi adulterado prosodicamente em “anavélha”.

ANACANDÁIA – Nome de uma especie de gibóia, ou serpente aquatica, nos brejaes da Africa e da Amazonia Septentrional, onde, na região das Guyanas, se nos deparam esse nome indigena de anacandáia e de Anacóna, pelo qual tribus africanas e sul-americanas conhecem a nossa cobra gibóia ou sucuri dos Tupis.

ANACADÉ – Nome tambem aleterado em anacandél e que entre os nativos de Madagascar, designa uma serpente da fauna ophidica, nessa ilha do Sudéste africano.

ANACÓLA (ou Anakóla) – Nome de um insecto indigena, na Africa Central.

ANACÓNDA – Parece-nos que este nome é commum, entre varios povos indigenas dos continentes africano e americano, para designar a grande cobra que, na lingua brasilica dos Tupis, é conhecida por sucuri (Boa Constrictor). Por outros autores o nome é consideradoo africano, dado a grande serpente dos brejos e pântanos, a Boa Constrictor, e corresponderia antes ao nome tupi-brasililico gibóia, desse monstruoso ophgidio da nossa fauna amphibia. O “Diccionario Etymologico” do prof. Antenor Nascentes perfilla a procedencia asiática do vocabulo anaconda, derivado do idioma Tamúl, segundo seo parecer.

ANÁGUAS – Este termo brasileiro é mais empregado no plural; e a anágua designa uma saia branca interior, usada sobre a camisa e por baixo da saia do vestido pelas mulheres, outrora. As nêgras africanas sempre fizeram grande cabedal das suas anáguas brancas, com babados de crivos e barras rendadas de cacundés, argumentando a róda e volume das saias com o recheio de muitas peças de anágua por baixo. Aquelle conhecida verso humorístico do poeta mineiro Aureliano Lessa, famoso estudante da roda bohemia da Paulicéa (da geração de Bernardo Guimarães e Alvares de Azevêdo, todos estroinas e beberrões), bem revela como estava então em uso a anágua, nas peças do vestuario feminino, hoje tão simplificado e sem essas modas antiquadas de antanho:

Não chores, ó minha Anália,
 Enxuga o pranto na tua anágua,
 Que o teo pobre Aureliano morre,
 Mas é de “barriga d’agua”...

As pretas quitandeiras, as neêgras-Minas, á custa de anáguas e saias tufadas, conseguiam melhor empinar o seo tundá, e angãnas (senhoras-donas), sinhás e mucamas não dispensavam as anáguas rodadas e cheias de bordados, nas barras. É contestada a origem africana do vocabulo anágua e dado por varios autores, ora como alteração do nome espanhol enágua, ora como derivado de um suposto nome anacos, no Baixo Latim. Fiquemos, pois, aqui, sem nada asseverar, no caso, diante dessas controvertidas etymologias...

ANAGUÊ – Nome afronêgro trazido para o Brasil, designando uma pequena saia branca bordada de crivos e usada pelas “Nêgras-Minas”. Tambem escreve Anaghuê.

ANÁIA – Termo de origem árabe, mas africanizado entre as tribos Kabylas, para designar uma especie de amulêto poderoso, que vale para quem o traz como verdadeiro passaporte ou salvo-conducto, na travessia pelo deserto Sahariano, entre os acampamentos guerreiros desses povos Norte-africanos. A anáia corresponde ao cabóрге dos nêgros africanos da Costa Occidental.

ANAJÚBA – Nome africano de um chefe nêgro, no famoso “Quilombo de Palmares” (em Alagôas, Norte do Brasil).

ANAKÓLA – O mesmo que Anacóla, nome que os nêgros do centro da Africa dão a um insecto.

ANALÂMPO – Nome dado pelos nêgros da Costa a um insecto coleóptero da entomologica africana.

ANANÁ – Vocabulo da lingua Euê ou Gêge (Africa Occidental), para significar o fructo do ananázeiro americano, transplantado depois do seculo XVI para a Costa d’Africa; é o mesmo nome indigena brasileiro se passou para Mocambique, alterado, porém, para Anenáze. Outros poucos nomes brasílicos-tupis e ameríndios foram ter á Africa, além de ananáz (por exemplo: mandioca, tapioca, mingáu, cacique, mandubim, cipó, etc.)

ANÁNSI – É o nome nagô da “aranha”, animálculo muito venerado pela superstição dos negros africanos, que tecem em torno das habilidades dos arachnideos varias lendas do folk-lore nativo.

[p. 118 – fl. 59]¹⁶⁰

A proposito das “anáguas” bordadas com uma barra chamada “barafunda de cacundés”, lembrássemos outras peças do vestuario das faceiras mulatas acumbráveis e casimicúcas e das “negras-Minas” e ceroulas bahianas, que, ao lado das suas “anáguas” ou saias brancas muito pregueadas de rendas e “babados” e da alva camisa rematada por um “cabeção” tambem bordado a crivos, trapiam na cabeça a “coifa” ou “trunfa” e “tôrso de bico”, quando não um lenço vistoso amarrado e escondendo a cabeleira ou “gaforinha”; enquanto sobre os hombros atravessavam, graciosamente, um “panno da Costa” ou um “xale de sêda” e trapiam os pés meio enfiados em chinellinhos ou sandálias de “couro morroquim” ou “cordovão” e completavam essa indumentária característica com as joias vistosas, na cabeça, orelhas, pescoço, sêio, cintura, corpete, mãos, braços, aneis, argóllões e “bichas” ou brincos pendentes, braceletes, collares, cordões e fios de contas coloridas, medalhinhas e moedas, pencas e barangandáns, pulseiras, arrecadas de ouro, figas, figurinhas simbolicas, etc.

[p. 119 – fl. 60]

ANÁNSI-ASÉM – Expressão que, na lingua dos negros Nagôs-Yorubanos, vale por se dizer: “historias da arãha” (série de apólogos e fábulas que têm a arãha por personagem principal) Entre os nativos da Cósta do Ouro as léndas yorubanas, acerca da astúcia e laboriosidade do arachinidéu. Circulam na tradição oral dos negros africanos, que de lá trouxeram para a America (Brasil e Antilhas) muitas histórias da arãha.

ANASTRÁBO – Nome vulgar dado pelos botanicos a uma planta da flora sul-africana.

ANAVÉ – (Vide Anabé, nome indigena comum á Africa e ao Brasil, designando um vegetal da flora dos dous continentes).

¹⁶⁰ Este papel está colado na margem esquerda superior da folha 59.

ANCOÉENZA – Variante do mesmo nome Ancoéze ou Ancoéza (na lingua dos naturales de Moçambique, Africa Oriental).

ANCOÉZE – O mesmo que Ancoénza ou Ancoéza (na lingua dos naturales de Moçambique, Africa Oriental).

ANCÓXA – Nome de uma lingua indigena falada em “Madagáscar”, havendo uma voz parecida o nome local Angoxe, em Moçambique. Escreve-se tambem Ancóxe o dito nome do idioma malgache.

ANCUBI – Nome afronêgro de uma ave da região do Humbe, em Angóla.

ÁNDA – Este afronêgrismo angolânse quer dizer a “família”, em dialecto Ba-Cubale, do Sul de Angóla, região de Mossãmedes. No plural, o nome andas (mulêtas ou pernas de pau) ainda constitue um afronêgrismo vindo de Angóla para o Brasil). Este nome angolado anda aparentemente confundido com umavoz vernacular – flexão verbal de “andár” – designa tambem uma especie de máca angóleza ou rêde para conducção, sendo as extremidades da rêde prêsas a duas varas compridas, que os carregadores nêgros sustentam nos hombros ou cacunda.

[p. 120 – fl. 61]

ANDÁCA – Nome afronêgro dado a um vegetal indigena de Angóla e tambem occorrente na flora do Brasil, onde é conhecido pelo nome Tupi de Trapoeraba.

ÁNDALA – Nome afronêgro da folha grande da palmeira com que os prêtos nativos cobrem as suas cubatas ou chóças, na Africa Oriental.

ANDALIM – Espécie de sargaço da costa africana do Oceano Indico. É voz arábica, assimilada pela lingua cafreál, em territorio de Moçambique.

ANDARÉNGO – Brasileirismo regional gaúcho, e que o Padre Carlos Teschauer (á pag. 56 da definitiva edição de 1928 do seo “Novo Diccionario Nacional”) define: “andador, andêjo, caminhador”. É portanto, o mesmo que andarilho, caminheiro, “manjpa-léguas”, que percorre a pé grandes extensões pelo interior do paiz; e não cremos que a palavra seja um africanismo, não obstante a sua estrutura final (aliás, o sufixo engo é tambem vernaculo, como se vê em outras palavras portuguesas: molengo, monstrengo, por exemplo). A suposição de ser voz afro-brasileira teria acaso provindo da desinência

engo, a qual se nota em muitos termos locais brasileiros originados de línguas afronêgras (Quilengo, Recendengo, Tengotengo, etc.).

ANDARÊZA – Nome indígena afro-malgache de uma palavra Verbenácea, em Madagáscar (Costas do Oceano Indico).

ÂNDAS-DE-PÁU – Esta expressão brasileira tem um fundo de sentido afronêgro, pois nos veio de Angóla, onde o nome afro-bantú “ánda” designa uma rêde ou máca de transporte de pessoa doente, ou em viagem, sendo a dita ánda carregada, por meio de 2 varas compridas, que descansam nos ombros dos carregadores nêgros. No Brasil, porém, as “andas” ou “pernas-de-páu” são hoje divertimento esportivo de meninos e moleques, nas ruas; mas na África Portuguesa, os prêtos andarêngos ou andarilhos delas se utilizam para longas excursões, dando largas passadas com essas “andas-de-páu”, atadas às pernas e tendo á meia altura um sóco ou descanso de ma

[p. 121 – fl. 62]

deira, en. que se apôiam os pés. Acrobatas de circo e saltimbancos também usam de tal meio de locomoção, nos picadeiros; e, nos grandes centros como o Rio de Janeiro, até agentes de reclame commercial percorrem as ruas montados em compridas “andas-de-páu”.

ANDIM – Termo em dialeto indígena da Ilha luso-africana de São-Thomé, designando o mesmo que Dendém ou Dendê (a palmeita que dá cocos oleíferos, com os quaes se prepara o “azeite-de-Dendê”, indispensavel á cosinha afronêgra). Interessante observar que o dendêzeiro, que é originário da Guiné, se adaptou inteiramente á cultura, em terras intertropicaes do Brasil e chega a ter uma palmeira concorrente, como símile do Dendê, na Zona Equatorial amazônica: a palmeira Cáiané.

ANDIRASSÓNDE – Nome quimbundo de uma arvore da flora angolense (o Pterocarpus erinacius). No Brasil, existe o nome ameríndio andira, significando “morcego”, na “língua geral” dos povos Tupis.

ANDÔLO – Espécie de minhoca do chão, na África, e que os prêtos indígenas comem, como bom “petisco”.

ANDÓNGO – Nome de i, dialeto da lingua angolense, na Africa Occidental Portuguesa, ondem tambem se denominam andóngos os prêtos nativos ou os nêgros Angólas da região Andóngo.

ANDRÔMINAS – Variante prosódica de endrôminas (corruptela do plural aportuguêzado de “endrômina”, chulismo afronêgro, com os significados de intrujice, mentira, “lorota”, patranha ou “pêta”); e a dita corruptéla era usada, outrora, na frase ou expressão “andrôminas-de-nêgro-Cóngo” (por intrujice de prêto do Congo).

ANDROCIMBA – É uma planta melanthácea da flora sul-africana, em terras de Cafres (na Africa Austral).

ANDRÓPADO – Nome dado a uma ave africana parecida com o “melro” (a nós se afigura antes um nome de classificação scientifica em ornithologia).

ANDÚ – Nome angolense de uma planta leguminosa (o anduzeiro), que dá o feijão andú, tambem conhecido por guándo ou guandu; é feijão comestivel e sua cultura foi introduzida no Brasil pelos escravos africanos vindos de Angóla, Benguéla e Congo. Tal nome africano, deixado no Brasil pelos negros de Angóla, designa o “feijão-de-rama”, o mesmo que Guándo, donde se derivou Guandeiro, o pé desse feijão-de-rama, cujos grãos redondos parecem bagos de ervilhas.

[p. 122 – fl. 63]

Em Minas, é ANDÚ o nome de uma Fazenda agricola, no districto de Volta Grande ou Caré-Assú (municipio sul-mineiro de São Gonçalo do Sapucahy); e sobre esse nome local assim escreviamos na “Revista do Archivo Publico Mineiro” (tomo XX, ano de 1924):

Deve o toponymo provir de uma planta leguminosa alimentícia, que dá o chamado “feijão-andú” (que DE CANDOLLE classificou de Cajanus flavum, em botânica) e é tambem conhecido, em Minas, com o nome de Guándo ou “feijão-guandú”, comendo-se-lhe as sementes guisadas, como se foram de ervilhas.

- BEAUREPAIRE- ROHAN (cit. “Diccionario de Vocabulos Brasileiro”, edição de 1889, pag. 70) diz que o “guandeiro” (Cytisus cajanus) é planta exótica e provavelmente introduzida da Africa pelos nêgros que a trouxeram para o Norte do Brasil, donde, com os nomes Guándo, Guandú e Andú, se passou para Minas, Rio de Janeiro e

Espirito-Santo, onde há rios e localidades conhecidas por taes denominações. “Ervilha-de-Angóla” é o nome que tem o nosso “feijão-andú” em Pernambuco, conforme refere o Dr. PEREIRA DA COSTA (em seo já cit. Vocabulário).

- De Guândo foi alterada a pronuncia, vulgarmente, em Guandú, sofrendo então o nome a redução inicial syllabica por efeito e um metaplasmo (aférese), tendo resultado Andú, termo sobre cuja procedencia controvertem os léxicos luso-brasileiros. Muitos deles mencionam o “anduzeiro” (ou o pé de andú) como planta originaria do nosso pais, e outros como oriunda da flora africana, colhendo maiores sufrágios esta ultima opinião.

Não vem fora de proposito algo dizermos sobre a contribuição de nomes africanos para o vocabulário geographico do nosso paiz, pois é realmente digna da atenção dos estudiosos. Só no territorio mineiro temos conseguido identificar os da seguinte relação, talvez incompleta:

Andú – Angelim-angico – Angóla – Angú – Anta – Assúnga – Báco – Bacolerê – Bambú – Banâna – Banguê – Bengo – Benguélla – Binga – Cabinda – Cachaça – Cachambú – Cachimbo – Cachingó – Cacimba – Cacônde – Cacumbú – Cacunda – Cafundó – Cafuné – Calambáo – Calumbá – Calundú – Calunga – Cambimba- Candonga – Cangerê – Caquênde – Cassanje – Catimbáo – Catimbó – Catiringongo

[p. 123 – fl. 63]¹⁶¹

ANDUÁ – Nome de uma ave africana. No Brasil, ha o indigenismo anduá. Do nome africano da planta ou “feijão-andú” tirámos, no Brasil, os derivados: andúal, anduzeiro, anduzál, anduzinho.

[p. 124 – fl. 64]

Catolé – Catopê – Catuêro – Catumba – Catumbéla – Catumbé – Caxito – Caxinguelê – Cazanga – Congo – Cumbé – Dânde – Dómbe – Dumbá – Dunga – Êma – Fubá – Gânga – Gangâna – Garanjangá – Garajáo – Gondó – Gongo – Grunga – Guiné – Gúnga – Cungory – Gurujanga – Inhâme – Kaukan – Kaquende – Kissâma – Loanda – Loango – Macaco – Macambúsio – Maçangano – Macaxá – Macumbé – Mafónde – Malungo – Mambacá – mambembe – Mandinga – Mangalô – Manjongue – Marangatú – Marimbáo –

¹⁶¹ O verbete está escrito em um pequeno pedaço de papel e colado no verso da folha 63.

Massambará – Massangâno – Matalú – Matóla – Maué – Maxixe – “Minas” (povo yoruba Negro-Minas) – Minjuá – Mironga – Mizanguê – Mocambo – Moçambique – Moçambo – Mombaça – Motorongo – Mucambo – Muganga – Mujinga – Mulungú – Munjólo – Mumbaça – Murundu – Muzambo – Nagô – Obó – Ogó – Ojô – Patuá – Feitiço – Quiabo – Quibungo – Quilombo – Quindúba – Quissamã – Quitanda – Samba – Xibú – Xicaca – “Xique-Xique” – Zagaia – Zambi – Zonguê – Zumbi – Zundú – Zungú – etc.

Si nem todas essas denominações locais, em Minas, representam puros nomes africanos (temos dúvidas, por exemplo, quanto aos nomes Anta, Angêlin, Bambú, Cafuné, Calambáo, Canga, Caquénde, Êma, Gongo, Garajáo, Macanique, Mandémbe, Marangatú, Massambará, Patuá, Samba, Xicará – dos quaes uns nos parecem indigenas e outros se reputam asiaticos): todavia, uma boa porção deles nos foi trazida pelas línguas faladas pelos negros para cá vindos, durante o trafico de escravos (1531 q 1857), e se tornaram toponymos somente explicáveis, á luz dos conhecimentos da filologia e ethmografia africanas. Neste nosso vocabulário haveremos de examinal-os, mas detidamente, á proporção que tal ensejo.

ANDUDÚ – nome de um pássaro da avifauna africana.

Anduzeiro – é o pé do ANDÚ, sendo este nome, prosodicamente acutizado, uma corruptela brasileira de Guángo, que tambem se alterou em Guandú (havendo no tupi as vozes Guandú e Guáno, designativos de um animal sylvestre); mas, o afro-brasileirismo Andú designa uma leguminosa (o Cajanus flavum, do botânico de Candole), planta trepadeira, que dá as vagens do chamado “feijão-de-guángo”, e o respectivo pé se chama Guandeiro ou Anduzeiro. Ha outros derivados, como Anduzál, Andúzinho, Gunadú-Assú, Guandú-Mirim; e em Minas Geraes ha um lugar – Andú-de-Volta-Grande” (município Sul-mineiro de São Gonçalo do Sapucahy); e no Estado do Espirito Santo as regiões do “Alto-Guandú” e “Baixo-Guandú”. No Destricto Federal, ha um lugar conhecido por “Guandú-do-Sena”. O andú ou guángo é “feijão de rama”, cujas vagens dão grãos parecidos com ervilhas. No município de Ouro Preto, ha um lugar por nome Andúzinho.

ANÊMA – Nome africano de um insecto coleóptero do Senegal.

[p. 125 – fl. 65]

ANENÁZE – Nome cafreál, em Moçambique (é quase homóphone com a voz indigena brasílica – ananáz). Aliás, entre as plantas americanas levadas da flora brasileira

para o continente negro, desde que se iniciou o tráfico de escravos africanos, figuram a batata, o ananás, a mandioca e outros.

ANFUÊH – nome gêge, nos dialectos Euês da Costa Occidental Africana.

ANGÁNA – Nome africano, que os antigos escravos, vindos de Angóla para o Brasil, aqui davam á “Senhora” (Sinhá), sua ãma, esposa do “Senhor” (Sinhô) ou ãmo: e esse tratamento familiarmente se estendeo ás filhas mais velhas da casa dos patrões ou senhores do negro captivo, egualmente tratadas pelo designativo angolêz de Angãna. (Africanismo usado no Brasil e derivado de N’gana, termo angolêz-ou quimbundo).

Em anterior estudo sobre africanismos-brasileiros, havíamos ainda escripto sobre este vocabulo ANGÃNA: é termo do idioma bundo e que em Angóla é o tratamento genérico dado as filhas pelos paes indigenas; mas, no Brasil, passou o termo Angãna a qualificar, outrora, quer as esposas dos senhores ou donos de escravos africanos, quer a própria patrô ou senhora (nhanhã-angãna ou Yáyá-angãna). A filha mais velha dos senhores de escravos era a Sinhá-angana. No “Diccionario Brasileiro”, de Macedo Soares, vem citada a expressão usada pelos negros Ambundos: nganga-muáta, literalmente traduzida assim: o “Senhor-fêmea”, porque Angãnga é, de facto, um senhor de outro sexo, um senhor que véste saías, ao passo que o “ãmo” (muátu) é um senhor-macho”, que veste calças – a distinção é expressiva, na lingua angóleza.

ANGÁNJA – Nome de origem Mandinga, na Guiné-Portuguêza, havendo tambem uma arvore (em botânica, Cleistanthus angolensis) da flóra de Angóla, com esse mesmo nome de Angánja (em africana N’ganja).

ANGAPÁNGO – Nome dado a um brinquêdo ou jôgo infantil ensinado pelos negros escravos ás creanças, no Brasil, correspondendo ao nosso “bico-será” ou “tempo-será”.

ANGARÊIRA – Brasileirismo, de provável origem afronêgra, e entre nós designa uma rêde usada para a pêsca das tainhas, na costa catharinense.

ANGARIÁRI (depois alterado em Angariária) – Nome africano de uma arvore da flor do Congo, cuja raiz e cascas são medicinaes; e os curandeiros negros, no tempo da escravatura africana, aqui as usavam, entre os seos “parceiros” de senzala.

ANGÁSSI – Nome de certo idiôma ou lingua afro-sudanêza de um povo negro da Guiné.

ANGELIM – Brasileirismo considerado como proveniente de uma voz afronêgra, embora aportuguezada. Serve de nome local, de cognome de família e designa conhecida árvore da nossa flora. Em 1924, em nosso estudo sobre toponymos indígenas e africanos (publicado nos tomos XX e XXV da cit. Rev. do Archivo Mineiro assim escreviamos sobre o nome).

ANGELIM: Nome de uma cachoeira perto do Salto-Grande, no rio Jequitinhonha (Nordeste de Minas) Nos Estados da Bahia, Ceará, Pará, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro e Sergipe, ocorre o mesmo nome local Angelin. Provém o toponimo do nome vulgar de uma conhecida madeira da árvore indígena, que os selvagens denominavam Andiráibira (“árvore de morcego” – Andirá – ibirá), da tribo das Papilionaceas e família das leguminosas.

Entre as suas variedades, conhecem-se na nossa flora o “Angelim-Rósa” ou Mangalô (Peraltea Crythrinasfolia); o “Angelim-Dôce” ou “Arróba” (Andira dulcis); o “Angelim-Côco” (Andira stipulacea), madeira duríssima; o “Angelim-Amargoso”; o “Angelim-Pedra”, também dito “Itangelim” ou “Itandirá” (Andira spectabilis de SALDANHA DA GAMA); tendo o naturalista hollandez PISO, no sec. 17º classificado o “Angelim comum sob o nome científico Andira ibacariba; e CARLOS VON MARTINS, o sabio botânico bávaro, classificado o “Angelim-amargoso”, ou verdadeira “Araróba”, como Andira anthelmintica ou vermífuga. São madeiras todas da família da leguminosas e da tribo das Papilionaceas. O nome Angelim é puro brasileirismo, sendo a madeira por essa denominação conhecida desde os tempos coloniaes. O “Angelim-amargoso” é também ainda conhecido por “Aracuim” ou “Lombrigueia” (por ser a sua casca medicinal um poderoso vermífugo ou anti-helminthico). Do pó da “Araróba”, conhecida por “Angelim-Dôce” (Andira araróba), se extraem a “chrysarobina” e a “angelina”, palavras de derivação científica, designando dous alcalóides isolados pela nossa chimica medica e industrial. O “Angelim-Côco” é a citada Andira stipulacea, de BENTHAM, botânico que também classificou sob o nome de Andira fraxinifolia o “Angelim-Dôce”: o “Angelim-de-espinho” é, em botânica, a Andira spinulisa; o “Angelim-Rósa”, além da classificação já dada, também foi denominado por BENTHAM de Platycyamus Regnelli (em honra ao naturalista sueco Dr. ANDRÉ REGNELL, que falleceu em Caldas, no Sul de Minas); e existe ainda o “Angelim-Pinina” ou “Angelim-pintado”, marchetado, que é a Andira Pisomis, cujo nome recorda o naturalista hollandez GUILHERME PISO, autor

da Historia Naturalis Brasiliae (sec. XVII). Controvertem outros autores a origem do nome Angelim, o qual teria nos vindo do Tamul, idioma asiático (assim opina o prof. Antenor Nascentes).

[p. 127 – fl. 67]

ANGICA – Nome afronêgro e que serve de denominação local, no Estado do Ceará. Também se grafa Anjica.

ANGICÁL – Outro brasileirismo derivado de Angico ou Anjico, nome afronêgro deixado em nossa flora. Serve de denominação local de um “Fazenda-agricola” em Minas, e é nome de varios logarejos nos municipios mineiros de Curvelo , de Paracatu e de Tremendal, em outros pontos do nosso pais, principalmente na vasta bacia do São Francisco e Nordéste Brasileiro. Angicál quer dizer logar abundante de angicos, a matta de angicos. Formou-se a palavra com o suffixo vernaculo al aposto ao topônimo Anfico. O nosso “Angico-de-Minas” (Pithecolobium gommiferum), da família das leguminosas, dá cascas muito empregadas nos cortumes, pela sua riqueza em tanino. A “Acacia-Angico” é variedade das mais estimáveis desta madeira, cujo nome alguns autores filiam ao termo africano Angiku ou Anjiku (em dialecto loandez de Angóla). Também em territorio de outros estados brasileiros (Bahia, Maranhão e Pernambuco e Piahy) se encontra o nome local Angicál; e existe um sitio do Angisáslzinho, nas margens do nosso grande rio São Francisco.

ANGICÃO – Nome de um córrego ou ribeirão de Minas, citado na relação de nomes da Chorographia Indigena Mineira (Vide I vol. Do Annuario de Minas”, ed. de 1906, pags. 157 a 166). Em Goyaz e no municipio norte-mineiro do Rio Pardo, existem logares denominados Angicão.

É o augmentativo vernaculo da palavra reputada africana “Angico”, havendo também a fórmula hybrida do augmentativo com terminação indigena – Angicussú. As cascas taníferas e a resina medicinal e expectorante do angico têm, como acima dissemos, largo consumo na indústria. A madeira “Angico-vermelho” é muito apreciada no sertão, por ser bastante durável, nas construcções. Há também o diminutivo aportuguesado – Angiquinho.

ANGICO – (em dialecto afro-loandêz de de Angóla é Angiku) – Nome de uma arvore de boa madeira e com muitas variedades, comum a flor brasileira e á flora da Africa

Occidental. Outra nossa arvore de bôa madeira, o Angelim, tambem deriva o seo nome da lingua africana, segundo pensam varios autores. O Angico é das Acacias e o Angelim pertende á família das leguminosas. Outro vegetal, de bôa madeira, na flôra do Brasil, e que tem nome indigeno-africano muito aproximado ou parecido, é o Cangico ou Cangiqueiro. Ao vocabulário brasileiro se incrpোরaram os derivados de Angico: angical, angicão, angicussú, angiqueiro, angiquêto, angiquinho. Vindo este nome da voz afronêgra anjiku, ficou entre nós designando uma arvore e madeira. Serve tambem de nome local, nos estados de Alagôas, Bahia, Ceará, Goyas, maranhão, Minas, Parahyba, Pernambuco e Rio Grande do Sul; e os nomes compostos Angico-Bonito, Angico-Branco e Angico-Bravo servem de denominações locaes, na Bahia, Maranhão e Parahyba do Norte.

ANGICOS – Designativo de africanos originário de Moçambique e tambem chamados “nêgros-Anjicos”, no Brasil. Ocorre tambem como

[p. 128 – fl. 68]

nome local em nosso paiz e assim temos ANGICOS, como nome de um antigo porto norte-mineiro do rio São Francisco (outrora “Pedra dos Angicos”, hoje cidade de São Francisco), no Norte de Minas. E ainda as denominações locaes: angicos de Divinópolis, Angicos de Itaúna, Angicos do maranhão, Angicos do Peçanha, Angicos do Rio Grande do Norte, Angicos de São Paulo, etc. Angicos é o plural aportuguesado do nome africano “Angico”, com terminação em S. Além de designar a arvore, já descripta, o nome “Angico” é dado (segundo JERONYMO VILLELA, cit. por PER. da COSTA) a um bom pescado da nossa fauna marítima e fluviátil, no Nordêste Brasileiro. Já vimos o nome Angiquitiba (de evidente terminação indigena) empregado como designando “muito angico” (o mesmo portanto que Angicos ou Angicál).

ANGICO-TÔRTO – É um nome local composto no territorio da Parahyba do Norte (Nordêste Brasileiro).

ANGIQUÊIRO – Designa o “pé de Angico”, a arvore, e é tambem nome local (Angiqueiro de Pirapora, Norte de Minas).

ANGIQUÊTOS (ou Anjiquêtos) – São os mesmos nêgros Anjicos (os chamados Anzicos do Congo, nêgros cannibáes da margem direita do rio Záire), vindos da Costa da Africa para o Brasil e conhecidos como escravos Anjuquêtos na Bahia, quando do periodo do trafico de escravo africanos em nosso paiz.

ANGIQUINHO – Diminutivo aportuguezado de Angico, no Brasil, onde é termo local nos Estados da Bahia, Ceará, Minas Geraes, Parahyba do Norte e Sergype.

ANJQUINHO – Tem o nome de “Quéda do Anjiquinho” a maior de todas as quedas formadas pelo caudaloso rio São Francisco, na famosa “Cachoeira de Paulo-Affonso”, situada entre os territorios alagoano e behiano, nas visinhanças de Pernambuco e Sergype. Com quasi 100 metros de altura, a “Quéda-do-Anjiquinho” recebe todo o volume d’aguas do rio, numa garganta de cerca de trinta metros de largura, e despejadas com fragor por oito saltos ou quédas distinctas, que precedem a do Anjiquinho, calculando-se em dous milhões de cavallos o potencial de toda a “Cachoeira de Paulo-Affonso”.¹⁶²

ANGIRE (ou Anjire) – Nome ambundo de um animal ruminante da fauna de Angóla.

ÁNGO – É uma vóz angolêza, que designa o passessivo “mêo” ou “mêu”, em idiôma Ambundo.

ANGÓCHA – O mesmo que Angoxa (nome indígena local, na lingua dos pretos de Moçambique, Africa Oriental Portuguesa). Mais usualmente hoje se escreve Angóche ou Angóxe), como se passa a vêr, em seguida.

ANGÓCHE – O mesmo que Angóxe ou Angóxa (nome moçambicano e lugar de degrêdo, na Africa Oriental Portuguêza, sendo acabado os seos dias, no insalubre Presídio de Angóche ou Inconfidente Mineiro, o Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, nos finz do seculo dezoito.

ANGÔJE (ou Angôje) – Termo cafre real da lingua dos nativos de Moçambique.

ANGÓLA – Nome Kimbundo da vasta possessão colonial da Africa Portuguesa (Costa Occidental), que era governada, antes da dominação lusitana, pelo poderoso régulo indígena, que tinha o titulo honorifico de N’góla, provindo dahi o nome geral do paiz.

Deste vasto paiz occidental africano (actual Provincia de Angóla, antigo Reino nêgro do Dóngo e hoje dominio colonial portuguez sahiram centenas de vozes incorporadas á lingua luso-brasileira, por directa ou indirecta derivação do rico idiôma um Ambundo, Bundo ou Kimbundo e seos dialectos (o Benguelez, o Loandêz, o Lundêz

¹⁶² Este verbete se encontra em um papel colado no alto da página. Antes do verbete, o autor escreve “Passar para depois de ‘Angico-Tôrto’ abaixo”. Logo após *angiquinho*, o auto escreve: “Para aqui o nome anjiquinho, no alto da folha”.

e outros). Inumeros afronêgrismos, de procedência angolêza, estão hoje definitivamente incorporados ao nosso Vocabulário, sobretudo na parte central e do Sul do Brasil, visto que o Angolêz ou Quimbundo foi a língua que prevaleceu na gente escrava do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas-Gerais e Goyaz, enquanto que a língua Conguêza dominou entre os escravos de Pernambuco e o idioma Nagô ou língua Yoruba prevaleceu entre os nêgros da Bahia, embora também se fallassem na Bahia e outros pontos do Norte, até o Maranhão, outros idiomas africanos (o Gêge ou Gêgê, o Gurunci, o Kanúri, o Mifê ou “Tápa”); e nas lavras de diamantes e centros de mineração da Capitania Mineira igualmente se entendia em línguas e dialectos cafreães milhares de negros oriundos da Costa de Moçambique.

[p. 129 – fl. 69]

Ficou na linguagem brasileira como qualificativo do nêgro oriundos daquela região occidental africana e como nome local, em varios pontos do territorio nacional. Assim, com o nome de Angóla existem um “bairro”, no municipio sul-mineiro de Nova-Rezende; um alto Môrro (no districto de Santa Rita de Caldas); uma Fazenda do Angóla, no districto de Carrancas (municipio de Lavras); e ainda um sítio e báirro do Angóla, no districto da cidade de Paracatú e um logarejo – “Arraial d’Angóla”, no municipio de Paraisópolis. Este nome Angóla designa mais: uma “nação” de nêgros africanos, outrora importados pelo trafico de escravos, e uma conhecida forragem, o “capim-Angóla” ou “cannarãna” (Panicum spectabile, de NEES, ou Pnicum phyllanthum, de STEND.); havendo também outra variedade, o “Angolina” ou “Capim Fino” (Panicum equinum, de SALZMANN), ambos de procedencia africana, como o são também o “Bángo” e o “Milhã” ou “Capim-de-Guiné” (Panicum maximum) de Angóla, possessão da Africa Occidental Portuguesa, vieram milhares de captivos para o Brasil (desde 1530 até 1850): e, por isso, os termos angolenses são frequentes no nosso vocabulário, havendo varias denominações locais mineiras sahidas do idioma angolêz (N’bundo).

O nome Angóla está ainda ligado á história de Minas Gerais pelo desterro de tantos Inconfidentes Brasileiros, que o Governo Portuguez para lá enviou, nos fins do século XVIII, em castigo do inaudito crime de haverem sonhada a liberdade da terra natal, na malograda Conjuração Mineira. A 1a. sentença da Alçada, que julgou os Inconfidentes Mineiros (1789- 1792), designou-lhes estes degredos africanos: o de Abáca para o poeta ALVARENGA PEIXOTO; o de Cambambe, para LUÍS VAZ; o de Obiá para

FRANCISCO LOPES; o de Maçangano para o engenheiro ALVES MACIEL; o de Moçambique, para o ouvidor e poeta GONZAGA; o de Rio Sena, para VICENTE MOTTA; o de Inhambãne, para JOSÉ AYRES; o de Masuril, para JOÃO RODRIGUES; o de Macúia, para F. ANTONIO LOPES; o de Cabeceira Grande, para VICTORIANO VELOSO; o de Catalá, para SALVADOR GURGEL; o de Bissau, para RESENDE COSTA (Senior); o de Cabo-Verde, para RESENDE COSTA FILHO; o de São Thiago, para o médico DOMINGOS VIDAL; o de Cachéu, para JOÃO DA MOTTA; o de Maximbo, para o velho DOMINDO VIEIRA, o de Angoche, para o coronel FREIRE DE ANDRADE; o de Benguela, para FERNANDO RIBEIRO; etc.

A maioria desses inhospitos degrêdos ficava na Africa Occidental (Angóla e Guiné), enquanto outros pontos de exílio ficavam na costa do In

[p. 130 – fl. 70]

dico (Africa Oriental), e não menos insalubres que aquelles para os infelizes desterrados arrancados do planalto de Minas, na bella América para irem morrer nos aduftos areaes africanos...

– Para o estudo desses termos de origem africana, introduzidos na linguagem brasileira, consultem-se estes trabalho: “Diccionario da Lingua Bunda ou Angolense” (de Frei BERNARDO DE CAMECATIM); “Ensaio de Diccionario Quimbundu-Portuguez (de CORDEIRO DA MATA, ed. de Lisboa, 1893); “Glossario de vocabulos portuguezes derivados das linguas orientaes e africanas (expcto o árabe), por Frei FRANCISCO DE SÃO LUÍS; “Elementos grammaticaes da lingua N’bunda” (por SATURNINO FRANCINA); “De Benguella ás terras de Iacca” (por CAPELO e IBENT); “Como eu atravessei a Afric”a (relação de viagens e vocabularios annexos, por certo SERPA PINTO; os estudos sobre “Lexicologia portuguesa de origem asiatico-africana” (edição de Lisboa, 1910), por Monsenhor SEBASTIÃO RODOLFO DALGADO; “Os sertões da África (Apontamentos de viagem), ed. de Lisboa, 1880, por ALFREDO DE SARMENTO; “Através d’Africa” por V. L. CAMERON (trad. portuguesa de F. de Lencastre); “A raça negra, sob o ponto de vista da civilização da Africa” ed. de Lisboa, 1880), por A. F NOGUEIRA; *L’Afrique ou Historie et coutumes des Africanis* (1814-21), por GEOFFROY; David Livingstone – “Viagens na Africa” (trad. portuguesa por Julio Gama dessa obra de HYP-VATTEMARE); etc.

– Quem quer que tenha um pouco de cultura verá como os “africanismos” são abundantes, na toponymia geographica brasileira, onde a cada passo se encontram vocabulos, que foram trazidos pelos negros escravos e que recordam: ora, nomes de regiões e terras africanas (Ambáca, Angóla, Benguella, Cabinda, Bombáça, Cacónda, Congo, Cumbe, Dómbé, Guiné, Loánda, Moçambique, Massambará, Massango, Quilimane, Quilôa, etc.); ora, raças, typos, usos e costumes (em palavras taes como Bantas, Cafres, Cafusos, Fulas, Macúas, Moléques, Nagôs); ora habitações (como Cafua, Mócambo, Quissamân (de Kissâma), Quibando, Quilómbo); ora temos diversos (como Quilêngue, Macúa, Moléque, Mussocongo, Nagô, Orô, Bantú); ora dansas e superstições (Aringa, Cábula, Candomblê, Cacumbú, Batuque, Senzála, Samba, Jóngo, Congádo, Caxamú, Feitiço, Tango, Lundú, Cangerê, etc.); ora nomes de moedas ou dinheiro (Bómbó, Finda, Gimbo); ora designam comidas, bebidas, fructos e plantas (Abará, Ambrozô, Aluá, Acassá, Angú, Efô, Fubá, Munguzé, Vatapá, Banãna, Béngo, Dendê, “Catulé”, Xuxú, Maxixe, Caragé, Carurú, Cachaça, Inhâme, Muganga, Mulungú, Quigombô, Quibêbe, Quiabo, Quitute, Gondó, Muxiba, etc.); ora animaes e aves (Anta, Bugio, Candimba, Ema, Cachingó, Camundongo, Caxinguelê, Cuíco, Cuíca, Jógue, Macáco, Papagáio, Timbú, Zabelê, etc.)

[p. 131 – fl. 70]¹⁶³

ANGÓLETÊ – Nome hybrido formado com a terminação indígena êtê (“verdadeiro”) e o nome era dado outrora, no Tijuco, aos escravos africanos, que eram “Angólas legítimos” e, por isso, reputados entre os negros mais trabalhadores nos pesados serviços da extração diamantina, das lavras do rio Jequitinhonha. Temos tambem em Minas, a denominação local “Angóla” – de origem africana – como já ficou dito (vide respectivo toponymo, neste Vocabulario). Mais tarde, a fôrma contrata hybrida angóletê foi prosodicamente alterada para angolête, como hoje se pronuncia, em Minas.

[p. 132 – fl. 71]

ANGÓLA-CACHÔRRO – Denominação local, em territorio do Estado de Sergype, sendo nome hybridamente composto afronêgro e português.

¹⁶³ O verbete está escrito em um pequeno pedaço de papel e colado no verso da folha 70.

ANGÓLARES – Nome dado aos prêtos de raça angolense, na ilha de São Thomé (provincia ultramarina das Ilhas de São Thomé e Príncipe, no Golpho da Guiné e possessão de Portugal). Os Asngólares são descendentes dos escravos nêgros vindos de Angóla e que naufragaram nas costas da ilha de São-Thomé, ahi vivendo sob o governo de um sóba ou régulo da sua casta e conservando seu idiôma e costumes nataes. Deve se pronunciar como nome proparoxytono.

ANGÓLAS – Nome dado no Brasil aos prêtos escravos importados do antigo reino de Angóla (Africa Occidental Portugueza), em grandes levas, pelos traficantes negreiros. Tambem são chamados angolános ou angolênses os indigenas ou naturaes de Angóla. Serve tambem como toponymo, pois, no municipio piauihyense de Valença, ha um lugar chamado Angólas.

ANGOLÊNSE – O nativo habitante de Angóla; o individuo natural dessa região da Africa Occidental; o que é relativo á terra e ao povo de Angóla.

ANGOLÊTE – Nome de um lugar de mineração diamantina, no antigo “Arraial do Tejuco” (Minas Geraes), sendo um diminutivo aportuguêzado de Angóla e equivalente a Angólinha. Outros autores entendem que a prosodia vulgar alterou primitivo nome, que era Angóletê.

ANGOLÊZ – Nome generico do idioma Quimbundo ou Ambundo, de origem Bantú, dos nativos de Angóla. Para designar natural ou habitante dessa região africana, há os qualificativos aportuguesados. É uma das línguas mais faladas pela maioria da escravatura africana vinda para o Brasil, principalmente no Sul e Centro do nosso paiz (pois o Rio de Janeiro, Minas, São Paulo e Goyaz receberam grandes lévas de nêgros Angóla, que aqui deixaram os vestigios de seo longo contacto com a terra brasileira em tantos nomes locaes, usos e costumes angolêzes cá implantados.

ANGOLÊZA – Designa este nome não só mulher nativa ou natural de Angóla, como a propria lingua “angolêza”, que foi uma das línguas mais faladas pela maioria da escravatura africana vinda para o Brasil, principalmente no Sul e Centro do nosso paiz (pois o Rio de Janeiro, Minas, São Paulo e Goyaz receberam grandes lévas de nêgros Angólas, que aqui deixaram os vestigios de seo longo contacto com a terra brasileira, em tantos nomes locaes e nomes de usos e costumes angolêzes cá implantados por esses prêtos africanos).

Em 1924, escrevendo sobre a contribuição afronêgra para o Vocabulário Brasileiro, Assim falavamos com relação aos termos e expressões que nos vieram de Angóla: – “deste vasto paiz occidental africano (antigo Reino negro do Dóngo e hoje dominio colonial portuguez) sahiram centenas de vozes incorporadas á língua luso-brasileira, por directa ou indirecta derivação do idiôma Ambundo, Bundo ou Kimbundo e seos dialetos (o Benguelez, o Loandez e outros). Desses “afronêgrismos” de procedencia angoleza, no Brasil, fazem parte, entre outros, os seguintes nomes mais frequentemente empregados na linguagem popular e que exemplificam o que vimos de affirmar, quanto ao enriquecimento do Vocabulário Brasileiro por tantos termos angolêzes e seos derivados e compostos no seio da nossa lingua:

Abaça; Abacúta; Abango; Abrassá; Abrazô; Abuta; Abuteira; Abútua; Áca; “Áça”; Acaça; Acassá; Acatuzado; Achancôlo; Achanti; Adique

[p. 133 – fl. 71A]

Afuá; Afundá; Agomé; Aiáia; Ainhúm; Áka; Alembamento; Alibamba; Alicóndo; Alorixá; Aluá, Aluánda; Aluázeiro; Amalucado; Amalungado; Amalucado; Amalungado; Ambáca; Ambauqêto; Ambaquista; Ambuéla; Ambuila; Ambrozô; Ambuáca; Ambundo; Ánda; Andaréngo; Andongo; Andú; Angãna; Angical; Angicão; Angico; Angicos; Angiqueiro; Angiqueto; Angiquinho; Angóla; Angolano; Angolão; Angólares; Angoleiro; Angolense; Angolinha; Angolista; Angôlo; Anhandánda; Anjico; Anjiquêto; Anta; Ántala; Antão; Antárta; Antarrôna; Antéla; Anteiro; Antinha; Antôna; Antúla; Apolôngo; Aquitambo; Assunga; Assungadeiro; Assungamento; Assungár; Baça; Baco; Baço; Bacolerê; Bafagem; Baféto; Bafúla; Bafúgem, Bafurú; Bailundo; Bajulação; Bajulador; Bajular; Bajulice; Balaiada; Balaião; Balaiár; Balainho; Baláio; Balangáda; Balangar; Balángo; Bámba; Bambá; Banãna; Bengala; Bango; Bango-Aquitamba; Bango-Balango; Banguê; Banguéla; Banguelão; Banguelár; Banguélo; Banguéludo; Banguezeiro; Banjista; Banjo; Bantú; Bantuídes; Bantús; Banza; Banzár; Banzé; Banzé-De-Cúia; Banzeiro; Banzo; Báque; Banqueár; Baqueiro; Baquinho; Baquistúm; Bosongo; Bassa; Bassongo; Bassuto; Batonga; Batunda; Batuque; Bembe; Venga; Bégala; Bengueláno; Benguelêz; Bihé; Bina; Binga; Bingueiro; Bogó; Bôma; Bóndo; Bónzo-de-Angóla; Bunda; Bandáca; Bundo; Bundúdo; Bundúm; Bunje; Burundanga; Buruzanga; Buzo; Cabango; Cabénda; Cabórge; Cabórteiro; Cabúla; Cabúlo; Cabulôso; Cabungo; Cabungueiro; Cabúta; Caçamba; Caçambar; Caçambeiro; Cacéco; Cachaça; Cachaceiro;

Cachaço; Cachimbão; Cachimbar; Cachimbo; Cacimba; Cacimbão; Cacimbeiro; Cacimbinha; Cacimba; Cacimbo; Cáco; Caconda; Caconde; Caçote; Cacuéco; Cacuço; Caçula; Caçulão; Caçulár; Caculé; Caçulé; Caçulêta; Caçubinha; Cacumbi; Cacumbis; Cacumbú; Cacumbita; Cacunda; Cacundeiro; Cacundinha; Cafanga; Cafîôto; Cafúte; Cakénda; Cal~Ama; Calamba; Calambáu; Calango; Calandro; Calimbá; Calombão; Calombár;

[p. 134 – fl. 71B]

Calombinho; Calombo; Calumba; Calumbo; Calundú; Calundúm; Calundúns; Calunga; Calungão; Calungár; Calungueiro; Calunguinha; Camafónge; Cambabe; Cambêta; Cambetear; Camocite; Camondongo; Camucite; Camumbémbbe; Camundongo; Candonga; Candongar; Cangerê; Candongueiro; Cangúlo; Carámanga; Caranga; Carangóla; Carcanjo; Carcunda; Cassanga; Cassanjada; Cassanje; Cassão; Cassóte; Cassótinho; Cassulo; Cassungo; Catanga; Cateretê; Catimbau; Catimbó; Catimbozeiro; Catumba; Catumbé; Catumbéla; Catumbi; Catumbis; Catunda; Catungo; Caxambú; Caxaréla; Caxaréu; Caxassa; Cazanga; Cazembe; Cazengo; Cazóngo; Cazóngue; Cazonguei; Cazuza; Chibemba; Chicana; Chicanga; Chicomba; Chininha; Coánza; Combé; Coróca; Corozô; Cuáma; Cuánza; Cubango; Cubáta; Cubatão; Canêne; Cuninga; Dálá; Dandá; Dandé; Dembo; Dendê; Dóndo; Dóngo; Duála; Dumba; Dumbá; Dumbázinho; Dunga; Emba; Empaca; Empacaceiro; Empacássa; Empéla; Empémbe; Encôge; Encôio; Fôba; Fôva; Fuá; Fubá; Fúmbo; Fúmo; Funda; Fundas; Funga; Fungagá; Fungár; Fúte; Futica; Futicar; Fuxicar; Fuxico; Gabão; Gabola; Gámbe; Gambá; Gambelar; Gambelo; Gánda; Gandáia; Gandó; Gandú; Ganduá; Ganga; Gangãna; Gangolina; Gembê; Geringónça; Gilingonça; Giló; Gilózeiro; Gimbo; Ginga; Gingança; Gingár; Ginguba; Golángo; Gólo; Golungo; Gombé; Grónge; Gualangue; Guéla; Guélo; Gueliz; Gueludo; Gulanga; Gunga; Gungunar; Hámbo; Hónge; Huambo; Hué; Huêi?!; Huilla; Humbe; Ibôndo; Ibondeiro; Icôlo; Igêla; Ilamba; Incrénca; Infuca; Ingôno; Intanha; Itéque; Ivángo; Jabá; Jáca; Jembê; Jiló; Jinga; Jongár; Jongo; Kabungo; Kakimbo; Kakónge; Kakúa; Kambé; Katanga; Katumba

[p. 135 – fl. 71C]

Katumbela; Katumbi; Katunda; Katungo; Kaxito; Kazongo; Kénga; Kéngo; Kételé; Kiba; Kibamba; Kibêbe; Quicongo; Kilombo; Kilonga; Kitungo; Kizongo; Kizumba; Kombê;

Kómo; Kondéngo; Koanza; Kóla; Kólanteiro; Kuanza; Kubango; Lamba; Lambada; Lambança; Lambão; Lambár; Lêba; Lémba; Lembamento; Liám̃ba; Libambo; Libáta; Libôlo; Libombo; Libóñgo; Liconde; Licóñdo; Lifúro; Loánda; Loandez; Loáng̃o; Lokóng̃o; Luála; Lucálla; Lucám̃ba; Lúla; Lulanga; Lusám̃bo; Luzillo; Macaca; Macacáda; Macacár; Macaco; Macacôa; Macamba; Maçangãno; Macaquear; Macôco; Macóta; Macótáço; Macuca; Macucár; Mafuá; Makôco; Malanga; Malanje; maluca; maluco; malungo; maluqueira; maluquice; mambembe; mani; manyanga; meléca; melequento; melequinha; milongo; milongos; milongueiro; miróñga; mobáia; Mólua; Mongôlo; Massãmedes; Mubéla; Muganga; Mogango; Mugangueiro; Muginga; Mulambento; Mulambo; Mulemba; Mumbéca; Munguzá; Mussambo; Mussangãno; Musséngua; Mussubi; Mussumba; Mutinga; Muxiba; Muxila; Muxima; Muxinga; Nagô; Nagôa; Nimbú; Nyanza; Nyássa; Obá; Obatalá; Obiá; Ocóñga; Ogê; Ogó; Okonga; Orango; Orangotango; Oriza; Osô; Ovambo; Ozêna; Páco; Pacóte; Pám̃ba; Pango; Patuá; Pémba; Pinda; Pombé; Pombear; Pombeiro; Pongó; Púnga; Púngo; Pungo-Andóng̃o; Pungueiro; Punguinha; Punguista; Queléngue; Quenga; Quengo; Quetelá; Quiabeiro; Quiabo; Quiba; Quibánda; Quibango; Quibém̃be; Quibêbe; Quilombo; Quibungo; Quicolé; Quicua; Quigila; Quiglíu; Quilénde; Quiléngo; Quiléngue; Quilombeiro; Quilombinho; Quilombo; Quilombóla; Quilombolas; Quilomborá; Quilombos; Quimbembe; Quimbómb̃o; Quindim; Quindins; Quinduba; Quinfandóng̃o; Quingombô; Quinquingú; Quisilia; Quissãma; Quissamã̃n; Quissássa; Quitanda; Quitandeira; Quitandé; Quitandinha; Quitite; Quitunde; Quitungo; Quitute; Quituteira; Quitutes; Quixima

[p. 136 – fl. 71D]

Quizám̃be; Quizilia; Quizóng̃o; Rambém̃be; Reçedengo; Réco-Réco; Resinga; Resmungo; Rezinga; Riamba; Ritamina; Rizám̃ba; Rôla; Rulengo; Samba; Sambar; Sambeiro; Sambinha; Sambo; Sanga; Santé; Sanzála; Sekúlo; Senga; Sengár; Sizóca; Sóba; Sóbato; Songamóng̃o; Songamôno; Sóng̃o; Sóva; Sovár; Sóvato; Sovêta; Sobina; Sóvinha; Sovínice; Sumbé; Sumbéambéla; Sumbo; Sunga; Sungat; Sunguéñha; Táca; Tacúla; Tamba; Tambeiro; Tambo; Tanga; Tango; Tanglo-Mánglotangueár; Tangueiro; Tanguinho; Tiám̃ba; Tunga; Tungar; Ubango; Uganda; Urucungo; Urufú; Valóng̃o; Vatapá; Xambá; Xangô; Ximbixár; Ximbúte; Xinga; Xingaço; Xingamento; Xingár; Xingueiro; Zabumba; Zabumbár; Zagáia; Zalóque; Zamba; Zambéque; Zambêta; Zambi;

Zénga; Zérê; Zinho; Zulé; Zumalá; Zumba; Zumba-Catátumba; Zumba-Catumba; Zumbi; Zumbo; Zún-Zún; Zundú; Zundúm; Zungú; etc.

ANGÓLINHA – brasileirismo, diminutivo aportuguezado do afronêgrismo Angóla e que designa uma variedade do chamado “capim-de-Angóla”, espécie de capim fino cultivado como forragem para bezerros. Do nome africano Angóla tirou a linguagem brasileira outros derivados: angoláno, angolense, angolête, angolão, angolêiro, angolinha, angolista. O nome Angolalinha é popularmente dado á chamada “gallinha-d’Angóla” (ainda conhecida entre caipiras e roceiros pelo nome onomopáico de “Tôfraque”) e também ao mesmo passarinho. No município mineiro de Carmo do Rio Claro e mar de Hespanha, ha uns lugarêjos denominados angolinha, appellidado “angolista” em Minas Geraes.

ANGOLISTA – Brasileirismo, derivado da vóz afronêgra Angóla e que designa um apreciado passarinho, muito cantador, que existe em nossa avifauna indigena. No município mineiro de Manhuassú, existe um sitio conhecido por Angolista.

[p. 137 – fl. 72]

ANGÓMBE – Nome quimbundo de uma ave sylvestre da avifáuna africana, em Angóla, e esse mesmo ter um afronêgro é o nome de um vegetal africano, que na flora do Brasil, ficou conhecido por Capangómbé. Na Africa Occidental ha, como vimos, um passaro ou ave Angómbé. Com a mesma desinência africana, existe um nome de vegetal “Maria-Gómbé” ou Mariágombê, em nosso paiz.

ANGÔXA – Nome cafreál de uma ilha, também chamada da “Caldeira”, na Cósta de Moçambique, e é a principal de um grupo de ilhéos do canal fronteiro á terra firma, entre o porto de Quelimáne e a ponta da Bajóna (Africa Oriental). Ha uma variante do nome, que é Angóxe, conforme preferem escrever alguns autores.

ANGÔXE – Nome cafreál, em Moçambique; e para o Presidio de Pedras de Angoxe foi degredado, em 1792, o Inconfidente Coronel Freire de Andrade.

ANGÚ – Tanto no idiôma quimbundo dos naturaes de Angóla, em Africa, quanto na lingua indigena dos Tupis brasilicos (segundo o Padre Tastevim), encontra-se o termo angú, dado á massa cosida do milho ou arrôz moidos, em agua fervente, formando um bôlo ou pasta em ponto consistente, como a polenta dos Italianos. Mas, foram os nêgros angolêzes que trouxeram para o Brasil o uso do fubá de milho (o milho pulverisado no

“pilão”, no moinho, ou no munjóló) para o preparo ou ingrediente principal do angú. Este prato acompanha sempre outras iguarias, feijão, legumes, frango, gallinha ou carne ensôpadas. O chinchim de gallinha, o caldo de feijão e legumes, frango de mólho pardo, o guisado de carne com quiabos, o quibêbe de abóbora, etc., comem-se habitualmente com angú, no Brasil. É um brasileirismo considerado de origem africana e que designa a massa de fubá de milho, cosinhada em agua fervente, e diferente do pirão indigena, que é geralmente feito com farinha de mandióca ou de milho, nunca, porém, com fubá, pois com este sempre se faz especialmente angú.

Por todo territorio brasileiro serve angú de nome local para córregos, fazendas, logares, povoações, morros, serras e sitios; e, em 1924 e 1928 (cits. tomos XX e XXV da Revista do Archivo Publico Mineiro), ao estudarmos varios toponymos de origem indigena e africana, entre nós, assim escreviamos a proposito desta

[p. 138 – fl. 73]

palavra africana ANGÚ: – “Nome de um rio e logar (“Angú”), no municipio de além Paraíba; de um lugar no municipio de Piranga (distrito de Guaraciaba); de uma cachoeira do “Angú-Sêcco”, no rio São-João (municipio de Itaúna); de logares denominados “Angú-Cru” (nos municipios de Conceição (Rio do Peixe), de Itaúna e Pedra Branca); de um “Bairro-do-Angú”, a 3 kilometros da cidade do Piranga; de um sitio do “Côme-Angú”, no municipio de Manhuassú; de mais dous pequeninos povoados mineiros, com o nome de “Angú-Duro”, nos municipios de Diamantina (districto de São João da Chapada) e de Santa Luzia do Rio das Velhas.

O professor Carlos COPSEY, no seo “Breve Tratado de Geographia Geral e do Imperio do Brasil, especialmente da Provincia de Minas Gerais” (anno de 1877), dando em Appendice o vocabulario de 54 palavras indigenas á pag. 185, e aliás por elle muito mal interpretadas, diz apenas – e repetindo o sabio dr. CARL MARTIUS – que Angú é “nome angolense”. Realmente, concordam muitos outros Autores em dizer que o vocabulo passou á nossa lingua trazido pelos escravos vindos de Angóla (na Costa occidental africana) para o Brasil, desde a primeira metade do sec. XVI. O naturalista paraguayoso BERTONI, porém, no seo interessante “Vocabulario Guarani”, publicado nos Annaes do Congresso Scientifico Latino-Americano, do Rio de Janeiro, diz que “angú é o manjar de los indios hacen maiz” (milho); e com essa opinião concorda Padre Constantino Tastevin,

dando o nome angú como também occorrente no Tupi (Vocabulário publicado no tomo XVI da Revista do Museu Paulista).

Preferimos aceitar como angolense o nome angú, e ainda temos outros vocabulos africanos de iguarias, comidas, acepipes, introduzidos na culinaria brasileira, e de que a região mineira (onde a escravatura africana foi grande, no valle diamantino do Jequitinhonha, nas zonas de mineração aurífera do Serro, Ouro Preto, Mariana, Sabará, Pitangui, São João d'El Rei, Paracatú, Campanha), guarda vida tradição. Para exemplo, já demos anteriormente (vide toponym ANGÓLA), muitos desses termos, de corrente emprego da linguagem do nosso povo. (abará, aberém, abú, acassá, ádo, ambrozô, angurô, bobó, carajé, cuscús, efó, latipá, mungunzá, quibêbe, vatapá, zozô, etc.)

Nos costumes bahianos ficou mais viva do que em Minas a tradição culinária deixada pelos filhos da Africa, pois na Bahia são mais usados muitos dos pratos iguarias que acima apontamos.

– Ignoram muitos escriptores superficiaes das cidades, e que desconhecem os costumes provincianos e regionais, a importância do angú, na alimentação da nossa gente.

– Em Minas, o angú feito com “fubá de milho” é alimento indispensável

[p. 139 – fl. 74]

nas refeições do povo. Há o “angú-coSido, ou “angú-frito“, “angú-encóscorado” ou “angú-de-leite“, o “angú-temperado“ ou “angú-de-quitadeira“, estes ultimos levando condimentos ou especiarias. Mas, o “angú-de-mesa” é, simplesmente, conforme a celebre receita anedoctica, aquella “massa viscosa e compacta de agua fervendo de fubá de milho”. O “fubá de milho” é grosso ou fino, branco ou amarello; e ha o “fubá-mimoso“, o “fubá-de-canjica” e outras qualidades de fubá para angú, alimento este mais usado no Espirito Santo para o Sul e quasi desconhecido no Norte do Brasil.

Á massa quente de farinha de mandioca misturada com agua e sal, dão os Mineiros o nome especial de “pirão” (para acompanhar a comida do peixe ensopado afogado); e ao simples “pirão” de farinha-de-mandióca, que traz por cima óvos estalados sobre a propria massa quente, dão o nome particular de “escaldado”. O nome “angú” é reservado tão sómente para a massa quente do fubá feito de milho e nunca de farinha ou polvilho de mandioca; e esse “angú” de “fubá-de-milho” é para gente roceira do interior de Minas, o que a “polenta” é para o camponez italiano. Os nêgros africanos nos ensinaram a comer

essa massa do angú sempre servida quente e acompanhando guisados de carne ou de legumes, comidos conjuntamente com o angú.

O nosso “mingáo” ou “mingáu-de-fubá” é a mesma massa do angú, menos consistente, mais rala diluída em que se serve de colher para comê-las, temperando-se o mingáu com sal e gordura, ou com assucar, leite, etc. O “mingáo” mineiro, feito com folhas de couves verdes e pedaços de carne de porco salgada, é o popular prato “mané-sem-jaleco” dos nossos caipiras.

– Já no Nordeste Brasileiro, usam comer o “angú-de-quitadeira” (muito condimentado de especiarias); o “bolão-de-angú” (para servir com o peixe); o “angú-de-fubá de arroz”, que é o a acassá para se comer com o apimentadíssimo vatapá – uma das iguarias ou “ogês” da culinária africana, que aqui mas nacionalizou (principalmente na Bahia). Usam os Nortistas, mas pouco, do “angú-de-milho”, que comem, às vezes, com o munguzá; e do celebre “angú-bahiano”, misturado com peixe e que gostam de comer com o guisado de “carurú” e “quiabos”, tudo temperado a pimenta, azeite de dendê e quitôco. Da Bahia a Pernambuco são pratos muito apreciados os dessas comidas assim condimentadas.

– Ao nosso mineiríssimo “angú-de-fubá”, que não faz uma pasta

[p. 140 – fl. 75]

lisa, homogênea, e fica cheia de grânulos, se dá o nome vulgar de “angú-de-carço”, e é sinal de mau preparo culinário. Figuradamente, na linguagem do nosso povo, às arengas dos oradores difíceis e que tartamudeiam o seu discurso “encarçado”, bem como aos negócios intrincados e que facilmente se não resolvem, dá-se o nome genérico de “angú-de-carço”.

Anguite, anguzada, anguzeira, anguzeiro, anha, angusô, são termos derivados desse vocabulo angú. Em ROHAN (cit. Vocabulário, pag. 6); em PEREIRA DA COSTA (in-Rev. do Inst. Archeol. Pernambucano, vol. XVIII, pag. 199); em TESCHAUER (cits. “Apostillas”, pag. 13), ha curiosas referencias a este nome angolense.

Em nosso anterior estudo publicado (em 1935) sobre nomes africanos localizados em territorio brasileiro, assim ainda escreveriamos sobre este vocabulo.

ANGÚ: com este nome afronêgro que nos veio do quimbundo (mas que alguns americanistas admitem como indígena, tanto que o Padre TASTEVIN o considera também derivado do idioma Tupi), se compuzeram variadas expressões brasileiras, pelas quaes se conhecem as iguarias ou pratos preparados com o angú da massa cosida de fubá-de-milho; e assim correntemente se diz: anguáda, angú-com-caruru, angú-com-caldo-de-feijão, angú-com-quiabos, angú-comquibêbe-de-abóbora, angú-com-quigombô, angú-com-xuxú, angú-cru, angú-deAngóla, angú-de-carçoço, angú-de-fubá, angú-de-milho, angú-de-mandioca, angú-de-“nêgra-Mina”, angú-de-quitandeira, angú-duro, angú-encaroçado, angú-frio, angú-frito, anguite, angú-molle, angú-quente, angú-sêcco, angú-torrado, anguzáda, anguzô, etc. Afóra muitas expressões e ditos populares, em que entra essa palavra angú.

Não foi só o Angú que nos deixou a culinaria afronêgra, pois que muitos acepipes, bôlos, comidas, doces, iguarias, mólhos, pratos e quitutes ficaram nos costumes brasileiros e aqui introduzidos pelas cosinheiras, doceiras e quitandeiras africanas, conforme a seguinte relação de nomes que organisámos para este Glossario: abará ou abarém, aberém, abú (abú-de-banãna-da-terra); acaçá ou acassá, acaçá-de-garapa, acaçá-de-leite-de-côco, acarajé, afurá ou afurrá, ambroxô, angú e anguzô, arrôz-de-Aussá e arroz-de-cuxá, bobó, capetão-de-feijão, caruru-bahiano, ecô, efó, furrundúm; bôlos e brôas de fubá-cangica, de farinha diversas, de arroz, de mandiôca, de milho; côcadas e doces diversos, como afinins, marôlada, ginguba, babá, crême de leite de côco, quindins-de-sinhá; guisados e quitutes variadissimos (em que entram legumes e vegetaes, como a abóbora, o caruru, o giló, o inhâme, o maxixe, o latipá de mostardas, a labassa, a muganga, o quiabo, o quigombô, o xuxú, etc); tempêros de alho da Guiné, pimenta de cheiro, pimenta malagueta, axim ou pimenta da Costa, raiz de quitôco, sementes de ataré; cangica com amendoim e leite de côco (o delicioso munguzá ou mungunzá); moquecas de peixe, quibêbes de abóbora, esparregados de quiabos; quimãma, angú-de-quitandeira; quénga (galinha com quiabos e angú), tutú de feijão; vatapá de peixe ou de gallinha, zorô de camarões com quiabos, xinxim de gallinha, etc.

[p. 141 – fl. 76]

ANGUITE – (pronunciar “angúhite”) – espécie de massa de angú usada no Norte do Brasil.

ANGÚLA – Nome de origem angóleza, sendo interessante consignar a ocorrência de um estranho nome local (será indígena ou africano?) em território alagôano – Quebrangúlo, mas cuja verdadeira prosódia na boca dos negros, era Quebrangúlo. Acresce notar que, no referido Estado de Alagoas, existe um lugar denominado angúla, cuja origem afronêgra ninguém contesta.

ANGÚLO – Nome cafreál em Moçambique, onde ha uma tribo dos Angúros ou Angurús, prêtos misturados com Cafres-africanos. Pela prosódia este paroxytono africano Angúlo fica diferenciado do nome vernaculo “ângulo” (que é proparoxytóno e veio do grêgo para a lingua portugueza). No Estado brasileiro de Alagoas, ha um toponymo Quebrangúlo, de evidente origem africana, embora muitos compendios de geographia fragam a confusa pronuncia de “Quebrángulo”. No idioma quimbundo tambem existe a mesma voz, derivada de ngúlu, designando “o pôrco” (suíno), entre os nativos de Angóla. Tambem se escreve Hangúlo.

ANGÚRO – Nome cafreál, entre o gentio nêgro, de Moçambique, onde ha uma tribu dos Angúros ou Angúrus, pretos misturados com Cafres de Africa Oriental.

ANGÚRREADO – Brasileirismo regional gaúcho, mas que alguns autores julgam possivelmente derivado da voz afronêgra angú; e significa o mesmo que aborrecido, contrariado, tristonho (outros Autores preferem vêr no nome uma corruptéla do vernaculo “angustiado”, cheio de angústia, o que nos parece mais acertado).

[p. 142 – fl. 77]

ANGÚRRIENTO – Termo brasileiro que, entre os gaúchos, designa o esfômeado, o faminto, o “arado”-de-fôme. Ha tambem o termo angurreado; e, enquanto deste ultimo é contestada origem afronêgra, já do vocabulo angurriento se pode affirmar que tem sua raiz no afronêgrismo angú.

ANGURÚS – Tribo de negros cafreaes ainda quasi selvagens, na província de Moçambique (Africa Oriental Portugueza).

ANGUZÁL – Nome derivado do afronêgrismo angú e que serve de denominação local, na fazenda do Cubas (abas da Serra do Cipó, em Minas).

ANGUZÊIRO – Brasileirismo derivado do termo afronêgro angú significando individuo que come habitualmente ou gosta do angú que nos vendo idioma quimbundo.

ANGUZÔ – Brasileirismo de origem afronêgra e que designa uma iguaria usada pelos bahianos e nortistas (especie de guisado ou esparregado de legumes com angú). Em nome afronêgro-brasileiro designa, na culinaria nortista, apreciada iguaria, espécie de “caruru-bahiano” ou esparregado de hervas para se comer com o proprio “bolão-de-angu”. Parece que o nome anguzô foi uma aglutinação prosodica do termo angolano angú e da voz guineana djô, alterada em zô, indicando semelhança ou parecença; donde anguzô, a comida parecia com angú.

ANHANDÁANDA – Nome indigena dado a um rio de Angóla, no territorio de Benguella.

ANHÁNHA – africanismo usado no Brasil, com a significação de acanhádo, tímido, “esquerdo”, enfiádo, desapontado.

ANHÁRA – Termo geographico usado em Angóla pelos nativos, para designar uma especie de “clareira de matto”.

ANHÁRAS – O plural aportuguesado o termo angolêz Anhára, designando as fálhas ou espaços abertos nos bósques rálos (clareiras do matto pouco fechado).

ANHÁRICO – (Vide Anhárico) língua fallada no Império africano da Abysínia, antiga Ethiópia Oriental.

[p. 143 – fl. 78]

ANILÊMA – Termo afronêgro, designando uma planta da flora de Angóla e da familia botanica das Commelináceas.

ANIMÉ – Termo indigena, não só afronêgro como amerindio; e cá na América designa uma resina (a “gomma-copal” das Antilhas e México).

ANIPÚM – Nome supposto de origem afronêgra e que ocorre como denominação local em território sergipano.

ANIÚTO (ou Anyúto) – Nome derivado da lingua dos nêgros Gêges e por estes dado a um Vodú de seos mythos ou culto fetichista.

ANIZE – Nome arábico-cafreál, dado pelos nativos á maior das 31 uma ilhas que formam o archipélago das Querimbas, perto do Cabo-Delgado, na Córta de Moçambique (Africa Oriental Portuguêza), conforme diz Souza Monteiro, pag. 119 de sua obra já citada.

ANJÁNGO – Nome congüêz de uma arvore da flora equatorial africana. Tambem ANJANGO é nome quimbundo de outra árvore da flora angolêse.

ANJÉLA – Nome vindo do Sul da Asia para costa oriental africana do Oceano Indico, designando uma embarcação, especie de balsa ou jangáda, na costa Moçambiquense.

ANJELIM (ou Angelim) – Nome que os negros africanos, para cá vindos da Costa de Moçambique, deram a uma arvore em madeira da nossa flora brasileira; e para muitos autores o nome é originario e derivado do idioma Tamul (uma lingua dravidica, da India Asiatica), tendo os Baneánes o introduzido na Africa Oriental. Vide o nome Angelim.

ANJICA – Nome de origem afronêgra e que foi dado a logarejos dos sertões do Ceará de Pernambuco, Norte do Brasil.

ANJICÁL – Nome afro-brasileiro dado a logares e sitios existentes no Alto-Parnahyba do Piahy e nos Estados da Bahia, Minas Geraes e Pernambuco.

ANJICOS – (ou Angicos) – Nêgros originarios de Moçambique e que o trafico trouxe ao Brasil, convindo não notar que os denominados escravos Anjicos (ou Angicos) são os mesmos nêgros Anjiquêtos, tambem chamados Anzicos, nativos da Africa. No Brasil, serve de nome local e é o plural aportuguezado da palavra Anjico. A actual Cidade Norte-mineira de São Francisco era o “Pôrto da Pedra dos Anjicos”, outrora. O nome local Anjicos é muito generalizado, no interior do territorio brasileiro (em Alagôas, Bahia, Ceará, Goyaz, Minas, Parahyba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, etc). No mesmo uma cidade e municipio de “Jardim de Anjicos”, no Nordêste Brasileiro; e Anjição, Anjico-Bonito, Anjico-Branco, Anjico-Bravo, Anjico-Tôrto são denominações locaes occurrentes, em varios estados, desde o Brasil Central ao extremo Norte do pais.

[p. 144 – fl. 79]

ANJQUINHO – Tem o nome de “Quêda do Anjiquinho” a maior de todas as quedas formadas pelo caudaloso rio São Francisco, na famosa “Cachoeira de Paulo-Afonso“, situada entre os territorios alagoano bahiano, nas visinhanças de Pernambuco e Sergype. Com quasi 100 metros de altura, a Quêda-do-Anjiquinho recebe todo volume d’aguas do rio, numa garganta de cerca de trinta metros de largura, despejadas com fragôr por oito saltos ou quêdas distinctas, que precedem a do Anjiquinho, calculando-se em dous milhões de cavallos o potencial de toda a “cachoeira de Paulo-Afonso”. Na Parahyba

do Norte, ha um logar – Anjiquinho (município de Alagôas do Monteiro) e no Ceará, Anjiquinho de Granja.

ANJIRE – Nome de um Cervideo da fauna angolense, sendo Anjire um animal ruminante e selvagem das florestas do interior da Provincia de Angóla. Tambem se escreve Angire.

ANJUAN – Ilha com esse nome Malgaxe nas costas de Madagáscar.

ANJUBA – Nome local africano, de origem arábico-cafreál, na Costa do Oceano Indico, ás margens do rio Juba, em terras de Cáfres, na Provincia de Moçambique.

ANJUNA – Nome de origem inDostânica, que os Mouros Baneânes introduziram em terras [ilegível] costas africanas do indico, ficando incorporado [ilegível], cafreál, em território Moçambique.¹⁶⁴

ANÓQUE – Brasileirismo (que alguns autores reputam de origem afronêgra), designando entre nós um côxo e tambem espécie de cuba em forma quadrada, ou mesmo um aparelho feito de couro crú, para dentro d'elle se fabricar a “decoada” de cortume de outros couros e pélles de animaes; e existe tambem o chamado anóque-de-banguê, para fabricação do salitre (producto que se obtém, decantando pelo processo da “decoada” as terras calcáreas salitrosas, tão communs e abundantes, por exemplo, nos sertões do valle do nosso Alto-São Francisco).

ANORÍ – Nome indigena, quer na africa, quer na região Amazônica brasileira, havendo nas margens do nosso rio Carajás um logar chamada Amori.

ANQUÉZE – Nome de origem cafreál e dado pelo gentio nêgro da Africa Oriental Portugueza a um território no districto de Quilimãne, em Moçambique; e outrora Anquéze era um “prazo” da Corôa de Portugal, governado por um régulo nativo, ao qual estavam sujeitos os incúmbes ou “terras dependentes” de Dométa e Marrogão (segundo Souza Monteiro, pag. 121 do seo cit. “Diccionario Geographico Ultramarino”).

ÁNTA – Nome considerado afronêgro dado ao nosso Tapir indigena (o Tapirus americanus dos naturalistas), que é o maior e mais possante animal selvagem da fauna do Brasil, como mamífero pertencente aos Ungulados. O brasileirismo anta, como termo gaúcho, é qualificativo de pessoa esperta interessêira, que tudo procura tirar vantagens.

¹⁶⁴ Há um papel colado em cima do verbete impossibilitando a leitura de algumas partes. O papel diz: “Ankóva da Abyssinia. Ankônes-abexim”.

Passando por ter origem afronêgra o nome dado pelos colonos portugueses, no Brasil, almoço Tapir indigena, cabe aqui accentuar que ha outros nome afronêgros – Ántala, Antalaquixute, Antána – que recordam com o mesmo thema – ánta, o qual, aliás também se encontra no vernáculo, mas designando cousa differente (em Portugal, “antas” são monumentos megalithicos). No Brasil, o nome chegou a se combinar com suffixos indigenas (Antassú e Anta-mirim), tendo dado varios nomes e até expressões derivadas do termo designativo do nosso Tapirideo: antinha, antár, antarrôna, antassú, antôna, “cão-anteiro” (caçador de antas), etc. Si esse nome dado ao nosso tapir americano veio mesmo do continente nêgro, não se pode deixar de admittir que ele guarda certa afinidade etymológica com o nome afronêgro antílope, pelo qual é conhecido outro animal da fauna africana, além das outras palavras afronêgras já citadas e em cuja composição é visível o thema “anta”.

– Em nossos anteriores estudo, sobre toponymos brasileiros (publicações feitas na Revista do Archivo Público Mineiro, na revista carióca Brasiliana, na “Revista de Língua Portuguesa” e na “Revista de Philologia e de Historia”, ambas do Rio de Janeiro), tivemos ensejo de escrever o seguinte sobre a frecuencia da vóz áfrico-ibérica anta como denominação local, em territorio brasileiro:

[p. 145 – fl. 80]

Anta é o nome de uma estação da estrada de Ferro Central do Brasil, no municipio de Além Parahyba; e ainda com esse nome se formaram outros toponymos compostos, em Minas: uma povoação no municipio do Pará (Cóva d’Anta); um ribeirão no municipio de Jequitinhonha (Anta-Pôdre); um arraial e distrito na comarca de Dôres do Indaiá (Corrego-d’Antas); um rio e serra no municipio de Viçosa, onde ha dous distritos e arraiais da Pedra do Anta e São Miguel do Anta. Desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul, o nome anta é muito generalizado em todo territorio brasileiro. Este toponymo é derivado, para certos autores, de um termo ibérico; para outros, provém de um nome africano; e foi dado em nosso paiz ao maior dos pachydermes Ungulados, da fauna brasileira, a anta (classificada pelos naturalistas Tapirus americanus).

Mas, segundo pensam alguns autores, é tal nome derivado do tupi ântã – “forte, duro, rijo”, por allusão ao couro espesso e resistente deste pachyderme indigena, que vive nos banhados e á beira dos grandes rios, sendo um animal amphibio e herbivoro. No seo couro não penetra chumbo, sendo caçado e môrto a balasio grosso. A chamada “Anta-

mirim” ou Anta-pequena, que é o tapir-xuré dos nossos caçadores, é menos estimada que o tapirassú (Anta-grande).

Sustenta BEAUREPAIRE-ROHAN que eu nome “anta” nos veio trazido pelos lusos, como adeante diremos, explanando essa controvérsia das origens etymologicas do vocábulo.

– Até na flora medicinal indigena está admittido o nome abasileirado de anta para o nosso tapir: assim uma variedade de Tayuyá é denominada “Abóbora d’anta”; e o celebre Para-tudo é conhecido por “Casca d’anta” (Drynis granatensis, de MARTUS), planta da familia das Winteraceas. – O nosso magestoso rio São Francisco tem suas primeiras nascentes na chamada Cachoeira da “Casca d’anta”, no formoso planalto de Piumhy (no Oeste Mineiro); e a uma ramificação da cordilheira do Espinhaço (entre os municipios de São João Baptista e Diamantina, Norte de Minas), foi dado o nome de serras da “Tromba d’Anta”.

– A parte mais apreciada da carne da anta é a que se chama pacuéra ou paquéra; e vem a ser a “fressura” que se prepara moqueáda, logo depois de ser abatido espostejado o animal pelos caçadores sertanejos.

– Na medicina popular, tem grande vóga entre nós a gordura ou banha do chamado “cacho d’anta” (que se extráe do pescoço ou “cacháço” desse gordo pachyderme e tem larga applicação para cura as dôres rheumaticas e de algumas outras enfermidades).

[p. 146 – fl. 81]

Voltando á etimologia do vocábulo, lembraremos que o referido Visconde de Beaurepaire-ROHAN (cit. Dicc. de Voc. Brasileiros, pag. 7) diz que o nome anta é europeu e que lá na península Ibérica foi dado a um grande ruminante da espécie Cervus, sendo desacertadamente dado aqui na Sul-América pelos Portuguezes e Hespanhóes ao nosso tapir, o maior dos quadrupedes da fauna Sul-americana. Em Portugal, já existia o nome Antas, designando até certos monumentos megalithicos, e servindo de appellido de familia, cujos descendentes passaram ao Brasil (Vide genealogia dos Moraes – ANTAS na Capitania de São Paulo por Pedro Jaques e mais recentemente por SILVA LEME).

– HENRIQUE SILVA: (“A Caça no Brasil Central”, ed. Garnier, Rio, pag. 115) acha que o nome “anta” não passa de uma corruptela do vocabulo africano, que servia para designar uma especie de animal que fornecia excellente pelle e deste producto é

synonimo nos léxicos portuguezes. Divide elle os nossos Tapirideos em: tapira – caapóra (o tapir ou grande “anta do matto”, que rompe, como estrepito, os mais emmaranhados “bamburraes”); e o tapir-uborim ou anta commum dos caçadores menor que a primeira referida.

– Havia no Brasil uma tribu tapuya dos Tapiranás, na região do rio Tocantins, á qual pertencia o povo “Antas”, conforme se póde vêr da Nomenclatura Alphabetica, que acompanha o nosso livro os Indios do Brasil. 2a. ed. de 1908.

– A “anta-sapateira” dos caçadores é a mesma tapira-caapóra dos selvagens, já classificada de Tapirus americanus; é a espécie maior a mais commum do nosso paiz; a anta-uboorim, tambem conhecida por anta-xuré, no Brasil Central, e por anta-batuvira ou anta-pororóca, noutros pontos do Brasil, é de menor póрте e corpo; mas são todas ellas dotadas de grande força (diz COUTO DE MAGALHÃES). É uma caça de carne saborosa; e, apanhada de pequena, a “anta” é perfeitamente domesticavel. Os proprios Indios sabiam domesticar o TAPIR de nossas selvas. Nas margens do Rio Grande (municipio de Fructal), são communs as grandes “caçadas de antas”, bem como em alguns tributarios de São Francisco, Rio-Doce e Parahyba.

– Em Portugal (informa-nos THEODORO SAMPAIO), denomina-se anta o monumento megalithico constituido por uma casa de pedra primitiva

[p. 147 – fl. 82]

dos tempos celticos. Seria a nossa itaóca tupi. O quadrupede “anta” é conhecido por Boverý entre certos povos tapuias (como os Caingangues) do Sul do Brasil). Mas tambem na Africa ha várias denominações angolêzas, taes como Antaka, Antala, Antala quituxe, antulla, etc.

No Vale do Jequitinhonha, o gentio matava tal quantidade dessa caça que a carne d’anta apodrecia; e dahi o sitio e rio chamados de Itapiracêma (nome indigena que ficou traduzido em ribeirão da “Anta-Podre”, tributario daquelle rio do Norte de Minas). Aceitemos, pois, o nome Anta em nosso territorio e na linguagem brasileira, tal como elle se nos apresenta.

ANTALAQUITUXE – Nome afronêgro, de origem angolêza, pelo qual era conhecido um dos chefes nêgros dos quilombos de Palmares; era irmão do Zambi ou supremo chefe daqueles quilombólas, no Brasil colonial (fins do sec. 17º). Outros

designativos de origem africana, e certamente filiados ao thema, são estes: Antaka, Antala (proparoxytono), Antámba, Antéla, Antílope, Antú, Antulla, etc.

ANTÁBA – Nome malgáche, designando um felino selvagem, também conhecido por “leopardo de Madagascar”.

ANTAS – Nome local mineiro de um rio, na comarca de Duro-Fino, onde a sede do município de Campo-Mystico já chamou Arraial-das-Antas; e com essa mesma denominação ha um povoado no município de Itajubá (é um “bairro” rural, no districto de Pirangussú). É o plural aportuguezado do topónimo “Anta”, levando a terminação s, em nossa lingua. Em tupi, teriamo o¹⁶⁵

ANTASSÚ – Nome de um sitio de Minas, no Valle do Parahyba. É composto de “anta” e no augmentativo tupi assú, dando o hybridismo anta-assú ou “anta-grande”. ROHAN afirma (op. cit. pag. 7) que anta é o nome euripeo de um grande ruminante (Cervus-alee), e dado bem desacertadamente pelos conquistadores hispano-lusos ao nosso tapir, que é pachyderme indigena do Brasil e da Sul-America (tapirus americanus), incluindo na familia dos Tapirideos por GEOFFROY DE ST. HILAIRE. Entretanto, como o couro d’anta é durissimo e muito resistente, querem alguns autores derivar – como fizemos notar – o nome desse animal da fauna brasileira de um vocabulo tupi: Antân ou antã, “Forte, duro, rijo” (embora seja mais empregado como suffixo, reforçando as palavras). A maioria, porém, dos nossos africanólogos admite a origem afro-nêgra do nome Anta, dado ao tapir indigena pelos prêtos.

ANTEIRO – Esse brasileirismo – anteiro – derivado de Anta, é qualificativo applicado não só ao caçador como ao cão especializado na caça e perseguição das antas, em todo o Brasil Central (Minas, Goyaz e Matto Grosso).¹⁶⁶

ANTÊLA – Nome que os nativos da Africa Equatorial dão a um pequeno pachyderme proboscideo e parecido com a anta-nanica (ou com a nossa chamada anta-xuré). O proprio nome anta é por alguns africanólogos derivado do nome árabe lamt.

¹⁶⁵ Não foi possível transcrever o verbete *antas* até o fim porque há um papel colado com o verbete *antassú* (que é apresentado a seguir). No topo do papel colado está escrito “82 ‘Entre ANTAS e ANTÊIRO””

¹⁶⁶ Observa-se que a cabeça do verbete, além de estar sublinhada em cor rosa, está colorida de azul. Está é, até então, a primeira vez que o autor usa esse recurso.

ANTIGO-EXÚ – Expressão nordestina e nome local em Pernambuco, sendo Exú não só um afronêgrismo, designando o diábo ou entidade maligna, como ainda um nome indígena pelos Tupis a certa casta de abelha sylvestre.

ANTÍLOPE – Nome dado ao bello e veloz ruminante africano, um Cervideo da fauna da Africa Central, desde Angóla até Moçambique. O “Diccionario” de Candido de Figueiredo, embora drebitativamente, apontaram absurda etymologia grega Anthelops para essa voz afronêgra.

ANTINHA – Nome de um logarêjo ou córrego, no districto de Dôres de Santa Juliana (municipio mineiro do Araxá). Este toponymo o diminutivo aportuguesado do nome Anta, com a terminação vernácula inha, tendo havido elisão da letra média a, por preceder a vogal inicial do suffixo (anta + inha). Antinha significa “anta pequena” ou o filhote, a cria do (mimbaba) do tapir ou Anta. A muitos ribeirões e córregos se dão, em Minas, e por todo o Brasil Central, os nomes Ansta e Antinha, cabendo a última denominação ao curso fluvial menos encôrpado de aguas, o que tem menor volume ou corrente. Varias localidades brasileiras adoptaram tal nome: a citada Antinha do Araxá, Antinha de Baixo e Antinha de Cima, Antinha de Bocayuva (no Paraná), Antinha de Dôres do Parahybuna, Antinha de Ouro Frio (Estado do Paraná), Antinha de Santo Antônio da Alegria (em São Paulo), Antinha de São José Pinhaes (Paraná), Atinha de São Thomaz de Aquino (Sul de Minas). Tambem no plural Antinhas, como nome local, nos municipios de Bananal e Barra-Mansa, além da denominação “Antinhas-de-Loánda” (no Estado de São Paulo).

ANTÔNA – Brasileirismo derivado do nome africano ánta e pelo qual designamos, vulgarmente, o nosso grande Tapirideo (um exemplar de Anta corpulenta, “grandona”). O mesmo que o brasileirismo aportuguezado “antarrão” ou “antárrôna” e o hybridismo Áfrico-Tupi Antassú.

ANTÚ – Vocabulo angolêz, equivalente ao termo nativo Tú e designando não só um dialecto regional como o próprio indígena, o filho, o habitante, ou natural do paiz.

ANTULLA – Nome local afro-indígena de um districto de Bissáu na Guiné-Portuguesa

ANVULA – Nome angolêz de uma arvore da flora africana, sendo notavel a Anvuleira pela suas flôres muito aromáticas.

ANYO-EUÔ – (ou Anyievô) – Nome de Vodú ou “espírito”, entidade sagrada, nos mythos dos africanos Gêges, que ainda veneram Bá (o Vodú da guerra), Dambi (a serpente-vodú), Wú (o vodú do mar), Hohô, Legbá, Lôko, Mawú, Quebiosô e outros vodús de diferentes invocações, no culto dos negros Gêges, que introduziram na America, desde as Antilhas (Cuba e Haity) até ao Brasil, varios desses mitos fetichistas afronêgros

ANYI-EVÔ (ou Anyievô) – Nome de um vodú do culto ou mytho fetichista dos negros Gêges.

[p. 149 – fl. 84]

ANYÚTO – Nome afronêgro, tirado da língua dos prêtos de Gêges e por estes dado a um Vodú dos seus mythos fetichistas. Tambem se escreve Aní-úto ou Aniúto.

ANZÁ – Nome afronêgro equivalente a ganzá, instrumento afronêgro, tambem popularmente conhecido, em todo Brasil, pela denominação onomatopáica de “réco-réco”, sendo feito de um canudo ou tubo grosso de bambú, de tabóca ou de taquarassú, com ranhuras e corte fundo circuláres, sobre os quaes o tocador vae esfregando a régua de páu, para tirar-lhe aquelle som estridente e rascante.

ANZICOS – Antigo povo de negros cannibae da margem direita do rio Záire, no Cóngo Central. Tambem ditos Angicos (para o Brasil Colonial viéram muitos “prêtos-Angicos“ como escravos.

ÁPA – Nome africano de um porto da “Costa da Mina”, havendo no Brasil, em Matto Grosso, com rio Apá, denominação indigena e homonyma da voz africana, embora signifiquem cousas diversas.

APALÂMÁDO – Nome de origem afrobrasileira, o mesmo que apalêmade ou apambádo, entabuádo ou impaludado; e tanto pode designar o individuo atacado de febres palustres ou malêitas, como o que sofre de opilação ou “amarellão” (hyperemia intertropical) tambem se diz empalamado, fôrma muito mais corrente.

APAMBÁDO – Brasileirismo de remota derivação afronêgra e o mesmo que empambado ou empalamado (o que tem aspecto de soffrer do que impaludismo ou da opilação, ficando com o ventre entabuado, a pélle flácida, de tez descorada e quebrantado de forças, com uma accentuada apparencia doentia).

APÁN – Nome dado pelos nativos ao marisco da costa senégalense (Africa Occidental).

APARELHO – Por este nome vernáculo, mas com differente sentindo, é designada, nas macumbas, candomblés e mediária do “espírito” invocado pelo “páe de Santo”, sendo o médium também appellidado “cavallo”, porque sobre elle deve “baixar” ou montar o “espírito” então invocado, na sessão.

APÁSO – Nome de outro mollusco apreciado pelos negros da costa do Senegál.

[p. 150 – fl. 85]

A-PASSO-DE-JÓCOTÓ – É uma expressão hybrida do luso-africana, usado na linguagem brasileira, para indicar um passo macio e cadenciado, como o do simio Jóco ou Jocó (quadrumano anthropomorpha, grande macáco das selvas africanas, o proprio chimpanzé, tão parecido com um negralhão cabelludo e horrendo de feições). Desse thema afronêgro tirou a nossa lingua muitos derivados e compostos, como sejam: jocósa, jóco-sério, jocosidade, jocôso; e ainda os nomes hybridos afro-brasilicos: jocótile e jocótupé (este, aliás, melhor dito jacatupé). É corrente, na linguagem popular brasileira, outra expressão hybrida: “a passo de kágado” (formada com elementos vernaculos e o vocabulo final afronêgro); e significa: andar devagar e compasso cautelôso.

APOTIJÁ – É um nome proprio afronêgro e derivado da língua Egbá ou Eubá.

AQUALTÚNE – Não nome africano de um cercado ou fortificação, em fórma de palissada, que existia no reducto dos Quilombólas de Palmáres, nos desfiladeiros da Serra da Barriga, entre Alagôas e Pernambuco.

AQUÍ (ou Aki) – Nome de uma planta trepadeira sylvestre, da flora insular de São-Thomé, na Costa d’Africa. A melhor graphia é Aki, para evitar confusão com o homonymo vernáculo (advérbio de logar em lingua portugûeza).

AQUILOMBADO – Brasileirismo derivado da palavra afronêgra quilómbo e designando o mesmo que amocambado, isto é, o escravo que outrora se aboletava ou se refugiava em quilombos e mocambos.

AQUILOTÁDO – Brasileirismo, de fundo afronêgro, e que, em linguagem vulgar, se applica ao “cachimbo” ou “pito” já curtido ou quilotado, sendo também vulgar a expressão: “pitêira quilotada”. Outros derivados brasileiros: aquilótacão, aquilótada,

aquilotagem, quilótamento, aquilotar e aquilotar-se, são frequentemente empregados entre nós.

AQUIRÃNA – Indigenismo tanto a afronêgro como brasilico-americano, designando um vegetal da flora dos 2 continentes fronteiros de hoje separados pelo Oceano Atlântico.

[p. 151 – fl. 86]

AQUITÁ – Nome africano de um porto, além do Cabo São Paulo, na chamada Costa da Mina.

AQUITAMBA – É um termo angolêense (no idiôna kimbundo ou quimbundo).

ARABÚ – É termo afronêgro e também indígena, no Brasil (onde na Amazônia o abarú é um pirão de farinha com ovos batidos de tartaruga).

ARÁDO – Passa por provir indirectamente da linguagem dos escravos africanos este vocabulo brasileiro, equivalente a faminto, esfáimado, esfomeado. A expressão “arado-de-fome” se emprega figuradamente no sentido de estar alguém doido-de-fome, morto-de-fome, tonto-de-fome, varádo-de-fome

ARANHUMI – É o nome afronêgro de um rio da bacia e região do Côngo (na Africa Occidental).¹⁶⁷

[p. 156 – fl. 87]

ARÁMBO – Nome também dito ARAMBÓ e assimilado pelos Cafres da Africa Oriental, que o receberam dos Baneânes vindas da India Asiatica para Moçambique.

ARAMBÓNE – Palavra afronêgra, cujo thema é Arámbo ou Arambó, também nome indostânico ou asiatico, introduzido em Moçambique.

ARAMÉNHA – Nome afronêgro introduzido em Portugal e depois no Brasil, para designar a planta oleaginosa e a vulgarmente chamada “Babósa”.

ARANHUSSÚ – Nome dado pelo gentio nêgro da Africa Occidental a um rio do da bacia e região do Côngo na Africa Occidental

¹⁶⁷ O autor sinaliza à esquerda, em cor de rosa, que o verbete deve entrar “adeante de aramenha”.

ARARÚTA – Nome de procedencia asiatica vindo para Costa Oriental africana e dahi para o Brasil, tendo escravos negros de Moçambique nos trazido essa planta Arundinacea (classificada por Linneo, sob o nome botânico de Maranta Indica), que aqui prosperou, como se nativa fôsse. Os inglezes a denominam arrow-root (raiz cujo succo é antidoto das flechas envenenadas). Serve este vocabulo de toponymo no Brasil, pois que ARARÚTA é nome local de um córrego e sitio de Minas; e este tponymo (escrevíamos, em 1924, no cit. tomo XX da Revista do Archivo Público Mineiro) “provém da conhecida fécula e planta que alguns botanicos dizem importada da Asia, onde os Inglezes na India lhe teriam dado o nome de arrow-root (“raiz de flácha”, isto é, raiz bôa para curar flechadas envenenadas, antidoto contra fléchas); e dahi o nome portuguez de ararúta (classificada por LINNEO de Maranta Arumdinacea ou Maranta Indica, da família das Marantaceas ou Carnáceas). Da Costa oriental africana nos teria vindo a planta trazida pelos traficantes negreiros de Moçambique. A proposito da referida derivação ingleza de Araruta, (si é que vem mesmo de Arrow-root), lembraremos que o vocábulo “charuto” de origem malaia (charúttu), passou tambem, da forma inglesa - cheroot, da India Asiatica para as possessões de Portugal, no Oriente, donde mais tarde haveríamos de importal-o para a America, embora que já fosse indigena o hábito de “fumar o tabaco” (o petym indigena enrolado em folhas sêccas)

[p. 157 – fl. 88]

– Na sua obra – Glossaria Linguarum Brasilientium – o profundo dr. CARL von MARTIUS deriva “araruta” da expressão tupi arúaris (“o que se come”), passando os colonos portugueses a denominar de arurú e mais tarde de “araruta” a raiz tuberosa da Maranta, da qual se estreáe gomma ou polvilho tão nutritivo. Alguns naturalistas patrios a consideram planta indigena do Brasil, pelo facto de encontrarem a “ararúta” nativa e espalhada abundantemente, de Norte a Sul do nosso paiz. E os nossos Indios a conheciam, tanto que do succo da raiz dessa planta, misturado com agua, faziam um antidoto contra os venenos corrosivos (é a mesma applicação dos naturaes do Oriente); e da raiz esmagada faziam um cataplasma para curar as feridas provenientes de sétas envenenadas, por exemplo, com o terrivel curare (toxico mortal preparado pelos indios Tecunas do Amazonas). JOÃO BARBOSA RODRIGUES (Senior) estudou esse subtil e violentissimo veneno, nas selvas amazônica. Todavia, crêem outros Autores que a araruta a planta

asiática, transportada para a Costa africana Oriental (Oceano Indico) dahi teria vindo para o Brasil, trazida de Moçambique.

ÁRDRA – Nome africanizado (de origem árabe) de um porto situado no antigo reino de Dahomé ou Dahomey, na costa ocidental da África. Cidade e Porto da costa africana ocidental; foi destruída velha cidade, em 1724, e hoje em seu lugar se levanta alláda; e dali vieram muitos escravos para o Brasil-Colonial, todos eles ádr-Dahoméãos, de língua euê ou gêge. Ajudá, outro porto próximo, era outra emporio do tráfico para o Brasil.

ÁDRAS – Appellativo genérico dos negros também chamados ardrenses ou ardritas e que eram Dahoméãos, falando a língua Gêge ou Euê; e a alcunha lhes vinha de serem embarcados no porto de Ádra (hoje, Alláda) para demandarem o Brasil, como escravos, durante o período do tráfico africano de captivos para a América.

ARATÁCA-DO-CARANGÓLA – Denominação local, de formação híbrida, brasílico-afro-nêgra, no município mineiro de Santa Luzia do Carangóla, região da Mata, bacia do rio Pómba.¹⁶⁸

ARDRITAS – Assim se denominam os nativos da região de Ádras, na África Ocidental (território do Dahomey), sendo também conhecidos por Ardrênses, embora durante o tráfico de escravos para a América mais se usasse chamá-los os “Negros Ardritas”.

AREÁES-DO-CUBATÃO – Denominação local luso-africana, nos Estados de São Paulo e do Paraná, sendo o apêsto – Cubatão –afro-nêgrismo aportuguêsado e derivado de Cubáta.

[p. 158 – fl. 89]

ARÊIA-DE-ÓGÓ – Expressão híbrida da afro-brasileira, muito conhecida dos exploradores, na lavra ou mineração aurífera, quando, por inexperiência, eram “embromados” com encontro de areias misturadas com um mineral amarelo, micaco, bem semelhante na cor fulva ou dourada com o precioso metal procurado; e esse corpo ou substância mineral, parecido confundido com ouro (só na aparência, porque é de pouco peso) tem um nome africano de ogó. Nas lavras auríferas do Brumado, Inficionado, Gaya

¹⁶⁸ Usando uma seta, o autor sinalizar que o verbete *Aratáca-do-Carangóla* deve estar antes de *Ádra*.

e outras, em Minas Geraes, o pó fino e dourado do ogó trouxe enganhos aos “faiscadores” inexpertos... Outra expressão afro-brasileira é “arêia gulósa dos mangues”, designativa do areiál lodoso e fôfo dos mangâes, onde fácil e perigosamente se atolam gente e animaes, que às vezes se enterram de corpo todo, no mollêjo da “areia gulósa” do mangue.

ARÉNGA – Nada tem este brasileirismo, de origem afronêgra (e que significa: fallação, discurso, enrêdo) com o homonymo vernaculo. Nos tempos de escravidão, nas senzalas, estavam sempre arengado ou candongando os velhos nêgros arengueiros, tecedores de enrêdos e intrigas. Talvez hajam os prêtos da Africa Portuguesa assimilado a voz vernacula, assim como o fizeram com outras palavras, cuja pronuncia alteraram, na Costa Occidental africana (por exemplo: de “Ajuda” fizeram Ajudá, de “advogado” tiraram avogá, etc). Na Costa Oriental ha um nome cafreál, aringa, significando campo fortificado ou praça de guerra, no centro do Kraál (aldeia dos nêgros Cáfres). A voz homonyma arenga, introduzida no vernaculo é dada, ao nosso vêr, sem fundamento como provinda do góthico para a Peninsula Ibérica, tendo se introduzido no léxico portugues. Mas, a arenga do nêgro recorda a fallação dos chefes guerreiros aos seus commandados, conhecidos na praça, fortificada a arenga, entre os Cáfres.

ARENGAÇÃO-DE-NÊGRO – O mesmo falatório inutil, lênga-lênga, conversa engrôlada de nêgro, aranzél que não acaba mais; e, quando os prêtos começavam a sua “aregação” na senzála, ou em ródá de seos parceiros do captiveiro, era uma repetição constante desse falatório cheio de enrêdos e candóngas, por entre muxôxos, cacoêtes e resmungos. Nada tem um nome arênga (dos africanos) com o seo homonymo vernáculo, sendo absurda a suposição que tal vóz afronêgra proceda do castelhano ou do antigo alemão, na remota fonte góthica (hring). Muitas expressões populares brasileiras são frequentes e corriqueiras, como estas: “aregação-de-mucâma”, “arenga-de-moléque”, “arengar-na-senzála”, “arengueira-de-mocambos”.

ARENGÁR – Verbo em; regado¹⁶⁹ na linguagem do nosso povo, no sentido de fazer aréngas, intrigas ou enrêdos. Do africanismo arénga tirou a linguagem popular brasileira muito derivados: arengáça, arengação, arengada, arengadeira, arengadinha, arengador, arengágem, arengamento, arengão, arengôna, arengueira, arengueiro, arenguice, arenguinha. Os nêgros dados á enrêdos ou “candóngas”, nas senzálas do tempo da escravidão, eram alcunhados de arenguêiros. O termo africanizado arénga (falatório) não

¹⁶⁹ Acreditamos que ocorreu um erro de digitação aqui, que não foi corrigido pelo autor: “em; regado” provavelmente quer dizer “empregado”.

deixa de guardar certo parentesco etymologico com o seo homonymo de baixa latinidade... É um verbo brasileiro, derivado de voz afronêgra.

ARENGUÊIRO – Brasileirismo originado de um thema ou raiz da lingua africana e que entre nós tem o sentido equivalente a – enredadôr, intrigante, tecedor de enrêdos ou de intrigas (nas expressões muito communs de – “nêgra arengueira”, “nêgro arenguêiro”, nos tempos da escravidão, com as alcovitices, tramas e rivalidades da vida das senzálas, nas Fazendas agricolas no nosso paiz). Arengueice, arenguinha, arengadêira, arengador, arengágem, arengamento, arengão, arenguêira, arenguête – são derivados ou cognatos do afronêgrismo arênga.

[p. 159 – fl. 90]

ÁRGA – Nome arábico do fruto africano da argânia da Berbéria (Africa do Norte).

ARGANÁZ – Brasileirismo, de fundo afro-nêgro, e empregado como synonymo de “arádo” ou “varádo de fome”; homem ou animal faminto, esfômeado; mas, tambem, em linguagem vulgar, designa entre nós um grande rato sylvestre (arganáz-do-matto), e ainda serve de alcunha para o individuo enxuto de carnes e de alta estatura (por exemplo: “este latagão ou este varapáu-magricéla é um arganáz”), ao contrario do homúnculo ou homem pequenino, appellidado de catatáu o caturrita (vôzes que tambem recebemos dos nêgros africanos são de frequente emprego na linguagem popular brasileira).

ARAGÃNIA – A arvore frustifera (Arga Sidroxylon) da flôra berberesca, na Africa do Norte.

ARGÉL – Como brasileirismo regional gaúcho designa cavallo que tem os pés ou “machinhos” brancos; e tambem se chama, vulgarmente, “argél” a um individuo alambanzado, desajeitado, descuidado ou desmazelado. (Argél, como se sabe, é nome arábico da capital da Algéria, possessão francesa, na Africa do Norte, Costa do Mediterraneo; e o nome se introduziu, na nossa lingua, por via do contacto bellicoso dos Portugueses com os Môuros infiéis daquella parte do continente nêgro, ha muitos séculos). De Argél são nomes derivados: Argeliano ou argelênse, argélina e argelino (o natural ou habitante de Argel, capital da Argélia ou Algéria). No estado do Paraná, ha uma colonia denominada argélina.

ARGUIM – Nome africano dado a uma bahia e ilhótas da cósta da Senegámbia (possessão franceza, na Africa Occidental). Nome afro-arabico de uma ilha da Costa da

Guiné (Oceano Atlantico), na Africa Occidental; e ahi construíram os portuguezes o “Castello de Arguim”, onde se fortificaram e estiveram dominando os naturaes, por mais de 300 annos.

ARGUIM – Nome de um porto do Golpho da Guiné, na Costa Occidental africana e não longe do porto de Ajudá (Castello de São Jorge da Costa da Mina); e de Arguim embarcaram milhares de escravos para o Brasil, outrora. Nome local africano de uma ilha e porto, ao Sul do Cabo Branco, no Golpho de Guiné. Arguim pertenceo a Portugal por mais de 3 seculos e ahi se fala em patuá luso-guineano.

ARIBÁ – Corruptéla de Arimbá (nome afronêgro do boião de barro vidrado, proprio para usos culinarios, para guardar azeite-de-dendê, dôce de furrundúm ou de cidra e côco ralados, etc). Aribá serve de nome local, entre Minas e Bahia (logar assim chamado, no valle do Patipe ou Rio-Pardo-da-Bahia).

ARICÓNGO – Nome de um instrumento outróra usado pelos escravos africanos, no Brasil, sendo tambem conhecido por aricungo, uricongo, urucóngo ou urucungo.

[p. 160 – fl. 91]

ARICÚNDO – Outra vóz afronêgra introduzida no Brasil.

ARICUNGO – Nome de origem quimbunda (derivado de ricundo, “circulo”, instrumento musical) e tambem escripto sob as variantes aricóngo, uricongo, urucóngo, instrumento grosseiro de córdas, usado pelos negros de Angóla, que o trouxeram ao Brasil, para com o som abafado e soturno delle arrancado, se acompanharem nas suas barbaras e tristes cantilêlas.

ARIMBA – Nome cafreál de um pôrto e povoação da Costa de Moçambique, no Oceano Indico, e districto do Cabo-Delgado; ao passo que Arimbá, tambem voz afronêgra, designa, como vamos ver, uma vasilha de barro louçado ou vidrado, para guardar o “azeite-de-Dendê” ou outros ingredientes e gorduras; e Arimbo ou Arimo é nome angolêz, que se applica a uma pequena quinta agricola (o mesmo que a nossa “Chácara”), nos suburbios das povoações ou aldeias de nativos. Outra palavra, Arimbé, tanto na Africa Nêgra, como entre os povos Tupis do Brasil, é voz indigena, e della se deriva o termo amerindio Arimbéba, o mesmo que Arumbéba ou ainda Urumbéba, uma cactácea da flóra brasileira.

ARIMBÁ – Nome de origem africana e usado na Bahia e outros Estados norte-brasileiros, para designar um boião vidrado, de barro cosido, proprio para guardar dōces, compótas, farinhas, etc. No Estado da Bahia, Arimbá é também nome local.

ARIMBÉ – Nome afronêgro, de origem quimbunda, em Angóla (Africa Occidental Portuguesa).

ARIMBEIRO – Assim se chama colôno que toma conta de uma quinta (arimbo ou arimo), na possessão de Angóla (na Africa Occidental Portuguesa).

[p. 161 – fl. 92]

ARIMBO – É termo afronêgro que, na lingua dos prêtos, quer de Angola, quer de Moçambique, designa a quinta, a hórta, ou o pomar, o terrêno cultivado. Também Arimo – nome quimbundo com que, em Angóla, se denomina uma quinta de cultura (Uma “chácara”, como dizemos no Brasil), nos arrabaldes de Loanda, Benguéla, etc. Na costa de Moçambique, no archipélago das Querímbas, perto do Cabo-Delgado, existe uma ilha do Arimbo.

ARIMBÚ – É outro nome local, supposto de origem afronêgra, no municipio paranaense de Mazagão.

ARIMO – Nome angolêense de um terreno plantado, um quintal ou chácara (o mesmo que Arimbo), de pequena cultura, entre os naturaes de Loanda. O nome kimbundo “arimo” também designa “bosque” de matta florestal. Em Moçambique, o arimbo é o nome de uma das Ilhas do Cabo Delgado, no archipélago das Querímbas, como vimos acima. Cordeiro da Matta, grande sabedor de cousas e assumptos relacionados com o idiôma kimbundo, entende que arímo – termo adoptado pelos colônos brancos da Africa Occidental Portuguesa, principalmente na Provincia de Angóla, para designar “fazenda agricola” – tem por étymo a voz angolana murimu, significando agricultor, cultivador, lavrador. O nome evoluiu de murimi para murimu e arímu, até chegar á forma arímo.

ARINGA – Nome afronêgro que, na lingua dos negros Cáfres, designa o “campo fortificado”; e os escravos vindos da Costa Oriental da Africa (Moçambique) trouxeram para o Brasil o termo cafreál aringa, de que a nossa lingua tirou os derivados – aringáda, aringão, aringueiro, aringuinha, aringár... Na Baixa-Zambézia (Africa Austral), a aringa designa sempre uma fortificação construida com tócos ou estacas de madeira rija; e, por

extensão sentido, designa uma praça de guerra, ou em geral qualquer acampamento de guerreiros cafrés.

ARINGÃO – Augmentativo, em fôrma aportuguezada, do nome cafreál-africano Aringa (praça o recinto fortificado, entre os Cafres da Africa Oriental). Outros derivados de aringa se passaram para nossa língua, como Aringal, Aringár, Aringueiro, Aringuinha. Alguns autores pensam que o nome arênga, usado entre os nêgros, haja resultado de uma corruptela prosodia de Aringa, porque, ao se reunirem nesta os guerreiros, seos chefes os concitavam para a lucta, em longo falatório; e a ser assim estaríamos livres do pesadelo de ir buscar no gótico ou antigo alemão hring, a fonte remota do vocabulo, como quer Antenor Nascentes, para explicar essa allocução ou discurso fastidioso da arênga, entre os pretos africanos

ARINQUIDÁ – Nome local de origem afronêgra, no estado de Pernambuco.

ARMAÇÃO-DOS-BÚZIOS – Denominação local, de formação hybrida, luso-africana, no Porto Fluminense de Cabo-Frio.

ARÓGANGÂN – Nome próprio africano e de origem Dahoméãna ou Gêge, na Costa Occidental do continente negro.

ARMÁR-BANZÉ – Expressão popular brasileira, equivalente a estas outras expressões: armar conflicto, “armar ou fazer banzé”, “fazer um rôlo”, ou “fazer um sururú” dos diabos, “fazer um bábabi; e são expressões hybridas, de carater luso-afronêgro, as em que entram os vocabulos afronêgros bábabi, banzé e rôlo, aqui no Brasil.

AROKIM – É o contador de casos ou de alôz, o narrador de fábulas e tradições compostas pela akpalô, entre os nêgros de raça yorubana; e o arokin dos Nagôs é uma especie de contador profiissional de historias, de narrador ambulante, que decóra sabe tudo quanto os Akpalôs já compuzeram, e vive de recital-as aos negros nativos.

[p. 162 – fl. 93]

ARONI – Por este nome se designa orichá protector da medicina ou mestre da arte de curar, entre os africanos Nagôs do culto yorubãno.

ARONIN – Era o nome do Orichá ou divindade gerada no ventre de Oxún ou Yemanjá, a mãe de todos orichás poderosos, nos mythos Nagôs.

ARÔRÔ – Um vocábulo gêge, na Costa Occidental africana (Colonia de Lagos).

ARRAIÁL-D'ANGÓLA –

ARRAIA-MIJÔNA-DO-MÂNGUE – Expressão popular brasileira, de sentido pejorativo, para designar gentinha desbriada, gente desavergonhada, povilêu ordinario e viciôso, que enche e atravança os bêcos, “botecos”, alcôvas e cortiços da “zôna do Agrião”, no Canal do Mangue da chamada “Cidade Nova”, em terra carióca; e na dita expressão hybrida luso-afronêgra aparêcem os elementos de vestigio africano.

ARRAIÁL D'ANGÓLA – Com este nome hybrido, luso-africano, são conhecidas duas pequenas povoações ou “bairros ruraes”, nos municipios mineiros de Paracatú (na região do Noroêste Mineiro) e de Santa Quiteria (valle do Paraopéba). Em Sergipe, ha um arraialête com o extranho nome de Angóla-Cachôrrô... E pelo território brasileiro afóra existem outras pequenas povoações e logarêjos assim denominados: Arraiál-do-Angú-Crú, Arraiál-dos-Angicos, Arraiál-do-Anjiquinho, Arraial-do-Anta (Viçosa de Minas), Arraiães do Antigo-Exú (Pernambuco), do Assunga (Grão Mongol), do Bágre (Curvello), dos Bágrés (hoje Guiricêma de Rio Branco), do Béngo (em Caxambú de Minas), dos Bôbos (Estado de Santa Catharina), do Bódocó (Parahyba do Norte), do Caculé (Bahia), do Calambáu (em Minas), do Coquénde (Bahia e Minas), do Caténde (Pernambuco), do Caxambú-Velho (Minas), do Cubangó (Estado do Rio), do Cubas (Minas), do Cubatão (Paraná), do Dumbá (Goyaz), da Gamelleira (Minas) e do Gongo-Sôco (Minas), etc.

ARRÁNCA-BALÁIO – Córrego assim denominado no districto da cidade de Aymorés (região oriental mineira), e logar perto de Môrrinhos do Rio São Francisco. Naturalmente, o nome do córrego proveio da violencia da corrente d'agua, quando avolumada pelas enchentes, na estação chuvosa; e tão forte o impeto do curso do córrego, nessas ocasiões, que chega arrancar a sua bóia ou estaca em que são amarrados os balaios ou “côvos” de pescaria, arrastando-os aguas abaixo. Como é sabido, o giqui ou jequi, conhecida armadilha de apanhar peixes, é um balaio de forma conica afunilada, tecido de taquara e que é pôsto ou collocado ao meio da corrente, ficando preso á margem por um cipó. O segundo termo da expressão “Arránca-Baláio” é tido como de origem afro-nêgra, muito embora haja léxicos (como o de Aulête) que dão como “brasileirismo” o nome baláio, havido por outros Autores como voz amerindia, de origem antilhana. Nós não incluímos entre os “afronêgrismos”, introduzidos na linguagem luso-brasileira.

ARRÍFE-de-SAMBÉ – Expressão composta abasileiradamente com elementos de origem afronêgra e empregada, nos usos da vida rural, para designar o aceiro estreito, a “picada” ou trilho de passagem, no meio do matto ou do roçado, através do sambé, que bêira ou rentêia a quicassa, sendo que estes dous ultimos vocabulos são tambem afronêgrismos. Os Môuros do Norte da Africa passaram aos nativos do continente nêgro o arabismo arrife, depois introduzido cá na America Portuguesa pelos escravos vindos com o tráfico negreiro. Compare se o termo com as vózes arábico-africana: Rife e Rifénhos ou Riffenhos (região e póvos Tuarégues do Deserto e oásis sahariânos. O vocabulo rife ou rifle ainda tem no Brasil as variantes réfe e réfle, como é sabido.¹⁷⁰

ARRÁNCA-TÔCO – É o nome de uma aldeóla do centro de Minas Geraes (logar de nascimento do fallecido Bispo Dom Modesto Vieira), entre a estação de São Bento e o povoadinho de Brumado, no caminho do Caraça (municipio de Santa Bárbara).

– Em Minas, é expressão figuradamente empregada na linguagem popular, essa de “arranca-toco”: ora, na accepção de caminho muito ruim, cheio de brocotós, topes e calhãos; ora, no sentido de valentão, “topa-tudo”, destemido, atrevidaço; individuo que não engeita briga nem engole desafôro; que arranca um porrête e vae “metendo páo”, sem dó, em quem lhe faz frente. O segundo elemento da expressão (Tôco) é reputado de origem afronêgra.

– Pelo interior mineiro, mórmente na região accidentada da Candeia-do-Espinhaço, são bem communs as terriveis e mal conservadas estradas de “Arránca-Tôco”, onde os viandantes a pé levam “tôpadas” infernaes, de fazel-os “vêr estrellas ao meio-dia” e os animaes se estrompam e arrebetam os cascos ou perdem as “ferragens”, por esses caminhos onde o “Judas perdeu as botas” (segundo imaginativa popular). “Arrancar-tôco-na-quicassa ou no sambé” é outra expressão roceira, na vida rural brasileira e aqui deixada pelos escravos africanos, que labutavam no eixo agrícola.

– Arranca-Tôco é locução generalizada pelo Brasil Central (desde meninas até Matto Grosso), bem como as expressões brocotó, taréco, “arrenegado”, para designarem

¹⁷⁰ O verbete foi escrito em um papel e colado no verso da folha 93, onde o autor escreve “94 ‘Entre ARRÁNCA-TÔCO e ARRÔZ-de-AUSSÁ”.

caminhos invios ou intransitaveis (no sentido de transito muito difficil por zônas em geral muito acidentadas). Muitas outras expressões (como “arranca-dêdo”, “arranca-pé”, “arranca-rábo”, “arranca-unha”) servem de nomes locais, no interior do Brasil, além das já citadas.

ARRÔZ-DE-AUSSÁ – Comida afro-bahiana i,guaria de arrôz cosido com carne sêcca picadinha e tudo muito temperado com azeite de cheiro, cebôlas, pimenta e sal. Tambem se escreve “arrôz-de-Haussá”.

ARROZÁL-do-CARANGÓLA – Denominação local, em Minas Geraes, onde ha uma povoação assim chamada no municipio de Santa Luzia do Carangóla, sendo esta última palavra em africanismo introduzido no Brasil pelos escravos vindos de Angóla.

ARRÔZ-DE-CUXÁ – É um prato de cozinha afro-maranhense, em que sobre o arrôz cosido se deita por cima um mólho (a planta chamada “azêdinha” ou “vinagreira” e muito commum entre nós).

ARRÔIO-DO-ANGÍCO – Expressão hybrida, luso-africana, e que serve de denominação local, no Estado do Rio Grande do Sul, onde o arrôio é o mesmo córrego ou “córgo” do Brasil Central e riácho no Nordeste Brasileiro; e no território gaúcho correm outros arrôios, que têm denominações compósta com vózes afronêgras, *verbi gratia*: os arrôios d’Anta, da Banãna, das Banãnas, do Bôto, da Bugigánga, das Cacimbas, de Cacimbinhas, do Inhãme, do Macáco, da Mandinga, do Mocambo, do Munjólo, do Quilombo e os Arroios-Fandango e Fão-do-Lageado.

ARRÔTO-DE-GRUNA – Expressão hybrida, de formação luso-afronêgra, e usada na Bahia, na linguagem dos “garimpeiros” e exploradores de diamantes, nas lavras do Ciucurá.

[p. 165 – fl. 94]

APTES-do-CAPÊTA – ou “Artes-do-Capirôto, expressões e hybridas luso-afronêgras, por meio das quaes o nosso pôvo denuncia e designa as artimanhas Diabólicas, as “estrepolias” e maleficios do “demo” ou “tinhôso”, as tentações e sortilégios do tifúte,

sendo que este último nome e os de capeta, capiorôto, demo, diácho diánho, fúte... são de origem afronêgra.¹⁷¹

[p. 166 – fl. 95]

ARRÔZ-DE-HAUSSÁ – Prato da cosinha bahiana, e de origem africana, consistindo em arrôz branco bem cosido, sem sal, e sobre a massa assim obtida ao fogo se lançam pedacinhos de carne sêcca bem frita e mólho de azeite de dendê bem adubádo de pimentas.

ARRUÁDO-dos-MUCAMBOS – É uma expressão composta de elemento luso-africano e usada em Pernambuco e Nordeste Brasileiro, para designar um agrupado de rusticas habitações, em modestos logarêjos, que mais parecem mucambos de negros do que póvoados de gente civilizada.

ÁRSA – Nome também escripto (Arsé), sendo dado a uma ave africana (dos passaros Dentiróstros da avifauna na Africa Equatorial).

ARTĀMA – Nome de outra ave africana da Costa Oriental do Continente negro.

ARÚ – Em lingua dos prêtos Cassanjes, é o nome africano do “sápo”, (o arú-do-brejo, arú-do-mangue, arú-roncador, arú-gongá ou “sapo-ferreiro” ou “sapo-martéllo”, arú-intánha ou “inchado”, etc.). Muitos outros nomes afronêgros designam animaes, insectos, passaros, peixes, enriquecendo a linguagem luso-brasileira, taes como, entre outros: anta (o nosso tapir indigena), candimba (a lébre), chacál e girafa; jégue (jerico, burrico, jumento); budião, cambumba, loángo e moleque (peixes); cuága ou quágga (especie de cavallo selvagem da Africa); acutipúm, orangotango, bugio, gorilla, jóco, macaco (simios diversos); jumbo (elephante), “môno” (macacão, “macaco-barbado”, o nosso guariba indigena); camondongo, catita, calunga e cuica (murideos, especie de ratos); iguãna e sinimbú (lagartos); nigua (ou “bicho de pé”); pótó (ou insecto de “mija fogo”); xangô (um peixe de agua salgada); zêbra (com o derivado hybrido e zebróide, obtido por criadores brasileiros); etc.

ARUÁ – Brasileirismo que se suppõe de origem africana, quando empregado na expressão “cavallo aruá”, no sentido de espantadiço, refugador, “passarinheiro”. Noutro sentido, ha um homonymo indigena aruá, dado ao animal passarinheiro (tambem se diz

¹⁷¹ O verbete foi escrito em um papel e colado no verso da folha 94, onde o autor escreve “95 ‘Entre ARTĀMA e ARÚ’”.

“cavalo-afuá”). No Estado da Bahia, o nome local Aruá é considerado de origem afronêgra, e alguns autores o consideram corruptéla prosódica de Aluá, bebida refrigerante introduzida em nosso paiz pelos escravos africanos de Angóla.

ARUÁNDA – Corruptéla prosódica da mesma vóz angolêza Aluánda, tão frequente no estribilho de cantilênas africanas, mormente em cantos de nêgros, no culto da macumba e da cabála. Em territorio bahiano, perto da capital, ha um logar conhecido pelo nome de “Aruánda-do-Passé”.

[p. 167 – fl. 96]

ARUJÁ – Nome indigena e local, na Africa equatorial, parecendo-nos que ARUJÁ seja corruptéla feita pelos proprios nativos africanos do afro-arabismo Alujá, nome de origem arábica, conservado entre os nêgros Malês ou de religião musulmãna. Entre os indigenas do Brasil, ocorre tambem o nome Arujá, na flora amazônica.

ARÚM – Em lingua dos Nagôs, este vocabulo arúm designa o numero “cinco” ou “cinco vezes”.

ARUMÁ – Nome equivalente ao de Alumá e que designa um antigo régulo ou maioral dos pretos Haussás, musulmãos.

ARUMBÉBA – Brasileirismo, que tanto pode provir de um afronêgrismo (arumbêbe), como de um indigenismo amerindio, o nome é commum á flóra da Africa e do Brasil, para designar uma cactácea dos terrenos áridos (a Opuntia monachanta), tambem conhecida por Urumbéba ou Urumbêbe, nos dous continentes.

ARUNDI – Um nome nagô, designativo de quantidade equivalente aos cinco dêdos da mão do homem.

[p. 168 – fl. 97]

ARUNDI-OGÚN – Esta expressão, no idioma Nagô, se traduz por: “vinte menos cinco” e della se servem para designar quinze.

ARUTIRENE – Tinha este nome afronêgro um dos mocambos ou arraiaes estabelecidos pelos nêgros quilombólas refugiados dos Palmáres (Brasil Colonial). Esses “Quilombos de Palmares”, chefiados pelo Zumbi, ficavam na Serra da Barriga, em território alagôano, e deram origem a demoradas luctas, no século XVII, até serem

extinctos, após uma horrível matança dos defensores do reducto nos ultimos Quilombolas do Nordeste Brasileiro.

ARZEGÁIA – Nome porque tambem se chama uma arma indigena da Africa, parecida com azagáia dos Cáfres, da qual arzegáia é antes uma corruptéla prosódica.

ARZILLA – Nome arábico de um peixe, especie de arráia da costa marroquina do Mediterraneo e de uma cidade ou praça forte mourisca do Norte da Africa.

ASCARIS – Perto de Maceió, Capital do Estado de Alagoas, existe um lugar assim denominado, sendo de lembrar-se que, na Africa Italiana, existe a tribu nativa dos negros ascaris. Terá com elles relação o nome local alagoano?

ÁSSA (ou Hássa) – É uma forma graphica equivalente ao afronêgrismo “áça” derivado do termo angolêz ohása ou hása, com o s brandamente pronunciado, em idioma ambundo, e significando o prêto “albino” (que soffre da anomalia orgânica caracterizada pela ausência ou diminuição de materia corante da pelle, cabellos e ólhos). São expressões brasileiras muito correntes: negro-“aço” ou “asso” e prêta-“aça” ou “assa”, qualificativos indifferentemente empregados, nas suas apparentes fórmulas masculina e feminina.

[p. 169 – fl. 98]

ASSÁMA – Nome nubio do pôrco abexim (classificado pelos naturalistas de Potamochoerus penicillatus), originario da Abyssinia e que é mais ou menos correspondente á capivara dos Tupis, na fauna indigena do Brasil.

ASSARAPANTÁDO – Significa o mesmo que: atrapalhado, embásbacado, aturdindo, espantado, “bestificado”-de-espanto, pasmado; e foi derivado do vocabulo negro “sarampantado” ou “sarápantado”, usado pelos nossos antigos escravos africanos, como corruptéla prosodica do qualificativo vernáculo “espantado”.

ASSARAPANTÁR – Verbo afronêgro-brasileiro, forma metaplástica de sarapantar, com a addição do a prosthetico, e significa: admirar, assustar, atrapalhar, aturdir, espantar, pasmar; ficar embasbacado ou pasmado deante de algum facto ou de alguma cousa fora do normal ou do comum; e ainda tem outras modalidades de sentido o emprêgo de assarapantár ou sarapantár (perder a calma ou tino, ficar confuso, atrapalhado ou hesitante, em face de algum fato ou de cousa que provoque intensa admiração e assombro, perturbação forte, grande espanto). Surpresa inesperada, deixando attônito e

confuso quem fique “sarapantádo” ou “assarampantádo”. O vocabulo afro-brasileiro “assarampantár” ou “sarapantár” provém, na linguagem popular, outras variantes gráficas e prosódicas: “assarápintár” e “sarápintár”, “assarámpantár” e “sarámpantár”.

ASSARANZÁDO – É brasileirismo, no sentido de atarantádo, atrapalhado, aturdindo, estonteado, fora de si, havendo ainda as formas verbais assaranzár e assaranzár-se. O thema deve ser africano, ao que parece.

ASSARANZÁR – Este verbo afronêgro-brasileiro tem o mesmo sentido de azaranzár (tambem composto por derivação de uma voz africana): e é mais usada a forma pronominal “assaranzár-se”, significando: atrapalhar-se, perturbar-se, ficar abôbalhado, confuso ou assaranzado.

ASSIÚTE – Nome africanizado de uma cidade do Alto-Egypto, no valle do Nilo e ao mesmo local historico da antiga Lycópolis.

[p. 170– fl. 99]

ÁSSO – (ou Háссо) – é o mesmo que “Áço”, o que soffre de albinismo, anomalia organica do descoramento da pelle, dos cabelos e dos olhos, sendo curioso o typo albino, entre os “nêgro-assos”. (Vide Áça e Ássa, vocabulos já estudados, neste Glossario).

ASSÓNGA – Vôz afronêgra, de origem angólêza, como variante prosódica do nome Assunga, que nos veio idiôma Quimbundo.

ASSUMBÁ – Tambem dito Assuba e é o primeiro tempo de préce ou oração, pela manhã, entre os afronêgros Malês. É a mesma voz Açuba ou Açubá, que já foi anteriormente mencionadas neste Elucidário.

ASSUMI – Arabismo africanizado pelos nêgros Haussás, designando o jejum annual dos prêtos Malês, que seguem a religião musulmãna.

ASSUNGA – É o nome afronêgro de uma ladeira ou môrro, na Serra do Grão-Mogol (Norte de Minas), havendo tambem outro sitio mineiro conhecido pela expressão africana de Assunga-Baláio, perto do povoado de Môrrinhos, ás margens do rio São Francisco.

Parece-nos uma variante africana do verbo cusunga, “puxar”, na lingua angolense (idiôma “n’bundo”); e dessa vóz veio a se fazer, no Brasil, assugár e sungár, verbos chulos e que exprimem o mesmo que “suspender”, “arregaçar”, “arrepanhar”, “puxar para cima”,

“levantar”, etc. Na linguagem caipira, são fórmulas muito empregadas, entre nós: “Assungár a quiba ou o balaio”, “assungar-a-carga-de-animal” (levantar-a até perfeito equilíbrio da cangalha no lombo das muaras, que conduzem volumes); “assungár-o-corpo” (aprumal-o); “assungár-os-arreios” (endireital-os, quando, desapertados, escorregam do lombo para a barriga da cavalgadura); “assungár-o-baláio” (levantar-o do chão até aos ombros); além de muitas outras expressões vulgares, compóstas com o dito afronêgrismo assunga (como assungar a roupa, a saía, as calças). Ainda, em Minas, no districto de Matto Verde (Comarca do Tremedal), existe um logarêjo vulgarmente conhecido por “Assunga-saía”, sendo o primeiro elemento da sua formação hybrida aquella voz africana acima estudada (o mesmo que dizer: levanta ou suspende a saía). Também se escreve Açunga.

ASSUNGADO – O mesmo que sungado, isto é, levantado do chão, alçado, erguido, arribado; arregaçado ou puxado para cima (calção assungado, baláio ou cêsto assungado). Ficou dito acima que o termo se nos affigura notória variante africana do verbo cusunga (“puxar”, na lingua angolense ou idioma Bundo), donde se fez, no Brasil, assungar e sungár, verbos chulos e que exprimem o mesmo que “suspender”, “puxar para cima”, “levantar”, etc. Na linguagem caipira, são fórmulas muito empregada todas estas: “assungár-a-carga” e “assungár-saia”, como expressões vulgares entre roceiros. Não obstante, existe um toponymio indigena – Assunguy (no Estado do Paraná), formado do tupi a-çunguy, significando: “o sangue da gente” ou “o sangue humano”, conforme a opinião de TEODORO SAMPAIO (op. cit., pag. 204); e o nome ainda se presta a outra interpretação: açunga (por corruptela de açunúnga ou a-cinunga (por a-cynynga) – “o que vivi roncando”, o individuo que ronca. Será allusão a algum animal roncador, pois ha peixes, sapos, e mônos roncadores. Todavia, parece não padecer duvida a origem afronêgra de assunga.

[p. 171 – fl. 100]

ASSUNGÁR – Verbo usado na linguagem brasileira e procedente de um nome africano (assunga ou sunga), significando: puxar para cima, levantar, fazer subir, alçar, elevar, suspender (assungar as calças, assungar a saia, assugar a carga).

ÁTA – Nome africano da nossa “fructa de conde”, especie de Biribá indigena, sendo a Atéira uma Annonácea aclimada no Brasil. A áta é a mesma fructa também entre nós conhecida por “pinha”.

ATABÁQUE – Nome africano, também dito Tambáque, e designando um tambôr quadrado, fôrrado de couro muito esticado e bem sêcco; e, quando percutido, dá um som muito estrepitoso. Os descendentes de africanos ainda o usam em suas dansas e festas populares nas batucadas e congadas.

ATAK-PAMÊ – Nome de uma cidade ou povoação africana, no paiz dos nêgros chamados Euês ou Evês (a que os ingleses denominam Ewes).

ATABÁIA-DO-SABÁLANGÁ – Denominação dada a um lugar de defesa pelos Quilombólas de Palmáres, em territorio alagoano (seculo XVII), sendo o nome Sabalangá uma voz de origem afronêgra.

ATAMBÊIRADO – Brasileirismo regional gaúcho (derivado de tambeiro, o novilho manso); o animal acostumado ao támbo ou curral; diz-se do gado novo que vae sendo habituado a vir tomar a ração de milho, fôrragem ou sal, no estábulo, no terreiro da estância ou “retiro de criar”. Gado atambeirado, gado meio domesticado, quase mando ou “curraleiro”.

ATAMBÚ – Nome afronêgro pelo qual se conhece um sitio rural, no municipio mineiro de Ponte Nova (Valle do rio Piranga).

ATARÉ – É o fructo de sementes picantes, isto é, a própria “pimenta malagueta”, cujo grãozinho tem um ardor excitante do paladar e, por isso, ataré serve sempre de tempero nas iguarias da cosinha afronêgra. Na cosinha bahiana, as quituteiras africanas empregavam o ataré, o “cominho”, o axúm (pimenta-de-Guiné), a “malaguêta” (tambem chamada ataléya), o quitôco e outros adubos ou condimentos excitantes do paladar.

[p. 172]¹⁷²

ATÓ – entre os negros yorubanos, a [**] do [**] abominável [**] em cerimonia publica e aparatoza na qual são sacrificados victimas humanas [**] sobre os cócós (estrados de espécies de bambuis, para que as almas dessas victimas levem mensagens ao além, homenageando assim os mortos e [**] escravos de famílias [**]).

¹⁷² O verbete *até* está escrito em um pequeno pedaço de papel.

ATÊIRA – Arvore Annonácea da flora tropical, sendo indigena tanto em Africa como na America; o nome de seo fructo Áta (em botânica, Anona Squamosa, de Linneo) nos veio remotamente da India Asiatica, por intermédio dos nêgros da Africa Oriental, onde tal denominação fora anteriormente introduzida.

ÁTI – Quér dizer o “intento”, o “propósito”, em idiôma Nagô.

ATIKO – Significa o “mestre”, o que sabe ensinar, entre os negros Nagôs.

ATÔ – Éo nome Nagô da “taboa das orações”, entre os nêgros musulmis, que seguem a religião do Propheta do Islâm; e desde que se introduziram negros mahomatanos, no Brasil, eles para cá trouxeram suas praticas, deixando em nosso Vocabulario varias palavras, com Abadá, Alufá, Aluma-Gariba, Atô, Elche ou Êxe, Kissiúm, Kóla, Saká, Suma, Tessubá, etc). No Atô se acham inscriptos, em árabe, versiculos do “Alcorão”, que são interpretados pelo Alufá.

ATÔLÊIMADO – O que tem maneiras ou ares de tôlo; abobalhado, aparvalhado, idiótado, de pouco sizo ou pouco vivo de intelligencia. Para o afronêgrismo tôlo já alguns etymologistas apressados fôram rebuscar a hypothetica derivação latina de Stolidus; e a derivados e compóstos, em que predomina a vóz tôlo (assim atôlêimado, atôleimár-se, tôla, tôleima, tôleira, tôleirão, tôlice, tôlinha, toleirôma, tôliçada, tôlo, tôlos, sendo até usado na Bahia o verbo tôlejár).

ATÓLÊIRO – É o nome de uns pequenos logares, sitios nos municipios meniros de Abaeté e João Pinheiro; e tambem assim se chamam, vulgarmente, quaisquer trechos de estrada muito entijucados ou cheios de lamaçães, atôleiros, durante a quadra chuvosa principalmente.

– Este termo geográfico brasileiro tiramol-o, segundo opinam léxicos, do verbo castelhano atolar, que veio para a lingua portugueza, onde equivale a atascar, metter-se na lâma, afundar no barro, enterrar no lôdo ou tijuco; mas, por sua vez, a lingua hespanhola recebeo a palavra da lingua dos Mouros norte-africanos.

Os derivados – atôleiro, atóladiço, atóladôr – são de muito frequente emprego em nosso paiz. Atólêiro é o mesmo que atascal, barreiro, ladaçal, tijucál ou tijuqueira, pântano, lameira, lamaçal, quando designa o terreno mólle, inconsistente, ás vezes, tão perigoso como uma tremedal ou pantanal. Na Amazônia, ficaram celebres os “Atoleitos-

dos-Mocambos” do Rio Trombêtas, que de certo modo defendiam os escravos negros alli amocambados, tornando difficil o acesso dos que iam alli tentar prender os prêtos fugidos.

Durante as estações chuvosas, nos trechos transitados de beiras de rio e nas estradas de terra solta, enchem-se de fundos “atoleiros” e “caldeirões” os caminhos do interior de Minas, e do Brasil Central, trafegados de boiadas, tropas e comitivas de viajantes a cavallo. No sentido figurado, é vulgarmente usado “atóleiro” como situação moral ou posição extremamente difficil e cheia de embaraços. A locução “atólado até o pescoço” indica pessoa individada ou muito comprometida em negocios complicados (é expressão usual em todo o Sul do brasil).

[p. 174 – fl. 102]

ATUNDO – Nome de uma especie de gaiola usada pelos negros do interior da Africa Equatorial, para prender passarinhos de estimação e sempre pendurada das paredes da cubáta (conforme Serpa Pinto, pag. 123 do tomo I de sua obra já citada).

ATUNGA – Nome local afronêgro, em territorio de Minas Geraes, sendo uma voz cognata de tinga, derivada do angolêz tungo ou túngu, a respeito do qual melhor diremos em seguida (vide Atunção).

ATUNGAÇÃO – Brasileirismo de fundo e sentido afronêgros, significando, originariamente, o mesmo que “cótuação”; é o acto de bater, de cótuçar, de dar “cócre”, tungáda ou “piparóte”, com a mão fechada ou com os “nós” dos dêdos, atungando os braços, a cabeça ou a barriga (pánsa) de uma outra pessoa. Mas, por extensão de sentido, atunção é o mesmo que choque, golpe, pancáda e ainda atucanação, isto é, paulificação, “cacêteação”, acto de incomodar ou perseguir a outrem. Uma vóz angolêza do quimbundo (o nome Túngu) é o thema ou raiz destas diversas palavras afro-brasileiras: atunção e tunção, atungado e tungado, atungador e tungador, atungamento e tungamento, atungar e tungar, variantes resultantes de fórmulas metaplasticas com um a prostético (fenômeno linguistico muito commum). Tunga é indigenismo tanto em Africa (nome de uma arvore da flora de Angóla e verbo correspondente a “bater”), como no Brasil (nome tupi-guarani do “bicho de pé”, Culex penetrans, e que tambem se conhece por ningua ou tunga). Baptista Caetano sustenta que tunga, designando o “bicho de pé”, vem de tung, que na

lingua Guarany se traduz por: “o que cômee” (alludindo á comichão insupportavel que produzem esses parasitos, nos pés e nas mãos de suas victimas).

Entretanto, os outros vocabulos já citados, e mais ainda estes (tungagem, tungão, tunguêiro), se devem considerar afronêgrismos, na linguagem brasileira. Varios autores persistem, entretanto, em considerar africana, procedente de Angóla, a vóz tunga, tanto num como noutro dos casos apontador (quér designe o “bicho de pé”, quér signifique choque, pancada, golpe com a mão ou com outro instrumento contundente).

[p. 175 – fl. 103]

AUBACÁS – a proposito deste bailado ou dansa de prêtos, diremos que nada menos de 25 cerimônias de origem afronêgra, no Brasil (entre bailados, cantigas e cantos, “choros” e “cordões”, dansas e desfiles festas e folguedos, “ranchos” e passeatas, etc.), enumera Luciano Gallet. Uma relação tão completa como possível aumentará esse numero, demonstrado que os nêgros africanos implantaram, nos costumes de seos descendentes brasileiros, muitas dansas e usanças, quaes sejam: dos Aubacás, do Batúque, dos Catopês ou Catupês, do Caxambu, dos “Côcos-de-Zambê”, dos Cólastros, dos Congádos e Cóngos, do “Córta-Jáca”, dos Cucumbis, do Jóngo, do Maxixe, dos Moléques e Mólequinhos de Angóla, dos Sambas; os “Cantos de Taiêras”, as cantigas e rythimos das batucádas e do Batúcagé; o Carnaval é desfile dos Maracatús do Nordeste; os desfiles e “cordões” carnavalescros cariocas, com as “escolas de samba” dos morros; o “entrudo dos Cucumbis”; as tão curiosas festas populares da “Mãe d’agua” (em Itapagipe, na Bahia), dos Quicúmbres, dos “Quilombos de Palmáres”, dos “râncos” e passeatas dos Cucumbis, dos “Rêis Cabundás”, do “Rêinado dos Cóngos”; das “ródas” de batuques, de jóngos e de sambas; do “Sóba Mágico”, das passistas carnavalescas e do seo ruidôso “Zé Pereira” popular, como reminiscencia dos Cucumbis afronêgros; etc. E tudo isso animado pela musica bárbara e ensurdecidôra dos instrumentos, que os afronêgros nos legaram e dos quaes já temos feito menção neste Elucidário.

[p. 176 – fl. 103]

ATUQUE – É o nome afronêgro de um pequeno tambor ou tamboril de rufo.

AUÁ – Vóz africana da Guiné Portugueza e que serve alli de nome proprio. Este nome ou voz é procedente da lingua dos prêtos Nagôs e que ficou conservada na Bahia,

ontem um nome local subsiste, guardando a mesma forma Auá, que, aliás, tem voz correspondente, homonyma apenas nas de significado diverso, na língua dos nomes Tupis.

AUÁUADO-CHÚM – (Expressão contrahida em Uáuadóxúm, que significa os “pêixes da cabáça do Oxúm”, sendo tal expressão de fundo injurioso dirigida, outrora, pelos Negros Malês cariocas, no Rio de Janeiro, aos seus parceiros sectários do culto Nagô dos Gêges ou Jêjes-Yorubanos, que praticavam com fanático exagero a devoção cultural por Oxúm, uma das “mães d’agua” dos mythos nagôs e venerada especialmente como sendo “a mãe d’agua dôce”, conforme relata o livro já citado “Religiões do rio”, á pag. 7, interessante e erudita obra que Paulo Barreto escreveo sob o pseudônimo de João do Rio)

AUAMABÓ – É nome local afronêgro, em territorio do antigo reino nêgro de Fantim, na “Cósta da Mina”, onde ha um porto de Áuámabó, no litoral Atlantico.

AUBACÁS – Entre as varias dansas afronêgras, introduzidas pelos antigos escravos nêgros, no Brasil colonial, figurava a dansa dos Aubacás, principalmente na Bahia.¹⁷³

AUÊ – Termo Nagô, e é uma das vozes que entra nos cantos africanos, em suas plangentes toádas (auê! erá! gerê!). Às vezes, nas melopéas e soturnas cantilênas africanas, vem duplicada a vóz na expressão Auê-Auê!

AUÇÁ – Esta voz afronêgra é para alguns autores (entre eles Jacques Raymundo, vide seo livro “O Negro Brasileiro”, pag. 148) derivada de awusá, nome da “pimenta malaguêta”, no idiôma Efé ou Ewê da Costa d’Africa; e para outros autores é apenas uma das variantes gráficas do designativo étnico Aussá, Mauçá, Maussá, povo afronêgro, que tem tantos representantes no Brasil e principalmente na Bahia, durante o trafico de escravos vindos do continente nêgro. Ha, na cozinha bahiana, a conhecida iguaria “arroz-de-auçá”.

AUÊNA – É uma voz africana, no idiôma dos prêtos Nagôs, cuja lingua foi tão correntemente falada e entendida, na Bahia; e cremos que AUÊNA, vóz afronêgra, é tambem indigeno-brasilica (naturalmente prêsa ao thema Auê, do qual se desprenderam as variantes Auêra, Auêtê e outras encontradas no Tupi, cá na America, embora conste igualmente do vocabulário Nagô).

¹⁷³ O autor escreve na margem à esquerda, utilizando lápis, “fl. Ao lado”, onde está colado um papel com a complementação do verbete *aubacás*. Há também, escrito a tinta azul, a palavra *auçá*, sinalizando onde o verbete, que é apresentado um pouco depois, deve estar, respeitando a ordem alfabética.

AUÊRA – Palavra na lingua dos nêgros Nagôs, vindos da Africa Occidental para o Norte do Brasil (Bahia, principalmente); e, em bora com differente significado, occorre no idioma dos nossos povos Tupis a mesma voz indigena (auéra), facto esse muito frequente em relação a outras vozes africanas e brasílicas.

[p. 177 – fl. 104]

AULÔ –É considerado um nome Gêge, na Costa Occidental Africana, e corresponde a outra voz – awunã” – no mesmo idiôma dos nêgros Gêges.

AUSSÁ – O mesmo que Haussá, nome afronêgro de uma nação de prêtos da Córsta Occidental africana, muito vivos e intelligentes, vindos principalmente para a Bahia, durante o periodo do tráfico de escravos. No Estado da Bahia, ha o nome local Aussá, perto do poadado de Malombê, outra palavra afronêgra, alli introduzida. Na conhecida expressão, hybridamente composta, “arroz-de-aussá ou auçá” (prato da culinária bahiana, alli introduzido pelos costumes yorubanos dos nêgros aussás), já houve quem sugerisse o disparate etymologico desta interpretação: arroz cosido com agua e sal.

AUSSÁS – (ou Ausázes) – São os mesmos nêgros Haussás da Bahia, onde a esses afronêgros se dava tambem o nome errado de Uçás ou Ussás, na variada graphia dos nossos chronistas coloniaes.

AVARÉ – É nome nativo africano, com uma voz correspondente (abaré ou avaré), na lingua brasílica dos Tupis americanos, embora os dous termos indigenas – da Africa e do Brasil – exprimam sentidos diversos e designem cousas diferentes, num e noutro continente. No Brasil, abaré ou avaré (homem circunspecto ou distincto) era como appellidavam os indigenas aos Padres-missionarios jesuítas (abá-ré, “homem differente”).

AVOGÁ – Outro nome luso-africanisado (por corruptéla do portuguez “advogado”), que entre os prêtos Dahomeyanos do districto de Grégué, serve para designar o chefe dos nêgros christãos e como qual se devem entender os colonos brancos, nas reciprocas relações commerciaes e politicas.

AVÓNDO – corruptéla prosódica doas colonos portuguezes (no linguajar candango, alcunha do lusitano, em Angóla), chamado tambem Avondeiro o pé da grande arvore africana – Baobá, menos conhecida pelo nome Emboeiro, naquella possessão da Africa Occidental Portuguêza.

AVRIKITI – Nome dado pelos africanos Gêges a um dos seos Vodús (Avrikiti e Watis são as divindades marinhas ou Vodús do mar, no culto Gêge).

AVÚN – o “cão”, o “cachorro”, em lingua Gêge.

AVUN-CÊ – (ou Avuncê) expressão da lingua Euê ou Gêge, que se traduz: - “o meu cão”.

AVUNJADO (ou Avunzádo) – individuo atilado, esperto, finório; sujeito vunje (esta é uma voz afronêgra, de que tiramos o verbo yunzár, na linguagem dos nossos antigos escravos africanos).

AWÓN – nome verdadeiro, em lingua nagôa, da tartaruga do matto e do grande kágado (mesmo nosso Jaboty americano); e á tartaruga ainda os Negôs dão a alcunha ajapá.

AWUNA – graphia seguida pelos viajantes e exploradores ingleses, no interior da Africa Nêgra, quando se referem ao Abuna (alterado em Avuna), designativo do sacerdote vestido de batina preta, ou que usa habitos taláres nêgros, sotaina escura ou cinzenta); e na Abyssinia é preponderante a classe sacerdotal dos Abúnas).

É curioso lembrar que no Tupi a expressão aba-uma designa o homem preto ou vestido de prêto; e, contrahi-la em Abuna, aqui tambem designava, entre os nossos índios, o missionario jesuíta, distinguido pela sua roupeta nêgra. Mas, pela lingua Gêge ocorre a voz afronêgra dita Awuna.

AXÁ – Nome da oração da noite, ao deitar, o crente muçulmano entre as tribus e povos africanos sectarios do Islamismo.

AXANCÔLO – O mesmo que Achancôlo, nome local de origem quimbunda, em Angóla (na Africa Occidental Portuguesa).

AXANTI – Além de assim ser denominado um povo nêgro africano, tambem dito Achanti ou Ashanti, tem o mesmo nome a lingua por ele falada, na região em que habitam os prêtos Achantis, nas costas do Golpho de Guiné, terras da Guiné Septentrional, sob o domínio britânico. Os Inglêses preferem a graphia ashanti ou Assanti

AXANTIS – Também ditos Achantis ou Ashantis e Assantis, são negros outrora vindos da Guiné Superio, na Costa Occidental africana como escravos para o Brasil.

AXÉM – Nome áfrico-arábico de um lugar e fortaleza, na Costa da Mina, perto do Cabo de Santa Apolonia.

AXENIN – Também se escreve Achenim este nome africano de um porto, da Costa da Mina, em territorio do antigo reino do Dahomé; e de um vegetal.

AXÉXÊ – É o nome de origem yorubana que designa ainda hoje entre os bahianos e noutros pontos do Brasil, o cerimonial fúnebre, commemorativo da memória do morto, apor o enterramento do defunto; e durante os dias que se seguem até a véspera do sétimo dia do sepultamento, praticam o axéxê, especie de velório póstumo, sempre dansando e entoando “cantilenas” em homenagem ao finado, através de comezêinas e libações de cachaça nessa macabra festa mortuária.

AXI – Nome congalez da “pimenta da Guiné” (Africa Occidental). Também se escreve Achi (vide este nome).

AXIM – Nome indo-africano de um pimentão vermelho, cuja cultura os negros nos trouxeram, quer de Moçambique, quer da Guiné (tambem se escreve Achim).

Axim é ainda o nome de uma possessão inglêza, na Costa do Ouro, Africa Occidental Britanica. É voz guineána e também conquêza)

AXIXE – ou Haxixe é uma voz cafreál pela qual os negros de Moçambique designam o mesmo nome arábico Hashish – a “hérva secca”. O Haxixe é principio narcótico extrahido das folhas do “cânhamo da India” (Cannabis Indica dos botanicos) e os negros africanos também cultivam essa planta, sob os nomes de leámba ou pángo, para fumarem o axixe e sentirem s seos terríveis efeitos estupefacientes.

[p. 180 – fl. 106]¹⁷⁴

AXÚM – Nome ainda conservado da primitiva Capital ethiópica e cidade santa da Abyssinia, cheia de monumentos histórico-religiosos, lá no velho Imperio do “Préste João”, na região do Tigré, a Nordeste do Continente Africano. Foi influenciada pela lingua arábica essa denominação local, na Abyssinia. No Brasil, os negros africanos, que o tráfico de escravos trouxe para a Bahia, principalmente, conservaram o nome Axúm como a “Mãe

¹⁷⁴ A numeração, dada pelo autor, está errada. Esta folha, na verdade, deveria ser a 107.

d'agua doce”, protectora das fontes e rios; enquanto que adoram Janaina, como a verdadeira “Mãe d'agua”, em geral, e rendem-lhe fervoroso culto, novo recanto da Bahia de Todos os Santos (no Dique de Tororó), ahi lançando ao mar oferendas de toda sorte, em homenagem a essa divindade do culto fetichista afronêgro.

AYÁYÁ – Brasileirismo afronêgro, resultante de uma fôrma metaplastica de Yáyá, tratamento carinhoso que os escravos davam às moças e sinhas brancas, havendo ainda o diminutivo Yáyázinha, tambem conservado na linguagem familiar brasileira.

AZABUMBAÇÃO – No sentido de amolação, barulheira, Charivari. Ha outros derivados de zabumba: azabumbamento, azabumbar, etc.

AZABUMBADO – Temo luso-brasileiro, derivado do africanismo zabumba, e empregado como synonimo de tristónho, abatido, banzádo, macambuzio. Este brasileirismo derivado do africanismo – zabumba, tambem se emprega no sentido de baixóte-gorduchão (indivíduo azabumbádo) e tambem de desleixado novestuário.

AZAGÁIA – Este africanismo de origem arábica e berbérica, designa o chuço ou lança curta ponteaguda, de que os Bérberes, ou Mouros, os Tuaregues, os povos semi-barbaros do Sahára e Sudão e os guerreiros Cáfres e Zulús, ainda usam. O uso da zagáia ou azagaia ficou adoptado entre os “caçadores de onça” do pantanal (em Matto Grosso, no Brasil Central), onde os zangaieiros accommenttem e matam o feroz jaguar, apenas armado de uma curta zagaia. É um afro-arabismo. Azagáia: lança, viróte, arma de guerra, chuço. Na linguagem popular, o termo soffre um metaplasmo prosódico, pois usualmente o caipira diz zagáia.

Como nome local afro-brasilico, azagáia se encontra, em varios ponts do territorio de Minas Geraes, nos municipios de Araxá, Bonfim do Paraopéba, Oliveira, Piumhy e Sacramento, sendo bem conhecido, geograficamente, o “Chapadão da Zagáia”, no planalto mineiro, região entre Piumhy e Desembóque (Valle do Rio Grande de Minas).

[p. 181 – fl. 107]

Nem só o nome azagaia, mas tambem alfeizar, azambujo, cúscús, gorgáz, guánche, tafilête, zuávo e outros representam nomes arábico-berbéricos, que, por intermédio dos Mouros vindos do Norte da Africa para a Peninsula Ibérica, se introduziram assim na lingua portuguesa, conforme a opinião de Candido de Figueiredo, secundada por Antenor

Nascentes, escrevendo sobre este nome na revista carióca Brasileira, em 1927, assim diziamos:

“AZAGÁIA é o nome de um bairro rural, no districto da cidade do Sacramento (região do Triangulo Mineiro). É nome local de origem africana, deixado no paiz pelos antigos escravos impostados do continente nêgro. Naquella região de Minas, fica o chamado “Chapadão da Zagáia”, encravado nas terras altas do valle do rio Paraná (Rio Grande mineiro, um dos formadores remotos do Rio da Prata”. Azagáia ou zagáia é a lança curta dos guerreiros selvagens da Africa, que tomaram do povo Bérbere ou Mouro o uso dessa arma, da qual os Cáfres, ou Zulús e outros povos nêgros são exímios manejadores. Os nossos caçadores de onças, em Matto Grosso (Brasil Central), tamem esperam a arremetida do jaguar e do caugussú, a pontações de zagáia (são os chuços terriveis dos “zangaieiros” dessa região do pantanal, onde a caça da onça é um sport cheio de riscos para essa raça valente dos nossos caboclos).” A prosódia caipira acompanha a pronuncia do nêgro, dizendo sempre zagáia, e não azagáia.

AZAGAIÊIRO – Brasileirismo derivado do termo arábico-africanizado azagaia designa o caçador de onças do pantanal (em Matto Grosso).

AZAMBÔADO – Qualificativo afro-brasileiro derivado de zambo e zambôa. Esse brasileirismo de fundo afronêgro (zámbo) ainda tem outros derivados (azamboada, azambôamento, azamboar).

AZAMBÉ – É um nome local, de origem afronêgra no territorio do Estado Central brasileiro de Goyaz.

AZANÉGUE – (ou Azenéngue) – Nom que se dá ao idiôma Bérbere, falado pelas tribus Berberêscas africanas desde o Sahára Occidental ás costas marroquinas do Mediterraneo, e ainda no distante archipélago de Cabo-Verbe, onde os nêgros creoulos são azenegues. E ahi o português está muito corrompido pelo ipide merecem consideração, os “dialectos creoulos” ou dialectos afro-portuguêzas, das Ilhas de Anno-Bom, Cabo-Verde, Fernando-Pó, Principe, São Thomé e archipelados do Golpho da Guiné, de onde nos vieram milhares de escravos para o Brasil, que para cá trouxeram linguagem e modos de se expressarem, num verdadeiro patuá de corrupção prosódica do vernaculo, deixando varios vícios de prenuncia portuguesa, no linguajar caipira ou roceiro, por notório influencia, quer do negro, quer dos nossos caboclos.

AZANGADO – Brasileirismo, empregado nos varios sentidos de – alterado, azedado, corrupto, deteriorado (pão ou leite azangádo); encolerisádo, irádo ou irritado (homem de gênio azangado); e hydróphobo, atacado de raiva (cão ou gato azangado). O verbo “azangar-se”, nas mesmas accepções ou com idêntico significado (por alterar-se, azedar-se, corromper-se, deteriorar-se, ficar estragado ou estragar-se). Outros derivados frequentes ou cognatos de zánga, na linguagem popular brasileira, sob as fórmulas metaplásticas (por próthese) são: azangação, azangágem, azangamento, azangánte, azangável...

AZANGÁR – Brasileirismo derivado de um nome afronêgro (zánga), empregando-se o verbo azangar, como variante de zangar nas varias accepções de: encolerisár ou irritar; derrancar, corromper, ou estragar: alterar, azedar, envenenar (gentio azangádo; leite azangádo; cão azangado, etc.).

[p. 182 – fl. 108]

AZARANZADO – Brasileirismo de fundo africano, bem como a fórmula verbal azaranzar ou zaranzar (no sentido de estontear, atarantar-se, pertubar-se).

AZÊBRADO – Vocabulo luso-brasileiro, derivado da voz africana zebra, e com dous sentidos na linguagem popular: ou listrado, á maneira das riscas ou faixas que listam a pelle e corpo da zebra; ou estúpido, sem intelligencia, como esse animal da fauna africana.

AZEITE-DE-DENDÊ – Condimento indispensável na culinaria africana e que ficou nos usos da cosinha bahiana, para o preparo de tantos “guisádos” e quitútes, como o acarajé, o bóbó, o carurú, o efó, o mungunzá, a muquéca, o vatapá, o xinxim-de-gallinha, etc. Tambem se usa a expressão “azeite-dendê”, sem a preposição intermédia.

Por influencia afronêgra, talvez, o verbo “azeitar” se emprega, vulgarmente, em meios chulos, na accepção de amár com derriço ou dengísamente, namorar enrabichadamente; e tambem no sentido de “adulár” ou bajular. Ha outras expressões luso-afronêgras empregadas, no Brasil, com o mesmo verbo (por exemplo: azeitar as mólas da maxambómba, azeitar a engrenagem da trapizónga).

AZENÉGUE – Nome arábico assimilado pelos nêgros africanos mestiçados com Môuros e Sarracênos da Africa Septentrional, designando-se por Azenégue a lingua dos Bérberes e outras tribus errantes do deserto do Sahára ou Sahará Occidental, indo até ao

Noroeste do continente africano (confins Sahárianos com o Sudão) a influencia do idiôma Azenéngue. Mesmo no distante archipelago de Cabo Verde existem nêgros azenéngues-caboverdianos. Também se usa dizer Azenéngue.

AZOMBAÇÃO – Este vocabulo afronêgro-brasileiro e mais: azombada, azombádo, azombágem, azombamento, azombár, azombeiro – são fórmulas derivadas de zomba, vóz afro-cafreal, de que a nossa lingua também tirou innumetos derivados e expressões ou nomes compóstos, verbi gratia: zomção, zombadeira, zombado, zombador, zombamento, zombão, zombar, zombeirão, zombaria, zomba-zombando, zombeár, zombetear, zombatório, zombeiro, zombeteiramente, zombeteiro, afóra tantas expressões formadas com o verbo zombar e suas flexões grammaticaes: zombar de tudo, andar zombado, viver zombando, zombar de tudo, andar zombado, viver zombando, zombar dos outros, etc). O significado de azomção é variável: póde exprimir chacota; escarnecimento, ludibrio, mofa, ultraje, villipendio.

[p. 183 – fl. 109]

AZÚCRINAR – Verbo afro-arábico, introduzido na linguagem luso-brasileira e significando: fazer “azucrinação” em alguém, isto é, amollár impertinentemente a paciência alheia; importunar, enfadas a outrem, com modos ou impedimentos; aborrecer a terceiro com assiduidade importuna.

AZUNIR – Este verbo metaplasticamente formado na linguagem afronêgra-brasileira (o verbo primitivo, aceito no vernáculo, é “zunir”), costuma ser empregado vulgarmente nestas equivalentes signifcações: arremessar ou atirar longe qualquer corpo, cousa ou objecto; lançar ou projectár á distancia uma cousa material, um objecto. Por exemplo: “Fulano “azunío” fóra o toco de cigarro”. “O Sinhô mandou o escravo “azunir” pra longe o cacumbú de capina”. “Azúne fora, moléque, este calungo”. A fórmula verbal primitiva é “zunir”, que o nosso povo emprega também com outros sentidos (que não arremessár ou atirar longe alguma cousa ou objecto). Assim é que “zunir” pode equivaler a “sibilar” (a bala passou zunindo) e ainda a fórmula verbal comporta “sahir zunindo” póde ser traduzida por fugir, disparar ou sahir apressadamente.¹⁷⁵

¹⁷⁵ Os verbetes *azúcrinár* e *azunir* estão manuscritos, em tinta azul, em um papel colado à margem esquerda da folha 109. Antes do verbete *azúcrinár*, o autor escreve, utilizando tinta preta, “entre azuagar e azulár”; e, antes de *azunir*, “entre azumbrado e azuretado”.

AZOMBADO – Brasileirismo de origem afronêgra (a raiz é zombo, palavra que nos veio de Moçambique), significando o mesmo que preocupado, embatucado, cheio de “scismas” ou preocupações de espírito. Também se dão outros sentidos ao vocabulo (sujeito zombo ou azombeado, escarnecido, “aluádo”, estonteado).

AZÓMBO – Povo africano conguez, na região do zómbu (possessão portuguesa de Angóla). Os zómbos ou Azómbos não falam o angolense puro e sim um idioma misturado de quimbundo (Kimbundú) com termos congalezes.

AZORÉLA – Nome de uma planta Umbellifera da Africa Austral, não nos parecendo nome de origem africana.

AZUÁGOS – Nome pelo qual eram conhecidos os guerreiros indigenas de Marrócos e Argel, tendo sido o nome modernamente alterado para [zuá]vos.¹⁷⁶

AZULAR-pros-CAFUNDÓS – Expressão hybridamente composta com [ele]mentos afronêgros e popularmente empregada no sentido de “abrir-o-xámbre”; [*]hir nas catíngas”, “fugir pro matto”, “desaparecer ou afundar-se nas ” [*]rénhas e grotas distantes”, etc. “Ir pra os cafundós do Judas” – é também expressão equivalente, em todo o Brasil.¹⁷⁷

AZUMBRÁDO – É a forma prosodicamente alterada, na linguagem afronêgra-brasileira, do qualificativo “assombrado”, no significado de attô[nit]o, espantado ou tomado de espanto e admiração; e também amedrontado, assustado e ainda sarapantado (fórmula criada pelo linguajar afronêgro).

AZURÊTADO – O mesmo que estonteado, espicaçado, “espinafrado”; e no mesmo sentido a forma verbal – azurêtar (tornar zureta). São formas de africanismo, de fundo arábico, introduzidos na linguagem brasileira.

¹⁷⁶ Devido ao papel colado à margem esquerda, não é possível ler toda a palavra. Embora não haja dúvida sobre a palavra escrita, uma vez que *zuavo*, de acordo com o *Dicionário Houaiss*, significa soldado argelino de infantaria ligeira a serviço da França no século XIX, optamos por marcar a conjectura na palavra.

¹⁷⁷ Devido ao papel colado à margem esquerda, não é possível ler decifrar algumas palavras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A OBRA DE NELSON DE SENNA É UMA MINA DE INFORMAÇÕES A SER EXPLORADA

Estudar a obra de Nelson de Senna no âmbito da Filologia nos leva a conhecer o processo de construção do texto na sua intimidade, com suas hesitações e afirmações. Vale ressaltar que o estudo da documentação constituída em torno da obra do autor nos permite, e ainda na perspectiva filológica e histórica, ampliar a dimensão do patrimônio linguístico preservado ao longo do processo editorial, que, nesse caso, vai além do próprio *Elucidário*.

Nosso interesse pelo processo de elaboração da obra nos faz imaginar o espetáculo da construção na mente criadora do nosso autor, bem como nos leva a investigar o texto em seu “vir-a-ser”,¹⁷⁸ revelando fases da escrita e o sistema de geração da obra. Temos o privilégio de conviver com marcas deixadas por Nelson de Senna no momento de sua criação e jamais tocadas pelas “mãos do editor”.¹⁷⁹

Este trabalho, que consideramos ser introdutório, para a edição dos originais do intelectual Nelson de Senna é de valor indiscutível para o conhecimento linguístico, histórico e sociocultural do Brasil, bem como para a difusão do trabalho lexicográfico do autor.

Acreditamos que há muito ainda a ser estudado quanto aos diferentes aspectos da ortografia e da materialidade do texto, como a análise de aspas, hifens, sublinhados e acentos feitos à mão posteriormente; a análise da fonte da máquina de escrever e dos papéis. São muitas perguntas: Será que a mesma máquina foi usada durante todo o processo de escrita? Os textos datiloscritos em azul podem ser uma cópia? Será que há marcas d'água nos papéis que possam nos dizer quando foi escrito e onde o autor estava? As obras relativas ao *Elucidário* seriam etapas anteriores a sua elaboração ou os materiais surgiram paralelamente?

Sabemos ainda que há muito mais perguntas do que respostas. Talvez nunca conseguiremos respostas para muitas das perguntas, outras, sabemos que demandam mais tempo de estudo e um mergulho mais profundo no universo do autor e nos documentos, como um todo, para serem respondidas.

¹⁷⁸ SALLES, 2008, p. 29.

¹⁷⁹ CHARTIER, 2014.

Para além do processo de criação, é preciso ressaltar que ainda há muito que se estudar sobre as palavras afronegras anotadas por Nelson de Senna. Percebemos que, na parte estudada do glossário, há alguns erros e várias palavras de origem “duvidosa” ou desconhecida. Além disso, o autor faz referência a várias palavras de origem Tupi. Assim, precisamos também fazer um garimpo, identificando e separando o que é, de fato, de origem afronegra.

Os estudos relacionados ao *Elucidário* vão muito além do que apresentado aqui. Entretanto, esperamos ter esclarecido algumas indagações sobre o documento e sobre o processo de escrita do autor. É importante ainda destacar que não há como estudar o *Elucidário* sem vinculá-lo aos outros documentos – como as *Notas para o Elucidário de Africanismos: crendices e cultos dos afronegros no Brasil, denominações de locais brasileiros de origem afronegro e verbetes diversos* e o *Elucidário de africanismos: verbetes em ordem alfabética de termos africanos* –, pois acreditamos que todos esses documentos são parte de uma obra maior, pensada pelo autor.

Infelizmente, o tempo para a conclusão do Mestrado não nos permite aprofundar o exame dos outros documentos e, dessa forma, fazer uma comparação entre eles, ou, até mesmo, uma complementação das lacunas encontradas no *Elucidário*. Mas, assim como Nelson de Senna, pedimos “aos leitores esclarecidos e aos doutos de comprovado saber no assumpto, a antecipada indulgencia para as muitas lacunas e defeitos” desta dissertação. Resta-nos ainda dizer, “que em nosso trabalho ficou pelo menos constatada a formidável influenciação das fallas da gente nêgra africana, tanto na linguagem popular, quanto na onomástica, territorial d’esta grande nação que é o nosso BRASIL”.¹⁸⁰

Esperamos, ainda, dar continuidade a este trabalho durante o doutorado, explorando cada vez mais essa mina de informações, que é o *Elucidário de africanismos*, de Nelson Coelho de Senna.

¹⁸⁰ SENNA, 1938, p. 17.

REFERÊNCIAS

Fontes

Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – APCBH

SENNA, Nelson de. *Elucidário de africanismos*: vocabulário de africanismos e afronegrismos usados no Brasil e na África colonial lusitana. Letra A-Z. Incompleto. Folhas avulsas. Manuscrito, recortes de jornais. 1938.

SENNA, Nelson de. *Bibliografia para o Elucidário de afronegrismos*: relação por ordem alfabética das obras consultadas para a elaboração do Elucidário de afronegrismos do Brasil. [s.d.].

SENNA, Nelson de. *Notas para o Elucidário de Africanismos*: credences e cultos dos afro-negros no Brasil, denominações de locais brasileiros de origem afronegro e verbetes diversos. Folhas avulsas. Manuscrito, recortes de jornais. [s.d.].

SENNA, Nelson de. *Elucidário de africanismos*: verbetes em ordem alfabética de termos africanos. Letras A-Z. 2 cadernos. [s.d.].

Referências

ALKIMIM, Tânia; PETTER, Margarida. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. In: FIORIN, José L.; PETTER, Margarida. *África no Brasil*: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008. p. 145-178.

APCBH – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. *Inventário do arquivo pessoal*: Nelson Coelho de Senna. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade, 2000.

APM – Arquivo Público Mineiro. Coleção: Nelson Coelho de Senna. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colecoes/brtacervo.php?cid=63>. Acesso em: 15 jan. 2020.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Africanismos no português do Brasil. *Rev. de Letras*, v. 30, n. 1/4, p. 7-16, dez. 2010/jan. 2011. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/Revista%20de%20Letras%20Vol.30%20-%201.4%20-%20jan.%202012%20.%20dez.%202011/rl30art01_Africanismos_no_portugues_do_Brasil.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2019.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, v. 21, 1998, p. 9-34. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/arquivar_a_propria_vida.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2021.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Sobre o conceito de edição crítica. *Humanitas*, Coimbra, v. 58, p. 15-22, 2006.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Negros e quilombos em Minas Gerais*. Belo Horizonte: [Imprensa Oficial], 1972.

BELO HORIZONTE. Decreto nº 14.371, de 13 de abril de 2011. Aprova o estatuto da Fundação Municipal de Cultura e dá outras providências. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/mg/b/belo-horizonte/decreto/2011/1437/14371/decreto-n-14371-2011-aprova-o-estatuto-da-fundacao-municipal-de-cultura-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

BELO HORIZONTE. Lei nº 5.900 de 20 de maio de 1991. Dispõe sobre a criação do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte e dá outras providências. Disponível em: <https://ecp-hm.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=arquivopublico&tax=17585&lang=pt_BR&pg=6742&taxp=17585>. Acesso em: 22 mar. 2018.

BERGAD, Laird W. After the Mining Boom: demographic and economic aspects of slavery in Minas Gerais, Brazil: Mariana, 1750-1808. *Latin American Research Review*, Pittsburg, v. 31, n. 1, p. 67-97, 1996.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Euripedes Franklin. *Noções de paleografia e de diplomática*. Santa Maria: Editora da UFSM, 1995.

BIASI, Pierre-Marc de. *A genética dos textos*. Tradução de Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. (Coleção Delfos, 2)

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no Português do Brasil. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas; Pontes, 2002. p. 65-82.

BONVINI, Emilio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, José L.; PETTER, Margarida. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 15-62.

BONVINI, Emilio. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: FIORIN, José L.; PETTER, Margarida. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 101-144.

BORGES, Patrícia de Souza. 2015. 239 f. *Línguas africanas e português brasileiro: análise historiográfica de fontes e métodos de estudos no Brasil (séc. XIX-XXI)*. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BRASIL. *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

CÂMARA JR., Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática referente à língua portuguesa*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CÂMARA JR., Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARNEIRO, Edison. O negro em Minas Gerais. Separata do *Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais*. Rio de Janeiro: MEC/INEB/CBPE, [s.d.]. p. 3-18.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Made in Africa*. São Paulo: Global, 2015.

CASTRO, Ivo (Ed.). Introdução. In: CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de perdição*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007. p. 9-121.

CASTRO, Yeda Pessoa de. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura da Cidade de Salvador. (Org.). *Pasta de textos da professora e do professor*. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: ABL/TOPBOOKS, 2001.

CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. t. II.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DICCIONARIO de la lengua española, tradução nossa. Disponível em: <<http://dle.rae.es/srv/search?m=30&w=afronegro>>. Acesso em: 7 jun. 2019.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Porque (não) afro-descendente. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 3., 2004, Rio de Janeiro. Caderno do CNLF – Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos - CiFEFIL, 2004.

DUARTE, Constância Lima (Org.). *Dicionário bibliográfico de escritores mineiros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FABRE, C. *Les brouillons d'écoliers ou l'entrée dans l'écriture*. Grenoble: Ceditel; Atelier du Texte, 1990

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. Negociantes, mercado atlântico e mercado regional: estrutura e dinâmica na praça mercantil do Rio de Janeiro entre 1790 e 1812. In: FURTADO, Júnia F. *Diálogos oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. p. 128-155.

FRAGOSO, João; FERREIRA, Roberto G. Alegrias e artimanhas de uma fonte seriada. Os códigos 390, 421, 424 e 425: despachos e passaportes da Intendência de Polícia da Corte, 1819-1833. In: BOTELHO, Tarcísio R. (Org.). *História quantitativa e serial: um balanço*. Belo Horizonte: ANPUH-MG, 2001. p. 239-278.

GLOSSÁRIO de Crítica Textual. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm>>. Acesso em: 5 dez. 2019.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: os historiadores e os encantos dos arquivos privados. *Estudos históricos*, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.

GRÉISILLON, A. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007. p. 29.

HOUAISS, Antônio *et al.* Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil 500 anos. Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

IHGMG – Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Nelson Coelho de Senna. Patrono da Cadeira Número 04. Disponível em: <<http://ihgm.org.br/sme/conteudoinstitucional/menuesquerdo/SandBoxItemMenuPaginaConteudo.ew?idPaginaItemMenuConteudo=7580>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

KOWALEWSKI, Daniele Pechuti. *Experiência-Brasil: diversidade, diferenças, educação*. 2014. 470 f. Tese (Doutorado em Sociologia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MARTINS, Roberto Borges. *A economia escravista de Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1982.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 3. ed. melh. e aum. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975. (Estante de Língua Portuguesa)

NETO, Hélio Santos Menezes. *Entre o visível e o oculto: a construção do conceito de arte afro-brasileira*. 2018. 235 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. Desenvolvimento dos estudos africanistas no Brasil. *Cultura*. Brasília: MEC, v. 6, n. 23, p. 110-117, out./dez. 1976.

ORTIZ, Fernando. *Glosario de afronegrismos*. Habana: Imprenta El Siglo XX; Rep. Del Brasil 27, 1924.

PETTER, Margarida. Termos de origem africana no léxico do português do Brasil. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas; Campinas: Pontes, 2002. p. 123-146.

PETTER, Margarida. A influência de línguas africanas no português brasileiro. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. p. 255-274.

PETTER, Margarida. Talvez sejam africanismos... *Estudos Linguísticos*, São Paulo, Assis, v. XXIX, p. 713-718, 2000.

PINHEIRO, Ana Virginia. Da importância do manuscrito literário. *Interpoesia*, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 43, maio 1998

QUEIROZ, Sônia. Remanescente culturais africanos no Brasil. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 9, p. 48-60, 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1297/1393>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

QUEIROZ, Sônia. *Pé preto no barro branco: a língua dos negros na Tabatinga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. *E-book*. Disponível em: <<https://www.editoraufmg.com.br/#/pages/ebook/684>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

QUEIROZ, Sônia. *Palavra banto em Minas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2008

SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). Filologia e literatura: lugares afins para estudo do texto teatral censurado. In: _____. *Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia: a Filologia em diálogo com a literatura, história e o teatro*. Salvador: Edufba, v. 1, p. 19-65, 2012.

SENNA, Nelson de. *Africanos no Brasil* (estudos sobre os negros africanos e influências afronegras sobre a linguagem e costumes do povo brasileiro). Belo Horizonte: Oficinas Graphics Queiroz Breyner Ltda, 1938a.

SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, Brasília: INL, 1976.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*. 2. ed. São Paulo: Ars Poética, Edusp, 1994.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Datação e localização dos tipos de escrita: informações relevantes para a Crítica Textual? In: LOSE, Alícia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento de (Org.). *Paleografia e suas interfaces*. Salvador: Memória & Arte, 2018. p. 292-303.

VERDELHO, Telmo. Dicionários portugueses, breve história. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 15-64. Disponível em: <http://clp.dlc.ua.pt/publicacoes/dicionarios_breve_historia.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021.

WILLEMART, Philippe. Crítica genética e história literária. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, n. 10, 2001, p. 165-185.

WILLEMART, Philippe. *Universo da criação literária: crítica genética, crítica pós-moderna?* São Paulo: Edusp, 1993. (Criação & Crítica, 13)